

Adriana de Oliveira Gibbon

**Trajatória de gramaticalização da perífrase ir (presente) +
infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e
diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas**

Tese apresentada ao Curso de
Doutorado do Programa de Pós-
Graduação em Linguística da
Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito parcial à
obtenção do título de doutora.

Orientadora: Profa. Dra. Edair Maria Görski.

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gibbon, Adriana de Oliveira

Trajectoria de gramaticalização da perífrase ir (presente)+ infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas / Adriana de Oliveira Gibbon ; orientadora, Edair Maria Görski - Florianópolis, SC, 2014.

365 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. perífrase IR (presente) + infinitivo.
3. domínio funcional do futuro. 4. construções VOU IR.
5. gramaticalização. I. Görski, Edair Maria. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Às crianças na minha vida,
Luiza, Gabriela, João Pedro,
Júlia, Mariana, Caio, César e
Fernando, pois o futuro é
incerto, mas, com certeza, cheio
de coisas boas,

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Edair Görski, a orientadora, pela compreensão, acima de tudo, mas também pela exigência, a verdade, a parceria, respondendo com “teoria” quando se vem com a “prática” e sinalizando o caminho da “prática”, quando se tem apenas “teoria”.

À família, Artur Roberto, Sônia, Rodrigo, Artur, Fernanda, João Pedro, Alexandre, Cláudia, Luiza e Gabriela, pelo apoio incondicional, por “não perguntar” e entender o silêncio.

A Sonia, Rodrigo, Artur Vaz e Artur Roberto, por “fazer tabelas” e “digitar dados”.

A Bárbara, Débora e a turma do Atma Amara, pela acolhida, as pizzas e os deliciosos cafés da manhã em grupo.

A Calile e Wagner, pelas excelentes parcerias, teóricas e pessoais.

A Mairim e Luiza, por ouvir e conversar sobre as adversidades da vida, lembrando que a amizade cura todos os problemas.

Ao Ricardo, Ávila, Leandro e Seu Gilson, pois no momento mais difícil de todos os momentos da escrita de uma tese, vocês foram super-heróis.

Às professoras Izete Lehmkuhl Coelho, Leandra Cristina de Oliveira e Ana Maria Stahl Zilles pelas contribuições na qualificação do doutorado.

A Artur Vaz, Mauro e Marina pela rapidez e incansável ajuda na obtenção das “peças de teatro gaúcho”.

À família varsulina, pelas sugestões nas apresentações do nosso Grupo de Estudo de Sociolinguística, pela conversa, pela convivência amiga: Bruno, Carla, Carlos, Cecília, Christiane, Fabrícia, Fernanda, Flávia, Guilherme, Isabel, Ivelã, Julie, Lourdes, Lucas, Marcela, Silvana, Sueli e Wagner.

Agradeço

RESUMO

Nesta tese investigamos a perífrase IR (presente) + infinitivo (vou fazer) em amostras oral e escrita gaúchas, buscando descrever e analisar seu comportamento nas referidas amostras. A amostra oral (sincronia/Varsul) compreende as 24 entrevistas realizadas em cada uma das cidades do Estado do Rio Grande do Sul, que compõem o banco de dados Varsul, a saber: Porto Alegre (POA), Flores da Cunha (FC), Panambi (PAN) e São Borja (SB) – totalizando 96 entrevistas. A amostra diacrônica é composta de peças de teatro de escritores do Rio Grande do Sul, totalizando 17 peças, que foram selecionadas desde o ano de 1849 até 2012 – uma peça para década. Uma amostra complementar – amostra informal – foi coletada informalmente em diálogos do cotidiano. Por apresentar base teórica de orientação funcionalista, esta pesquisa situa seu fenômeno de estudo em um domínio complexo, que resulta da interação de motivações de natureza diversa. Postulamos a futuridade como um domínio complexo, caracterizado pela projeção de uma situação posterior ao momento de fala, que engloba o domínio funcional do futuro, além de compartilhar traços com outros domínios, especialmente da habitualidade e do imperativo/comando. A diversidade de formas encontradas indica a dimensão do processo de expansão que a perífrase IR (presente) + infinitivo vem atravessando. Num primeiro momento, encontramos formas que compartilham traços de aspecto, modalidade e tempo, mas que se estendem para além do domínio funcional do futuro. Assim, observamos o comportamento e a expansão da perífrase IR (presente) + infinitivo referente a TAM no domínio funcional do futuro, especialmente quando encontramos ocorrências de *VOU IR* nas amostras oral (sincronia/Varsul) e informal. Levando-se em conta os resultados da amostra escrita (diacronia/teatro) nos períodos iniciais, estabelecemos um contexto harmônico para a perífrase IR (presente) + infinitivo. A partir desse contexto harmônico, nota-se que a perífrase vem não apenas se consolidando, mas também expandindo suas funções no domínio funcional do futuro a partir desse contexto. A análise das perífrases *VOU IR* e *VOU IR* em expressões, considerando esse contexto harmônico, mostrou que também essas construções apresentam um movimento de expansão, embora bem mais sutil.

Palavras-chave: perífrase IR (presente) + infinitivo, domínio funcional do futuro, construções *VOU IR*.

ABSTRACT

This dissertation investigated the periphrasis IR (present) + infinitive (I'm going to) in oral and written samples, trying to describe and analyze their behavior in such samples. The oral sample (VARSUL) comprises 24 interviews in each of the cities of Rio Grande do Sul State, which make up the VARSUL database, namely: Porto Alegre (POA), Flores da Cunha (FC), Panambi (PAN) and San Borja (SB). The diachronic sample is composed of pieces of writers of Rio Grande do Sul theater, totaling 17 pieces, which were selected from the year 1849 to 2012 - a piece for decade. A complementary sample was been collected informally in everyday conversations. By presenting theoretical basis of functionalist orientation, this research lies his study of phenomenon in a complex area, which results from the interaction of diverse motivations. We postulate futurity as a complex area, characterized by the projection of a situation after the moment of speech, which includes the functional domain of the future, and share features with other areas, as imperative/command. The diversity of forms found indicates the size of the expansion process that the IR (present) + infinitive comes through. At first, it's share aspect traits, modality and time, but which extend beyond the future. We observed the behavior and the expansion of IR periphrasis (present) + infinitive related to TAM in the functional domain of the future, especially when we find instances of VOU IR (I'm going to go) in oral samples (VARSUL) and informal. Taking into account the writing sample results (diachronic) in the initial periods, we established a harmonic context for periphrasis IR (present) + infinitive. From this harmonic context, the periphrasis has consolidated, but also expanding its functions in the functional domain of the future from that context. The analysis of periphrases VOU IR (I'm going to go) in expressions, considering this harmonic context, also showed that these buildings have an expansion movement, although much more subtle.

Keywords: Periphrasis IR (present) + infinitive (I'm going to), functional domain of the future, periphrases VOU IR (I'm going to go).

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 2

Figura 1. Cadeia de gramaticalização da forma <i>be going to</i>	49
Figura 2. Processo de reanálise da forma <i>be going to</i>	50
Figura 3. Processo de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo.....	52
Figura 4. Processo de reanálise de IR (presente) + IR.....	53
Figura 5. Escopo da futuridade e suas relações com habitualidade e imperativo/comando.....	90

CAPÍTULO 4

Figura 1. Esquema do contínuo de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo.....	142
Figura 2. Processo de reanálise de IR (presente) + IR.....	143
Figura 3. Mapa do Rio Grande do Sul com as cidades pesquisadas.....	153

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO 2

Quadro 1. Distribuição dos alunos nas escolas entrevistadas.....	64
---	----

CAPÍTULO 4

Quadro 1. Distribuição das peças de teatro (amostra escrita) de acordo com o ano/século.....	150
Quadro 2. Estratificação social das entrevistas de cada uma das cidades do Banco de dados Varsul, amostra do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja).....	154
Quadro 3. Apresentação dos critérios movimento e deslocamento para organização da escalaridade do grupo de fatores <i>Traços de movimento/deslocamento do verbo</i> principal...	165

CAPÍTULO 5

Quadro 1. Formação do modo imperativo, extraído de Cegalla..	199
Quadro 2. <i>Corpus</i> diacrônico (séculos XIII a XIX) da pesquisa de Oliveira (2006).....	247
Quadro 3. Esquema dos resultados das formas na amostra diacrônica – Oliveira (2006).....	248
Quadro 4. <i>Corpus</i> diacrônico da pesquisa de Malvar e Poplack (2008).....	248
Quadro 5. Relação dos 46 romances brasileiros que constituem o <i>corpus</i> 2 de Silva (2010).....	250
Quadro 6. Relação dos 15 romances brasileiros que constituem o <i>corpus</i> de Strogenski (2010).....	251
Quadro 7. <i>Corpus</i> diacrônico (séculos XV a XXI) da pesquisa de Gibbon (s/d).....	253

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 2

Tabela 1. Atitude dos alunos quanto ao uso de VOU IR.....	64
Tabela 2. Distribuição das variantes de futuro na língua escrita por séculos – Oliveira (2006).....	71
Tabela 3. Distribuição das variantes de futuro por séculos – Malvar e Poplack (2008).....	76
Tabela 4. Distribuição das variantes de futuro na língua escrita por séculos – Silva (2010).....	79
Tabela 5. Distribuição das variantes de futuro na língua escrita por períodos – Strogenski (2010).....	81
Tabela 6. Distribuição das variantes de futuro na língua escrita – Tesch (2011).....	83
Tabela 7. Distribuição das variantes de futuro na língua escrita por séculos – Gibbon (s/d).....	85

CAPÍTULO 5

Tabela 1. Distribuição das formas de futuridade na amostra oral (sincronia/Varsul) de acordo com a cidade.....	181
Tabela 2. Distribuição das formas de futuridade na amostra escrita (diacronia/teatro) de acordo com o período.....	184
Tabela 3. Distribuição das funções da perífrase IR (presente) + infinitivo na amostra oral (sincronia/Varsul).....	194
Tabela 4. Distribuição das funções da perífrase IR (presente) + infinitivo na amostra escrita (diacronia/teatro).....	194
Tabela 5. Natureza do material interveniente na perífrase IR (presente) + infinitivo dentro do domínio funcional do futuro na amostra oral (sincronia/Varsul).....	205
Tabela 6. Natureza do material interveniente na perífrase IR (presente) + infinitivo dentro do domínio funcional do futuro na amostra escrita (diacronia/teatro).....	205
Tabela 7. Natureza do verbo nas expressões com a perífrase IR (presente) + infinitivo dentro do domínio funcional do futuro na amostra oral (sincronia/Varsul).....	209
Tabela 8. Natureza do verbo nas expressões com a perífrase IR (presente) + infinitivo dentro do domínio funcional do futuro na amostra escrita (diacronia/teatro).....	209

Tabela 9. Expressão do tempo/modo da forma do verbo IR no presente do indicativo na amostra oral (sincronia/Varsul).....	214
Tabela 10. Expressão do tempo/modo da forma do verbo IR no presente do indicativo na amostra escrita (diacronia/teatro).....	214
Tabela 11. Distribuição da perífrase <i>vamos supor&dizer</i> na amostra oral (sincronia/Varsul).....	221
Tabela 12. Natureza do verbo auxiliar no futuro do presente e presente do Indicativo dentro do domínio funcional do futuro na amostra oral (sincronia/Varsul).....	235
Tabela 13. Natureza do verbo auxiliar no futuro do presente e Presente do Indicativo dentro do domínio funcional do futuro na amostra escrita (diacronia/teatro).....	237
Tabela 14. Distribuição das formas futuro do presente, Ir + Infinitivo e presente do indicativo nas pesquisas consultadas e nossa amostra – amostras de fala.....	242
Tabela 15. Distribuição das formas futuro do presente, Ir + Infinitivo e presente do indicativo nas pesquisas consultadas e em nossa amostra – amostras de escrita.....	256
Tabela 16. Distribuição das variantes na língua escrita.....	263

CAPÍTULO 6

Tabela 1. Distribuição das formas com IR nas amostras oral (sincronia/Varsul) e escrita (diacronia/teatro).....	270
Tabela 2. Distribuição das formas com IR em relação a <i>aspecto</i> na amostra oral (sincronia/Varsul).....	273
Tabela 3. Distribuição das formas com IR em relação a <i>aspecto</i> na amostra escrita (diacronia/teatro).....	277
Tabela 4. Distribuição da perífrase em relação a <i>habitualidade da situação</i> e a <i>duração da situação</i> na amostra escrita (diacronia/teatro) ao longo do tempo.....	279
Tabela 5. Distribuição das formas com IR em relação a <i>modalidade</i> na amostra oral (sincronia/Varsul).....	282
Tabela 6. Distribuição da perífrase em relação a <i>modalidade</i> e a <i>pessoa do discurso</i> na amostra oral (sincronia/Varsul).....	285
Tabela 7. Distribuição das formas com IR em relação a <i>modalidade</i> na amostra escrita (diacronia/teatro).....	287
Tabela 8. Distribuição da perífrase em relação a <i>modalidade</i> e a <i>pessoa do discurso</i> na amostra escrita (diacronia/teatro).....	289

Tabela 9. Distribuição da perífrase em relação a <i>modalidade</i> e a <i>pessoa do discurso</i> na amostra escrita (diacronia/teatro) ao longo do tempo.....	291
Tabela 10. Distribuição das formas com IR em relação a <i>tempo</i> na amostra oral (sincronia/Varsul).....	294
Tabela 11. Distribuição da perífrase em relação a <i>determinação temporal</i> e a <i>especificação temporal</i> na amostra oral (sincronia/Varsul).....	296
Tabela 12. Distribuição das formas com IR em relação a <i>tempo</i> na amostra escrita (diacronia/teatro).....	299
Tabela 13. Distribuição da perífrase em relação a <i>determinação temporal</i> e a <i>especificação temporal</i> na amostra escrita (diacronia/teatro) ao longo do tempo.....	300
Tabela 14. Distribuição das formas com IR em relação aos grupos extralinguísticos na amostra oral (sincronia/Varsul).....	303
Tabela 15. Distribuição das formas com IR na amostra escrita (diacronia/teatro) ao longo do tempo.....	305
Tabela 16. Distribuição da perífrase em relação a <i>habitualidade da situação</i> , <i>determinação temporal</i> e <i>modalidade (TAM)</i> na amostra escrita (teatro) ao longo do tempo.....	310
Tabela 17. Distribuição das perífrases <i>VOU IR</i> (amostra informal) e <i>Vou Inf.</i> (amostra oral/Varsul) em relação a aspecto..	321
Tabela 18. Distribuição das perífrases <i>VOU IR</i> (amostra informal) e <i>Vou Inf.</i> (amostra oral/Varsul) em relação a modalidade.....	324
Tabela 19. Distribuição das perífrases <i>VOU IR</i> (amostra informal) e <i>Vou Inf.</i> (amostra oral/Varsul) em relação a tempo.....	329
Tabela 20. Distribuição da perífrase <i>VOU IR</i> (amostra informal) em relação a <i>escopo do locativo</i> e <i>estatuto semântico do locativo</i>	332

LISTA DE GRÁFICOS

CAPÍTULO 5

Gráfico 1. As três formas de realização da perífrase IR (presente) + infinitivo distribuídas entre as cidades da amostra oral (sincronia/Varsul).....	186
Gráfico 2. As três formas de realização da perífrase IR (presente) + infinitivo distribuídas entre os períodos da amostra escrita (diacronia/teatro).....	188
Gráfico 3. Distribuição das formas perífrase IR (presente), futuro do presente, haver de (+ infinitivo), verbo IR no presente do indicativo e presente do indicativo na amostra escrita (diacronia/teatro).....	189
Gráfico 4. As principais formas concorrentes do domínio funcional do futuro distribuídas entre as cidades da amostra oral (sincronia/Varsul).....	191
Gráfico 5. Comparação das formas coexistentes no domínio funcional do futuro entre amostras sincrônicas (fala e escrita).....	192
Gráfico 6. As formas futuro do presente, Ir + Infinitivo e presente do indicativo nas pesquisas consultadas – amostras de fala.....	244
Gráfico 7. Futuro do presente e perífrase nas pesquisas consultadas – amostra de fala.....	245
Gráfico 8. A perífrase nas amostras diacrônicas.....	260
Gráfico 9. A perífrase nos quatro últimos séculos nas amostras da diacronia.....	261

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	29
2 OBJETO DE ESTUDO	37
2.1 FUTURIDADE.....	38
2.2 DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO.....	41
2.3 A FORMA PERIFRÁSTICA IR + INFINITIVO E SEU PAPEL NO DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO.....	43
2.3.1 O verbo IR como auxiliar.....	47
2.3.2 A perífrase em gramáticas do português do Brasil.....	54
2.3.3 A perífrase IR (presente) + IR (infinitivo): resultados de uma pesquisa informal	62
2.4 PESQUISAS REALIZADAS SOBRE A PERÍFRASE IR (PRESENTE) + INFINITIVO NO BRASIL.....	66
2.5 FINALIZANDO.....	89
3 REFERENCIAL TEÓRICO	95
3.1 O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO.....	95
3.2 O PARADIGMA DA GRAMATICALIZAÇÃO.....	96
3.2.1 Parâmetros de gramaticalização	100
3.2.2 Extensão metafórica	102
3.2.3 Extensão metonímica	104
3.2.4 Reanálise e analogia	106
3.3 FREQUÊNCIA DE USO.....	108
3.4 TEMPO, MODALIDADE E ASPECTO (TAM) E REFERÊNCIA.....	110
3.4.1 Tempo verbal	111
3.4.1.1 Tempo verbal e dêixis.....	112
3.4.1.2 O futuro e suas referências.....	115
3.4.1.3 Distância temporal como metáfora.....	117
3.4.2 Aspecto	119
3.4.3 Modo e modalidade	120
3.4.4 Do traço aspectual à modalidade	121
3.4.4.1 Relevância do presente.....	126
3.5 AUXILIARIDADE – OS CRITÉRIOS DE HEINE (1993)...	127
4 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	133
4.1 QUESTÕES E HIPÓTESES.....	134
4.2 AMOSTRAS.....	148

4.2.1 Amostra diacrônica.....	148
4.2.2 Amostra sincrônica.....	151
4.2.2.1 Entrevistas sociolinguísticas (VARSUL).....	151
4.2.2.2 Amostra complementar.....	154
4.3 A COLETA DE DADOS.....	154
4.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS COLETADAS.....	157
4.4.1 Grupos de fatores linguísticos considerados.....	158
4.4.1.1 Tempo.....	158
4.4.1.1.1 <i>Determinação temporal</i>	158
4.4.1.1.2 <i>Presença de especificação temporal</i>	159
4.4.1.1.3 <i>Ponto de referência</i>	161
4.4.1.2 Aspecto.....	162
4.4.1.2.1 <i>Habitualidade da situação no futuro</i>	163
4.4.1.2.2 <i>Duração da situação no futuro</i>	164
4.4.1.2.3 <i>Traços de movimento/deslocamento do verbo principal</i>	164
4.4.1.3 Modalidade.....	167
4.4.1.3.1 <i>Modalidade</i>	168
4.4.1.3.2 <i>Modo da oração vinculada ao dado</i>	169
4.4.1.3.3 <i>Pessoa do discurso</i>	171
4.4.2 Grupos de fatores extralinguísticos considerados.....	173
4.4.3 Grupos de fatores para amostra informal.....	174
4.4.3.1 Escopo do locativo.....	174
4.4.3.2 Estatuto semântico do locativo.....	175
5 AS FORMAS DE FUTURIDADE E AS AMOSTRAS: DETALHAMENTOS.....	177
5.1 AS FORMAS DE FUTURIDADE NAS AMOSTRAS SELECIONADAS.....	180
5.1.1 As formas que codificam futuridade presentes nas amostras oral (sincrônica) e escrita (diacrônica).....	180
5.1.2 As formas de futuridade: particularidades.....	193
5.1.2.1 Perífrase IR (presente) + infinitivo.....	194
5.1.2.2 Perífrase IR (presente) + infinitivo – Material Interveniente.....	204
5.1.2.3 Perífrase IR (presente) + infinitivo em expressões.....	209
5.1.2.4 Verbo IR no presente.....	213
5.1.2.5 Perífrase vamos <i>supor&dizer</i>	220
5.1.2.6 Outras formas que codificam futuridade: futuro do presente, haver de + infinitivo e presente do indicativo.....	228

5.1.2.7 Locuções com futuro do presente e presente do indicativo.....	234
5.2 AS FORMAS DE FUTURIDADE: COMPARAÇÕES ENTRE PESQUISAS.....	238
5.2.1 Comparação sincrônica – modalidade falada	239
5.2.2 Comparação diacrônica – modalidade escrita	246
6 AS FORMAS COM IR NO DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO: o funcionamento da perífrase IR (presente) + infinitivo	267
6.1 CONFIGURAÇÃO DOS CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA DAS FORMAS COM IR NO DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO NAS AMOSTRAS ORAL (SINCRONIA – VARSUL) E ESCRITA (DIACRONIA – TEATRO).....	269
6.1.1 Aspecto	272
6.1.2 Modalidade	281
6.1.3 Tempo	293
6.1.4 Grupos de fatores extralinguísticos	302
6.2 A PERÍFRASE IR (PRESENTE) + INFINITIVO E SEU MOVIMENTO NO COMPLEXO TAM: EXPANDINDO CONTEXTOS.....	307
6.3 CONFIGURAÇÃO DOS CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA DAS CONSTRUÇÕES <i>VOU IR</i> NO DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO NA AMOSTRA INFORMAL.....	319
6.3.1 Perífrase <i>VOU IR</i>	320
6.3.2 Perífrase <i>VOU IR</i> em expressões	334
6.4 AS PERÍFRASES IR (PRESENTE) + INFINITIVO E <i>VOU IR</i> : CAMINHOS.....	338
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	343
REFERÊNCIAS.....	351

1 INTRODUÇÃO

Um objeto que tem sido explorado por muitos pesquisadores da língua portuguesa no Brasil é o tempo verbal futuro. O caráter peculiar do tempo futuro – representado por uma forma verbal que expressa um momento que ainda não ocorreu no ato da enunciação – e os aspectos cognitivo-comunicativos que envolvem a sua manifestação em termos de modalidade, como intenção, desejo, grau de certeza/incerteza, bem como aspectos de variação e mudança que atravessam seu domínio funcional, mostram que esse tema é instigante e demanda constantes pesquisas, uma vez que muitas formas – como *estar* (futuro) + gerúndio (*estarei viajando*), IR (presente) + *estar* + gerúndio (*vou estar viajando*), IR (futuro) + infinitivo (*irei viajar*), presente do indicativo (*viajo amanhã*), IR (presente) + infinitivo (*vou viajar*), entre outras – têm aparecido nesse contexto disputando o *status* de forma codificadora de futuro, desbancando a forma verbal tradicional, o futuro do presente (*viajarei*).

Por outro lado, estudos consagrados, como o de Corôa (2005), mostram que chamar o tempo futuro de ‘tempo’ é mais uma convenção do que uma verdade, pois o tempo futuro recobre modalidades – como as citadas acima – e raros são os momentos em que, de fato, o falante está se referindo a uma ação posterior ao momento de fala precisamente, sem qualquer expressão de sua ‘avaliação’ acerca do que vai acontecer. Camara Jr. (1985, p. 128) já afirmava que a formação do futuro acontece “a partir de uma língua secundária que pressupõe um jogo mental mais elaborado e seu uso depende de condições especiais de comunicação linguística, quando pautada mais por um raciocínio objetivo do que por um impulso comunicativo espontâneo”.

Embora estudiosos como Camara Jr. tenham escrito sobre o tema e tenham dito muita coisa que ainda se sustenta em termos das formas e das funções que compõem essa categoria, o assunto tomou um fôlego novo com a entrada e o avanço da forma perifrástica IR (presente) + infinitivo no sistema verbal, concorrendo com a forma do futuro do presente e outras para codificar o tempo futuro.

Alguns trabalhos sobre o tema reconhecem que a perífrase IR (presente) + infinitivo – forma chamada de *inovadora* por apresentar-se na língua posteriormente ao futuro do presente – vem se implementando com força, especialmente na língua falada. Ela se encontra concorrendo com outras formas, e não mais somente com o tradicional futuro do presente. Em contrapartida, também é atestado que o futuro do presente

não desapareceu da língua e que ocorre com certa frequência na escrita ou em situações de fala mais formal.

Estudos de natureza variada envolvem a perífrase. A maioria tem como objeto o tempo futuro e suas formas de codificação, e recolhem dados de natureza sincrônica – escrita e/ou fala – e diacrônica. A análise, na maioria dos casos, recobre variação e mudança, lançando mão, via de regra, de metodologia sociolinguística; tais análises costumam ser acompanhadas, em diferentes níveis de abordagem, de discussões sobre a gramaticalização da perífrase e do verbo IR como auxiliar.

Para responder as questões que envolvem a gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo e do verbo IR como auxiliar, algumas pesquisas citam trabalhos realizados na área do Funcionalismo Linguístico, trazendo textos consagrados de autores como Fleischman (1982); Heine, Claudi e Hünemeyer (1991); Hopper e Traugott (1993, 2003); Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) entre outros, que realizaram extensa pesquisa com o verbo *to GO*, no inglês, e a expressão *be going to*, similar à perífrase brasileira. Porém, como bem observam esses trabalhos, a construção *be going to* mostra-se num processo mais adiantado de gramaticalização, visto que a restrição do auxiliar com o verbo pleno (*be going to go*) é imperceptível para o falante do inglês e, assim, a perífrase inglesa avança sem bloqueios, conquistando novos contextos de uso.

No Brasil, o quadro apresenta-se diferentemente. O IR auxiliar, para alguns falantes, ainda retém traços que restringem seu aparecimento combinado ao verbo IR pleno, e a gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo sofre forte restrição e, por que não dizer, algum tipo de preconceito linguístico em relação a sua manifestação mais gramaticalizada – *vou ir*, *vai(s) ir*, *vamos ir* e *vão ir*.

De fato, a ocorrência de *VOU IR*, e demais construções do mesmo paradigma, não aparece com frequência em *corpus* de fala e sua presença em *corpus* de escrita é ainda mais limitada, devido à natureza da língua escrita – no contínuo entre fala e escrita, esta ocupa o lugar do mais formal, do mais tradicional.

Por essa condição, é bastante comum o pesquisador frisar a restrição e comentar que o processo de gramaticalização da construção perifrástica não está de todo completo, “embora *ir* (auxiliar) + *ir* (principal) já seja comum tanto em alguns dialetos do Sul do Brasil como na fala infantil e na fala dos menos escolarizados, ainda não há uma generalização dessa forma” (OLIVEIRA, 2006, p. 85).

Em estudo realizado em 2001, observamos que no *corpus* de fala do Varsul da cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul

(RS), coletado na década de 1990, algumas poucas ocorrências de *VOU IR* se faziam presentes e, como sou gaúcha, notei que entre os riograndenses tanto *VOU IR*, como as demais formas – *vai(s) ir*, *vamos ir* e *vão ir* – são comumente usadas, por adultos e crianças das variadas classes e escolaridades, não só em situações menos formais mas também em situações mais formais.

Tal constatação motivou uma pesquisa informal, em 2001, que apresentou ocorrência de *VOU IR* em variados contextos: programas de TV e de rádio, manifestações de fala informal (conversas familiares) ou formal (palestras na universidade), *internet* (em salas de bate-papo, blogs e comentários) e escrita (romances e jornais – fala reportada). Com exceção da *internet*, todas as ocorrências coletadas eram oriundas do estado do RS, embora tenham sido relatadas experiências de fala de *VOU IR* em várias regiões do país.

Essa realidade linguística motiva-nos a um novo estudo sobre a gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo, e do verbo IR auxiliar, que contemple um *corpus* de fala e de escrita específico do Rio Grande do Sul, pois, uma vez que dados apontam para um novo passo de gramaticalização da construção, no qual a restrição acima apontada esteja esmorecendo (ou já tenha esmorecido), a trajetória da perífrase se reconfigura e aspectos teóricos podem ser rediscutidos.

Para viabilizar essa discussão, faz-se importante organizar um *corpus* diacrônico que permita a descrição dos contextos sintático-semântico-discursivos de manifestação da perífrase no RS e de sua frequência dentro da futuridade, possibilitando abordar questões amplas, como: O detalhamento desses contextos permite traçar um (novo?) contínuo de gramaticalização da perífrase? Qual seria esse caminho? Do ponto de vista diacrônico, estima-se a frequência de uso da perífrase IR (presente) + infinitivo, que pode vir a ser o gatilho para o processo avançado de gramaticalização da perífrase, bem como o surgimento de *VOU IR* em textos escritos, especialmente em textos mais contemporâneos (romances e/ou teatro). No que tange à sincronia, espera-se mapear contextos diversos de fala, que ajudem a descrever a abrangência do fenômeno e possibilitem a retomada e o avanço da discussão sobre gramaticalização.

Assim, propomos um novo estudo sobre a perífrase IR (presente) + infinitivo, reunindo um *corpus* diacrônico e sincrônico do estado do Rio

Grande do Sul, configurando a forma e suas funções dentro do escopo da futuridade e do domínio funcional do futuro¹.

Nosso objeto de estudo será a perífrase IR (presente) + infinitivo, partindo de um escopo amplo – o domínio da futuridade – e “ajustando o foco” para observarmos seu funcionamento no domínio funcional do futuro. Num primeiro momento, a perífrase será vista em concorrência com outras formas verbais que codificam tanto o domínio mais amplo da futuridade como o domínio funcional do futuro. Num segundo momento, o foco recairá sobre as formas verbais com IR, notadamente a perífrase, em todas as suas possibilidades combinatórias no âmbito do domínio funcional do futuro. Nesse processo, como vamos lidar com um *corpus* do Rio Grande do Sul, apontamos a forma mais gramaticalizada da perífrase, ou seja, as ocorrências de *VOU IR*, cujo uso é comum nesse estado.

Sob esse ângulo, destacamos cinco questões norteadoras para viabilizar aspectos metodológicos. Tais questões contemplam a organização do objeto de pesquisa, mais precisamente elas apontam o “ajuste do foco” necessário para o estudo da forma IR (presente) + infinitivo e também das ocorrências de *VOU IR* nesta pesquisa.

A primeira questão, formulada a partir do escopo mais amplo do domínio da futuridade, contempla a riqueza de formas que circulam nesse domínio: Quais são e como se distribuem as formas verbais com IR na expressão da futuridade? E que outras formas coexistem no domínio funcional do futuro? Apontamos duas hipóteses para essa questão: (i) a primeira diz respeito à coexistência de formas tradicionais, como a do futuro do presente e a do presente do indicativo com formas perífrásticas com IR e outros auxiliares na expressão da futuridade; e (ii) a segunda indica que a distribuição dessas formas estará condicionada as diferentes amostras, especialmente a escrita (diacronia/teatro) e a oral (sincronia/Varsul).

¹ Os termos “futuridade” e “domínio funcional do futuro” serão definidos no capítulo 2, Objeto de estudo. Adiantamos que “futuridade” é concebida como um domínio complexo, caracterizado pela projeção de uma situação posterior ao momento de fala, que engloba o domínio funcional do futuro, além de compartilhar traços com outros domínios, especialmente da habitualidade e do imperativo/comando. O “domínio funcional do futuro” parte do conceito de “tempo verbal futuro” e estende-o para abarcar tanto traços mais gramaticais, como tempo, aspecto e modalidade, como também traços sociocognitivos e culturais. Tais pesquisas estão resenhadas no capítulo 2, Objeto de estudo.

Como já comentado, encontramos muitas pesquisas² sobre o estudo da perífrase IR (presente) + infinitivo. Atemo-nos, neste estudo, àquelas que tratam da variação no domínio funcional do futuro. Tais estudos suscitam muitas perguntas a respeito do comportamento da perífrase e também de suas variantes, que nos levam a propor a segunda questão: Como se comporta diacrônica e sincronicamente a perífrase IR (presente) + infinitivo nas amostras do Rio Grande do Sul, em relação a outras amostras brasileiras? Porque observamos usos na fala e na escrita da construção mais gramaticalizada da perífrase IR (presente) + infinitivo, construções *VOU IR* (*Vou ir na padaria*, *Vais ir na festa hoje?*, *Ele vai ir de carro pra escola*, *Vamos ir juntos pra Floripa?* *Eles vão ir pra festa juntos*), nossa hipótese é de que, na amostra gaúcha, a perífrase IR (presente) + infinitivo apresenta maior frequência de uso e seus contextos de ocorrência encontram-se mais delineados, em comparação com as outras pesquisas.

Se, de fato, a amostra gaúcha selecionada por nós apresentar ocorrências de *VOU IR*, esse será um diferencial em relação às pesquisas resenhadas. Assim, acreditamos ser possível descrever e discutir aspectos relevantes para a gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro. Para viabilizarmos essa discussão, propomos a terceira questão: Como se configuram diacrônica e sincronicamente os contextos linguísticos e extralinguísticos de manifestação das formas com IR no domínio funcional do futuro? Esperamos encontrar evidências que não apenas atestem o contínuo de gramaticalização do verbo IR, de verbo pleno a morfema-vocábulo (cf. CASTILHO, 2010, p. 446), como também encontrar a perífrase IR (presente) + infinitivo em contextos bastante variados, incluindo contextos antes dominados pelo futuro do presente, forma mais tradicional na expressão do domínio funcional do futuro.

Uma vez concluídas as etapas que viabilizam a exploração das três primeiras questões, vamos voltar nosso olhar para as construções *VOU IR* (*vai(s) ir*, *vamos ir* e *vão ir*), em atenção à quarta questão: “Como se configuram os contextos de ocorrência da construção *VOU IR*?”. Como a presença dessas construções na fala/escrita dos gaúchos é ainda reduzida em termos de frequência, coletamos dados adicionais de fala espontânea para enriquecer o levantamento prévio realizado na amostra oral (sincronia/Varsul). Acreditamos na atuação multifuncional de IR, de verbo pleno a auxiliar de futuro, e também na presença de uma etapa mais avançada em relação a amostras/pesquisas provenientes de regiões, que

² Tais pesquisas estão resenhadas no capítulo 2, Objeto de estudo.

nos permita identificar e descrever seus contextos de uso. Nesse sentido, propomos ainda uma quinta questão: O que a análise dos dados desta tese permite dizer acerca do processo de gramaticalização envolvido no fenômeno em estudo?

Para responder essa quinta questão, observamos, com fins didáticos³, dois aspectos: a gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo e a gramaticalização do item verbal IR. No que tange ao primeiro aspecto, a gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo, reiteramos a possibilidade de encontrar a perífrase em contextos bastante variados, ocupando espaços antes destinados à forma tradicional, futuro do presente. E ainda: observamos a possibilidade de evidenciar uma etapa mais avançada, em termos de gramaticalização, em comparação com outras amostras/pesquisas. No que tange ao segundo aspecto, a gramaticalização do item verbal IR, nossa hipótese é de que o item verbal se encontra em adiantado processo de gramaticalização, configurando como “morfema-vocábulo”, de acordo com a proposta de Castilho (2010, p. 446), pois marca número/pessoa e tempo/modo dentro do domínio funcional do futuro⁴.

Para levar a cabo o estudo proposto, esta tese organiza-se da seguinte forma: No segundo capítulo, tratamos da perífrase IR (presente) + infinitivo, objeto desta pesquisa. Começamos por apresentar considerações sobre o tempo futuro, a perífrase, o verbo IR como auxiliar e finalizamos com uma revisão da literatura pertinente a esse objeto. No capítulo três, apresentamos o quadro teórico que norteará o olhar sobre a perífrase IR (presente) + infinitivo, bem como a formulação de hipóteses e a interpretação analítica dos dados. A seguir, descrevemos os questionamentos, hipóteses e procedimentos metodológicos para realizar a pesquisa. Na sequência, apresentamos o primeiro capítulo de análise, no qual descrevemos as diversas formas encontradas nas amostras gaúchas oral (sincronia/Varsul) e escrita (diacronia/teatro), e propomos uma comparação de resultados entre nossas amostras e as de pesquisas previamente resenhadas, que consideraram diferentes amostras e épocas distintas. O próximo capítulo de análise trata das formas encontradas em

³ A proposta de “divisão” entre perífrase e item verbal IR tem caráter didático, pois, conforme a literatura sobre o processo de gramaticalização, esses dois aspectos são indissociáveis.

⁴ Estamos falando de um conceito abstrato de morfema, no âmbito gramatical. De acordo com a análise prévia dos dados, encontramos o item em construções mais integradas e em outras construções maios ou menos estabelecidas/fixas. Voltaremos a essa discussão ao longo desta tese.

nossas duas amostras, que estejam sob o escopo do domínio funcional do futuro, com foco principal na perífrase IR (presente) + infinitivo. As construções *VOU IR* – *vou ir*, *vai(s) ir*, *vamos ir* e *vão ir* – também receberão um tratamento analítico, a partir de uma terceira amostra especial, coletada de forma espontânea.

Finalizando, apresentamos as considerações finais e as referências deste trabalho.

2 OBJETO DE ESTUDO

Neste capítulo, vamos tratar do objeto de análise que congrega os esforços da pesquisa. Nosso ponto principal é focalizar a perífrase IR (presente) + infinitivo e descrevê-la no contexto do domínio funcional do futuro. Entretanto, para alcançarmos esse objetivo é preciso, antes de tudo, discorrer sobre futuridade, domínio funcional do futuro, sobre a perífrase IR (presente) + infinitivo nesse contexto e tratar do verbo IR como auxiliar, uma vez que o processo de gramaticalização do verbo IR de pleno a auxiliar caminha junto com a gramaticalização da perífrase. Trata-se de observar o fenômeno inicialmente sob uma ótica ampla e, aos poucos, ajustar o foco para o objeto desta pesquisa.

De forma a tornar o processo didático, vamos definir futuridade e domínio funcional do futuro, discorrendo sobre as considerações que alguns teóricos fazem a respeito desses conceitos, observando aspectos históricos e alguns comentários críticos. O termo *domínio funcional do futuro* é usado por nós como resposta a questionamentos desses teóricos e também para ampliar o conceito de “tempo futuro”, a fim de permitir um olhar que envolva aspectos gramaticais, mas também cognitivo-comunicativos⁵ e sociais.

Uma vez realizada essa tarefa, passamos a observar a forma perifrástica IR + infinitivo dentro do domínio funcional do futuro. Essa forma é frequentemente escolhida para codificar a futuridade, embora apresente condicionamentos morfossintáticos, semântico-pragmáticos, sociais e, possivelmente, cognitivos. Nosso objetivo é, nesta seção, apontar alguns aspectos teóricos e ocorrências ilustrativas que nos serão úteis para levar a cabo a análise pretendida.

Ao apresentar essa forma, vamos nos deter no verbo IR como auxiliar e seu comportamento dentro da perífrase IR + infinitivo. Conforme observado por vários autores, há um caminho de gramaticalização percorrido pelo verbo IR desde sua forma plena como verbo de movimento até tornar-se auxiliar – o que também se verifica em outras línguas, como em *to GO* no inglês na construção *be going to* (conforme será detalhado adiante). Mostraremos também o que algumas

⁵ Estamos usando indistintamente as palavras ‘comunicativo’, ‘discursivo’ e ‘pragmático’, seguindo de perto a abordagem funcionalista givoniana. Quando houver necessidade de especificar o conceito, faremos isso textualmente. Por outro lado, procuraremos manter os termos utilizados pelos autores que estarão sendo referidos ao longo da tese.

gramáticas normativas, bem como gramáticas de uso, especialmente a de Neves (2000) e a de Castilho (2010), dizem a respeito do assunto.

Posteriormente, vamos mostrar resultados de uma pesquisa feita por nós (GIBBON, s/d) que evidencia aspectos de IR auxiliar combinado com o verbo IR pleno, num nível de gramaticalização no qual é possível observar o efeito do comportamento social da construção. Na sequência, faremos um apanhado de pesquisas que levam em conta a perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro.

Assim, o presente capítulo configura-se da seguinte forma: primeiramente, exposição sobre a futuridade e o domínio funcional do futuro; após, uma breve descrição da perífrase IR + infinitivo e também do verbo IR dentro desse domínio, bem como apresentação de registros de gramáticas e uma síntese de resultados de pesquisas linguísticas que tratam do assunto. Ao longo dessa descrição, vamos levantar questionamentos que, posteriormente, serão retomados na formulação de questões e hipóteses.

2.1 FUTURIDADE

A ideia de “futuridade” é concebida e trabalhada nesta tese (e também nas pesquisas de BITTENCOURT, 2014 e PIMPÃO, 2012) como um amplo e complexo domínio funcional que recobre noções que apontam para situações projetadas a partir do momento de fala. O conceito de domínio com o qual operamos diz respeito a áreas funcionais gerais, que se constituem por subáreas hierarquicamente dispostas. O domínio funcional pode ser definido como:

uma área coberta por (macro)funções/significações que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos que se articulam de forma mais, ou menos, recorrente/regularizada, em diferentes níveis (GÖRSKI, 2012 *apud* GÖRSKI; TAVARES, 2013, p. 81).

A noção de domínio funcional remete tanto a macrodomínios, como TAM (tempo-aspecto-modalidade), por exemplo, como a microdomínios, ou subdomínios: tempo, aspecto e modalidade, tomados individualmente (GIVÓN, 1984). A noção de domínio é válida, portanto, para diferentes domínios superordenados nas hierarquias funcionais.

Assim, um domínio pode se configurar num escopo funcional gradiente: macrofunção > funções > subfunções, podendo ser visto como

um fenômeno superordenado (GORSKI *et al.*, 2003). O recorte do domínio a ser estudado pode se dar, em princípio, em cada um dos níveis dessa hierarquia funcional. Se tomarmos TAM como um domínio funcional complexo, podemos fazer um recorte na modalidade e tratá-la como um domínio funcional que, por sua vez, recobre subdomínios como deôntico e epistêmico. Se a modalidade deôntica for tomada como domínio funcional, vai recobrir subfunções: intenção, manipulação etc. Cada um desses pontos focais, por sua vez, pode ser tratado como um domínio funcional, e assim por diante⁶.

A futuridade, também vista como um domínio complexo, se aproxima do que chamamos nesta tese de domínio funcional do futuro, porém não se trata de noções equivalentes, pois a primeira tem um escopo mais amplo. Consideramos que, além de recobrir (i) o domínio funcional do futuro, a futuridade pode abarcar também (ii) contextos de habitualidade, fortemente marcados pelo aspecto, mas que podem expressar valores futuros a partir de eventos habituais no presente; e (iii) contextos de manipulação, sugestão, convite (atos de fala diretivos), fortemente marcados pela modalidade deôntica, e que naturalmente apontam para eventos futuros, como se pode perceber em usos notadamente discursivos de construções como “vamos supor” (*Vamos supor [= suponhamos] que o texto fique pronto hoje...*). Observem-se as ocorrências⁷ abaixo:

(01) Ah, mas ela trabalha em casa, mas ela trabalha muito porque é aquela luta, né? Limpa casa, atende a filha, **vai levar** no colégio, **vai buscar**, tem a luta dela também, né? (FLP07:579)⁸

⁶ No caso desta pesquisa, o foco de observação e análise é ajustado, no capítulo 6, para o domínio funcional do futuro, constituído pelas categorias de tempo, modalidade e aspecto, que funcionam interconectadas, conforme será visto na seção seguinte.

⁷ A enumeração das ocorrências usadas como exemplo será reiniciada a cada novo capítulo.

⁸ O código (FLP07:579) refere-se aos dados que foram coletados no banco do Varsul. O grupo de letras especifica a cidade (FLP) – Florianópolis, ou (FC) – Flores da Cunha. O número que segue é o número da entrevista (07) e o número depois dos dois pontos é o número da linha (579). Sobre o núcleo de pesquisa Varsul, ver o capítulo 4: Encaminhamento metodológico.

(02) E: Aí ele fica aqui um tempo?

F: Como? Em casa? Sim, ele que nem na firma, assim, às vezes ele **vai** duas vezes pra Porto Alegre. Às vezes ele desce hoje e volta amanhã. Tem dias que então ele fica duas noites lá, depois ele volta. Assim, ele volta. (FC 01:06)

Nas ocorrências (01) e (02) nota-se claramente o contexto de uma ação habitual. Em (01) essa ação fica expressa pela frase inicial da falante, referindo-se à vida da filha (*ela trabalha em casa*). Em (02) o contexto habitual se instaura a partir da pergunta do entrevistador. No entanto, dentro do contexto de habitualidade, percebe-se, em ambos os casos, o movimento para além do momento de fala na ação expressa pela perífrase (*vai levar, vai buscar*) ou pelo semantema do verbo IR (*vai duas vezes*) – ações que se repetem e que podem continuar se repetindo ao longo do tempo.

Desse modo, a *futuridade* apresenta-se como um amplo domínio complexo que recobre totalmente o *domínio funcional do futuro*, mas também parte de outros dois domínios: o da *habitualidade* e o *comando*⁹ (contextos de manipulação, sugestão, convite). Enquanto no domínio funcional de futuro estão imbricadas as noções de tempo, modalidade e aspecto, na habitualidade reconhecemos as noções de aspecto e, em menor grau, de tempo (futuro); e no comando, as noções de modalidade e, também em menor grau, de tempo (futuro). Em outras palavras, a macrofunção de expressar uma situação projetada a partir do momento de fala é basicamente realizada pelo domínio funcional do futuro, sendo perifericamente compartilhada pelos domínios da habitualidade e do comando. Daqui em diante, por uma questão de ajuste terminológico, reservamos o termo ‘domínio’ para designar basicamente o *domínio funcional do futuro* – foco deste trabalho.

Concluindo esta seção, podemos dizer que toda forma que codifica o domínio funcional do futuro expressa futuridade, mas nem toda forma que expressa futuridade pertence ao domínio funcional do futuro, nos termos da distinção aqui estabelecida. Para melhor entender essa ideia, discorreremos, a seguir, sobre o domínio funcional do futuro, sua função e características.

⁹ Usamos o termo ‘comando’ para designar certos usos de perífrases que apresentam valor de ‘imperativo’, com nuances de maior ou menor grau de manipulação, na esteira da designação atribuída por Reis (2003) para ‘atos de fala não declarativos de comando’.

2.2 DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO

Nesta seção, vamos tratar do domínio funcional do futuro a partir da ideia convencional de “tempo futuro” – designação ampla que abarca tanto o tempo gramatical, tradicionalmente conhecido como “futuro do presente”, quanto o tempo cronológico, que está, numa linha imaginária, situado à direita do momento de fala, este tomado como ponto de referência. Ademais, salientamos que as categorias modalidade, aspecto e tempo mostram-se inerentes ao “tempo futuro”, não só o constituindo mas também contribuindo para a escolha das formas que servem para codificá-lo.

Entre muitos teóricos que abordam o assunto, Corôa (2005) considera que o “tempo futuro” não deve ser visto apenas como tempo gramatical, pois qualquer estudo sobre o “tempo futuro” não pode ignorar a importância das oposições modais. A autora afirma que no futuro não se pode negar algo tão categoricamente como se pode no passado, porque o próprio futuro é apenas uma possibilidade; o vir-a-ser escapa à certeza, está ligado ao possível e “é mais frequentemente associado a asserções modalizantes” (CORÔA, 2005, p. 54-55). As expressões de futuro são menos definidas, uma vez que não se sabe do futuro como se sabe do passado, de modo que o futuro é sempre uma possibilidade e sua formação vem transpassada pela modalidade.

Ainda segundo essa autora, o futuro expressa um pensamento que vai do possível para a certeza. Se o falante dá ao seu enunciado uma interpretação antecipada sobre esse movimento, ele usará a modalidade. Uma interpretação posterior caracteriza os usos temporais: como o movimento do futuro vai de um conjunto de possibilidades para uma realização, mesmo interpretações modais se orientam para a certeza e esta certeza cresce à medida que se aproxima dos empregos puramente temporais. (CORÔA, 2005, p. 57)

Por esse motivo, o futuro é, dos três tempos – passado, presente e futuro –, o mais polêmico em termos de possibilitar o enquadramento da sua identidade enquanto categoria de tempo. O futuro possui um valor temporal que não permite expressar uma modalidade factual, pois só aceita asserções segundo a avaliação que o falante faz da possibilidade ou impossibilidade da ocorrência de um estado de coisas. Tal particularidade permite afirmar que há sempre um valor modal ligado ao valor temporal, como as duas faces de uma moeda.

Em relação a aspecto, Camara Jr. (1957, p. 130) aponta que o “tempo futuro” não é marcado aspectualmente, mas que “possui, a rigor, um certo aspecto imperfeito”. Travaglia (1994, p. 290), por outro lado,

acredita que o aspecto, quando atualizado no “tempo futuro”, ocorre por meio de outros recursos de expressão do aspecto, como as perífrases ou advérbios, como em: “Quando você voltar, terei escrito a carta.” ou “Você ouvirá falar de mim muitas vezes.”. No caso de “terei escrito” trata-se de aspecto perfectivo já que se trata de um futuro anterior.

Tais particularidades do “tempo futuro” permitem-nos tratá-lo como uma categoria verbal distinta. Ele é um tempo verbal, mas dificilmente é expresso sem algum traço de modalidade. Não apresenta aspecto marcado, mas o imperfectivo é um aspecto que pode se manifestar na expressão de futuridade.

Estamos falando, portanto, de uma categoria que expressa muito mais do que o seu nome (“tempo futuro”) diz. Não se trata apenas de marcar o tempo – uma ação, estado ou evento¹⁰ futuro –, mas também de marcar alguma modalidade nessa situação. Um bom número de estudos sobre esse objeto – “tempo futuro” – aborda-o do ponto de vista das formas verbais que podem vir a competir pela representação dessa categoria. Algumas delas são: perífrase IR (presente) + infinitivo (*vou viajar*), futuro do presente (*viajarei*), presente do indicativo (*viajo* amanhã), IR (futuro) + infinitivo (*irei viajar*), haver de + infinitivo (*hei de viajar*), perífrase ESTAR (futuro) + gerúndio (*estarei viajando*), IR (presente) ESTAR + gerúndio (*vou estar viajando*), ESTAR (presente) + gerúndio (*estou viajando* amanhã); além, é claro, de todos os verbos modais que, conjugados em perífrases, podem marcar futuridade: *posso fazer, quero fazer, mando fazer, devo fazer* e outros.

Toda essa complexidade nos permite dizer que o “tempo futuro” não pode ser tratado como um tempo verbal apenas. Sua dependência da modalidade, sua dificuldade em expressar aspecto e as muitas possibilidades de se codificá-lo em formas diferentes mostram que estamos diante de um domínio complexo, que optamos por chamar de *domínio funcional do futuro*.

Outro aspecto que podemos observar é que o domínio funcional do futuro está passando por um processo de mudança, ou seja, as formas que o codificam estão se alterando. Esse parece ser um movimento cíclico, uma vez que, em termos históricos, o mesmo ocorreu com a formação do futuro do presente sintético, ou seja, de uma perífrase com traços de modalidade (intenção, empenho, certeza) surgiu um tempo

¹⁰ Usaremos os termos *ação, estado, evento*, que correspondem ao conteúdo codificado pelo verbo, intercambiáveis com o termo *situação* (cf. COMRIE, 1990).

verbal que, após alcançar o *status* de “tempo futuro”, dá lugar a uma nova perífrase que traz a modalidade novamente¹¹.

Características como a forte presença da modalidade em detrimento ao tempo e a necessidade de ‘atualizar’ o aspecto, associadas à futuridade, são motivadoras da entrada de novas formas para codificar o domínio funcional do futuro. A perífrase IR (presente) + infinitivo é uma das formas mais produtivas no domínio, conforme atestado em inúmeros trabalhos, referidos adiante. A presença do verbo IR como auxiliar remete tanto a aspecto quanto a modalidades (intenção, predição, desejo, vontade, entre outras), pois o aspecto inerente ao verbo IR – deslocamento de um ponto a outro no espaço, com a ação apresentada em seu início assinalando um aspecto inceptivo – permite, por reinterpretação, que o falante insira sua visão na ação futura, abrindo espaço para as modalidades. Esses detalhes podem ser mais bem apreendidos na seção a seguir, que trata da perífrase IR (presente) + infinitivo.

2.3 A FORMA PERIFRÁSTICA IR + INFINITIVO E SEU PAPEL NO DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO

As perífrases ou locuções verbais são caracterizadas por serem composições de duas formas verbais para expressar categorias ou “nuanças categóricas” que não aparecem no quadro de flexões (cf. CAMARA JR., 1985, p. 163). A conjugação perifrástica¹² combina um verbo na forma nominal com uma forma flexionada de outro verbo (auxiliar). Para a forma nominal cabe a significação lexical do conjunto, enquanto que ao verbo auxiliar é reservada a significação gramatical, que é dupla:

de um lado, as categorias número-pessoal e modo-temporal, que se expressam na flexão do verbo auxiliar; de outro lado, a nuance categórica, privativa da construção, e que resulta da associação da significação lexical do auxiliar com o tipo de forma nominal que o acompanha [...] (CAMARA JR., 1985, p. 163-164)

¹¹ Para maiores detalhes sobre essa mudança cíclica, remetemos o leitor aos textos de Fleischman (1982) e Nunes (2003).

¹² Optamos por usar o termo *perifrástica* ou *forma perifrástica*, ao invés de locução verbal, no decorrer deste trabalho.

Para o autor, essa *unidade semântica* não corresponde, necessariamente, a uma ordem fixa das formas constituintes e também não impede que exista entre elas uma intercalação de locuções ou vocábulos. Ele ainda comenta que as perífrases podem estar mais ou menos gramaticalizadas, no sentido da “intensidade” da significação lexical do auxiliar. Quando o auxiliar está com a sua significação lexical esvaziada, tornando-se um índice morfológico da categoria a qual se destina exprimir, então estamos diante de uma *gramaticalização mais forte* (CAMARA JR, *op. cit.*).

Na língua portuguesa há diversas perífrases com verbos auxiliares como *ter (tenho feito)*, *haver (hei de fazer)*, *ser (fosse feito)* e *estar (estivesse feito)*; que são chamadas por gramáticos como Cunha (1978, p. 385) e Cegalla (1998, p. 187) de *tempos compostos*. Mas há, ainda, outras construções perifrásticas com verbos modais como *poder (posso fazer)*, *precisar (preciso fazer)* e *mandar (mandou fazer)*, e ocorrências com três verbos combinados (*vou ir dormir, vou mandar fazer*) que também compõem o quadro de perífrases, embora não tenham adquirido o estatuto de *tempo composto*¹³.

A perífrase formada com o verbo IR, conjugado no presente do indicativo (*vou, vais, vai, vamos e vão*) acrescido do infinitivo de outro verbo, chamado principal – *cantar, partir* ou *vender*, por exemplo –, já foi discutida por Said Ali (1964, p. 338). O autor afirma que o verbo IR, nessa forma composta, perdeu seu sentido de deslocamento de um ponto para outro e, na união com o infinitivo do verbo principal, expressa um ato de realização próxima no qual o falante promete ou dá como certo a realização da ação.

Também Almeida (1980) salienta que, a partir de um processo de gramaticalização (ver próximo capítulo), o verbo IR pleno sofre uma perda de sua significação original de deslocamento e se recategoriza como verbo auxiliar, passando, assim, a compor um todo com o verbo principal. Para teóricos como Fleischman (1982) e Hopper e Traugott (1993), entretanto, a perda do sentido de deslocamento espacial vem acrescida de um ganho em outro sentido – o de movimento temporal –, atribuído ao verbo auxiliar a partir do sentido de deslocamento. Trata-se de uma mudança de um sentido mais concreto – deslocamento no espaço – para um sentido mais abstrato – deslocamento no tempo.

¹³ A respeito das perífrases na língua portuguesa, suas construções e significados, ver o texto de Almeida (1980), intitulado *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*.

Essa ideia de movimento no tempo fica reforçada pelo traço do verbo principal no infinitivo. Conforme Camara Jr. (1985), e também Almeida (1980), o infinitivo não possui noções de tempo, aspecto ou modo, pois é a forma mais indefinida do verbo; no entanto, o infinitivo possui em si uma ação de caráter introspectivo, orientada para o futuro.

Para Fleischman (1982, p. 86), o que está inerente no uso desse tipo de construção, empregada para expressar futuridade, é a *relevância do presente*. A autora define relevância do presente como uma conexão entre presente e futuro, de acordo com a qual a situação futura não está restrita ao seu tempo cronológico, que pode estar distante do momento de fala, mas é vista pelo falante como relacionada com o estado de coisas presente. Esse elo com o presente é mais psicológico do que cronológico.

Numa frase como “Um dia você *vai morrer* atropelado por um carro”¹⁴, mesmo com a expressão *um dia*, que situa o evento em um tempo indefinido, fica implícito, no enunciado, que a ideia da realização do evento vai ser a consequência de atravessar as ruas hoje, no presente, com negligência. O que esse tipo de construção marca é a visão subjetiva do falante acerca da situação que ele enuncia. Assim, a perspectiva do falante está sujeita a mudança, embora o evento em si permaneça fixado no tempo. Isso explica por que a perífrase IR (presente) + infinitivo pode ser usada para marcar situações localizadas tanto no futuro imediato quanto no mais distante.

Em inúmeros trabalhos, seja de gramáticos normativistas ou de pesquisadores linguistas (reportados a seguir), verifica-se que a perífrase IR (presente) + infinitivo adquire significados múltiplos, a saber: futuro próximo ou imediato, futuro iminente, futuro intencional, presente inceptivo, futuro ulterior. Para Fleischman (1982, p. 18), esses significados se sobrepõem, pois o mais importante é observar que o evento futuro é visto pelo falante como ‘nascido’ do momento presente – a relevância do presente mencionada anteriormente. A autora defende que essa é a diferença entre um futuro perifrástico – e aqui cabe pensar em outras perífrases, como IR (presente do indicativo) ESTAR + gerúndio (*vou estar viajando*, por exemplo) – e o futuro do presente, que marca apenas o evento futuro, em consonância com a ideia de Camara Jr., para quem o “tempo futuro” propriamente dito é “um jogo mental mais elaborado” (1985, p. 128).

Acredita-se que é a relevância do presente, ou seja, a noção psicológica do tempo presente, que permite ao falante expressar as modalidades do futuro, fazendo inferências que levam à intenção, desejo,

¹⁴ Dado criado a partir de exemplos no inglês, de Fleischman (1982, p. 96).

vontade, crença e outras.

Citando Wekker (1976), Bybee e Pagliuca (1987, p. 117) defendem que a perífrase do inglês, *be going to*, correlata à perífrase IR (presente) + infinitivo, possui uma orientação para o presente porque seu uso revela indicações no presente de que alguma coisa vai acontecer. Vejam-se os enunciados:

(03) *She's going to have a baby.* (Ela vai ter um bebê.)

(04) *She will have a baby.* (Ela terá um bebê.)

Para os autores acima mencionados, e também para Fleischman (1982), (03) implica que ela já está grávida, enquanto (04) não implica que ela esteja. De fato, essa diferença de sentido, que também pode ser observada no português do Brasil (PB), mostra-se como uma explicação possível para o futuro do presente ainda permanecer funcional em nossa língua. Entretanto, como bem observam as pesquisas cujo objetivo é a variação entre o futuro do presente e a perífrase IR (presente) + infinitivo, especialmente as desenvolvidas a partir de *corpus* de língua falada, o futuro sintético está desaparecendo no PB, o que nos leva à formulação da hipótese de que a perífrase IR (presente) + infinitivo já angariou para si a função de expressar tempo como um “um jogo mental mais elaborado”, nos termos de Camara Jr. (1985, p. 128).

Isso nos leva a pensar em pares como:

(05) Ela *vai ter* um bebê.

(06) Ela *vai ir ter* um bebê.

Por mais estranho que possa parecer para um falante de qualquer região do país, no RS um enunciado como (06) pode ser empiricamente observado com variados tipos de verbos no infinitivo. Será que há diferença de sentido entre (05) e (06)? Um falante de (06) percebe essa diferença? Estamos diante do fechamento de um ciclo do processo de gramaticalização da perífrase como codificadora de “tempo futuro”? Tratar-se-ia de um novo processo? Lembramos que a perífrase IR (presente) + infinitivo sofre restrição, em outras partes do país, quando seu verbo infinitivo é o IR pleno. Como explicar, então, a ocorrência de (06)? Tais questionamentos fazem parte desta pesquisa, mas antes de nos aventurarmos por essas perguntas, vamos conhecer melhor o processo de gramaticalização do verbo IR de pleno a auxiliar.

Nas subseções a seguir, tratamos do processo de auxiliarização do verbo IR e do tratamento dispensado à perífrase em gramáticas do

português do Brasil; trazemos também o resultado de uma pesquisa informal realizada por nós a partir de questionamentos surgidos à época da realização da dissertação.

2.3.1 O verbo IR como auxiliar

Nesta subseção, nosso objetivo é mostrar análises que tratam da construção *be going to* e sua gramaticalização, discutindo comparativamente alguns dados do português. Como já comentado anteriormente, essa construção possui a mesma funcionalidade da perífrase IR (presente) + infinitivo no PB. A maioria dos trabalhos que tratam da gramaticalização da perífrase, ou que tratam da variação no domínio funcional do futuro, apresentam essas pesquisas como base, ou as usam para explicar características da gramaticalização do verbo IR.

Hopper e Traugott (1993, p. 01) exemplificam parte do seu livro sobre gramaticalização usando exemplos de *be going to*, que é a forma correspondente à perifrástica IR (presente) + infinitivo no PB na codificação do domínio funcional do futuro. Eles começam analisando a sentença (07), que reproduzimos:

(07) *Bill is going to go to college after all.* (Bill vai ir para a universidade afinal.)

Algumas questões levantadas pelos autores são: Qual a relação entre as duas formas do verbo *to GO*? São formas diferentes que apenas parecem e soam iguais, ou seja, são formas homônimas? São formas variantes de um mesmo morfema em contextos diferentes, sendo, então, polissêmicas? O primeiro *to GO* é analisado como um auxiliar e o segundo é um verbo principal? Será que o auxiliar é derivado historicamente do verbo principal?

As perguntas acima podem ser resumidas em uma única: O que o sentido do auxiliar *be going to* tem em comum com o verbo principal do qual deriva? Essa questão tem sido discutida por outros autores. Segundo Heine (1992, p. 11), há dois aspectos envolvidos que devem ser analisados separadamente. O primeiro está relacionado com o destino do conteúdo conceitual em seu caminho do concreto, lexical, para o abstrato, entidade gramatical; e o segundo aspecto diz respeito à natureza do processo envolvido.

Para Heine (1992), há uma grande discussão em torno do que acontece quando um conteúdo proposicional concreto é utilizado para referir-se a conteúdos abstratos, como as funções de tempo, aspecto e

modalidade. Em algum ponto, por exemplo, o conceito concreto de movimento em (08) transforma-se em uma função gramatical (09):

(08) *Anna is going to town.* (Ana vai (ir) para o centro.)

(09) *Anna is going to wake up in a minute.* (Ana vai levantar em um minuto.)

Em relação ao primeiro aspecto mencionado acima, sobre o destino do conteúdo conceptual, Heine sugere que, dado o contexto adequado, os itens que estão sofrendo gramaticalização podem adquirir novas propriedades semânticas, as quais estão contidas na sua fonte lexical, o que vale dizer que o fator pragmático do contexto tem um importante papel na gramaticalização. Por esse motivo, Heine (1992, p. 15) apresenta um modelo que ilustra a mudança de conteúdo sofrida pela forma *be going to*. O modelo de implicatura apoia-se na suposição de que no curso da gramaticalização toda a substância conceitual pode ser eliminada em favor de uma nova estrutura. O modelo é esquematizado dessa forma: *ab > bc > cd*.

De acordo com esse modelo, um mecanismo predominante para criar significados secundários, gramaticais, é a convencionalização de implicaturas ou inferências. Tais inferências e, igualmente, os significados secundários que surgem através de suas convencionalizações, não precisam estar necessariamente no sentido original. Com cada nova inferência convencionalizada, partes de sentidos iniciais são perdidas, até que o sentido original (*ab*) desaparece inteiramente e apenas o novo sentido (*cd*) permanece (HEINE, 1992, p. 18-19). O que parece ser mais interessante sobre esse modelo é que existem estágios no desenvolvimento que não possuem nenhum atributo em comum, como o primeiro estágio (*ab*) e o último (*cd*), no esquema acima.

Quanto ao aspecto que diz respeito à natureza do processo envolvido nessa mudança, Heine (1992, p. 11) afirma que o processo metafórico explica a mudança do nível maior – de uma fonte proposicional concreta, o esquema de movimento, para uma função gramatical abstrata, o futuro.

Como o desenvolvimento de construções como *be going to* indica uma progressão, um processo, ele pode ser analisado, e tem sido, como o desencadeamento de diversos processos metafóricos que envolvem, também, componentes pragmáticos. A progressão da pragmática para uma função não-pragmática passa da noção pragmática (relevância do presente) para o aspecto da visão prospectiva e finalmente para um tempo, com ou sem a coloração aspectual/pragmática ou a

relevância do presente¹⁵. Essa progressão faz parte de uma cadeia de gramaticalização maior, que, segundo Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991a), pode ser resumida na figura (01):

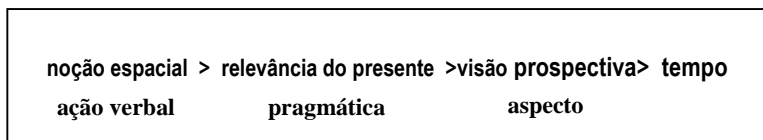


Figura 1: Cadeia de gramaticalização da forma *be going to*
 Fonte: HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER (1991a, p. 242)

Observando o esquema proposto por Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991a), percebemos que o processo de emergência e implementação da nova forma de expressão do futuro começa por uma ação verbal seguida pela relevância do presente, expandindo-se para uma visão aspectual prospectiva, para, enfim, codificar tempo. Para os autores, a modalidade é um componente à parte. Ela não está fixa no caminho de gramaticalização, mas antes se sobrepõe a ele, ou seja, em todas as etapas da figura (01), há expressão da modalidade de futuro.

O esquema de Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991a) ilustra como a forma *be going to* adquire o primeiro traço de “tempo futuro” e também mostra por que a relevância do presente permanece ao longo do eixo do domínio funcional do futuro: além de permitir o elo com a ação verbal e, por consequência, o elo com a significação lexical mínima do verbo *to GO*, é compatível com as modalidades do futuro, não só facilitando a sua codificação, mas fortalecendo-as no nível pragmático.

O processo de gramaticalização de *be going to* em inglês já está bastante adiantado, o que permite dizer que o auxiliar expressa um futuro imediato derivado historicamente do verbo de movimento *to GO* em contexto específico, e que as duas formas coexistem e são polissêmicas. Algumas características sequenciais desse processo foram enumeradas por Hopper e Traugott (1993, p. 2-3):

¹⁵ O autor compartilha a visão de Fleischman (1982), descrita na seção anterior, para esse tipo de construção. A relevância do presente é o componente que permite o acesso da forma ao domínio funcional do futuro.

- a) A mudança inicialmente ocorre apenas em contexto restrito de construções de direcionalidade com finalidade tais como *I AM going to marry Bill* (*Eu vou casar com Bill*). Ela não ocorre em contextos de direcionalidade nos quais aparece o locativo adverbial, como **I am going to London to marry Bill* (*Eu vou ir para Londres (para) casar com Bill*). O processo de mudança acontece possivelmente porque há uma inferência de futuridade na finalidade: eu estou viajando para casar e o casamento acontecerá no futuro.
- b) Da construção de finalidade *be going (to...)* para o auxiliar *be going to* há um processo de reanálise não só da expressão *be going to*, mas do verbo que a precede, como na figura (02), ou seja, a sentença (A) é reagrupada em (B) e envolve uma mudança de aspecto progressivo, *be going (to...)* para um futuro imediato: *be going to*:

(A) — [<i>I am going [to marry Bill]</i>]	(B) — [<i>I am going to marry Bill</i>]
---	---

Figura 2: Processo de reanálise da forma *be going to*

Fonte: HOPPER; TRAUGOTT (1993, p. 3)

- c) A reanálise manifesta-se apenas quando o verbo que precede a expressão *be going to* é incompatível com o significado de finalidade, ou seja, a reanálise ocorre porque os contextos nos quais *be going to* podem ocorrer se tornam generalizados. Nesse estágio, a sentença do estágio (a) — *I am going to London to marry Bill* — é aceitável e bastante frequente na língua.
- d) Depois que houve a reanálise, a expressão pode sofrer as mudanças típicas dos auxiliares, tais como redução fonológica. Na verdade, os três morfemas da construção *go-ing to* tornam-se a forma reduzida *gonna*, porque não há mais uma categoria frasal entre *-ing* e *to*.
- e) Os vários estágios de gramaticalização do *be going to* coexistem no inglês moderno, ainda que as mudanças tenham tido origem no século XV ou anteriormente.
- f) O significado original de finalidade ainda pressiona o uso do auxiliar; *be gonna* é o futuro de intenção, planejado. Como um aspectual

genuíno, ele pode aparecer (exemplo (10)) em construções em que o *will* não pode (exemplo (10a)). Essa propriedade de manter o significado deriva em parte do fato de que a antiga expressão *be going to...* coexiste com a nova e daí reforça os antigos significados:

(10) *If interest rates are going to climb, we 'll have to change our plans.*¹⁶
(Se as taxas *vão subir*, nós *teremos* que mudar nossos planos.)

(10a) **If interest rates will climb, we 'll have to change our plans.*
(Se as taxas *subirão*, nós *teremos* que mudar nossos planos.)

g) O verbo *to go* como principal tem um significado relativamente geral que expressa qualquer movimento que siga do falante para fora, incluindo caminhar, correr etc. No processo de gramaticalização, alguns dos significados de *to go* têm sido perdidos, especialmente os de movimento e de direcionalidade, e outros têm sido acrescidos. Os novos significados são mais abstratos e estão baseados no falante, são aqueles adquiridos a partir da relevância do presente: intenção, vontade etc.

Também Poplack e Tagliamonte (2000), que propõem um caminho de gramaticalização para as estruturas que marcam futuridade, apresentam para as construções como *be going to* uma trajetória semelhante à proposta por Hopper e Traugott (1993). Para as autoras, o desenvolvimento de *be going to* originou-se do aspecto progressivo de *to go*, usado com a preposição *to* + complemento (*I am going to Nova Scotia*). Aos poucos a ideia de movimento enfraqueceu e a construção começou a indicar intenção (*I am going to Nova Scotia this Summer*).

Para Poplack e Tagliamonte (2000), o sentido de direcionalidade de *to go* foi enfraquecido enquanto a inferência de futuro foi promovida, o que sugere que a gramaticalização de *to go* iniciou-se prematuramente, embora ele não tenha sido usado com muita frequência como marcador de futuro até a metade do século XVII.

No PB, a forma perifrástica IR (presente) + infinitivo também está percorrendo o caminho de gramaticalização dentro do domínio funcional do futuro, apresentando ocorrências que abrangem a maioria das funções propostas para a estrutura *be going to*. Nesse processo, observamos dois aspectos: (i) a gramaticalização do verbo de movimento

¹⁶ Exemplo retirado de Hopper e Traugott (1993, p. 3).

IR dentro da forma perifrástica e (ii) a gramaticalização da forma perifrástica como codificadora de futuridade.

O processo de gramaticalização da perífrase no PB, entretanto, é, a nosso ver, diferente. Claro que o auxiliar está sofrendo as transformações que foram descritas há pouco, mas a reanálise do verbo que precede o auxiliar é mais lenta (Fig. 03).

(A) — [Mas o show vai [sair]] (B) — [Mas o show vai sair]

Figura 3: Processo de gramaticalização da perífrase IR + infinitivo
Fonte: proposta por nós a partir de ocorrência de coleta informal.

No PB, esse processo de reanálise é mais lento em virtude de uma restrição: para grande parte dos falantes, (A) parece que não será reagrupada em (B) caso o verbo principal seja o verbo IR. Nesse contexto, a justificativa mais ouvida é de que há redundância – “ir duas vezes” – porque o verbo IR auxiliar ainda é percebido como carregando traços de direcionalidade e do sentido primeiro de deslocar-se para um ponto, o que impede sua reanálise nos termos ditados por Hopper e Traugott (1993). No estado do Rio Grande do Sul, todavia, a construção *VOU IR*¹⁷ é bastante comum, o que nos leva a hipotetizar (como veremos adiante) que a restrição de mesmo item lexical está se enfraquecendo, permitindo o processo de reanálise do verbo IR, o que aponta para estágios mais avançados de gramaticalização quando se combina com qualquer verbo no infinitivo, incluindo o próprio verbo IR pleno. Veja-se a ocorrência (11) e seu esquema (Fig. 04):

¹⁷ Optamos por usar *VOU IR* como uma forma simbólica de expressar o *type* que representa a presença de IR (presente) + IR (infinitivo). Esse *type* pode se realizar como *tokens* em todas as pessoas do discurso: *vou ir*, *vai(s) ir*, *vamos ir*, *vão ir*. Assim, a macroforma *VOU IR* difere das ocorrências, como em “Eu *vou ir* no mercado depois da aula”.

(11) E tu *vais ir* de moto? (POA01:711)

(A) — [E tu vais [ir de moto?]]	(B) — [E tu vais ir de moto?]
--	--------------------------------------

Figura 4: Processo de reanálise de IR (presente) + IR

Fonte: proposta por nós a partir da ocorrência (11)

Quanto à redução fonético-fonológica de *be going to* para *gonna*, observamos, similarmente em português, que o verbo IR perde algo de sua massa fônica na perífrase: vou → *Vô sai com os amigos.*; vais → *Tu vai sai com os amigos?*; vamos → *Vamu sai com os amigos?*¹⁸.

Mesmo quando observamos a ocorrência de IR (presente) + IR, na fala do RS, essa redução acontece, como em enunciados do tipo: “Vai ter sarau, eu *voí*, né?” (amostra informal). Também o uso de IR (presente) + IR na *internet*, em *blog*, comunidades e *twitter*, ocorre frequentemente com redução/contração “Quem *vai ir* no jogo do Grêmio? Eu *vouí*, quer carona?” (coleta informal, da *internet*).¹⁹

Essa redução fonético-fonológica é prevista também por Fleischman (1982)²⁰, para formas de futuro que estão atingindo um estágio maior de gramaticalização. A autora acredita que o processo de redução ocorre paralelamente ao processo de aquisição de novos significados pelo verbo auxiliar.

Há uma relação envolvendo a redução fonético-fonológica e a frequência de uso: o uso constante da forma em determinado contexto provoca sua mudança de sentido porque a forma adquire traços do campo semântico onde se encontra e então generaliza seu uso; essa generalização, por sua vez, faz com que aumente sua frequência no discurso, provocando a redução fonético-fonológica da forma.

¹⁸ É importante assinalar que em algumas regiões brasileiras é comum o uso da segunda pessoa do singular sem a marca morfológica correspondente no verbo, resultado de uma complexa mudança que ocorre no paradigma das pessoas do discurso e na flexão número-pessoal dos verbos.

¹⁹ Apesar disso, optamos por manter a escrita das construções *VOU IR* sem apresentar a redução, mesmo quando estamos tratando das ocorrências encontradas na amostra informal.

²⁰ Fleischman (1982, p. 86) chama o processo de aglutinação. Também Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a, p. 220) tratam do assunto e descrevem a redução fonético-fonológica como erosão.

2.3.2 A perífrase em gramáticas do português do Brasil

Nesta subseção, apresentamos algumas gramáticas pesquisadas²¹ em busca do que dizem os autores sobre o “tempo futuro” e, mais especificamente, sobre a perífrase IR (presente) + infinitivo e sua função. Ressaltamos que a maioria dos autores pesquisados não fazem menção à perífrase dentro do assunto “futuro do presente”, assim chamado pelos gramáticos. Por vezes, encontramos uma discussão quando tratam do verbo IR ou de auxiliares. Optamos por apresentar, primeiramente, os autores de gramáticas de cunho mais normativo²² e, na sequência, os autores que apresentam gramáticas descritivas de uso do português atual.

Said Ali ([1921] 1964, p. 143), na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, apresenta um breve histórico das formas de futuro nas línguas românicas. Ao apontar as funções dos tempos verbais, o autor caracteriza o emprego do presente do indicativo para denotar futuridade, “sobretudo em linguagem familiar”. O presente tem a vantagem de ser uma forma mais simples tornando-se um bom recurso de linguagem para produzir impressão mais viva, pois ao referir-se a ações futuras como se já fossem realidade atual, o falante sugere a certeza do cumprimento das ações. O autor traz como exemplo comparativo os enunciados “Amanhã vou à sua casa” e “Irei à sua casa” (SAID ALI, 1964, p. 311) e afirma que a recorrência ao presente do indicativo é bastante frequente no Brasil.

Ao tratar do emprego do infinitivo, porém, o autor reconhece a combinação IR (presente) + infinitivo para designar locomoção, desejo de realizar algo ou um fato que não tardará a se realizar e ainda aponta essa construção como uma possível substituta do futuro do presente e como indicadora de uma ação futura imediata. É bastante elucidativa a seguinte passagem:

²¹ Para facilitar a apresentação, seguiremos a ordem cronológica de edição das gramáticas.

²² Sob o rótulo de gramáticas de cunho normativo estão reunidos compêndios de caráter mais prescritivo, que seguem a tradição gramatical, incluindo algumas chamadas gramáticas pedagógicas, e também alguns de caráter mais descritivo, que se situam no entremeio de uma abordagem tradicional clássica e uma abordagem moderna. Não é nossa intenção estabelecer uma distinção mais fina entre essas gramáticas, apenas reuni-las em contraste com outras escritas com base em pesquisas linguísticas atuais.

Assim nos dizeres ‘*Vou ler agora mesmo esta carta*’, ‘*Vou dizer já o que penso*’, ‘*Vai chover*’, ‘*Ele vai ficar zangado*’ e outros do mesmo gênero, tão freqüentes em nosso falar cotidiano, vem o primeiro verbo já sem o sentido de deslocamento de um ponto para outro. Funciona como auxiliar dos diversos infinitivos, significando a forma assim composta um ato cuja realização próxima prometemos com firmeza, falando de nós mesmos, ou damos como certa, falando de outrem. (SAID ALI, 1964, p. 338).

Observa-se que o autor, ao detalhar esse uso, apresenta o verbo IR como auxiliar e atesta o “esvaziamento” de significado original do item. Além disso, ele atribui à perífrase a ideia de modalidade e também de tempo (realização *próxima*).

Rocha Lima ([1957] 2006, p. 134), na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, ao apresentar os auxiliares, inclui o verbo IR em construções com gerúndio (“a tarde ia morrendo”). Entretanto, o autor não reconhece a perífrase IR (presente) + infinitivo como uma construção para expressar futuridade. Segundo Rocha Lima, IR é um verbo transitivo circunstancial e se diferencia dos intransitivos típicos (como “morrer”), por requerer um complemento.

Para Bechara ([1961] 2004), em *Moderna Gramática Portuguesa*, o verbo IR é um auxiliar modal que, juntamente com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal, determina “com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa realizar a ação verbal”. Nesse caso, a ação verbal expressa por IR é de “movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): ir escrever etc.” (BECHARA, 2004, p. 232). O gramático comenta que o auxiliar também pode emprestar “um matiz semântico ao verbo principal”.

Ao apontar alguns possíveis empregos do presente do indicativo, Bechara (2004, p. 276) afirma haver a substituição pelo futuro do indicativo “para indicar com ênfase uma decisão”, fornecendo o seguinte exemplo: “Amanhã eu vou à cidade”. Além disso, ao descrever o futuro do presente, afirma que pode ocorrer em lugar do presente, exprimindo “incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta” (p. 279).

Em sua *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, Cegalla ([1964] 1998, p. 515) faz primeiro uma série de considerações a respeito do futuro do presente e assim se refere à forma IR (presente) + infinitivo:

“Pode ser substituído, sobretudo na língua coloquial, por locuções constituídas do presente do indicativo dos verbos ir, ter, ou haver + infinitivo”. Dá como exemplo: “Olga vai casar no mês que vem”, e, ainda, faz uma observação “Vai casar = casará”.

Ao tratar do futuro, Melo ([1968] 1978), em *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*, apresenta apenas as formas do futuro sintético e do presente do indicativo, acrescentando que esta última é usada para indicar futuro próximo (MELO, 1978, p. 182). No entanto, ao discutir sobre verbos auxiliares, o autor comenta que “as locuções verbais nascem das necessidades de expressão mais complexa, em que se busca traduzir o aspecto verbal” (p. 104), exemplificando com a perífrase IR (presente) + infinitivo, “vai ficar”, sem, contudo, apontar a futuridade expressa pela forma.

Cunha e Cintra ([1985] 2001, p. 394-398), em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, quando analisam os verbos auxiliares, fazem algumas observações sobre o verbo IR. Segundo os autores, IR não pode ser considerado como um auxiliar autêntico, mas faz parte de um grupo de verbos que podem, excepcionalmente, ser empregados como tal. Para os autores, a construção IR (presente) + infinitivo exprime “o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que será realizada em futuro próximo”. Embora Cunha e Cintra admitam o emprego de IR como auxiliar, ao tratarem da expressão de futuro, mostram apenas a representação do futuro sintético. Segundo os autores, a perífrase é uma substituta para a forma simples, entretanto é uma marca da língua falada (CUNHA; CINTRA, 2001 p. 460-465).

Sacconi ([1985] 1994), em *Nossa gramática*, ao tratar do presente como forma para codificar futuridade no lugar do futuro do presente, traz, entre os exemplos, a perífrase IR (presente) + infinitivo: “Logo que voltar, vou prestar contas à diretoria” (SACCONI, 1994, p. 231). O autor, no entanto, não faz referência explícita à perífrase usada no exemplo.

A gramática de Faraco e Moura ([1989] 1999), *Gramática*, faz referência, quando trata do futuro, às formas de futuro sintético (falarei) e composto (terei falado). Os autores apontam a constituição dessas formas e dão exemplos tanto do futuro sintético quanto do composto, mas não fazem menção à forma perifrástica IR (presente) + infinitivo, como outra forma de expressar o futuro.

Na obra *Gramática da língua portuguesa*, Mesquita ([1994] 1997) refere-se à perífrase verbal reconhecendo a preferência do falante por essa forma: “Na linguagem informal, o futuro é pouco usado, sendo mais comum sua substituição pelas locuções verbais formadas pelos

auxiliares ter, haver ou ir, no presente do indicativo, mais o infinitivo do verbo principal” (MESQUITA, 1997, p. 289). O autor aponta como exemplo, entre outros, a letra de música de Chico Buarque: “Vai passar/nesta avenida... essa noite vai se arrepiar” (Chico Buarque/Francis Hime).

O desuso do futuro sintético, chamado de “futuro simples”, na linguagem cotidiana é comentado por Cipro Neto e Infante ([1998] 1999, p. 192). Mais adiante, os autores admitem que em lugar do futuro sintético “é normal o emprego de locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas pelo verbo ir: ‘Vou chegar daqui a pouco’; ‘Esses processos vão ser analisados pelo promotor’.” (CIPRO NETO; INFANTE, 1999, p. 392)

Para Luft (2002), em *Moderna Gramática Brasileira*, o “tempo futuro” não existe, ou seja, o autor considera uma visão temporal dicotômica (passado/presente), comentando que

os chamados ‘futuros’ são locuções de infinitivo + haver mascaradas: cantar hei, cantar hia, com aglutinação na pronúncia (1º acento tônico absorvido pelo segundo), representada na escrita: cantarei, cantaria. A semântica de ‘decisão, projeto (irei), hipótese (onde está Fulano?), etc.’ é ‘modo’ (e não ‘tempo’), próprio de haver – auxiliar ‘modal’; tempo, só na implicação secundária de que planos, decisões, etc. se projetam no futuro. (LUFT, 2002, p. 131)

Entretanto, ao tratar dos verbos auxiliares, o autor menciona o verbo IR na perífrase IR (presente) + infinitivo que, segundo ele, é uma locução verbal em que IR se comporta como um auxiliar de tempo e aspecto (LUFT, 2002, p. 168).

Dentre as gramáticas que tratam do uso, e que se organizam em torno de uma descrição que considera resultados de pesquisas linguísticas sistemáticas, Neves (2000), em sua *Gramática de usos do português*, ao abordar os verbos auxiliares de tempo, cita a construção IR (presente) + infinitivo como indicadora de futuro (NEVES, 2000, p. 65), sem, no entanto, trazer maiores detalhes.

Azeredo (2008), em *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, tece comentários a respeito do verbo IR como auxiliar, destacando que, ao ser seguido de infinitivo, expressa “futuridade/posteridade” (AZEREDO, 2008, p. 203). Ao discorrer sobre tempos do indicativo, o autor observa que “[...] podem ganhar [...] nos registros menos formais

em geral – incluindo a maioria dos usos falados – outra expressão: os conteúdos categóricos são regularmente expressos pelas locuções com *ir* + infinitivo [...]” (p. 177).

Castilho (2010), na obra *Gramática do português brasileiro*, trata da auxiliabilidade, mostrando que os verbos podem se gramaticalizar: de plenos “se tornam funcionais e auxiliares, até a sua redução à condição de afixos, fase que precede seu desaparecimento.” (CASTILHO, 2010, p. 444). O autor registra que *IR* ingressou no sistema gramatical do PB, atuando como “morfema-vocábulo”, concorrendo com a forma do futuro do presente. (p. 446 e 450)

Na *Gramática do português brasileiro*, Perini (2010) faz várias menções à perífrase e ao verbo *IR*. Ao tratar do presente do indicativo como codificador também de eventos futuros, o autor assinala uma restrição quanto ao uso do presente para eventos “vistos como muito remotos no futuro” (PERINI, 2010, p. 222); nesses casos, o autor sugere, no exemplo, o uso da perífrase: “O sol vai se extinguir dentro de dois bilhões de anos.”(p. 223). No capítulo 21 – Tempo verbal: presente e futuro –, Perini faz o seguinte comentário:

O **futuro simples** (*falarei, seremos*) é de uso muito raro no PB, e pode ser considerado uma forma própria do padrão escrito. O futuro é expresso no PB através da construção formada do auxiliar *ir* mais o infinitivo, que podemos chamar **futuro composto**: *O presidente vai falar hoje às nove horas.* (PERINI, 2010, p. 224; grifos do autor)

Tal registro parece refletir resultados de inúmeras pesquisas cujo objeto é a perífrase *IR* + infinitivo (descritas na sequência, ainda neste capítulo) e que atestam a forte presença dessa construção nos *corpora* analisados, mesmo os da modalidade escrita.

Também ao tratar de auxiliares, no capítulo 24, Perini destaca os verbos *ter*, *ir* e *estar* como auxiliares. O autor comenta a respeito de tempos compostos, observando que apenas *ter* é reconhecido como um auxiliar que forma um tempo composto:

São esses auxiliares que formam os “tempos compostos”, dos quais os formados por *ter* mais participio verbal têm lugar nos paradigmas tradicionais, e os formados de *ir* mais infinitivo ou *estar* etc. mais gerúndio são geralmente excluídos.

Não conheço nenhuma razão para essa diferença de tratamento; mas, de qualquer forma, essa não é uma questão importante [...] (PERINI, 2010, p. 238; grifos do autor)

Esse comentário sugere a crítica do autor aos textos que ele chama de “paradigmas tradicionais”. Pelo que observamos anteriormente em gramáticas de cunho normativo, essa crítica procede, pois os registros feitos acerca de perífrases inovadoras são dispersos e superficiais. No entanto, é importante ressaltar que, desde a primeira gramática pesquisada, a forma IR + infinitivo, seja como construção, seja como uso de IR como verbo auxiliar, encontra-se mais ou menos mencionada, o que já se configura num grande passo. A proposta de Perini, de reconhecer o IR como auxiliar que forma tempo composto, parece avançar, indicando novo *status* para a perífrase e também para o verbo IR, visto como auxiliar “pleno”.

Há, ainda, um ponto explorado por Perini que merece menção: o autor trata de “auxiliares em sequência”, indicando que “não são comuns no PB” (PERINI, 2010, p. 239), mas ressaltando que “seria possível dizer algo como ‘Ele vai ter estado trabalhando mais de duas horas, quando você chegar.’” (p. 240). Encontramos sequências com mais de um auxiliar em nosso *corpus*, construídas com IR auxiliar + *estar* auxiliar + verbo pleno, bem como sequências com IR auxiliar + IR (com estatuto indefinido, cf. discussão adiante) + verbo pleno, respectivamente:

(12) F: Se é com cinquenta e cinco anos, eu quero ver se me aposento, porque eu não vou ter tempo de serviço, né? mas eu quero me aposentar. Nos meus cinquenta e cinco anos se eu tiver ainda nessa lei, né? Dos cinquenta e cinco, quero me aposentar com cinquenta e cinco, aí quero trabalhar pra mim, que gosto muito de lidar com doce, gosto muito de lidar com frios, essas coisas, sabe? então aí eu vou viver pra mim, né? Não adianta ficar me matando lá, esperar fazer um tempo de serviço, aí eu vou estar com setenta anos, aí não aproveito nada, né? A não ser que a morte **vai estar me esperando**, né? eu acho que eu devo de fazer isso aí, tem três anos mais, se Deus quiser. (SB 10:02)

(13) – Calma. Eu **vou ir perguntar** quanto deu! (Coleta informal: feminino, mestre, 35 anos)

Marcos Bagno (2011), em *Gramática pedagógica do português brasileiro*, faz referência à perífrase quando trata de diferenças aspectuais, comparando frases como “Ela vai viajar para Buenos Aires

nas férias” *versus* “Durante todo o mês de setembro ela vai estar viajando pela Argentina” (BAGNO, 2011, p. 551). Em outro momento, ao discorrer sobre tempo, o autor refere-se ao verbo IR:

Uma vez que todo deslocamento no espaço é um deslocamento no tempo, verbos como **ir** e **vir** muitas vezes expressam estados de coisas futuros (e precisamente por isso o verbo **ir** é o auxiliar de formação do futuro: *vou falar, ia falar* etc.). (BAGNO, 2011, p. 575; grifos do autor)

Finalmente, quando descreve os verbos auxiliares, Bagno reserva uma seção para os verbos *estar* e IR. O autor é categórico quanto à inclusão desses verbos no sistema de auxiliabilidade, especialmente no grupo dos tempos compostos, em acordo com o que comentou Perini (2010), mencionado anteriormente. Bagno afirma:

Na formação dos tempos compostos, é obrigatório incluir, pelo menos, os verbos **estar** e **ir** quando seguidos de gerúndio e infinitivo. Afinal, esses dois auxiliares entram na formação de verdadeiros tempos verbais que, embora não relacionados pela tradição gramatical, estão entre os mais empregados no português brasileiro. (BAGNO, 2011, p. 603; grifos do autor)

Na sequência, o autor apresenta um quadro “[...] mais realista dos auxiliares do PB” (p. 604) no qual observa-se o verbo IR auxiliar. Nesse quadro o IR pode aparecer tanto acompanhado de verbo pleno no infinitivo (“Ana vai viajar em julho”) quanto de verbo no gerúndio (“Ana vai passando bem”), apresentando, é claro, distinções principalmente de aspecto.

Para resumirmos essa breve apresentação, podemos dizer que algumas gramáticas fazem menção à perífrase IR (presente) + infinitivo, ou ao verbo IR como auxiliar. No entanto, são comentários esparsos e carecem de sistematização, com exceção daquelas que tratam basicamente do uso, como Castilho (2010), Perini (2010) e Bagno (2011).

Dentre as gramáticas de cunho normativo, observam-se: (i) aquelas que não fazem menção ao IR auxiliar ou à perífrase – Rocha Lima

([1957] 2006) e Faraco e Moura ([1989] 1999); (ii) outras que não tratam desse assunto, mas apresentam exemplos nos quais observa-se a perífrase – Melo ([1968] 1978) e Sacconi ([1985] 1994); (iii) aquelas que apontam o uso da perífrase como coloquial ou da fala – Cegalla ([1964] 1998), Mesquita ([1994] 1997) e Cipro Neto e Infante ([1998] 1999); e, finalmente, (iv) as que reservam um espaço dentro do tema “auxiliares” para tratar do verbo IR – Said Ali ([1921] 1964), Bechara ([1961] 2004), Cunha e Cintra ([1985] 2001) e Luft (2002). De forma geral, observa-se que essas gramáticas buscam inserir a perífrase e também o verbo IR como auxiliar, sem, no entanto, fixar o lugar exato para esses registros.

Esses movimentos nos permitem inferir que a perífrase vem marcando seu espaço há algum tempo, pois a maioria dos gramáticos consultados não deixa de reconhecer, seja nos exemplos apresentados, seja tratando do verbo IR como auxiliar, sua presença na língua. Sabe-se que, o uso, especialmente na fala, antecede largamente o registro escrito, especialmente em compêndios gramaticais. Por outro lado, a inserção pouco sistematizada da perífrase ou do verbo IR como auxiliar nessas gramáticas aponta para a importância de pesquisas que evidenciem padrões referentes ao uso/função e significado dessa construção na língua.

Entre aqueles autores que tratam de descrição baseada no uso, observamos maior detalhamento, especialmente sobre o verbo IR como auxiliar. Castilho (2010) descreve o verbo IR como morfema-vocábulo e situa o uso da perífrase como concorrente da forma tradicional sintética, futuro do presente. Perini (2010) também aponta a presença do auxiliar, marca uma posição para o verbo IR como auxiliar de tempos compostos e observa o desuso da forma tradicional em detrimento da perífrase na função de decodificadora do futuro. Também nessa linha, Bagno (2011) defende a inclusão do verbo IR como auxiliar e da perífrase como um tempo composto, marcando futuramente.

Essas gramáticas de cunho descritivo baseado no uso consideram mais claramente o processo de gramaticalização que o verbo IR vem sofrendo, em sua jornada de verbo pleno a auxiliar. Castilho (2010), no entanto, vai mais longe ao preconizar um outro espaço para o IR, que ocuparia a função de morfema-vocábulo. Essa discussão do autor é espelhada na defesa de IR como auxiliar nos tempos compostos, uma vez que essa categoria é, no português do Brasil, a mais tradicional no que se refere à auxiliaridade. Em outras palavras, não deixa de corresponder à ideia de morfema-vocábulo, defendida por Castilho. Em nossa opinião, falta nesses compêndios uma sistematização de padrões de usos da perífrase como construção que vem ganhando espaço na codificação da futuramente, mesmo que nesses casos seja necessário fazer ressalvas, já que

a forma tradicional ainda ocupa espaço considerável na modalidade escrita.

Consideramos que nossa pesquisa avança, no que concerne à auxiliaridade do verbo IR e da perífrase, já que buscamos estender a análise de modo a abarcar a construção *VOU IR*. Nenhuma das gramáticas observadas aponta essa construção, embora Castilho, como citado anteriormente, não descarte a possibilidade de sua presença, ao chamar o IR de morfema-vocábulo. Em nossas coletas informais, por exemplo, encontramos a construção *VOU IR* em textos escritos, como em:

(14) — Ai, vou voltar para a casa, pois *vou ir* ao salão, quero vir bem bonita. Quer ir comigo, Lindy? – perguntou Kaze, com uma expressão infantil no rosto. (I. Igor, em *Uma noite em Dead Woods*.)²³

(15) — Para onde *vamos ir*, doutor? – indagou o cocheiro, surpreendendo o médico.

— Temos ainda várias visitas. Siga por essa rua mesmo, mas devagar. Quero ver se cochilo, não dormi a noite passada. (Cyro Martins, em *Sem rumo*.)

Observando nosso objeto de estudo e seu maior grau de gramaticalização, IR (presente) + IR, reconhecemos a importância de uma pesquisa que particularize os contextos de uso e funções dessa construção, uma vez que essa forma é encontrada em variados textos orais e escritos, que vão desde o uso informal da *internet*, até um uso mais formal, como o gênero romance, fonte, muitas vezes, de exemplos dos gramáticos.

2.3.3 A perífrase IR (presente) + IR (infinitivo): resultados de uma pesquisa informal

A breve pesquisa aqui relatada foi motivada por uma conversa informal com Odete Menon em 2000²⁴. À época, Menon comentara que, ao perguntar para professores do Ensino Fundamental e Médio do Paraná qual atitude tomar quando o aluno produz *vou ir*, metade dos professores admitiu que se deveria corrigir o aluno, porque esse uso é redundante. Para mim, que sou gaúcha, essa postura parecia não se aplicar a professores/falantes do RS.

²³ Texto retirado da *internet*. Trata-se de publicações de escritores não consagrados. O projeto prevê a circularização de obras vendidas pela *internet*. Ver: <www.biblioteca24horas.com>.

²⁴ Parte do conteúdo dessa conversa aparece em artigo publicado posteriormente (MENON, 2003).

Assim, para saber a atitude deles, conversei, em 2000, com seis professores universitários gaúchos, da área de Letras, sobre as frases “*Vou ir pra Rio Grande no Natal*” e “*Vou ir assistir um filme no shopping*”. Apenas um professor disse que evitava usar *vou ir* e corrigia seus alunos. Mas a justificativa não foi puramente por redundância. Esse professor comentou que já tinha ouvido pessoas dizerem que *gaúcho vai duas vezes* e que não gostaria de alimentar esse preconceito. Os outros professores nem perceberam a construção como estranha. Em resposta à pergunta *O que você corrigiria?*, eles, curiosamente, comentaram sobre a redução fonético-fonológica da preposição *para (pra)* e sobre a regência do verbo *assistir (assistir a, no caso)*.

Em 2001, realizamos essa mesma enquete em duas cidades do Rio Grande do Sul: Rio Grande e a capital, Porto Alegre. Foram escolhidas duas escolas do Ensino Médio público e duas escolas particulares. Em Rio Grande, foram entrevistados 16 professores: 10 de escola pública e 6 de escola particular²⁵. Em Porto Alegre, foram entrevistados 11 professores: 5 de escola pública e 6 de escola particular. Dentre os entrevistados havia professores de português, mas, para amenizar a eventual antipatia e resistência dos professores às perguntas a eles dirigidas, não foram identificados quanto à área de atuação.

Do total de 27 professores, 13 deles (48%) corrigiram só o uso de *para (pra)* e da regência do verbo *assistir*; 9 professores (33%) corrigiram também a construção *vou ir assistir* e os 5 restantes (19%) corrigiram, além da regência do verbo e de *para (pra)*, a expressão *vou ir*. Para 4 deles, a ideia é de que há redundância e uma professora declarou que aceita o uso dessa expressão na fala cotidiana, mas, como as gramáticas não registram o uso do verbo IR como auxiliar de futuro, então ela corrige os alunos nos textos escritos e em sala de aula. Note-se que cerca da metade dos professores entrevistados não corrigiria as formas *vou ir assistir* e/ou *vou ir*.

Entrevistamos também três turmas de alunos em cada escola visitada para contatar os professores, entre a 5ª e a 7ª série (atualmente 6º e 8º ano), do Ensino Fundamental, assim distribuídos:

²⁵ Os professores nem sempre estão à vontade para responder perguntas de pós-graduandos. Primeiro porque a carga horária é puxada e muitos trabalham três turnos distribuídos em várias escolas; e segundo porque ainda existe, e provavelmente seja verdade, o boato de que vamos até a escola para criticar o ensino dado e pouco fazemos em termos de dar um retorno pedagógico acerca do que pesquisamos.

	Rio Grande	Porto Alegre	Total
Escola pública	76	83	159
Escola particular	79	88	167

Quadro 1: Distribuição dos alunos nas escolas entrevistadas

A entrevista com os alunos foi mais rica. A frase “Vou ir assistir um filme no shopping” foi colocada no quadro e os alunos deveriam responder sobre o que consideravam errado na frase, dizendo porque estava errado. Cada aluno respondia por escrito em uma folha de papel almaço previamente distribuída. Depois que a turma terminava, nós conversávamos sobre o assunto. Os resultados do que os alunos respondiam foram computados, tabela 01²⁶. Muitos alunos não identificaram a expressão *vou ir assistir*. Outros, apesar de sublinhar ou circular essa expressão, não apresentavam alternativa para ela.

Tabela 1: Atitude dos alunos quanto ao uso de *VOU IR*

	Não identificaram	Identificaram	Corrigiram
Escola pública	127 (53%)	23 (36%)	9 (43%)
Escola particular	114 (47%)	41 (64%)	12 (57%)
Total	241 (100%)	64 (100%)	21 (100%)

Questionados sobre a correção que fizeram, os jovens, na sua maioria, responderam que *VOU IR* é errado porque é *ir duas vezes*, mas o mais interessante é que alguns alunos que não corrigiram levantaram a voz em favor da construção, afirmando que o primeiro verbo *IR* não era *ir de caminhar*, mas apenas uma marca que indicava o futuro, a intenção do falante em viajar ou assistir ao filme. Outro dado interessante é que muitos alunos corrigiram a regência do verbo *assistir*. Essa atitude mostra que os alunos estavam atentos ao que tinha sido solicitado e que possuem uma consciência do que é considerado gramaticalmente incorreto ou inadequado na modalidade escrita da língua. Aqueles alunos que propuseram uma alternativa para a expressão *vou ir assistir* ficaram divididos em dois grupos: 16 trocaram a expressão por *vou assistir* e 5 usaram o verbo *assistir* no futuro do presente. Esses resultados, embora não tenham o caráter de teste de atitude estruturado, são indícios de que a

²⁶ Não apresentamos a diferença entre as cidades porque, no total, os alunos de Rio Grande corrigiram menos de 10% (9,4% para ser mais exato) do que fizeram os de Porto Alegre.

reanálise do verbo IR pleno em auxiliar de futuro tem certa consistência no Rio Grande do Sul.

Ainda em 2001, replicamos a pesquisa com alunos e professores de duas escolas em Florianópolis. Entrevistamos 13 professores e 79 alunos da 7ª série (8º ano), distribuídos em três turmas, da rede pública. Todos os professores entrevistados de Florianópolis identificaram a expressão como “problemática ou errada” (palavras usadas por eles: “Ah, vou ir é errado. Errado, não, mas problemático”) e muitos deles comentaram que era *fala de gaúcho*. Um professor de História relatou que já tinha identificado a construção em textos escritos e corrigiu por acreditar que a construção é muito informal para o texto escrito acadêmico (mas não errada!). Os demais professores foram unânimes em dizer que corrigiriam, mesmo na fala.

Entre os 79 alunos do 8º ano, 54 alunos (68%) identificaram e corrigiram a expressão *vou ir*, dizendo que não usam essa forma, mas 23 alunos (29%), embora tenham identificado, não corrigiram a construção porque a consideram *normal*, apenas 2 alunos (3%) não apontaram *vou ir* como forma errada nas frases. No debate após o teste, alguns alunos se mostraram a favor do uso da expressão argumentando que é possível dizer *vou indo*, com o mesmo sentido de futuridade; e ainda: “Se podemos dizer *vou fazer*, porque não podemos dizer *vou ir*?”

Mesmo admitindo que a gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo como forma de expressão do “tempo futuro” não está completada em Florianópolis, é possível supor um certo avanço, pelo menos quanto à questão da estigmatização da construção entre os alunos adolescentes; e certamente podemos afirmar o *status* de auxiliar de IR, pois tanto entre os alunos quanto entre os professores há relativa aceitação do uso da forma perifrástica para se referir ao futuro. Os professores, entretanto, relutam em aceitar o uso da forma perifrástica em textos acadêmicos.

O resultado dessa pesquisa, embora rápida e metodologicamente descompromissada, é uma de nossas justificativas para continuar investindo nesse tema, desta vez contemplando um *corpus* do Rio Grande do Sul, região onde a perífrase parece ser mais usada e mais bem aceita. Como dito na Introdução, a observação de *vou ir*, e demais construções como *vai(s) ir*, *vamos ir* e *vão ir*, em contextos variados no RS, configura um quadro de pesquisa que pode vir a mostrar avanços na gramaticalização de IR como verbo auxiliar e da perífrase IR (presente) + infinitivo como forma codificadora de futuridade.

2.4 PESQUISAS REALIZADAS SOBRE A PERÍFRASE IR (PRESENTE) + INFINITIVO NO BRASIL

As peculiaridades do domínio funcional do futuro e a presença inovadora da perífrase IR (presente) + infinitivo para codificar a futuridade, vencendo etapas e mostrando-se como forma preferida em contextos de fala, afastando a forma sintética do futuro do presente, motivaram (e ainda motivam) inúmeras pesquisas, especialmente focalizando a variação entre as formas concorrentes nesse domínio, que buscam explicações de ordem linguística e extralinguística para o fenômeno.

Nesta seção, vamos detalhar algumas delas, que trazem resultados mais relevantes a esta investigação, mostrando o objetivo de cada pesquisador e as conclusões a que chegaram. Para realizar essa tarefa, vamos apresentar os trabalhos em ordem cronológica. Ao final, procuramos agrupá-los de acordo com características mais recorrentes: *corpus* diacrônico/sincrônico, língua falada/escrita, formalidade/informalidade e conclusões sobre a gramaticalização de IR e/ou da perífrase IR (presente) + infinitivo²⁷. São apresentados resultados dos seguintes estudos: A. Santos (1997), J. Santos (2000), Gibbon (2000), Nunes (2003), Oliveira (2006), Bragança (2008), Malvar e Poplack (2008), Fonseca (2010), Silva (2010), Strogenski (2010), Tesch (2011) e ainda Gibbon (s/d).

O primeiro trabalho a ser apresentado é de Adriana Santos. Santos (1997), na dissertação *O futuro verbal no português do Brasil em variação*, verificou a variação de quatro formas verbais para expressar a futuridade na língua portuguesa: o futuro simples (*viajarei*), o futuro perifrástico (*vou viajar*), o futuro simples perifrástico (*irei viajar*) e o presente do indicativo (*viajo*). O *corpus* analisado foi retirado da língua escrita – periódicos do Diário do Congresso Nacional e da revista semanal *IstoÉ*. A autora encontrou, no total dos dois *corpora*, 73% de futuro do presente (758 dados) e 22% de forma perifrástica (233 dados) – os outros 5% foram distribuídos entre futuro simples perifrástico (*irei fazer*) e

²⁷ Procuramos manter a nomenclatura utilizada por cada pesquisador, entretanto, uma vez que são muitos trabalhos, e os nomes dados, principalmente para as formas, é variado, optamos por, quando os termos usados ficavam muito diferenciados, substituí-los por nomes mais simples. Por exemplo: o futuro do presente é comumente chamado de forma sintética ou futuro simples. A perífrase IR (presente) + infinitivo é chamada de forma perifrástica ou futuro perifrástico. As demais formas, quando necessário, foram apresentadas com exemplo.

presente do indicativo. A análise apontou a influência das variáveis: paralelismo (futuro do presente levou a futuro do presente), tipo de texto redigido/transcrito (o texto redigido influenciou o futuro do presente, enquanto o texto transcrito influenciou a forma perifrástica), fonte do dado (a revista *IstoÉ* influenciou o futuro do presente), pessoa do verbo (a primeira pessoa influenciou a forma perifrástica enquanto as demais pessoas influenciaram o futuro do presente), número de sílabas (os verbos com mais de uma sílaba influenciaram a forma perifrástica).

A forma do presente, que, segundo Santos (1997), nem sempre é possível para indicar futuro, apresenta como fator principal desencadeador do seu uso o semantema do verbo de movimento. O futuro simples perifrástico manifestou-se apenas como atenuador da informalidade da outra forma perifrástica.

A amostra da pesquisadora tem caráter formal, pois se trata de discursos, apartes nos discursos dos parlamentares e diálogos entre a Mesa do Congresso e parlamentares nos periódicos do Diário do Congresso Nacional. Da mesma forma, a revista *IstoÉ* constitui-se de textos escritos voltados para uma parcela social especializada. Segundo a autora, esse contexto formal das amostras favoreceu a forma do futuro simples.

Outra pesquisadora, Josete Santos, também analisou as formas variantes de futuro na dissertação *A variação entre as formas de futuro no português formal e informal falado no Rio de Janeiro* (SANTOS, 2000). O trabalho trata de três formas de futuro: futuro sintético (*sairei*), forma perifrástica (*vou sair*) e presente do indicativo (*saio*) e, como consta no título, seu *corpus* foi de língua falada: entrevistas da Rádio JB (amostra formal) e entrevistas do *corpus* Gryner (amostra informal), ambas da década de 1980. O *corpus* Gryner (cf. GRYNER, 2009) é constituído por trechos discursivos produzidos por 16 informantes cariocas, regularmente distribuídos de acordo com o gênero (8 homens e 8 mulheres), o nível de escolaridade (8 universitários e 8 que não completaram o primário) e a faixa etária (8 entre 15 e 24 anos e 8 acima de 35 anos). Este *corpus* foi obtido em entrevistas de uma amostra construída por Gryner entre 1980 e 1982, a qual se encontra disponível em versão informatizada no banco de dados do PEUL/UFRJ²⁸.

Santos (2000) encontrou 941 ocorrências de futuro na amostra formal, distribuídas do seguinte modo: 278 dados (29%) de futuro sintético, 280 (30%) de forma perifrástica e 383 (41%) de presente do

²⁸ Para maiores detalhes, consultar o *site*:
< <http://www.lettras.ufrj.br/peul/index.html> >.

indicativo. Na amostra informal foram encontradas 871 ocorrências: 54 (6%) de futuro sintético, 486 (56%) de forma perifrástica e 331 (38%) de presente do indicativo.

Os grupos de fatores relevantes para a amostra formal foram: verbos modais, paralelismo discursivo e predicação verbal. Os fatores ausência de verbo modal, verbo precedido de perífrase e voz passiva influenciaram a forma perifrástica. Quanto à amostra informal, os grupos de fatores estatisticamente selecionados foram: verbos modais, paralelismo discursivo e animacidade do sujeito. A perífrase ocorreu com os fatores ausência de verbo modal, verbo precedido de perífrase e sujeito animado.

Santos (2000) afirma que a forma perifrástica está ocupando o espaço do futuro do presente na fala carioca e, sobre a trajetória de gramaticalização da perífrase, a autora acredita que ela iniciou-se a partir do emprego do presente nas apódoses condicionais da fala informal. A perífrase apresenta-se em três estágios: presente codificando movimento no tempo e no espaço, auxiliar modal e futuro. A pesquisadora ainda comenta que IR (presente) + IR (principal) (*vou ir*) é uma possibilidade que existe, “mas ainda é pouco frequente, o que sugere ter o auxiliar IR preservado algum valor semântico de locomoção contido em sua origem lexical.” (SANTOS, 2000, p. 110); e ainda acrescenta “[...] mas está deixando de ser um verbo auxiliar para tornar-se um morfema gramatical de futuro”.

Em nossa dissertação de mestrado (GIBBON, 2000), *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*, tratamos da variação entre as formas futuro do presente, presente do indicativo e perífrase IR (presente) + infinitivo. Os dados que foram usados para a realização da pesquisa são parte integrante de um dos *corpora* do Banco de dados do núcleo de pesquisa Varsul (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), coletados na década de 1990. O núcleo Varsul envolve quatro universidades do Sul do país (UFSC, UFPR, UFRGS e PUC - RS) e tem como objetivo investigar e descrever fenômenos de variação e mudança nas comunidades do Sul. Nosso *corpus* compõe-se de trinta e seis entrevistas realizadas no município de Florianópolis com informantes da área urbana, distribuídos de forma homogênea em relação às variáveis sexo, idade e escolaridade.

Os resultados obtidos para cada variante isolada foram: futuro do presente, 10 dados (1%); presente do indicativo, 280 dados (38%) e perífrase IR (presente) + infinitivo, 453 dados (61%). Devido ao número pouco expressivo da forma de futuro do presente, passamos a tratar com uma variável binária – perífrase vs. presente do indicativo. Os grupos de

fatores estatisticamente relevantes foram: número de sílabas do verbo principal, tipo de auxiliar, tempo/modo da oração vinculada ao dado, paralelismo formal, tipo semântico do verbo principal, ponto de referência, pessoa do discurso e idade.

Tendo sido a única variável social selecionada, a idade mostrou que os mais jovens parecem estar acelerando um processo de mudança, intensificando o uso da perífrase como forma para codificar a futuridade, e os indivíduos de meia idade contribuem para essa mudança. Os mais velhos é que mostraram uma certa resistência quanto ao emprego da forma inovadora.

Quanto aos demais grupos de fatores, observou-se que os fatores modo subjuntivo, especialmente no ambiente das condicionais, verbo principal de movimento, tempo futuro do futuro, terceira pessoa do discurso e modalidade epistêmica associada ao auxiliar *poder* condicionam significativamente a escolha do presente do indicativo. Por outro lado, os fatores: modo indicativo, verbo principal de estado, tempo futuro do presente, pessoa dos interlocutores e modalidade deôntica agregada ao auxiliar *querer*, condicionam de modo significativo a seleção da perífrase. Observa-se que a maioria dos fatores que condicionam o presente do indicativo apresentam um traço de futuridade no enunciado. Assim, uma vez estabelecido o contexto de futuridade, o presente do indicativo é favorecido, sem risco de perda da interpretação de futuridade. Uma de nossas conclusões foi a leitura funcional dos resultados: o futuro é instaurado pelo contexto semântico-discursivo, o que libera a forma verbal deste papel temporal.

A pesquisa de Rosane Nunes, intitulada *Evolução cíclica do Futuro do Presente do latim ao português* (2003), envolve um estudo diacrônico e outro sincrônico. Na diacronia traz uma extensa perspectiva histórica da formação do futuro do presente que abrange desde o Latim Clássico até o Português Moderno. A autora conclui que a forma sintética teve um enorme apoio dos eruditos e reconhecimento dos gramáticos, enquanto a forma analítica surgiu de manifestações linguísticas populares e foi, num primeiro momento, repudiada pela norma culta da língua. Essa etapa da pesquisa não esteve baseada em *corpus*. Os dados mostrados foram ilustrativos e provinham dos textos teóricos/históricos consultados.

O *corpus* sincrônico teve como amostra o “Banco de Dados Sociolinguísticos da fronteira e da campanha sul-rio-grandense” (BDS Pampa)²⁹, particularmente 24 informantes da cidade de Pelotas. O BDS Pampa foi criado em 1998 e detém um *corpus* que abrange as regiões do

²⁹ Para maiores informações, ver: Borges (2004) e Amaral (2003).

alto Uruguai e das Missões, a região da Campanha – Pampa gaúcho e Serra do sudeste e a região litoral. A metodologia usada para a coleta dos dados é a entrevista sociolinguística e os informantes são estratificados em três variáveis sociais: sexo (masculino e feminino), dois graus de escolaridade (E1, que corresponde de analfabetos à 5ª série do Ensino Fundamental e E2, a partir do 1º ano do Ensino Médio) e três faixas etárias (A -16 a 25 anos, B- 26 a 49 anos e C- mais de 50 anos).

Como o objetivo da pesquisadora era a perspectiva histórica do “tempo futuro”, a análise sincrônica limitou-se a constatar a variação entre as formas sintética (futuro do presente) e analítica (perífrase IR (presente) + infinitivo) e apenas as variáveis sociais foram levadas em conta. Foram encontrados 654 dados, distribuídos entre 33 dados (5%) de futuro do presente e 621 (95%) de perífrase IR (presente) + infinitivo. As variáveis escolaridade (E1, .51 e E2 .49) e sexo (M, .49 e F .50) praticamente não apresentaram diferenças. A variável faixa etária C favoreceu levemente a perífrase (.61), ainda que os resultados estejam, novamente, muito próximos (A, .43 e B, .51). Para a autora, os resultados da variável faixa etária mostram que o uso da forma perifrástica é plenamente dominante em todas as idades (cf. p. 83).

A autora considera a perífrase IR (presente) + infinitivo como estigmatizada, por ela não fazer parte do conjunto de normas que regem a língua, já que, segundo Nunes (2003, p. 91), nenhum gramático se detém a mostrá-la como forma para codificar o “tempo futuro” no PB.

O trabalho de Josane Moreira de Oliveira (2006), *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*, é bastante complexo, do ponto de vista da amostra. A autora analisou duas amostras, uma diacrônica e outra sincrônica. De acordo com o próprio título da tese de Oliveira, trata-se de uma pesquisa variacionista, na qual a autora utilizou *corpora* de fala e escrita. Por outro lado, o estudo de Oliveira (2006) também trata de uma análise funcionalista e “pretende mostrar o processo de auxiliarização do verbo ir na formação do futuro perifrástico com o infinitivo” (p. 17).

A amostra diacrônica compõe-se de documentos de prosa medieval, cartas e documentos oficiais, como testamento e obras legislativas. Foram coletados textos do século XIII ao XIX e a análise abrange apenas a frequência das formas. Os dados do século XX foram retirados de editais de jornais. A autora dá um tratamento variacionista aos dados, na amostra sincrônica. As formas encontradas foram: futuro simples (1.873 dados), haver de + infinitivo (278), ir + infinitivo (53 dados) e presente (34 dados). Abaixo, reproduzimos a tabela formulada pela autora:

Tabela 02: Distribuição das variantes de futuro na língua escrita por séculos – Oliveira (2006)

VARIANTES	SÉCULOS							
	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
Futuro simples	18 54,5%	433 91,9%	65 81,3%	681 87,4%	358 74,4%	105 83,3%	91 85,8%	122 75,3%
Haver de + infinitivo	15 45,5%	31 6,6%	12 15%	90 11,6%	108 22,5%	13 10,3%	6 5,8%	3 1,9%
Ir + infinitivo	-	6 1,3%	1 1,2%	3 0,4%	4 0,8%	5 4%	8 7,5%	26 16%
Presente	-	1 0,2%	2 2,5%	5 0,6%	11 2,3%	3 2,4%	1 0,9%	11 6,8%
Total	33	471	80	779	481	126	106	162

Fonte: Oliveira (2006, p. 92)

A tabela 02 apresenta um crescimento da perífrase IR (presente) + infinitivo, especialmente a partir do século XVIII, embora ainda pequeno, se comparado com o uso do futuro simples. Por outro lado, ela aponta para o desuso gradativo de haver de + infinitivo e a pouca expressão do presente nos contextos de futuridade. De modo geral, parece que a concorrência maior, do século XIII ao XVIII, se dá entre o futuro simples e haver de + infinitivo; e a partir do século XIX, entre o futuro simples e a perífrase IR (presente) + infinitivo.

Oliveira (2006, p. 18) aponta três hipóteses relevantes: a) há uma preferência pelo uso da forma perifrástica composta pelo verbo *ir* no presente + verbo principal no infinitivo (uma mudança em andamento); b) o verbo *ir* vem sofrendo um processo de gramaticalização, passando de verbo pleno a verbo auxiliar de futuro, como acontece(u) com os verbos *to go* e *aller*, respectivamente, no inglês e no francês; c) a implementação da(s) forma(s) perifrástica(s) parece comprovar que o futuro expressa muito mais modalidade do que tempo verbal.

Para a amostra diacrônica, a autora propôs seis variantes: (1) futuro simples (*farei*); (2) perífrase com *haver de* no presente³⁰ (*hei de fazer*); (3) perífrase com *haver de* no futuro (*haverei de fazer*); (4) perífrase com *ir* no presente (*vou fazer*); (5) perífrase com *ir* no futuro (*irei fazer*); e (6) presente (*faço amanhã*) (p.91, os exemplos entre

³⁰ No primeiro momento da descrição das pesquisas, vamos manter a nomenclatura usada pelas autoras, colocando exemplos entre parênteses para facilitar a compreensão do leitor. Após, trataremos as formas correlatas com a nomenclatura usada neste trabalho.

parênteses são nossos). No entanto, as ocorrências de haver de + infinitivo e perífrase IR (presente) + infinitivo no futuro foram muito baixas (haver de + infinitivo 2 no total: 1 no séc. XIV e 1 no séc. XX; perífrase IR (presente) + infinitivo: 8 no total: 1 no séc. XIV, 1 no séc. XV, 1 no séc. XVII, 1 no séc. XVIII, 1 no séc. XIX e 3 no séc. XX) e a autora optou por computá-las juntamente com as formas haver de + infinitivo e perífrase IR (presente) + infinitivo no presente. A amostra diacrônica de Oliveira (2006) foi analisada sob o foco qualitativo, apresentando apenas os resultados finais de cada forma por século, sem tratar do fenômeno do ponto de vista da análise variacionista quantitativa.

Para concluir, Oliveira (2006) constata que a estrutura embrionária que deu origem à perífrase IR (presente) + infinitivo surge no século XIV, iniciando o processo de gramaticalização do verbo IR como indicador de futuro no século XVI, quando a construção passa a ser reanalisada como construção de futuro. A forma ganha espaço no sistema linguístico no século XIX e, no século XX, supera as outras variantes estudadas. Para a autora, o futuro do presente é a forma mais utilizada desde o século XIII e sua maior concorrente é haver de + (infinitivo) até o século XIX. As formas haver de + infinitivo e IR (presente) + infinitivo encontram-se em disputa no século XVII e, somente no século XX, a perífrase IR (presente) + infinitivo passa a ocupar o lugar de maior concorrente do futuro do presente. O presente do indicativo é, conforme a autora, uma forma à margem da concorrência entre as variantes, pois se restringe a contextos bastante específicos e seus índices de uso são mais ou menos estáveis ao longo dos séculos (cf. OLIVEIRA, 2006, p. 193 e 194).

A autora relata que no século XIV, no documento *Flos Sanctorum*, surgem os primeiros dados da perífrase IR (presente) + infinitivo (cf. TABELA 02). O primeiro exemplo, no qual o verbo IR está no futuro do presente, apresenta-se entre a forma haver de + infinitivo e futuro do presente o que, segundo a autora, mostra a ideia de futuridade comum a essas três variantes:

(16) Prazi-ti de morar em este logar ou, se nõ, se há em ta terra tâboologar como este, eu me *yreycontigo morar* alá. (OLIVEIRA, 2006, p. 93)

(17) El respondeu:

– *Vou morar* com os frades que vivem em este outro ermo que está so este outro ermo em que tu moras. (OLIVEIRA, 2006, p. 94)

Ainda segundo a autora, observa-se nas ocorrências acima as ideias de movimento (dada pelo verbo IR) e de intenção, objetivo (dada pelo infinitivo) ao lado da ideia de futuridade.

O *corpus* sincrônico examinado por Oliveira (2006) compõe-se de amostras de língua falada e escrita. A língua falada possui duas amostras – década de 1970 (Salvador e Rio de Janeiro) e década de 1990 (Salvador e Rio de Janeiro) e foi composta pelo Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro)³¹. Para a amostra de 1970, a autora dispôs de dois tipos de textos orais: elocuições formais (EFs) e diálogos entre informantes e documentador (DIDs), que apresentam uma fala menos monitorada (cf. OLIVEIRA, 2006, p. 106). A amostra de 1990 apresenta apenas os textos menos formais (DIDs), pois o projeto NURC não refez as elocuições formais nos anos 90. A amostra de língua escrita trata-se de editoriais de dois jornais, um de Salvador e outro do Rio de Janeiro.

A amostra de língua falada, década de 1970, apresentou as formas do futuro do presente (25 dados, 11%), perífrase IR (presente) + infinitivo (164 dados, 73%) e presente do indicativo (37 dados, 16%). A perífrase foi influenciada pelos os grupos de fatores: extensão fonológica do verbo (maior número de sílabas), papel temático do sujeito (sujeito agente), paralelismo sintático-discursivo (ocorrência isolada), projeção da futuridade (futuro próximo) e procedência geográfica do informante (Rio de Janeiro, já que, segundo a autora, Salvador é mais “conservadora”) (OLIVEIRA, 2006, p. 152).

Na década de 1990, a autora encontrou: futuro do presente (5 dados, 3%), perífrase IR (presente) + infinitivo (137 dados, 82%) e presente do indicativo (25 dados, 15%). A perífrase é influenciada por extensão fonológica do verbo (maior número de sílabas), papel temático do sujeito (a perífrase alcança outros contextos, como o sujeito experienciador e paciente), paralelismo sintático-discursivo (não apenas a ocorrência isolada, mas também quando o verbo é precedido de futuro do presente, o que permite a autora concluir que não há mais condicionamento desse grupo), projeção da futuridade (novamente, a perífrase avança em outros contextos, pois também o futuro distante seleciona a perífrase).

³¹ Para maiores informações sobre o Projeto NURC do Rio de Janeiro, consultar, na internet:

<<http://www.lettas.ufrj.br/nurc-rj/>>, sobre o projeto na cidade de Salvador, consultar:

<<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibNurc>>.

A amostra de língua escrita, composta por editoriais de jornais de Salvador e do Rio de Janeiro, apresenta 71 (91%) dados para o futuro do presente e 7 (9%) para a perífrase, na década de 1970. A década de 1990 mostra um pequeno crescimento da perífrase: 19 dados (27%), em relação ao futuro do presente, 51 dados (73%). Nessa amostra, na década de 1970, a perífrase foi influenciada pelos seguintes grupos: paradigma verbal (verbos regulares), natureza semântica do verbo (verbos que indicam processo) e papel temático do sujeito (sujeito agente). Na década de 1990, os grupos de fatores que condicionam o uso da perífrase se mantêm: paradigma verbal (verbos regulares, mas a autora aponta aumento percentual nos verbos irregulares), natureza semântica do verbo (os verbos cognitivos também influenciam a perífrase, mas os verbos de estado ainda inibem essa forma) e papel temático do sujeito (o sujeito experienciador também está selecionando cada vez mais a perífrase).

Resumindo, a amostra diacrônica revela que a variante mais utilizada é o futuro simples. Até o século XVIII a sua maior concorrente foi a forma haver de + infinitivo. No século XX, a disputa mais evidente se dá entre o futuro simples e a perífrase ir (presente) + infinitivo. A amostra sincrônica revela uma inversão parcial entre as formas concorrentes, pois o futuro simples predomina na escrita de jornais e a perífrase ir (presente) + infinitivo predomina na fala (NURC). A autora ressalta, entretanto, que a perífrase tem apresentado “um certo espraiamento por novos contextos” (OLIVEIRA, 2006, p. 194). A pesquisadora ainda aponta a estrutura embrionária da perífrase no século XIV, em dados em que o verbo IR apresenta-se como auxiliar de futuro.

Marcela Bragança (2008), na dissertação *A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba*, analisou dados de fala e escrita e considerou as formas IR (presente) + infinitivo (*vou fazer*), IR (futuro) + infinitivo (*irei fazer*) e futuro sintético (*farei*). A modalidade oral foi contemplada com um *corpus* de entrevistas com informantes universitários, do projeto “O português falado na cidade de Vitória” (PortVix) desenvolvido na Universidade Federal do Espírito Santo. O projeto, de orientação variacionista, é composto por 46 entrevistas, distribuídas entre quatro faixas etárias (de 7 a 14 anos, de 26 a 49 anos e de 50 anos em diante), sexo (masculino e feminino) e três níveis de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior)³².

A autora selecionou as entrevistas relativas aos informantes universitários, totalizando 12 entrevistas com informantes entre 15 e mais

³² Para maiores informações sobre o PortVix, ver Yacovenco *et al.* (2012).

de 50 anos e dos dois sexos. A modalidade escrita apresentou um *corpus* de editoriais do jornal *A Gazeta*, tradicional jornal do Estado do Espírito Santo. Bragança (2008, p. 83) salienta que a pesquisa organiza-se em torno de polos do contínuo fala/escrita: na fala observa-se informantes universitários em contextos orais informais e na escrita, encontra-se o contexto formal expresso pelos editoriais. As hipóteses salientam que as ações normatizadoras da escola não bloqueiam a forma perifrástica (*vou fazer*), uma vez que não parece haver estigma sobre essa forma e isso faz com que se implemente na língua portuguesa, começando pela oralidade até atingir os contextos mais formais da escrita. (cf. p. 84).

Os resultados da pesquisadora apontam para, na modalidade oral: perífrase IR (presente) + infinitivo (350 dados, 98,5%), futuro sintético (4 dados, 1,2%) e IR (futuro) + infinitivo (1 dado, 0,38%). E na modalidade escrita: futuro sintético (622 dados, 75,21%), IR (futuro) + infinitivo (124 dados, 15%) e perífrase IR (presente) + infinitivo (81 dados, 9,79%).

Na modalidade escrita, os grupos de fatores que influenciaram a ocorrência do futuro sintético foram o paradigma verbal – verbos irregulares –, e a marca da futuridade fora do verbo – quando não há marcas temporais explícitas, o futuro sintético prevalece em detrimento das outras formas. Para a modalidade oral, a perífrase IR (presente) + infinitivo foi influenciada pelo paradigma verbal – verbos regulares –, e pelo paralelismo.

A autora conclui que a motivação discursiva para a escolha entre as formas pode estar relacionada com aspectos textuais, como a formalidade do texto. Gêneros formais preferem a forma mais tradicional, talvez porque o futuro sintético dê um tom mais solene e impessoal ao texto jornalístico. Por outro lado, o gênero mais oral e informal, no qual a atitude do falante ganha relevância, dá preferência pela forma inovadora, a perífrase IR (presente) + infinitivo. Para Bragança, a pesquisa confirma a gramaticalização de IR para expressar futuridade e a perífrase como concorrente do futuro sintético, pois, apesar de poucas ocorrências, percebe-se que a perífrase atinge também o contexto dos gêneros mais formais.

Elisabete Malvar e Shana Poplack (2008), em um artigo intitulado *O presente e o passado do futuro no português do Brasil*, analisaram as formas futuro do presente, perífrase com *Haver* (*hei de fazer*), presente do indicativo e perífrase com IR (*vou fazer*) em um *corpus* diacrônico (formado por comédias, farsas e sátiras) e um *corpus* de língua falada de residentes urbanos da classe trabalhadora de Brasília (DF). A tabela abaixo apresenta os resultados gerais da pesquisa:

Tabela 3: Distribuição das variantes de futuro por séculos – Malvar e Poplack (2008)

	Futuro	Perífrase com <i>haver</i>	Presente	Perífrase com <i>ir</i>	Total
Século	N/%	N/%	N/%	N/%	
XVI	198/66	91/30	10/3	3/1	302
XVIII	169/57	103/35	19/6	5/2	296
XIX	276/53	104/20	66/13	72/14	518
XX Peças	46/9	5/1	93/18	384/73	528
Fala	4/1	---	104/14	613/85	721
Total	693/30	303/13	292/12	1.077/45	2.365

Fonte: Malvar e Poplack, 2008, p. 191.

As autoras propuseram 13 grupos de fatores³³ que foram analisados nas duas amostras – fala e escrita. Os resultados apontam para apenas um fator que não se mostra relevante nas duas amostras, no que tange à soberania de IR (presente) + infinitivo: a presença do verbo IR pleno como principal na perífrase (*vou ir*). Em outras palavras, Malvar e Poplack (2008) apontam que a perífrase com IR vai tomando os contextos das formas mais antigas até tornar-se a variante *default*, com exceção dos fortes contextos de apropriação da forma presente do indicativo – contextos dados como incertos (contingentes), especificação adverbial e verbo principal IR; e a mudança não ocorre de forma abrupta, ou seja, “se procede como uma série de ajustes, que ocorrem à medida que as variantes, que estão entrando ou abandonando o contexto variável, disputam seu espaço no sistema” (MALVAR; POPLACK, 2008, p. 201).

O trabalho de Ana Maria Fonseca (2010), intitulado *A perífrase IR+INFINITIVO e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*, trata da formação da perífrase e sua multifuncionalidade na variedade falada no interior do Estado de São Paulo. As amostras de fala integram o banco de dados Iboruna.

O projeto Iboruna (que em Tupi-guarani quer dizer Rio Preto) é composto de dois tipos de amostras de fala: amostra Comunidade (AC), que reúne 152 amostras de fala controladas sociolinguisticamente (cf. LABOV, 1972 e VOTRE; OLIVEIRA, 1995) e amostra de Interação Dialógica (AI), coletada secretamente em situações livres de interação

³³ Para maiores detalhes sobre os grupos de fatores, remeto o leitor ao artigo, uma vez que a descrição desses grupos ficaria demasiadamente extensa e, na conclusão das autoras, parecem apontar para um resultado bastante parecido para as duas amostras.

social (cf. RONCARATI, 1996)³⁴. Esse projeto faz parte do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) e foi coletado em sete municípios Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiгуá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto, entre 2002 e 2003. Para a sua pesquisa, a autora selecionou o primeiro tipo de amostra – AC. Essa amostra apresenta-se estratificada nas seguintes variáveis sociais: sexo/gênero, faixa etária, nível de escolaridade e renda.

Sob o enfoque funcional, a autora concluiu que a perífrase expressa futuridade e também funções aspectuais, modais e de marcador discursivo, decorrentes de diferentes estágios de sua gramaticalização. A partir das funções identificadas, a autora relacionou os graus de gramaticalidade da perífrase com a escala universal de gramaticalização das categorias verbais flexionais do complexo TAM (Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade), confirmando a hipótese de que a escala de gramaticalização da perífrase obedece à ordem “universal” dos morfemas verbais flexionais, segundo a frequência, como postulado em Bybee (1985/2003): função aspectual > função modal > função temporal. Observe-se que, para a realização dessa análise, a autora usou tanto as ocorrências da perífrase que marcam futuro do presente, quanto as de futuro do pretérito.

Sob o enfoque da Sociolinguística, Fonseca organizou duas variáveis: uma correspondente ao futuro do presente (perífrase IR (presente) + infinitivo e futuro do presente), e outra correspondendo ao futuro do pretérito (IR (pretérito imperfeito) + infinitivo e futuro do pretérito). A expressão de futuro do pretérito na forma analítica é condicionada pelos seguintes fatores: estatuto sintático da oração (orações subordinadas), paradigma verbal do verbo principal (verbos regulares), tipo de estado de coisas (estado), tipo de texto (narrativo) e idade do informante (faixa etária mais jovem).

Quanto aos dados referentes ao futuro do presente, apresentaram-se da seguinte forma: perífrase IR (presente) + infinitivo (541 dados, 97,5%) e futuro sintético (14 dados, 2,5%). Conforme podemos observar, a falta de dados do futuro do presente impossibilitou a autora de realizar um tratamento variacionista. Para Fonseca (2010, p. 150), a variante *default* na codificação do futuro é a perífrase IR (presente) + infinitivo. A autora efetuou uma análise qualitativa dos 14 dados do futuro do presente, indicando que essa forma está ocorrendo em: discurso bíblico (6 dados), presença de verbos monossilábicos, como *ter* e *ser* (5 dados) – Fonseca

³⁴ Para maiores detalhes, consultar:

<<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/interna.php?Link=corpo.php&corpo=8>>

acredita, como muitos dos trabalhos resenhados nesta seção também apontaram, que o número de sílabas, nesse caso, uma sílaba, dá preferência ao futuro do presente – e gerundismo (*estaremos indo*) (3 dados).

Em 2010, Rita do Carmo Silva realizou um estudo diacrônico sobre a variação do “tempo futuro”, intitulado *A representação do tempo futuro em textos escritos: análise em tempo real e em tempo real de curta duração*. O trabalho organizou-se em torno de duas análises: uma em tempo real (período de dois séculos) e outra em tempo real de curta duração (50 anos). A primeira teve como amostra 46 romances brasileiros escritos entre o século XVIII e a última década do século XX. A segunda análise teve como *corpus* as revistas *Pato Donald*, desde a edição número 1, publicada no Brasil em 1950, até a de número 2.032, de outubro de 2004, em um recorte feito de dez em dez anos. A autora trabalhou com as seguintes variantes: futuro sintético (*farei*), presente do indicativo (*faço amanhã*), haver de + infinitivo (*hei de fazer*) e perífrases IR + infinitivo (*vou fazer*), IR (futuro) + infinitivo (*irei fazer*) e IR (presente) + infinitivo + infinitivo (*vou poder fazer*).

A análise em tempo real de curta duração (revista *Pato Donald*) mostrou que gradualmente o futuro sintético (1.652 dados, 40,44%) vai cedendo lugar para as perífrases (2.338 dados, 57,24%) – dentre essas, a perífrase IR (presente) + infinitivo alcançou um total de 2.112 (90%). As formas do presente do indicativo (92 dados) e haver de + infinitivo (4 dados) apresentaram os seguintes percentuais, respectivamente: 2,25% e 0,07%. Os fatores que favorecem a forma do futuro sintético nessa amostra foram: textos mais antigos, futuro distante, advérbios de dúvida e negação, verbos monossílabos e pronome pessoal *nós* (linguísticos) e *ambiente da ocorrência*³⁵ — relações de pessoas mais velhas para mais novas, de superior para subalterno.

A amostra dos romances (tempo real) tem como objetivo geral descrever diacronicamente o fenômeno de variação que envolve as formas haver + de + infinitivo (*hei de fazer*), futuro sintético (*farei*), presente do indicativo (*faço amanhã*) e perífrases verbais (*vou fazer*, *vou querer fazer*, *poderei fazer*, *devo fazer*) na *representação do tempo futuro em um recorte de língua escrita* (SILVA, 2010, p. 6). Sua hipótese principal é a de que a representação do “tempo futuro” é feita pela perífrase verbal *ir + infinitivo* (*vou fazer*), independente da referência

³⁵ Grupo de fatores que prevê a relação entre os interlocutores, referindo-se a relações como subalterno para superior, por exemplo.

temporal (tempo próximo ou distante). A tabela 4, abaixo, apresenta os resultados obtidos:

Tabela 4: Distribuição das variantes de futuro na língua escrita por séculos – Silva (2010)

Variantes	Séculos			Total
	XVIII	XIX	XX	
	N/%	N/%	N/%	
Futuro simples	36/92%	583/70%	425/27%	1.044/43%
Haver de + infinitivo	3/8%	105/13%	55/4%	163/7%
Ir + infinitivo	0/0%	83/10%	871/56%	954/39%
Presente	0/0%	60/7%	195/13%	255/11%
Total	39	831	1.546	2.416

FONTE: Elaborada a partir do capítulo 6, Resultados da análise dos romances brasileiros, de Silva (2010).

A análise variacionista da pesquisa de Silva (2010) tinha, inicialmente, as quatro formas apresentadas na tabela 4. No entanto, a autora optou por retirar da análise as formas *haver de + infinitivo* e *presente do indicativo* após uma análise com os pesos relativos das quatro formas: “Diante desses números pouco representativos tanto percentualmente quanto em peso relativo e o fato de que a grande maioria dos nocautes foi gerada por conta dessas duas variantes da variável dependente, a melhor solução para uma análise mais produtiva parece ser a retirada de ambas” (...) (SILVA, 2010, p.128).

Quanto aos grupos de fatores, a pesquisadora propôs, inicialmente: ano de publicação, ambiente de ocorrência – profissional, faixa etária, pessoas verbais, projeção do fato futuro, ambiente de ocorrência – doméstico, contexto desencadeador, extensão fonológica do verbo principal, tempo, aspecto e modo, sexo, tipos de frases e preenchimento/não preenchimento do pronome pessoal. A primeira rodada binária (futuro do presente e IR (presente) + infinitivo) da análise, entretanto, apresentou um problema com o grupo de fatores *ambiente de ocorrência – profissional*, conforme a autora:

Esse grupo apresentou poucos dados, 362, contra 1.614, do *ambiente de ocorrência – doméstico*, por exemplo. Olhando para os dados desse grupo, o que se vê é um número muito alto de ocorrências com o *narrador*, o que gerou um peso relativo para esse fator na representação do futuro pelo *futuro sintético* de .60, contra .23, em interações com

estranhos; .24 em interação com superior; .25 com subordinado e .35 entre iguais. O peso relativo alcançado pelo narrador fez toda a diferença nessa análise, pois, em rodada em que esse fator foi excluído, o grupo todo foi descartado como não relevante para a aplicação da regra da variável dependente. Esse comportamento demonstra que as 266 ocorrências dentro de um grupo de fatores que totaliza 362 dados estão desviando o resultado para aquele fator. Fato é que os dados dos narradores apresentam mais *futuro sintético* do que os demais, o que já o aponta como um contexto de resistência a *ir + infinitivo*, variante que tem predominância de uso nas demais interações dentro desse grupo de fatores. (SILVA, 2010, p. 133)

Uma vez descartado o grupo *ambiente de ocorrência – profissional*, a ordem de relevância encontrada (programa VARBRUL) foi a seguinte: 1.º - ano de publicação; 2.º - projeção do fato futuro; 3.º - faixa etária; 4.º - pessoas verbais; 5.º - contexto desencadeador; 6.º - extensão fonológica do verbo principal; 7.º - ambiente de ocorrência – doméstico; 8.º - tempo, aspecto e modo.

Para o futuro do presente a autora conclui que os contextos mais reveladores da forma são: textos mais antigos, relacionado a promessas, pronomes pessoais canônicos (*tu* e *nós*), advérbio de afirmação (*certamente*) verbos monossilábicos, adultos, interações envolvendo pessoas mais velhas, com estranhos e em monólogos. Já a perífrase IR (presente) + infinitivo está relacionada com os seguintes contextos: textos mais recentes, projeção próxima, advérbios interrogativos (*o que, quanto*), pronomes pessoais (*eu, você e vocês*), interações entre iguais no ambiente doméstico, crianças (cf. SILVA, 2010, p. 193 e 194).

Em suas considerações finais, Silva (2010) comenta que sua pesquisa mostra que o futuro do presente é “uma das formas de representação do tempo futuro na língua literária, mas, não a com maior tendência de uso” (p.196). Quanto a perífrase IR (presente) + infinitivo, a autora admite que a forma ainda se encontra em processo de gramaticalização: “em se tratando de língua escrita, o estigma está na forma *vou ir*, sem nenhuma ocorrência entre os 6.616 dados analisados nos dois corpúscos desse estudo. É interessante salientar que não houve nenhum caso de *vou ir* mesmo nas histórias em quadrinhos, que parte da sociedade ainda tende a classificar como leitura não recomendável” (p. 201).

Ao realizar a comparação entre as amostras, a autora conclui que o futuro sintético é “uma das formas de representação do tempo futuro na língua literária, mas não a com maior tendência de uso” (SILVA, 2010, p. 196). Quanto à perífrase IR (presente) + infinitivo, a autora constata que essa forma ainda se encontra em processo de gramaticalização, “pois a construção *vou ir*, que já ocorre de maneira profusa na fala, principalmente de criança e pré-adolescentes, ainda encontra resistência nos textos escritos, mesmo nos considerados ‘infantis’ como é o caso das histórias em quadrinhos aqui analisadas, que têm como objetivo representar a língua coloquial” (SILVA, 2010, p. 197).

Maria José Strogenski (2010), na dissertação *O uso da expressão do futuro em textos literários: uma análise em tempo real de curta duração*, realizou uma pesquisa com *corpus* baseado em romances brasileiros. A pesquisadora analisou duas variáveis: uma concernente ao futuro do presente e outra ao futuro do pretérito. Para a primeira variável, foram consideradas as seguintes variantes: futuro sintético (*farei*), presente do indicativo (*faço amanhã*), perífrase com IR + inf. (*vou fazer*) e perífrase com o verbo haver+ de (*hei de fazer*). Para a segunda variável, foram consideradas as formas verbais: futuro do pretérito simples (*faria*), pretérito imperfeito com valor semântico de futuro do pretérito (*nunca faria*) e perífrase formada com –ia+ infinitivo (*ia fazer*). O *corpus* ficou dividido em 1º período (1850-1900), 2º período (1901-1950) e 3º período (1951-2006). Foram controlados quatro grupos de fatores: autor/livro (o que permite observar o período), variáveis que expressam futuro, orações nas quais apareceram as ocorrências (coordenadas, interrogativas e subordinadas) e número de sílabas dos verbos.

A tabela 5, abaixo, apresenta os resultados apenas para a variável futuro do presente, relevante para a presente tese.

Tabela 5: Distribuição das variantes de futuro na língua escrita por períodos – Strogenski (2010)

	Período 1 1850-1900	Período 2 1901-1950	Período 3 1951-2006
VARIANTES	N/%	N/%	N/%
Vou + infinitivo	131/13%	325/40%	355/46%
Futuro simples	572/55%	323/40%	360/47%
Presente	147/14%	108/13%	48/6%
Haver de + infinitivo	181/18%	55/7%	11/1%
TOTAL	1031	811	774

FONTE: Elaborada a partir de Strogenski (2010, p. 65)

Em relação aos contextos, os resultados apontam para a preferência da perífrase IR + infinitivo em orações absolutas e condicionais, enquanto as orações principais favoreceram o futuro do presente e as coordenadas o presente do indicativo. Quanto ao número de sílabas, a perífrase se sobressai em verbos de seis ou mais sílabas, o futuro do presente em verbos dissilábicos, o presente do indicativo em verbos trissilábicos e a forma haver de + infinitivo em verbos de cinco sílabas. Quanto ao período, a autora salienta que a perífrase já apresentava certa representatividade no início dos períodos estudados, passando a substituir a forma haver de + infinitivo no segundo período. No terceiro período, a concorrência está entre o futuro do presente, a perífrase e o Presente do indicativo, que se apresenta com certa estabilidade, enquanto a perífrase passa a ganhar maior expressão (cf. STROGENSKI, 2010, p. 91).

A autora conclui salientando que a hipótese inicial, de que a perífrase estaria substituindo a forma do futuro do presente, confirma-se, já que a perífrase ocupa praticamente todos os contextos da forma tradicional. Do ponto de vista da gramaticalização, o verbo IR mantém também como verbo pleno, “ele não perdeu seu significado, mantendo-se no PB como um verbo pleno, que significa movimento espacial, como um verbo auxiliar com forte característica modal para a indicação de certeza, de intencionalidade, e como um codificador de futuro” (STROGENSKI, 2010, p. 120). Essa conclusão fica ainda mais evidente se observarmos a última obra do período 3 – Paris 98 – publicada em 2006, que apresenta 4 dados de futuro do presente (6%) enquanto a perífrase obteve 63 ocorrências (89%) – as formas presente do indicativo e haver de + infinitivo apresentaram, respectivamente (3/4%) e (1/1%).

A pesquisa de Leila Tesch (2011), intitulada *A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização*, apresenta inicialmente quatro variáveis: futuro do presente (*farei*), IR (futuro) + infinitivo (*irei fazer*), presente do indicativo (*faço amanhã*) e IR (presente) + infinitivo (*vou fazer*). A autora propôs duas amostras: uma de língua falada (*corpus* PortVix – já detalhado anteriormente nesta seção) e outra de língua escrita (*Jornal A Gazeta*, do Espírito Santo, nas décadas de 1930, 1970 e 2008). A amostra de fala constitui-se de 22 entrevistas de informantes estratificados em sexo, três níveis de escolaridade e quatro faixas etárias.

Na modalidade escrita, a autora encontrou os seguintes resultados, expostos na tabela 6, abaixo:

Tabela 6: Distribuição das variantes de futuro na língua escrita – Tesch (2011)

	Jornal <i>A gazeta</i> 1930	Jornal <i>A gazeta</i> 1970	Jornal <i>A gazeta</i> 2008	Total
VARIANTES	N/%	N/%	N/%	
Futuro do presente	178/88%	324/82%	368/54%	870
IR (futuro) + infinitivo	2/1%	3/1%	16/3%	21
Presente do indicativo	8/4%	27/7%	158/23%	193
IR (presente) + infinitivo	14/7%	42/10%	136/20%	192
TOTAL	202	396	678	

FONTE: Elaborada a partir do capítulo 5 – Análise dos *corpora*: variação, de Tesch (2011)

A pesquisadora propôs os seguintes grupos de fatores: paralelismo, extensão lexical, verbo modal, marca de futuridade fora do verbo, projeção de futuridade, conjugação verbal, escala de modalidade, tipo semântico do verbo, sequência textual e tipo de sentença. Os *corpora* do jornal *A Gazeta*, nas três décadas analisadas, apresentam também o gênero textual como um dos grupos de fatores. O PortVix apresenta três grupos de fatores extralinguísticos: gênero/sexo, escolaridade e faixa etária.

Tesch (2011) comenta que nos editoriais, discursos e notas de falecimento houve somente dados no futuro do presente. Já o presente do indicativo e IR (futuro) + infinitivo só ocorreram em trechos de notícias. Para a autora, nos gêneros textuais mais formais há um predomínio da forma tida como mais formal – futuro do presente. A forma inovadora começou a ser usada no jornal *A Gazeta* nos gêneros que não são tão formais, como notícias e propagandas (cf. TESCH, 2011, p. 130).

Segundo a autora (TESCH, 2011, p. 152) o paralelismo mostrou-se importante, reafirmando que “marcas levam a marcas”, embora a perífrase também tenha sido favorecida pela ocorrência isolada e primeira em uma série. Os verbos modais inibem a perífrase e o futuro do presente, evitando uma redundância de marca de modalização, se consideramos que a perífrase e o futuro do presente carregam em si, além de tempo, uma noção modal. A forma perifrástica é privilegiada em verbos com maior número de sílabas, confirmando que na língua há uma tendência a fazer a distribuição do peso fonético. Os verbos relacionais e existenciais inibem a forma perifrástica enquanto contextos em que não é possível delimitar em que momento se dará a ação, se em um futuro próximo ou distante – projeção de futuridade – a favorecem. Quanto à marca de futuridade fora

do verbo, a perífrase é mais recorrente em ambientes sintáticos em que não há componentes temporais, como advérbios, orações ou presença não contígua de marca.

Para a modalidade falada, a autora encontrou 1.077 dados, distribuídos da seguinte forma: futuro do presente (4/1%), presente do indicativo (206/19%) e IR (presente) + infinitivo (867/80%). A forma IR (futuro) + infinitivo (*irei fazer*) não apresentou ocorrências.

Os resultados dessa análise levam a autora a constatar que o futuro do presente praticamente não é utilizado na modalidade oral, “encaminhando-se para ser uma variante extinta nessa modalidade, principalmente quando verificamos que os informantes mais jovens não fizeram uso dela” (TESCH, 2011, p. 171).

Entre as duas variantes que efetivamente marcam a fala capixaba, a autora aponta que a variante privilegiada é a perífrase, independentemente dos fatores sociais controlados, o que, segundo a autora, mostra o “espraiamento” da perífrase por todos os segmentos da sociedade (cf. TESCH, 2011, p. 172). Em relação aos grupos de fatores linguísticos, os contextos favorecedores da perífrase foram: ocorrência isolada e primeira de uma série (paralelismo), verbo modal, maior número de sílabas (extensão lexical do verbo), 1ª e 2ª conjugações. Como conclusão, a autora aponta a variação binária, ficando o presente do indicativo como forma concorrente da perífrase, já que o futuro do presente parece estar desaparecendo.

Em um trabalho anterior (GIBBON s/d), selecionamos uma amostra variada de textos desde o século XV, procurando, sempre que possível, utilizar-nos de textos teatrais. Nossa proposta era de mapear as formas concorrentes que codificam a futuridade dentro do domínio funcional do futuro. A hipótese que norteava esse objetivo era a de que a perífrase, nessa amostra, especialmente após o século XVIII, estaria avançando e expandindo seus contextos de uso até suplantarem a forma tradicional, o futuro do presente. A tabela 7, abaixo, mostra os resultados obtidos:

Tabela 7: Distribuição das variantes de futuro na língua escrita por séculos – Gibbon (s/d)

Variantes	Séculos							Total
	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	
Futuro simples	8/53	248/73	196/65	140/46	163/55	92/31	15/15	862/52
Haver de + infinitivo	2/13	66/20	91/30	94/31	47/16	27/9	3/3	330/20
Ir + infinitivo	1/7	11/3	2/1	28/9	52/18	149/50	64/64	307/19
Presente	4/27	13/4	12/4	44/14	34/11	31/10	18/18	156/9
Total	15	338	301	306	296	299	100	1.655

Fonte: Organizada a partir de tabelas de Gibbon (s/d)

O trabalho ficou inconcluso, mas a proposta previa um estudo variacionista, com controle de grupos de fatores: tipo de auxiliar, tipo semântico do verbo principal, tipologia de Vendler, modo da sentença vinculada à situação, pessoa do discurso, relação semântica entre o contexto e a situação, especificação adverbial, ponto de referência, projeção da situação; alguns dos quais retornam na análise da presente tese e serão discutidos posteriormente.

Os primeiros dados de Gibbon (s/d), datados do século XVI, mostram a construção perifrástica IR + infinitivo assinalando aspecto. Vejam-se as ocorrências (18) e (19):

(18) Martim Chinchorro: Ora, Senhor, tomemos também nosso pandeiro, e **vamos festejar** os noivos, ou **vamos consoar** com as figuras, porque me parece que esta é a maior festa que pode ser. (Es165/XVI)

(19) Filodemo: **Vai** para fora, Vilardo.

Torna cá: **vai-me saber**

Se se quer já lá erguer

O senhor Dom Lusidardo,

E vem-mo logo dizer. (Fo178/XVI)

Em (18) o convite de Martim Chinchorro é uma ação de futuro imediato, marcando também a relevância do presente. O dado (19) marca também o futuro imediato. Esta ocorrência traz três características que vão reaparecer ao longo dos séculos: (i) o verbo IR pleno, marcando *movimento para*; (ii) o uso de material interveniente, nesse caso o clítico *me*; (iii) a presença da perífrase com o verbo principal cognitivo/abstrato, *saber*. As duas primeiras características são recorrentes ao longo dos séculos, ou seja, foram encontradas pelo menos uma ocorrência de verbo IR pleno e um dado da perífrase com material interveniente. A terceira característica mostra que, ao aparecer na língua escrita, o verbo IR já se apresenta como auxiliar, coocorrendo com verbos principais mais

abstratos, o que diminui o seu significado mais concreto de deslocar-se, pôr-se a caminho.

Ao final dessa descrição das pesquisas realizadas que apresentam a perífrase IR (presente) + infinitivo como uma das formas no domínio funcional do futuro, resumimos, a seguir, os principais resultados, com foco na perífrase.

Os *corpora* diacrônicos (escrita) foram contemplados pelas pesquisas de Oliveira (2006), Malvar e Poplack (2008), Silva (2010), Strogenski (2010) e Gibbon (s/d). A pesquisa de Oliveira trata de um *corpus* mais formal, prosa medieval, cartas e documentos oficiais, e apresenta um número reduzido de ocorrência da perífrase (53/2%). Os *corpora* de Silva (954/38%) e Strogenski (811/31%), compostos de romances brasileiros, apontam a produtividade da perífrase nesse gênero textual. Silva ainda apresenta uma amostra de revistas em quadrinhos, claramente um *corpus* mais informal, na qual a perífrase (2.112/90%) está em número superior ao futuro sintético (1.652/45%).

As pesquisas de Malvar e Poplack (2008) e Gibbon (s/d), com amostras de teatro brasileiro, também atestam o crescimento da perífrase no gênero teatral. Malvar e Poplack (2008), que formaram um *corpus* bastante popular (comédias e farsas), apontam o uso da perífrase (464/28%), preferencialmente sua superioridade (384/73%), no último século pesquisado (século XX). Gibbon (s/d), que buscou um *corpus* mais diversificado, mostra o crescimento e expansão da perífrase (171/11%) ao longo do tempo. Resumindo, à exceção de Oliveira (2006), todos os outros trabalhos têm a perífrase como forma mais utilizada no último período/século analisado, ou seja, na sincronia escrita desses trabalhos.

Por outro lado, os *corpora* sincrônicos (língua escrita) que apresentam uma escrita mais formal, jornais e revistas, parecem sinalizar a forte presença do futuro do presente em detrimento da perífrase, mesmo que a simples presença da construção IR (presente) + infinitivo nesse tipo de texto, editoriais na sua maioria, já aponte para o crescimento da forma. Santos (1997), em um *corpus* de escrita formal, encontra 758 dados (73%) de futuro do presente e 233 dados (22%) de forma perífrástica. Oliveira (2006), na amostra composta por editoriais de jornais de Salvador e do Rio de Janeiro, encontra 71 dados (91%) para o futuro do presente e 7 (9%) para a perífrase, na década de 1970. A década de 1990 evidencia um pequeno crescimento da perífrase, 19 dados (27%), embora o futuro do presente 51 dados (73%) predomine. Bragança (2008) também utilizando editoriais (jornal de Vitória) e atesta a forte presença do futuro do presente (622 dados, 75,21%), sobre a perífrase IR (presente) + infinitivo (81

dados, 9,79%). Tesch (2011), que também fez uso de *corpus* de jornais, aponta a predominância do futuro do presente (870 ocorrências) em detrimento da perífrase (192 ocorrências) ao longo das três décadas estudadas. No entanto, é importante ressaltar não só o crescimento gradual da perífrase nesses períodos como a conclusão da autora, de que a perífrase ocorre com maior frequência nos gêneros textuais menos formais (notícias e propagandas).

Os *corpora* sincrônicos (língua falada) mostram o predomínio da perífrase IR (presente) + infinitivo na codificação da futuridade. Em Santos (2000), a amostra formal apresenta uma aproximação entre as ocorrências da perífrase (280 dados, 30%) e o futuro do presente (278 dados, 29%) e a amostra informal apresenta a superação da perífrase (486 dados, 56%) sobre o futuro do presente (54 dados, 6%). A pesquisa de Nunes (2003) aponta o predomínio da perífrase (621, 95%) sobre o futuro do presente (33 dados, 5%). A amostra de Oliveira (2006) aponta o desuso do futuro do presente entre as décadas de 1970 (25 dados, 11%) e 1990 (5 dados, 3%). A perífrase, por sua vez, aumentou seu percentual de (164 dados, 73%) – década de 1970, para (137 dados, 82%) – década de 1990. Bragança (2008) atesta a forte presença da perífrase (350 dados, 98,5%) em detrimento do futuro do presente (4 dados, 1,2%). Malvar e Poplack (2008, p. 201) comentam que, em sua amostra de fala, os resultados se mostram próximos aos das peças de teatro populares selecionadas. Fonseca (2010) apresenta a perífrase como a variante *default* na codificação do futuro (541 dados, 97,5%). E Tesch (2011, p. 182) discorre sobre a informalidade da modalidade oral, que beneficia a perífrase em detrimento do futuro do presente.

Como se pode observar, os estudos aqui apresentados mostram uma diversidade de contextos e formas para codificar o domínio funcional do futuro. Resumidamente, podemos dizer que o caráter formal – a maioria *corpus* de língua escrita – favoreceu a forma do futuro do presente. Por outro lado, as manifestações populares, em linguagem mais informal, parecem sintonizar com as perífrases. As amostras de língua falada revelaram a predominância da perífrase IR (presente) + infinitivo em números que apontam a quase inexistência do futuro do presente.

Do ponto de vista diacrônico, as pesquisas revelam a importância e o predomínio do futuro do presente como forma codificadora de futuridade. O trabalho de Silva (2010), no entanto, mostra-se revelador: em sua amostra, também no contexto da escrita o futuro do presente vem desaparecendo, cedendo espaço para a perífrase.

Malvar e Poplack (2008), em uma de suas notas, na qual elas discutem sobre a presença do verbo IR pleno como verbo principal na perífrase, fazem o seguinte comentário:

Uma vez que a *perífrase com ir* assumiu virtualmente todos os contextos e funções de suas competidoras, sua aversão ao verbo principal IR é no mínimo curiosa. Os futuros com IR tendem a não co-ocorrer com verbos de movimento no início do processo de gramaticalização (BYBEE et al., 1994), mas a identidade lexical do verbo pouco influencia a seleção da variante nos últimos estágios (POPLACK; TAGLIAMONTE, 1999,2001). Há pouca dúvida quanto ao fato de que IR se gramaticalizou como o principal (e para muitos falantes virtualmente o único) expoente de referência temporal futura, além disso, nossas análises não revelam restrições à co-ocorrência de IR com outros verbos de movimento. No entanto, em contraste com as línguas Inglesa e Francesa, em que a construção perifrástica com IR também se encontra em ascensão (POPLACK; TURPIN, 1999; POPLACK; TAGLIAMONTE, 1999), a formação dessa perífrase no português do Brasil ainda é evitada com o verbo principal IR. (MALVAR; POPLACK, 2008, p. 202)

A essência dessa nota – a dificuldade em se aceitar o uso de *VOU IR* e suas demais formas – é recorrente na maioria das conclusões dos trabalhos aqui citados. A falta desse estágio final de gramaticalização do verbo/perífrase causa estranhamento nos pesquisadores, que apontam estágios avançados de gramaticalização do item, mas “esbarram” na falta da presença de IR (auxiliar) + IR (verbo principal).

Uma das razões, apontadas por Nunes (2003), como barreira para a entrada definitiva da perífrase com função de codificar a futuridade, é a falta de reconhecimento dos gramáticos em relação a essa forma verbal. Em seu levantamento a partir de gramáticas históricas, a autora observa que a forma sintética predominava como forma erudita desde o latim, e que a forma analítica surgiu na linguagem popular, sendo repudiada pela norma culta. Sem entrar no mérito da explicação dada pela autora, um breve olhar para algumas gramáticas contemporâneas, como vimos na seção 2.3.2 deste capítulo, nos mostra que essa atitude ainda está bastante viva entre alguns normativistas.

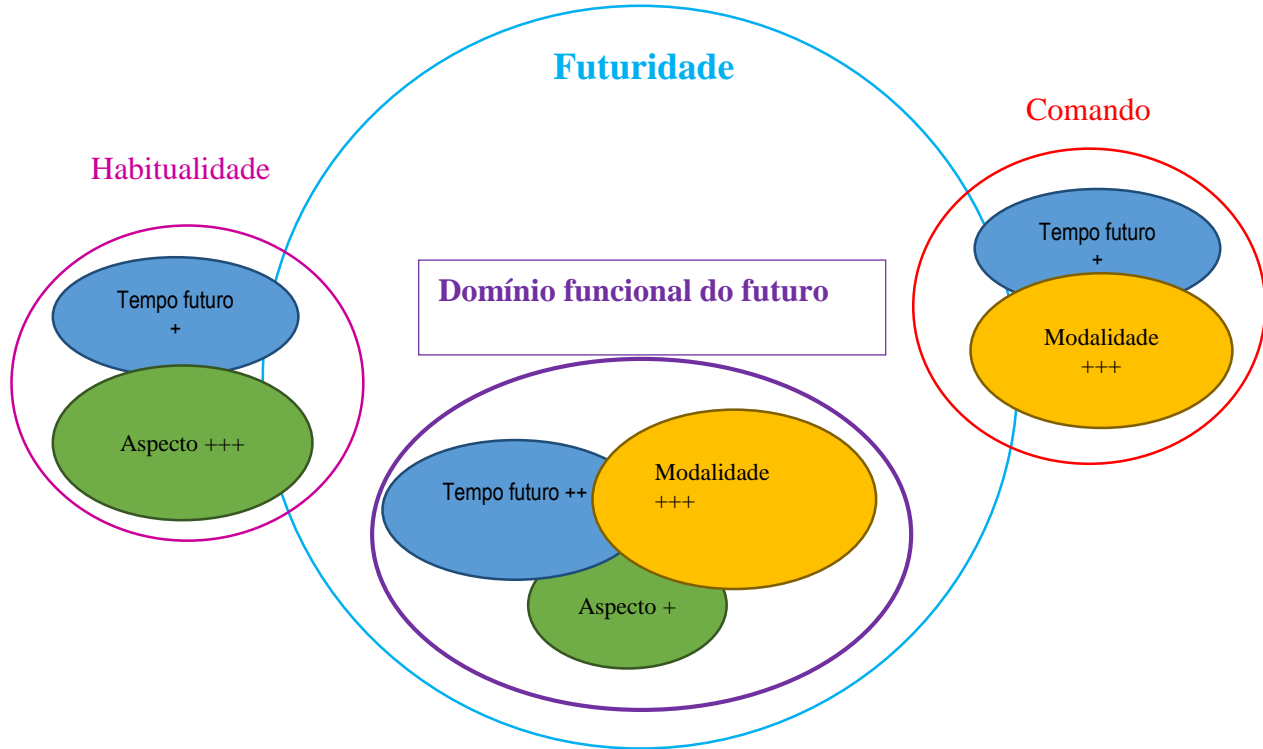
2.5 FINALIZANDO

Este primeiro capítulo trata do objeto de investigação, detalhando o escopo de abrangência das formas que foram coletadas para a análise pretendida nesta tese. O primeiro detalhamento foi quanto ao entendimento de conceitos como *futuridade*, *domínio funcional do futuro* e *tempo futuro*.

A partir da base teórica funcionalista que orienta esta pesquisa, optamos por definir futuridade como um domínio complexo, que engloba, sob a macrofunção que projeta uma situação a partir do momento de fala, outros domínios igualmente complexos, como a habitualidade, o comando e o domínio funcional do futuro.

Postulamos que tais domínios compartilham traços de aspecto, modalidade e, principalmente, tempo, que nos permitem ampliar o olhar e observá-los a partir de um domínio maior, o da *futuridade*. Assim, ainda que não seja possível incluir a *habitualidade* e o *comando* sob o escopo total da futuridade, é possível observá-los como compartilhando traços em comum, que permitam, através da macrofunção postulada para a futuridade, aproximá-los, como na figura a seguir.

Figura 5: Escopo da *futuridade* e suas relações com *habitualidade* e *imperativo/comando*



A figura anterior ilustra nosso entendimento do fenômeno investigado, a partir das formas encontradas nas amostras examinadas nesta tese, bem como dos resultados apresentados nas pesquisas resenhadas, com respaldo na teoria assumida para este trabalho. A amplitude representada na figura nos permite observar as formas que “transitam” entre esses domínios de tal modo que seu estudo ofereça um melhor entendimento acerca do funcionamento da perífrase IR (presente) + infinitivo, do verbo IR e sua trajetória de gramaticalização, e de construções como *VOU IR*.

Constatamos, conforme já comentado, que em sua trajetória funcional o uso da perífrase sofre restrições em sua manifestação mais gramaticalizada, *VOU IR*. O reconhecimento de que este fato parece não ocorrer no Rio Grande do Sul leva-nos a propor um estudo que examine *corpora* de fala e de escrita de gaúchos.

Por outro lado, se atestamos a presença dessas construções e de outras ainda mais instigantes, como *vou ir comprar*, *vou ir fazer* e *vou ir dançar*, na fala cotidiana dos gaúchos de variadas idades e escolaridades, acreditamos que um estudo que contemple a manifestação da perífrase IR (presente) + infinitivo em amostras do RS possa indicar perspectivas diferentes das encontradas nos estudos aqui reportados.

Propomos, assim, uma investigação que envolva diferentes contextos de manifestação da perífrase até que possamos incluir construções como *vou ir no shopping* e também *vou ir dançar*, por exemplo. A finalidade principal desse estudo é descrever esses contextos, para, com base em referência teórica sobre mudança e gramaticalização, observar o funcionamento do fenômeno e apontar as possíveis motivações para sua ocorrência.

Dessa forma, mantendo a pergunta ampla “É possível que exista um caminho de gramaticalização diferenciado para a perífrase em contextos em que se encontram construções como *vou ir e/ou vou ir comprar?*”, organizamos um *corpus* diacrônico (amostra escrita (diacronia/teatro)), constituído por peças de teatro escritas por autores gaúchos, para mapearmos os contextos e a frequência de uso da perífrase IR (presente) + infinitivo – ao lado de outras formas concorrentes –, buscando captar a emergência da construção *VOU IR* na escrita do RS.

Além disso, não podemos descartar a presença de uma amostra oral (*corpus* sincrônico), uma vez que é na fala que *VOU IR* aparece recorrentemente, o que sugere a possibilidade de encontrarmos contextos ainda mais bem delineados e gramaticalizados. O Banco de dados do Varsul (amostra oral (sincronia/Varsul)) e os dados provenientes de coleta

informal (amostra informal) compõem um quadro rico para a análise dessa construção.

Assim, a partir do amplo domínio da futuridade, examinando as variadas funções da perífrase IR (presente) + infinitivo e do verbo IR, nos deparamos com ocorrências como:

(20) E Susto, a senhora já levou algum susto forte, assim de...

F Olha, eu não sou de me assustar tão fácil. Eu **vou ver** o que que tem antes. Porque às vezes acontece um barulho, uma coisa, eu **vou ver** que que acontece. E Mas o acidente do seu neto deve ter sido um susto forte. (FC 05:06)

(21) E A senhora gostava de estudar?

F Eu gostava. Sempre gostei. Isso aí eu não **vou negar** nunca, gostei. E rodar assim eu nunca rodei. (POA 16:01)

(22) F: Claro! Não sei, eu não consigo entender, sabe? Como é que pode fazer uma coisa dessas se sabem que aquilo é onosso futuro pra nós vivermos, né? E acabando com essa mata o que que **vai acontecer**? **Vai ser** triste, tanto pra gente, como pra eles mesmos que estão fazendo essa queimada, né? essas coisas. (POA 12:05)

Tais ocorrências ilustram a perífrase IR (presente) + infinitivo em contextos de habitualidade (20) e (21) e do domínio funcional do futuro (22). Por outro lado, nossos *corpora* também apresentam ocorrências como (23) e (24).

(23) JOÃO: Bem, eu **vou lá fora chamar** os outros. Não tenha medo, volto já. Afinal, parece que tudo vai terminar bem, não é? Tudo está bem quando termina bem, não é assim? Pelo menos a gente já tem onde dormir esta noite. (Sai.) (LF1970:15)

(24) F: Não. A técnica tem que ser aquela de supetão, né? “**Vou parar de fumar**” e parei porque senão não adianta nada, isso aí não adianta, é besteira. (POA 23:04)

Encontramos dados nos quais a perífrase se mostra com material interveniente (pronomes, advérbios, locativos), como é o caso de (23): *lá fora*. E também observamos a perífrase em construções complexas, nas quais expressões como *parar de* se agregam ao verbo auxiliar (*vou*) e ao infinitivo (*fumar*) para expressar eventos futuros com matizes notadamente modais, como em (24). Algumas indagações emergem desses usos: Que papel cabe ao verbo auxiliar nessas construções? E ainda, estamos diante de uma expressão que codifica apenas uma situação

futura, ou estamos diante de um ato de fala manipulativo, no qual o falante dá uma ordem a si mesmo?

A presença do verbo IR, fora de perífrase, também se mostra instigante. As ocorrências (25), (26) e (27) ilustram a complexidade de certos usos:

(25) F: (...) O major disse pra ele: “Mas aí não é lugar pra entrar pra falar com autoridade.” Esse meu tio é um cara mocho como só, é um homem, ele, mas estava educado, né? “Não, tudo bem, major, eu não vim brigar, eu vim apenas lhe pedir licença. **Vou** lá, **dou** a volta e **venho** aqui falar com senhor.” Deu volta, foi lá pegar o cavalo, arrodar pra falar com ele. Quando voltou, a mão no arame assim, ele atirou de quarenta e cinco no meu tio lá. Pá! matou em cima da cerca. (SB 02:07)

(26) E: Mas é uma região muito bonita, né?

F: É, aqui nesta parte sim. Não tem muitos assaltantes, que nem em certos lugares que não dá nem pra deixar as portas abertas, digo eu, né? Que às vezes aqui a gente sai, **vai** ali pra baixo, nem fecha direito as portas, nem as janelas, deixa tudo assim, né? (FC 01:04)

(27) PAULO: Posso ir lá na Ruth?

PAI: Agora tu **vais sestar**. Depois das duas tu **vais**.

PAULO: Mas eu não quero sestar depois do almoço. (BA1970:42)

Em (25) a presença do verbo IR (*vou lá*) garante a futuridade do evento, sinalizando uma ação que ainda não aconteceu, mas que é dada como certa. Sua expressão marcando futuridade é tão importante que permite ao presente do indicativo (*dou a volta, venho aqui falar*) aparecer sem comprometer a futuridade do evento. No dado (26), no entanto, o verbo IR sinaliza – respaldado pelo presente do indicativo – uma ação habitual, situada no escopo do domínio de *habitualidade* (cf. Diagrama 1). É comum as pessoas de Flores da Cunha saírem de casa para ir ao centro (*ali pra baixo*), sem estarem preocupadas em fechar a casa, pois não há assaltantes.

A ocorrência (27) configura-se como um ato manipulativo – pertencente ao domínio de *comando* (cf. Diagrama 1) – no qual se observa a perífrase (*vais sestar*) e o verbo IR (*Depois das duas tu vais.*) em uma ordem dada pelo pai a Paulo, personagem da peça *Bailei na Curva*. Note-se que os traços inerentes do verbo IR – movimento/deslocamento para um ponto – e a função de codificar a futuridade da perífrase estão presentes, sob um escopo maior de contextos de manipulação, sugestão, convite. Como (27), a ocorrência (28) é ainda mais evidente:

(28) F: (...) Mas eu acho que a TV deseduca muito, porque ela coloca uma gíria que a criança confunde muito na escola, né? Tu aprendes, **vamos dizer**, uma palavra lá, seja qual for, de um jeito e tu ouves de outro jeito, ou a televisão mostra escrevendo, por exemplo, o "Xow da Xuxa". (POA 22:10)

Em (28) o falante sugere ao entrevistador uma situação – nesse caso, uma palavra como *show* – a fim de concluir sua argumentação sobre o quanto a TV deseduca. O uso do verbo auxiliar na primeira pessoa do plural ameniza a “ordem” de tal forma que ela se mostra como uma sugestão. A futuridade, embora em segundo plano, está presente, pois o “objeto” sugerido se projeta para depois do momento de fala.

Essas ocorrências não só justificam a importância de se postular a *futuridade* como um domínio complexo – que, por um lado, abarca o *domínio funcional do futuro* e, por outro, compartilha traços com a *habitualidade* e o *comando* –, mas também sugerem que, num primeiro momento da análise, essas formas que transitam entre esses domínios sejam contempladas.

Assim, nosso objeto de estudo envolve a perífrase IR (presente) + infinitivo, partindo do escopo amplo – o domínio da futuridade – e observando as formas nesse domínio: perífrase IR (presente) + infinitivo (*vou fazer*) – e seus desdobramentos: perífrase com material interveniente (*vou lá fazer*) e com expressões (*vou começar a fazer*) –, futuro do presente (*farei*), presente do indicativo no contexto de futuridade (*faço amanhã*), locução modal com futuro do presente (*poderei fazer*) e com presente do indicativo (*posso fazer*), perífrase haver de + infinitivo (*hei de fazer*), mas também outras formas que expressem futuridade: IR no presente (*vou na padaria*), perífrase IR + (gerúndio) (*vou fazendo*) e perífrase como marcador discursivo (*vamos dizer, vamos supor*); e, no segundo momento, o foco recairá sobre as formas verbais com IR, notadamente a perífrase, em todas as suas possibilidades combinatórias no âmbito do domínio funcional do futuro.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo vamos tratar da base teórica fundamental para a compreensão tanto da metodologia quanto do fenômeno que nos propusemos a estudar.

O Funcionalismo linguístico apresenta-se como modelo teórico de base, pois permite observar o objeto – a forma perifrástica IR (presente) + infinitivo na codificação do domínio funcional do futuro – em sua complexidade, que envolve aspectos socioculturais e comunicativo-cognitivos. Além disso, o paradigma de gramaticalização, que ancora teoricamente certo tipo de mudança na língua, vai nos auxiliar tanto na formulação de, como em respostas a questões concernentes ao estudo da forma perifrástica e do verbo IR como auxiliar no contexto de futuramente.

A organização deste capítulo se dá da seguinte forma: primeiramente vamos apresentar sucintamente o Funcionalismo linguístico. Após discorreremos sobre o paradigma da gramaticalização, a frequência de uso e o complexo cognitivo TAM (tempo-aspecto e modalidade).

3.1 O FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO

A abordagem funcionalista givoniana, assumida como uma das bases teóricas da tese, parte do princípio de que a gramática não é autônoma, mas dependente do discurso. Para entender a gramática, e também a língua, é preciso que se faça referência aos parâmetros que modelam essas entidades, tais como cognição, comunicação, interação social, cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

No processo comunicativo a língua é adquirida e a gramática emerge e muda. A forma ajusta-se, criativamente e estimulada pelo contexto, para novas funções e novos significados. A variação e a indeterminação são partes necessárias para o mecanismo que modela e remodela a competência. (GIVÓN, 1995, p.7)

A perspectiva funcionalista busca uma explicação para fatos linguísticos de forma associada à situação comunicativa, às relações funcionais que estes estabelecem com o contexto linguístico. Se a gramática resulta do processo de regularização que surge das pressões de uso, então ela nunca se estabiliza, mas se organiza em função de pressões externas, advindas do discurso, e pressões da sua própria estrutura e é daí que surge seu caráter não apenas funcional, mas também dinâmico. É

funcional porque não faz distinção entre o sistema linguístico e seus mecanismos e as funções que eles têm a preencher e é dinâmica porque reconhece e assume a força ativa que está por detrás do desenvolvimento da língua, na instabilidade da relação entre estrutura e função. (NEVES, 1997, p. 3)

O funcionalismo givoniano organiza-se em torno de princípios básicos que sustentam a gramática funcional. Tais princípios são icônicos, ainda que não haja uma relação de um-para-um entre função e forma. A iconicidade caracteriza-se pela existência de uma relação não-arbitrária entre forma (código) e função (mensagem) na língua. Entretanto, tal conceito não pode ser tomado como categórico uma vez que tanto o código quanto a mensagem sujeitam-se a pressões de uso. O primeiro sofre erosão no atrito fonológico e o segundo modifica-se na elaboração criativa do falante. Assim, a tendência para a iconicidade é inegável, mas não é uma tendência absoluta, ela é fortemente atenuada pela mudança diacrônica. (GIVÓN, 1995, p. 59)

Givón (1993, p. 01) concebe a gramática como um conjunto de estratégias empregadas para se produzir uma comunicação coerente. A gramática pode ser definida como um instrumento de codificação linguística. Ao falar do nível de codificação, Givón (1995, p. 405) relaciona este nível aos domínios cognitivo-funcionais básicos da comunicação humana. A gramática, nesse contexto, possibilita o processamento da informação em termos de codificação mental e comunicação verbal (GIVÓN, 1984, p. 34). Sendo assim, a gramática como fenômeno dinâmico, parcialmente autônomo e também motivado pelas pressões externas, é resultante de processos de mudança – dentre eles, a gramaticalização.

3.2 O PARADIGMA DA GRAMATICALIZAÇÃO

A gramática representa, como já dissemos, um conjunto de regularidades decorrentes de dois tipos de pressões: (i) cognitivas, consequência da forma como o homem interpreta e organiza na mente as informações decorrentes de sua interpretação, caracterizando-se, pois, pelo aspecto regular; e (ii) de uso, geradoras das irregularidades uma vez que o discurso apresenta aspecto criativo e oportuniza a variação no sistema. Motivadas por essas pressões, as línguas/gramáticas estão em constante mudança. Entretanto, a própria comunicação também pressiona a língua em direção a maior regularidade.

Como um dos processos que promove a mudança linguística, a gramaticalização é definida por Hopper e Traugott (2003, p. 18) como:

“mudança pela qual itens lexicais e construções passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Tomemos como exemplo o movimento da perífrase IR (presente) + infinitivo e do verbo IR no domínio funcional do futuro. O verbo IR tem seu processo de gramaticalização dentro da perífrase, percorrendo um caminho de abstração semântica e categorial que vai de verbo IR pleno a verbo IR auxiliar de futuro. O conjunto “verbo auxiliar IR + infinitivo do verbo principal” começa, então, o seu processo dentro do domínio do tempo futuro. À medida que trilha seu caminho de gramaticalização, a perífrase IR (presente) + infinitivo estende seu uso para outras funções: marcador discursivo (como, por exemplo, em: “A gente brincava de esconde-esconde dentro de casa quando os adultos, *vamos dizer* assim, né? saíam.” (FLP 01:51), ou imperativo atenuado (“Então *vamos fazer* o seguinte: *vamos botar* uma pessoa no primeiro andar pra ficar responsável.” (FLP14:181)), continuando, assim, sua trajetória de gramaticalização para novas funções gramaticais.

Como já dito, o processo de gramaticalização leva itens lexicais e/ou construções a tornarem-se (mais) gramaticais, ou adquirirem novas funções gramaticais. Em termos prototípicos, os itens lexicais são elementos que nos remetem a dados do mundo biossocial, designam entidades, ações e qualidades. Os itens gramaticais organizam os itens do léxico no discurso. Eles ligam partes de textos, remetem a partes de texto já mencionadas, marcam a interação falante/ouvinte e expressam noções gramaticais, tais como tempo, aspecto e modo.

Sob a ótica da gramaticalização é possível observar alguns fenômenos de mudança como, por exemplo, a mudança de um elemento linguístico do léxico (o verbo IR pleno) para um elemento gramatical (verbo IR auxiliar) ou a trajetória de um vocábulo para morfema. A gramaticalização tende a ser processada num crescente de abstração (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 49) e envolve níveis:

- a) **Nível Cognitivo:** como o processo de mudança metafórica, que permite que elementos do mundo concreto (do léxico) migrem para um mundo mais abstrato (da gramática).
- b) **Nível Pragmático:** novamente, tendo como ponto de partida a intenção comunicativa de facilitar a compreensão do ouvinte, o falante utiliza conceitos mais concretos e conhecidos para expressar ideias novas.
- c) **Nível Semântico:** com base em conhecimentos de significados *mais velhos*, o falante explicita um sentido novo para o ouvinte.

- d) **Nível Sintático:** certos contextos /aspectos sintáticos estimulam a gramaticalização e justificam porque a mudança tomou efetivamente este e não aquele caminho.

A gramaticalização não é um processo abrupto, discreto. Pelo contrário, ela tem um desenrolar lento e gradual, com estágios que se alternam. O processo de gramaticalização é também um processo cíclico no qual novas formas gramaticais análogas (mas não idênticas) são geradas. Por esse motivo, a mudança é quase imperceptível aos usuários da língua.

Teóricos que estudam a gramaticalização como processo cíclico apontam diferentes propostas de estágios mais gramaticais que são vistos como cadeias, em termos diacrônicos e como contínuos, em termos sincrônicos. Vejamos três deles³⁶:

- I) Proposto por Givón (1979) como *ciclos da gramaticalização*:
discurso > sintaxe > morfologia > zero (> discurso)
- II) Proposto por Traugott (1982;2010) como *trajetória de (inter)subjetividade*:
'menos' subjetivo > subjetivo > intersubjetivo
posicional/ideacional > (textual) > expressivo/interpessoal
- III) Proposto por Heine *et al.* (1991a) como *transferência metafórica*:
pessoa> objeto> espaço> tempo> qualidade

As etapas dos esquemas acima não devem ser analisadas como discretas. Existe uma gradação na qual itens mais prototípicos e outros menos convivem. As fronteiras entre as categorias situam-se em um contínuo sem linhas divisórias.

Segundo Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a, p. 245), na literatura sobre gramaticalização há muitos exemplos sugerindo esses movimentos. Assim que uma dada forma gramatical desaparece, uma nova forma é recrutada no mesmo padrão conceitual da antiga. Por outro lado, atos de fala novos são colocados e organizados junto a atos de fala antigos. Uma vez estabilizados eles passam a acomodar novos atos de

³⁶ Uma proposta alternativa à terceira trajetória centrada nas funções da linguagem (HALLIDAY, 1976) é sugerida por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a), com a intercalação do componente interpessoal no percurso: ideacional > interpessoal > textual.

fala. A frequência de uso possibilita a ocorrência desses processos, pois abre espaço para o novo e sedimenta o que já está em uso.

Se a recorrência do uso acelera e instiga a ação dos mecanismos de mudança cognitivo-comunicativos, então é importante quantificar esses usos, de forma a permitir não apenas o estudo da mudança em questão, mas também apontar o rumo dos processos de mudança na língua de forma a reconhecê-los como parte dela (cf. BYBEE; HOPPER, 2001). No jogo do tempo entre sincronia e diacronia, a frequência de uso determina o início ou o fim de trajetórias dos itens que participam da língua. Essas unidades gramaticais não estão estáticas, elas sofrem movimentos contínuos, o que confere ao processo dinamicidade, criando e recriando a gramática.

Esses processos de gramaticalização correspondem a diferentes formas de abordagem dos fenômenos em estudo, que refletem também formas diferentes de conceituar a gramaticalização.

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a) estudam as fontes lexicais e os percursos universais (evidências sincrônicas e diacrônicas) na trajetória de mudança dos itens e os mecanismos cognitivos que estão envolvidos tanto na motivação quanto na continuidade do processo. Já Hopper (1988; 1991; 1996) e também Givón (1979; 1993; 1995; 2001), por exemplo, admitem que a língua se organiza a partir do contexto discursivo, por meio de motivação interacional entre os falantes. Os autores buscam novas tendências dos processos de mudança em padrões fluidos e recorrentes.

Para Bybee (2003), o importante é combinar essas duas formas de análise da gramaticalização. Analisar fontes, alvos, trajetórias e mecanismos de mudança, aliados ao discurso real e à frequência. Para a autora, os aspectos universais da gramaticalização estão relacionados com a existência de padrões cognitivos e comunicativos comuns, manifestados no uso da língua. Em outras palavras, aspectos cognitivos, aspectos comunicativos e aspectos sociais são faces do mesmo fenômeno. Neste trabalho, adotamos a perspectiva de Bybee³⁷, unindo sincronia e diacronia na coleta dos dados, considerando aspectos cognitivos, comunicativos e sociais do fenômeno e observando o discurso real e a frequência de uso dos itens envolvidos.

As pesquisas realizadas sob o prisma da gramaticalização têm mostrado até agora a importância sincrônica e diacrônica do processo para a estrutura da língua, através da emergência de mudanças específicas. O

³⁷ Outros trabalhos realizados com dados do banco Varsul de Florianópolis adotam essa perspectiva, como Coan (2003) e Tavares (2003), entre outros.

estudo dessas mudanças específicas nos permite visualizar algumas características que descrevem não só o caminho que uma dada forma gramatical deve ou pode percorrer quando se encontra imersa no processo, mas também o próprio processo em si.

A gramaticalização é resultado de manipulação de conceitos e de reestrutura cognitiva. Isso significa que a iconicidade entre estruturas conceituais e estruturas linguísticas está sempre sendo manipulada. Um dos axiomas mais usado por aqueles que aderem ao modelo de gramática natural, “uma função, uma forma”, é violado em cada momento do processo de gramaticalização. O resultado disso é a assimetria entre estrutura cognitiva e estrutura linguística.

Sendo a gramaticalização um processo de mudança que envolve fatores de todos os níveis da língua, alguns teóricos apresentam princípios/parâmetros³⁸ que ajudam a identificar e descrever esse processo e seus diferentes estágios. Heine e Kuteva (2007) apresentam quatro parâmetros de gramaticalização, sendo eles: extensão, dessemantização, decategorização e erosão, que serão comentados a seguir.

3.2.1 Parâmetros de gramaticalização

Em Heine e Kuteva (2007), um cenário de evolução gramatical é proposto, no qual se parte do nível lexical para formas funcionais e estruturas. Baseando-se na gramaticalização como uma ferramenta para reconstruir o surgimento e desenvolvimento de formas gramaticais, os autores argumentam que generalizações sobre mudança gramatical nas línguas modernas podem ser estendidas para a reconstrução da evolução da linguagem, extrapolando aquilo que é conhecido para o desconhecido.

Os autores estabelecem quatro parâmetros inter-relacionados envolvidos no processo de gramaticalização, funcionando como ferramentas para identificar e descrever os fenômenos. Tais parâmetros relacionam-se com diferentes componentes da linguagem: semântica, pragmática, morfossintaxe e fonologia/fonética. Heine e Kuteva salientam que na gramaticalização há perdas envolvidas, mas também é

³⁸ Um dos trabalhos clássicos sobre princípios de gramaticalização é o de Hopper (1991). Também Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) enumeram sete características que servem como premissas para a descrição da gramaticalização. Lehmann (1995 [1982]), por sua vez, propõe seis parâmetros, basicamente formais, que contemplam os itens nos eixos paradigmático e sintagmático e avaliam seu grau de autonomia.

possível observar ganhos de propriedades do novo domínio. Os quatro parâmetros propostos pelos autores resumem-se em:

a) **Extensão** (ou generalização de contextos) – os elementos envolvidos no processo passam a figurar, com a mudança, em novos contextos de uso.

Os autores dispensam grande importância à extensão, pois, uma vez que sua natureza é pragmática, ela caracteriza o surgimento de novos sentidos gramaticais, a partir de um aumento dos contextos de uso do item envolvido no processo. Ao expandir seus contextos de uso, o item intensifica, também, sua frequência de uso. Esse processo tende a causar a decategorização e a dessemantização – o item perde informatividade, pois perde sua expressividade – e também a redução fonética ou erosão.

Heine (2002) mostra que o desenvolvimento diacrônico do item pode ser descrito por meio de um roteiro de estágios sucessivos, associados a diferentes tipos de contexto: (i) estágio inicial, em que não há um contexto restrito; (ii) contexto-ponte (*bridging*), em que há um contexto específico que dá origem a uma inferência em favor de um novo significado; (iii) contexto de mudança (*switch*), em que há um novo contexto que é incompatível com o significado fonte do item; e (iv) convencionalização, em que o significado alvo não precisa ser sustentado pelo contexto que lhe deu origem, ou seja, o uso do item se dá em novos contextos.

A perífrase IR (presente) + infinitivo surge num contexto de movimento e finalidade, pois a gramaticalização de IR como auxiliar relaciona-se com enunciados como *Vou ao mercado para comprar verduras* > *Vou comprar verduras no mercado*. Expandindo seu contexto para o uso com verbos que não exigem movimento, como em: *Vou pensar no que comprar quando chegar no mercado*.

b) **Dessemantização** (*bleaching*, redução semântica) – refere-se à alteração no significado, ou seja, a perda de conteúdo semântico. O item envolvido no processo de gramaticalização perde seu valor referencial e, ao assumir a nova função gramatical, adquire significados de natureza pragmático-discursiva.

É importante observar que a dessemantização não se refere apenas a possível perda de informatividade, proveniente da alta frequência de uso, pois, ao ser utilizado em novos contextos (extensão), o item tende a perder, também, parte de seu sentido original ao ser reinterpretado nesses novos contextos.

Nos exemplos citados anteriormente, o verbo IR pleno se reconfigura em auxiliar de futuro, perdendo seu significado inicial de deslocamento (*Vou ao mercado para comprar verduras*) para adquirir um significado mais abstrato de deslocamento no tempo (*Vou pensar no que comprar quando chegar no mercado*).

c) **Decategorização** (ou mudança categorial) – caracteriza-se pela perda de propriedades morfossintáticas típicas das formas-fonte, incluindo perda de *status* de forma independente (cliticização, afixação). Com isso, o item perde a liberdade sintática característica dos elementos lexicais, deixando de ser opcional e tornando-se obrigatório.

A decategorização constitui uma passagem de categoria mais “aberta” (como verbo), para uma categoria mais “fechada” (como marca de tempo e aspecto). No processo, o item perde suas propriedades morfossintáticas originais: o verbo IR pleno perde parte da sua liberdade sintática ao atuar como auxiliar, porque precisa relacionar-se com o verbo principal e estar flexionado no presente (vou comprar) ou no futuro do presente (irei comprar).

e) **Erosão** (ou redução fonética) – refere-se à perda de substância fonética.

A erosão é vista como uma consequência da frequência de uso do item. Esse processo implica em fusão de construções inteiras, como ocorre com *em boa hora* > *embora* (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996), ou diminuição de sua forma, como desaparecimento de sílabas, (*você* > *cê*). A construção IR (presente) + infinitivo apresenta redução, por exemplo: *vocomprá* – vou comprar, e ainda, *voícompra* – vou ir comprar.

Para que se possa entender a gramaticalização é importante observar os mecanismos pelos quais esse processo acontece, ou seja, os mecanismos cognitivos e comunicativos que estão por trás da mudança. Veremos a seguir quatro deles: extensão metafórica, extensão metonímica, reanálise e a analogia.

3.2.3 Extensão metafórica

O desenvolvimento de categorias gramaticais envolve transferência metafórica. A metáfora permite ao homem compreender o mundo das ideias em função do mundo concreto. Por esse motivo, ela funciona como estímulo para os processos de gramaticalização e pode-se

afirmar que ela está na base da mudança. Há um ritmo unidirecional nos processos metafóricos que vai do mais concreto para o mais abstrato e tanto a linguagem quanto a cognição humana operam através da metáfora (CASTLHO, 1997, p. 48).

Na extensão metafórica ocorre a manipulação de um termo linguístico para um novo conceito. É um processo no qual dois conceitos diferentes são igualados quando um dos termos é estendido para ser igual ao outro. O conceito do verbo IR pleno e a ideia que se tem da significação do domínio funcional do futuro igualam-se quando o conceito do primeiro é estendido para aproximar-se da significação do segundo.

Ao estudar a gramaticalização do verbo *to go*, no inglês, Heine (1992, p. 20) argumenta que a mudança de *be going to* do sentido lexical/concreto para o gramatical/abstrato tem uma base metafórica. Primeiro, diz respeito a como se pode entender um tipo de coisa através do uso de outro; segundo, envolve uma transferência do mundo real para o mundo do discurso, isto é, uma transferência do mundo social e físico para o mundo da razão e crença ou a transferência de um domínio humano de conceitualização para outro domínio.

No caso dos auxiliares, principalmente auxiliares de futuro como o verbo IR, estamos lidando com uma fonte de domínio caracterizado por esquemas-eventos de movimento ou localização. Esse domínio é típico do mundo humano, no qual pessoas são localizadas em algum lugar, movem-se, agem, desejam coisas, possuem coisas, etc. O domínio alvo, por outro lado, pertence a um mundo de funções discursivas mais abstratas, especialmente de funções relativas a tempo e a valores de verdade que fazem parte do discurso linguístico.

A metáfora, entretanto, é comumente vista como um processo que envolve um salto discreto de um domínio para outro, um processo difícil de conciliar com a gradualidade natural da gramaticalização. De fato, no caso de *be going to* a mudança de movimento físico para função gramatical prossegue em uma corrente baseada de um lado na evidência histórica: a mudança estende-se por muitos séculos e envolve muitos tipos de saltos de funções. Por outro lado, também aparece, hoje, no uso desse item. Tanto o aspecto diacrônico quanto o sincrônico tem pelo menos uma função intermediária que é a intenção. Historicamente o sentido de intenção pode existir por muitos séculos enquanto a predição é um sentido bem mais novo.

Essa mudança conceitual que acontece no processo de gramaticalização se dá, de fato, em um contínuo, devido a circunstâncias particulares que dão origem a novos significados gramaticais: tais significados são derivados de sentidos existentes, ou através de extensão

de um contexto e/ou através da convencionalização de inferências. É o que veremos a seguir.

3.2.4 Extensão metonímica

A extensão metonímica é outro mecanismo que favorece o desenvolvimento do processo de gramaticalização. A metonímia é basicamente uma associação contextual entre as formas adjacentes. O item que é usado para expressar um conceito específico passa a ser usado também para outro conceito. Assim, um significado é expresso em termos de outro, que está presente no (con)texto mesmo que por inferência.

Traugott e Köning (1991) e Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) consideram que a metonímia está na base de um processo de inferência por pressão da informatividade ou convencionalização por implicatura, no qual as pressões do contexto de uso levam um item linguístico à expressão de uma determinada função, que é inferida da significação original.

A inferência é uma habilidade do homem de deduzir o raciocínio de seu interlocutor, bastante importante no processo comunicativo. Ela pode ser simples, como deduzir de uma frase — *Como está frio aqui!* — que o falante quer mesmo é que o ouvinte feche a janela ou desligue o ar-condicionado; ou pode ser complexa, como nos casos que levam à mudança.

A convencionalização de implicatura ou inferência é o mecanismo predominante para criarmos significados secundários, gramaticais. Tais inferências e, igualmente, os significados secundários que surgem através de suas convencionalizações, não precisam estar necessariamente no seu sentido original. Com cada nova inferência convencionalizada, partes do sentido inicial são perdidas, até que o sentido original desaparece inteiramente e apenas o novo sentido permanece (HEINE, 1992, p. 22).

Quando a mesma inferência ocorre com certa frequência em relação a uma construção em particular, essa inferência torna-se habitual e passa a integrar o conjunto de funções codificadas pela construção. A nova função geralmente é mais abstrata do que aquela que lhe deu origem.

Para Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a, p. 70), a explicação para a mudança entre construções como *Eu vou na padaria* e *Vai chover em duas horas* pode ser dada através de duas perspectivas. A primeira delas, mais discreta e psicológica, é a coexistência de um sentido menos gramaticalizado e outro mais gramaticalizado, ambos expressos pela

mesma forma linguística, o que sugere uma análise em termos de metáfora (TAVARES, 2003, p. 66). A segunda é mais contínua e pragmática, mas depende do contexto, exibindo um funcionamento metonímico.

A metonímia serve como um reforço da informatividade (TRAUGOTT; KÖNING, 1991, p. 189) porque está associada à ideia do falante ser mais relevante, mais informativo, na comunicação. Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a, p. 72) chamam esse processo de “reinterpretação induzida pelo contexto”, uma vez que existe uma manipulação discursivo-pragmática pela qual conceitos são sujeitos a fatores contextuais em interpretações de enunciados.

Existe uma certa divergência entre os teóricos da gramaticalização a respeito dos mecanismos da metáfora e da metonímia e suas atuações no processo de mudança. Para Heine, Claudi e Hünemeyer (1991b, p. 166), metáfora e metonímia coexistem no processo de gramaticalização e têm em comum a estrutura $A \rightarrow B, B \rightarrow C$. Entre a transição de A para B e de B para C há estágios intermediários, que são responsáveis pela ambiguidade e variação nas línguas. Para os autores, a metáfora e a metonímia atuam em momentos diferentes do processo de gramaticalização – ou vinculam-se a fenômenos distintos, mas podem ocorrer também simultaneamente na gramaticalização.

Já Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 285) acreditam que elas atuam em diferentes estágios: a metáfora atua em estágios iniciais e a metonímia é responsável pelas mudanças entre significados mais abstratos.

Traugott e Köning (1991, p. 190), por sua vez, afirmam que a metáfora e a metonímia atuam conforme o tipo de função gramatical que está envolvida no processo de gramaticalização. No caso da função de tempo a metáfora atua primeiro, pois conceitos mais complexos são apresentados por meio mais concreto. Isso significa dizer que a função de futuridade é uma função bastante complexa (pois envolve modalidade, aspecto e processos cognitivos complexos, como a intenção e a predição) e que acaba sendo codificada por um conceito mais concreto, o verbo IR e seu significado de deslocamento espacial.

Embora nem todos os teóricos pensem da mesma forma a respeito desses dois mecanismos de mudança, é possível encontrar um ponto de convergência entre eles: ambos os mecanismos traçam uma trajetória de abstração crescente e/ou generalização de funções-significados (cf. TAVARES, 2003, p. 68).

Outros dois mecanismos que atuam no processo de gramaticalização e que são reconhecidos como significativos para

qualquer processo de mudança na língua, principalmente as mudanças morfossintáticas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 32), são a reanálise e a analogia.

3.2.5 Reanálise e analogia

A reanálise modifica representações subjacentes, sejam elas semânticas, sintáticas ou morfológicas, e produz mudança de regra. A analogia, por sua vez, modifica manifestações de superfície e, por si só, não afeta mudanças de regra, ainda que promova a disseminação dentro do sistema linguístico ou dentro da comunidade.

O mecanismo da reanálise é relacionado com a metonímia, pois está envolvido em mudanças sintagmáticas e localizadas e o mecanismo da analogia com a metáfora, porque atua na mudança de paradigma. As duas, no entanto, envolvem inovações dentro dos diferentes eixos, sintagmático e paradigmático.

Tanto a reanálise quanto a analogia são mecanismos que facilitam a gramaticalização. Em alguns casos elas agem conjuntamente, em outros não. Entretanto, nenhuma das duas constitui uma obrigatoriedade para que ocorra a mudança por gramaticalização, ou seja, elas podem ser tratadas como mecanismos independentes do processo de gramaticalização.

A reanálise, segundo Hopper e Traugott (1993, p. 40), é a mudança na estrutura de uma expressão, ou classes de expressão, que não envolve imediatamente ou intrinsecamente modificação na superfície da manifestação linguística. Esse conceito pode ser visto como uma mudança de fronteira no sentido de que a forma está perdendo uma fronteira e criando outra. Esse processo mais geral da reanálise redefine as fronteiras da forma, transformando uma estrutura, como (A, B) C, em uma nova estrutura: A (B, C).

Para Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a, p. 217) existe grande iconicidade entre processos cognitivos e padrões linguísticos. As categorias metafóricas se refletem na estrutura lexical, e existe uma correspondência entre essas categorias e as classes de palavras. Então, é provável que, na transferência de um conceito para outro, o *status* da palavra-tipo usada para expressar aquele conceito seja afetado. E ainda, se um morfema é gramaticalizado, isso afeta não apenas sua posição sintática ou pragmática, mas também o constituinte da sentença ao qual pertence.

Ainda que existam razões para assumir que a gramaticalização e a reanálise sejam processos inseparáveis, elas devem ser vistas como

processos separados, principalmente porque a gramaticalização não precisa ser acompanhada pela reanálise. Esta, em última instância, reorganiza as formas linguísticas, reinterpretando as relações estabelecidas entre os elementos. Os falantes da língua acabam fazendo outra interpretação do que estão ouvindo/produzindo. A analogia, por outro lado, refere-se à atração de formas existentes a construções já existentes.

Apenas a reanálise pode criar novas estruturas gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 57). Entretanto, não se pode subestimar o papel da analogia no estudo da gramaticalização. O trabalho da analogia pode ser visível na estrutura superficial e, em muitos casos, é a primeira evidência, tanto para o falante de uma língua quanto para os linguistas, de que uma mudança está ocorrendo. Esse processo é frequentemente visto como generalização de regra, no sentido que generaliza uma regra de um domínio relativamente limitado para um mais amplo. Embora a analogia não atinja todas as formas, em combinação com a reanálise ela serve como mecanismo que facilita a mudança.

Além disso, existe outra perspectiva de sua atuação nas estruturas linguísticas: a da generalização de padrões de uso, como reflexo da frequência com que cada dado das estruturas pode ocorrer ao longo do tempo.

Ao permitir a generalização de uma nova estrutura para outros contextos, a analogia aumenta a frequência de uso da estrutura o que contribui para sua estabilização no sistema linguístico. Um estudo sobre a mudança deve, nesses casos, envolver uma análise quantitativa, com uma amostra de textos em intervalos de tempo regulares e um mapeamento das mudanças de forma e significado de uma construção específica para obter-se a frequência de uso dessa construção no discurso. Isso permite ao pesquisador pontuar o estágio em que se encontra a mudança e também sua influência nas estruturas adjacentes³⁹.

³⁹ O tipo de mudança que a fórmula $A > A/B > B$ caracteriza é analisada não do ponto de vista dos tipos de construção (como futuro perifrástico > futuro afixal), mas do ponto de vista de ocorrência de dados (o quanto o futuro perifrástico e o futuro afixal são usados frequentemente ao longo do tempo). O método quantitativo diacrônico captura o aumento progressivo de casos da construção mais nova B em detrimento da construção mais velha A. Tipicamente, o estágio inicial já se encontra em variação e o estágio final pode ainda estar em variação. Tais estudos quantitativos ressaltam a gradualidade da disseminação da mudança.

3.3 FREQUÊNCIA DE USO

A frequência de uso mostra-se como uma ferramenta utilizada por vários teóricos a fim de ajudar a explicar os processos de mudança. Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a, p. 245) evocam a frequência de uso, mostrando que ela sedimenta o item em determinado contexto, e este passa a fazer parte da gramática de forma mais estável.

Ao tratar de processos de mudança como a reanálise e a analogia, Hopper e Traugott (1993, p. 57) discutem o papel da generalização de padrões de uso, mostrando que a analogia permite a generalização do item para outros contextos, aumentando a frequência de uso da estrutura o que contribui para a estabilização do item no sistema linguístico.

Bybee e Hopper (2001) salientam que tanto os casos frequentes quanto os não frequentes são importantes, uma vez que, na passagem do tempo entre uma sincronia e outra, a frequência de uso determina o início ou o fim das trajetórias nas quais os itens participam em processo de gramaticalização.

Heine e Kuteva (2007), por sua vez, mostram que a extensão leva ao aumento de contextos de uso, o que leva a aumentar a frequência de uso do item. Assim, o item perde informatividade (decatégorização) e expressividade (dessemantização) e acaba por sofrer erosão. Ou seja, se a extensão permite o “espraiamento” dos contextos nos quais o item pode ocorrer, é a frequência de uso que tem papel relevante na sua decategorização, dessemantização e erosão.

Para Bybee (2003, p. 603-604), a frequência tem um papel importante no processo de gramaticalização, pois é o fator primário que contribui para esse processo de mudança. A partir dessa perspectiva, leva-se em conta o aumento da frequência de uma construção/expressão e não simplesmente o fato de um item lexical isolado tornar-se mais gramatical.

Nesse sentido, atribui-se à repetição um papel crucial nos processos de gramaticalização, pelos quais sequências de palavras ou morfemas, frequentemente usados, se tornam automatizados como uma única unidade de processamento.

Mostrando que a frequência fixa o uso do item, tornando-o automatizado, e cria estabilidade no sistema, Bybee (2003) observa que a frequência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica (ou generalização) de uma forma pelo hábito: formas tornam-se mais gerais e mais abstratas no significado. Essa perda de transparência semântica leva ao emprego da construção em outros contextos com novas associações, estabelecendo mudança semântica.

Para Bybee e Hopper (2001, p. 364), itens mais frequentes se tornam mais arraigados (*entrenched*) e podem construir representações independentes; quanto mais arraigada uma forma/construção estiver, menos será substituída por algum padrão frequente. Por outro lado, os itens de menor frequência têm representações mais fracas na memória e mais riscos de serem substituídos por padrões morfofonêmicos mais produtivos. A armazenagem e a recuperação são os mecanismos pelos quais isso acontece: se a forma a se recuperar é uma forma frequente, ela estará prontamente disponível enquanto que, se se tratar de uma forma menos frequente, a tendência é a sua substituição.

Segundo Bybee (2003, p. 604), há dois tipos distintos de frequência ou dois métodos para controlá-la. O primeiro mede a “frequência de ocorrência” (*token frequency*) e o segundo, a “frequência de tipo” (*type frequency*), referindo-se a um tipo de estrutura ou padrão em particular.

No primeiro caso, frequência de ocorrência, conta-se, por exemplo, o número de ocorrências da perífrase IR (presente) + infinitivo num determinado texto. Essa contagem vai incluir tanto a perífrase em contextos de futuridade quanto em contextos de habitualidade como em “Ah, mas ela trabalha em casa, mas ela trabalha muito porque é aquela luta, né? Limpa casa, atende a filha, *vai levar* no colégio, *vai buscar*, tem a luta dela também, né? (FLP07:0579)”, ou ainda como um marcador discursivo: “O carteiro começa a fazer a entrega, *vamos dizer* assim, na Valdemar Vieira. (FLP14:67)”. No segundo caso, frequência de tipo, observa-se, por exemplo, a perífrase IR (presente) + infinitivo no contexto de futuridade, envolvendo tanto enunciados como “Vou comprar verduras no mercado.” quanto “Vai chover depois da ventania.” Aqui, no entanto, verifica-se também as outras formas que coocorrem nesse contexto de futuridade, o que significa dizer que serão contadas ocorrências como “Ela sairá mais cedo que nós.” e/ou “Eu termino o trabalho amanhã.”, pois tanto o futuro do presente quanto o presente do indicativo estão codificando o domínio funcional do futuro nesses casos.

Uma propriedade muito notável de construções gramaticalizadas é este aumento da frequência de tipo de coocorrência de itens lexicais. Como consequência, a frequência de ocorrência de unidades como *vou comprar* ou *vai chover* também aumenta drasticamente. O aumento na frequência de tipo ou generalidade é tão importante quanto o aumento na frequência de ocorrência, que fornece o dispositivo de disparo para muitas das mudanças que ocorrem na forma e na função do item gramaticalizado. A alta frequência de ocorrência desencadeia muitas mudanças porque isso

afeta a natureza das representações cognitivas dos itens na interação falante/ouvinte.

Analisando um bom número de exemplos, com dados diacrônicos e sincrônicos do inglês, Bybee (2003, p. 621) observa que a repetição afeta a semântica e a fonologia, promovendo a mudança, em particular a mudança redutora; e que a repetição também afeta a morfossintaxe, garantindo a retenção de características mais antigas.

Podem parecer contraditórios que a frequência de uso tanto possa incentivar a inovação em um domínio quanto melhorar o conservadorismo em outro. Bybee procura explicar esse paradoxo dizendo que as propriedades substantivas de palavras ou frases, o seu significado e forma fonética, são modificadas, usualmente reduzidas, com o uso. O processo de automatização ou ritualização tem um efeito sobre a linha de compressão e redução, isto é, um efeito de transformação. Em contraste, as propriedades estruturais de palavras e frases – isto é, a estrutura morfológica das palavras e as propriedades de construções sintáticas – são preservadas pela repetição, produzindo um efeito de armazenamento.

Em outras palavras, construções usadas com frequência são altamente enraizadas e mais propensas a serem acessadas como unidades inteiras e menos propensas a serem reformadas no ato de uso. Assim, a sua estrutura geral tenderá a ser preservada. Podemos dizer, então, que a repetição tem um efeito redutor no uso, mas um efeito de conservação no armazenamento.

A autora conclui que a frequência de uso é universal para o processo de gramaticalização. Repetição e suas consequências para a representação cognitiva são fatores importantes na criação de gramática. Os aspectos convencionalizados da linguagem fornecem a estrutura para a manipulação de nossos pensamentos em objetos de comunicação. Apenas a frequência de uso, porém, não pode explicar os universais de gramaticalização. O fato de que os mesmos caminhos de mudança aparecem em línguas não relacionadas tem múltiplas causas. Não é apenas o fato de que a repetição é importante, mas, além disso, é o que se repete que determina os caminhos universais.

3.4 TEMPO, MODALIDADE E ASPECTO (TAM) E REFERÊNCIA

Estamos propondo, nesta seção, uma descrição das categorias que compõem o domínio funcional do futuro: tempo, aspecto e modalidade, discorrendo sobre noções básicas que são adotadas ao longo

desta tese, dentre as quais destacam-se: a visão do tempo como dêitico, as diferenças entre tempo, aspecto, modalidade, a noção de referência (ponto de referência) que levam aos diferentes tipos de futuro e a relação entre o sentido de distância físico e a distância temporal.

3.4.1 Tempo verbal

Tempo verbal é definido, por Fleischman (1990, p.43), como a gramaticalização da localização no tempo, envolvendo a localização de situações⁴⁰ predicadas na sentença ou no discurso com referência a um tempo cronológico⁴¹. Em contraste com outras categorias gramaticais associadas com o verbo (aspecto, voz, modo) o tempo verbal é relacional, pois envolve pelo menos dois momentos no tempo cronológico: momento da fala e o momento da referência, que podem coincidir totalmente ou apenas em parte. Essa noção será retomada ao tratarmos das noções de tempo absoluto e tempo relativo.

A definição de tempo verbal acima enfatiza o fato de que tempo verbal é uma categoria gramatical. Esta é uma importante consideração visto que a localização dos eventos no tempo cronológico pode ser codificada de muitas formas além da morfologia verbal. Compare os dados abaixo nos quais a futuridade é expressa respectivamente por um tempo verbal futuro (01), por um advérbio de tempo futuro (02) e pelo contexto (03).

(01) Eu acho que o Artur *vai passar* a lua-de-mel na Europa.

(02) O Artur e a Fernanda viajam para a Europa *no próximo mês*.

(03) — Todo mundo sonha em passar a lua-de-mel na Europa.

— É mesmo. E o Artur e a Fernanda?

— Eles viajam para a Itália (na lua-de-mel).

Para línguas que têm tempo verbal⁴², esta é uma categoria que permite expressar a localização do tempo cronológico gramaticalmente,

⁴⁰ *Situação* é usado como um termo que engloba predicados tradicionalmente referidos como eventos, processos e estados ou, de acordo com a tipologia de Vendler (1967), estados, atividades, *achievements* e *accomplishments*.

⁴¹ A distinção entre tempo cronológico e tempo verbal é mais nítida no inglês, por exemplo, com as denominações respectivas de *time* e *tense*.

⁴² Há línguas como o Burnese e o Dyirbal, por exemplo, que marcam o tempo cronológico no léxico (advérbios) ou no contexto (COMRIE, 1985, p. 24-25).

ou seja, na morfologia verbal; entretanto a referência de tempo cronológico também pode ser expressa lexicalmente, contextualmente ou através de pressuposições; a morfologia de tempo verbal frequentemente torna-se semanticamente redundante. Devido a isso, desde que essa morfologia seja obrigatória na língua e desde que as línguas procuram trabalhar num ritmo de economia funcional, há uma forte motivação para reciclar a morfologia temporal de modo a desempenhar outros tipos de função (não temporais) no discurso (FLEISCHMAN, 1990, p. 54).

Essa colocação abre espaço para dizermos que formas ou morfologia verbal tradicionalmente codificadoras de um tempo verbal (presente do indicativo, por exemplo) podem vir a expressar outro tempo verbal (“tempo futuro”), revelando, nesse processo, matizes mais modais ou aspectuais, fruto de uma gramática funcional da língua.

Por outro lado, o tempo verbal nem sempre expressa o fluxo do tempo cronológico, nem a sua segmentação. Ele codifica uma sequência de eventos/situações amarradas pela referência. Segundo Fleischman (1982, p. 08), as sequências temporais que o tempo verbal marca podem não estar em perfeita sintonia com o tempo cronológico, embora essa relação ocorra com muita frequência.

3.4.1.1 Tempo verbal e dêixis

Para Givón (2001, 2005), a noção de tempo se ancora na noção de tempo/momento de fala, que é um componente importante da *situação de fala corrente*. Nesse sentido, tempo tem sido reconhecido como parte da pragmática da comunicação. Nos termos de Givón (2001, p. 286): “tempo (*tense*) é fundamentalmente um fenômeno pragmático – em vez de semântico-proposicional –, que ancora a proposição num ponto temporal externo a ela”.

O autor vai mais além ao propor que o eixo temporal da situação de fala corrente é um constructo mental: ao usar marcadores de tempo, os falantes pressupõem que seus interlocutores têm ativado um modelo mental da situação de fala e podem localizar apropriadamente os eventos em relação aos eixos temporais que se alternam constantemente no discurso (2005, p. 153).

Esse complexo de referência é dado a partir do momento de fala. Assim, temos um tempo antes, um simultâneo e um depois deste momento, sendo, pois, três os tempos verbais básicos: passado, presente e futuro.

Uma vez que o tempo cronológico está orientado por um ponto de referência mutável, representado pelo momento de fala, estamos

trabalhando com um sistema dêitico. Segundo Lyons (1977, p.678), o tempo verbal, nas línguas que o possuem, é parte de uma moldura dêitica da referência temporal: ele gramaticaliza a relação que existe entre o tempo cronológico da situação que está sendo descrita e o ponto temporal zero do contexto dêitico. A categoria dêitica tempo é marcada formalmente por sufixos, itens lexicais (como os advérbios hoje, amanhã e agora), expressões lexicais (na próxima semana, depois de amanhã) ou verbos auxiliares. O momento mais simples (direto) de um sistema dêitico é aquele no qual o falante “aqui e agora” é dado como centro, ou ponto-zero (LYONS, 1977; COMRIE, 1985; 1995).

A partir do momento de fala como centro dêitico, outros elementos relacionados com o tempo verbal também ficam definidos: em relação a pessoa, fica a primeira pessoa definida como o falante, a segunda pessoa como o ouvinte e a terceira pessoa abarca o todo restante⁴³. Em termos de espaço, o espaço no qual a situação ocorre é definido como “aqui” e todo o resto é visto como “lá”. De fato, a situação é mais complexa quando envolve espaço, já que a localização física do falante e do ouvinte pode não ser idêntica; é possível que haja uma separação física entre eles.

Conforme exposto anteriormente, uma vez fixado o momento de fala, isto é, o ponto no tempo cronológico em que o falante produz a declaração (também chamado de tempo de fala, ponto de fala e momento de fala (MF)), encontramos três tempos verbais básicos – passado, presente e futuro –, ordenados linearmente numa sucessão de pontos. O presente do falante é o centro dêitico para a proposição contida na declaração e pode ou não coincidir com o momento de referência (MR).

Para Fleischman (1982), o momento de referência (MR), igualmente chamado de ponto de referência⁴⁴ serve como um cenário ou plano temporal no qual o evento é situado⁴⁵. O ponto de referência mais comum é o momento de fala (GIVÓN, 2001, p., 285) diretamente relacionado com o ato de fala e admitido como um tempo não marcado,

⁴³ Justamente pelo seu caráter não dêitico, a chamada terceira pessoa é denominada de *não-pessoa* por Benveniste (1989).

⁴⁴ Ilari (1997) sugere que se use termos como “períodos” ou “lapsos de tempo”. Acreditamos que o ponto de referência é mesmo uma âncora para situar eventos e/ou situações. Adotamos, então, a nomenclatura ponto de referência. Essa nomenclatura também é adotada por Coan (2003).

⁴⁵ Esta é uma conceituação que leva em conta o componente pragmático ou um contexto extralinguístico. Entretanto, o ponto de referência também pode ser dado semanticamente (contexto linguístico).

ou *default*. De acordo com Givón (1993), o tempo verbal está inserido em um cenário (*frame*) dêitico de referência temporal que envolve a relação entre o tempo da situação e o ponto zero temporal do contexto dêitico (momento de fala). Quando vinculadas ao momento de fala, situações do passado, presente e futuro tomam este ponto como referência. Entretanto, essas mesmas situações podem servir de âncora para outra situação anterior ou posterior a elas⁴⁶.

O momento da situação ou ponto de evento (MS) também é um ponto marcado na linha do tempo cronológico; sua localização nessa linha é especificada relativamente ao momento de referência ou ao momento de fala. É o momento em que acontece o evento, processo ou ação, o tempo da predicação⁴⁷.

O momento da situação é aquele que se manifesta de forma mais concreta, porque tem um referente temporal definido e também porque se pode captar objetivamente o intervalo de tempo no qual ocorre o evento. O momento de fala está no ato de comunicação e se refere diretamente ao falante/ouvinte. Além desses dois pontos de apoio, usamos o momento de referência que, dos três pontos, é aquele que detém a maior complexidade, porque é basicamente teórico e seus limites não são percebidos concretamente, para obtermos uma descrição completa dos tempos na linguagem natural.

Vale mencionar que Reichenbach (1947, p. 217)⁴⁸ propõe uma descrição para os tempos verbais de uma língua, distribuindo as relações temporais a partir de três pontos de orientação ao longo de uma linha hipotética do tempo cronológico, assim identificados: ponto do evento (E), ponto de referência (R) e ponto de fala (S). O autor postula, porém,

⁴⁶ Tratando dessa questão em especial, a de que se tem um momento de referência que não coincide com o momento de fala, é que muitos teóricos, como Fleischman (1982), Corôa (2005), Comrie (1985) e Lyons (1977), fazem uma distinção entre “tempo relativo” e “tempo absoluto”. O primeiro ocorre quando o momento de referência não coincide com o momento de fala e o segundo é definido quando o momento de referência coincide com o momento de fala.

⁴⁷ Neste trabalho operamos com a ideia de momento da situação (MS) e não momento do evento (ME), visto que nem sempre se trata de um evento, pois podemos encontrar desejos, condições e estados expressos.

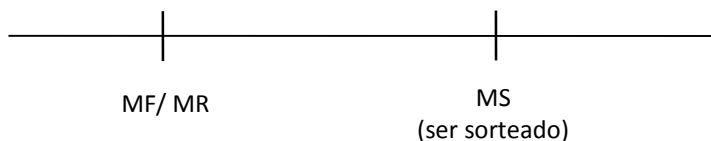
⁴⁸ O estudo de Reichenbach, embora de cunho formal, é considerado um clássico e base para muitos trabalhos que abordam a relação entre tempo verbal e tempo cronológico, mesmo trabalhos que seguem uma linha funcional (GIBBON, 2000; COAN 1997 e 2003). Nesta pesquisa, ele serve principalmente para delinear o tempo verbal futuro, mostrando suas relações com outros tempos verbais e com as categorias de modo/modalidade e aspecto.

que as línguas possuem mais do que três tempos verbais e esquematiza, num modelo recursivo, nove formas, considerando as seguintes relações: (E) em relação a (S) pode ser ‘passado’, ‘presente’ e ‘futuro’; (E) em relação a (R) pode ser ‘anterior’, ‘*simple*’ e ‘posterior’, sendo a palavra ‘*simple*’ usada para a coincidência de (R) e (E). (REICHENBACH, 1947, p. 296)

3.4.1.2 O futuro e suas referências

Mesmo com uma forte carga modal, o futuro é caracterizado como um tempo verbal (“tempo futuro”), considerado por muitos teóricos como um tempo que tem seu ponto de referência no momento de fala. Este tempo verbal indica uma posterioridade do momento da situação em relação a um momento de referência presente. Observe:

(04) É que ele trabalha com malote, então eles deram uns dez cupons pra ele, pra ele mandar pro Faustão. *Vai ser* sorteado no Programa do Faustão, né? Dia dezoito. (FLP09:180)



A ação de “ser sorteado” está ancorada no momento de fala, e a ação futura ocorrerá no dia 18, inferido como um dia que é posterior ao do ato de fala.

Em sentenças simples, a expressão do futuro tem como referência o momento de fala. Entretanto, em sentenças combinadas, podemos considerar outras possibilidades entre as situações expressas pelos verbos. Todas estão vinculadas, em algum grau, ao momento de fala, tendo este como referência, mas relacionam-se entre si.

(05) Ele **estará terminando**
terminará
vai terminar o curso e **será**
termina um bom médico.
irá terminar

Em (05), “terminar” e “ser” ocorrerão depois do momento de fala, e “ser” é posterior a “terminar”. O tempo de “ser” é futuro do futuro. Observe que o momento de fala ancora “terminar” e esta ancora “ser”. Nesse exemplo, observamos que o presente do indicativo não pode servir como uma forma cambiável para a segunda situação, “ser um bom médico”. O presente do indicativo não pode garantir a expressão da futuridade: “Ele terminará/vai terminar/termina o curso e é um bom médico”. Também as perífrases IR (futuro) + infinitivo e estar (futuro) + gerúndio possuem alguma restrição, embora o seu uso na segunda sentença, “*irá ser/estará sendo* um bom médico”, é possível. Nesse caso, acreditamos que é o verbo principal, “ser”, que restringe o uso dessas perífrases. Elas são possíveis nessa construção, mas não aparecem com tanta frequência.

Pode ocorrer um futuro cotemporal, ou seja, simultâneo. Nesse caso, as ações descritas e localizadas posteriormente ao momento de fala exibem a mesma ordenação temporal relativa, ocorrem no mesmo intervalo de tempo. Admita-se que em (08) o momento posterior ao momento de fala é o intervalo em que ocorre a ação de “colocar” e é também aquele em que ocorre a ação de IR. Para Mateus *et al.* (1989, p. 78) as duas orações devem ter o mesmo tempo linguístico. Por exemplo:

	colocas		vou	
(06) Enquanto	vais colocar	gasolina,	vou ir	ao banco.
	estarás colocando		estarei indo	
			irei	

Na sentença (06), observamos alguma restrição quanto ao uso da perífrase IR (futuro) + infinitivo, principalmente na segunda ação, “ir ao banco”, que ficaria “irei ir”. Sem a perífrase, o verbo IR no futuro do presente se encaixa melhor.

Através do estudo dessas referências apresentadas nesta seção, mostramos que, apesar da sua modalidade inerente, o “tempo futuro” apresenta na língua formas que podem se ancorar em um momento posterior ao momento de fala, independente dos matizes modais que codificam. E ainda, dentro das ações futuras, há relações de anterioridade, posterioridade e cotemporalidade que devem ser analisadas, pois revelam aspectos importantes relacionados com a perífrase IR (presente) + infinitivo.

3.4.1.3 Distância temporal como metáfora

Levando em consideração as funções referencial, textual e expressiva (cf. HALLIDAY e HASAN, 1976)⁴⁹ da língua, Fleischman (1989) postula que a distância temporal expressa diacronicamente pelo tempo é sistematicamente estendida, tanto sincrônica quanto diacronicamente, para convencionar a distância não apenas no âmbito da gramática (componente referencial) mas também nos atos pragmáticos.

A distância do “agora” do falante ao longo do eixo temporal é metaforicamente convertida na distância conceitualizada em termos de outras noções gramaticais e pragmáticas que a língua encontra para marcar novas funções ou termos. A natureza escalar da distância temporal, isto é, o fato de que as línguas geralmente gramaticalizam níveis de uma ideia remota no passado ou no futuro, faz desse conceito um bom veículo metafórico para expressar outras noções linguísticas que são mais bem descritas em termos escalares do que em termos binários (FLEISHCHMAN, 1989, p. 03)

Tempo como função referencial serve para localizar a situação cronologicamente em relação ao ponto de referência: tão perto ou distante do ponto dêitico, tradicionalmente reconhecido como o “agora” do enunciado. Esse movimento vai da proximidade espacial e temporal para uma maior expansão e abstração desses conceitos. Nesse processo ocorre a similaridade da distância temporal e espacial, tornando-se um conceito mais abstrato e promovendo maior distância cognitiva (FLEISCHMAN, 1989, p. 20).

O “tempo futuro”, por exemplo, tem um uso linguístico de atenuar a força deôntica dos imperativos através da projeção da ação desejada no futuro, mais hipotética, menos do domínio *realis* que o presente.

Para Comrie (1985), é preciso distinguir entre casos de graus de sentido remoto/intrínseco à noção de tempo e casos em que há uma mera implicatura derivada de outras características de sentido do tempo. O autor acredita na grande flexibilidade do futuro: em línguas em que se

⁴⁹ De acordo com os autores, o “componente referencial” consiste no conteúdo proposicional das sentenças (significados referenciais, funções gramaticais); o “componente textual” inclui todos os recursos disponíveis na língua para criar e organizar o discurso de acordo com o contexto da situação e sinalizar a informação relevante para a estrutura do próprio texto (a saliência dos diferentes segmentos do discurso) e o “componente expressivo” inclui a criação linguística relacionada com o social, o afetivo e funções conativas da língua.

observa uma forma diferente para codificar o futuro remoto em relação ao futuro próximo, por exemplo, o primeiro não pode ser usado para situações que ocorrem ‘hoje’ ou ‘amanhã’, já o futuro próximo pode ser usado em qualquer referência de tempo futuro, mas quando usado em situações que ocorrem ‘amanhã’ indica subjetividade.

Pensando dessa forma, Fleischman (1982) argumenta que o sentido de futuro imediato tradicionalmente associado ao *going to* é uma implicatura derivada do sentido básico de relevância do presente de uma situação futura. No francês, por exemplo, o futuro (*je ferai*) é normalmente inapropriado para situações localizadas em um futuro próximo, que devem ser codificadas com estruturas como *going to* ou o presente. Entretanto o *going to* é frequentemente usado para situações localizadas no tempo remoto, indefinidas temporalmente, ou ainda para o puro futuro hipotético.

O que permite construções como *going to* serem usadas para situações que são objetivamente remotas no tempo ou hipotéticas é o fato de que essas situações são vistas pelo falante como conectadas às circunstâncias presentes, ou seja, há relevância do presente. A distância ou sequencialidade envolvida pode não ser restritamente temporal, mas lógica ou causal (x acontecerá no futuro porque y ocorre agora) — um uso pragmático ou baseado no falante (componente expressivo) da proximidade temporal para expressar causa que não é enunciada. Podemos representar o contraste entre *going to* e o futuro do presente (*will*) em termos de características de proximidade do “agora” do falante, ou seja: [\pm próximo] \rightarrow *going to* e [$-$ próximo] \rightarrow *will*.

Os estudos de formas como *going to* nos permitem afirmar que a distância temporal tem sido usada em um grande número de línguas⁵⁰ e em variados tipos de discurso (escrito, falado, literário, narrativo etc.) para expressar distância ao longo de outro eixo conceitual e cognitivo, em particular os eixos de modalidade (epistêmica e deontica), assertividade, função social/interpessoal (a distância revelando polidez) e, especialmente, subjetividade do falante. A transferência metafórica da distância temporal opera diacronicamente levando a gramaticalização de extensões de significados básicos (como o tempo passado e o tempo futuro) para significados mais abstratos e secundários (como a ideia de condicional e de imperativo/comando).

⁵⁰ Fleischman (1989, p.35) relata o contraste existente nos falantes da região dos Andes entre futuro do presente e estruturas como *going to*: o primeiro está cristalizado com sentido de dúvida, não pessoal, enquanto o segundo é pessoal.

3.4.2 Aspecto

Diferente do tempo verbal, o aspecto não é uma categoria relacional, e também não é dêitica. O aspecto não tem a ver com a relação do tempo cronológico de uma situação com qualquer outro ponto no tempo, mas diz respeito à noção de como o falante escolhe traçar um perfil da situação. Em outras palavras, o aspecto difere do tempo em dois ângulos fundamentais: ele não é dêítico⁵¹ e gramaticaliza significados distintos tais como duração, repetição, frequência e outros (FLEISCHMAN, 1982, p. 11).

Também Comrie (1995, p. 03) define aspecto como os diferentes modos de ver a constituição temporal interna de uma situação e contrapõe esse conceito ao de tempo verbal, afirmando que este relaciona o tempo cronológico de uma situação a outro tempo, geralmente com o momento de fala⁵².

As línguas diferem consideravelmente no que diz respeito a oposições gramaticalizadas sob o escopo do aspecto. A mais proeminente oposição aspectual é o contraste entre perfectivo/imperfectivo⁵³. Fleischman (1990, p. 19) assevera que o perfectivo, tipicamente, denota uma situação única vista sinteticamente do lado de fora, que é uma totalidade sem análise de resultados definidos.

Pelo contraste, verbos imperfectivos mostram analiticamente situações vistas de dentro, fazendo referência explícita ao desenvolvimento interno e deixando os pontos-finais inteiramente fora do foco (FLEISCHMAN, 1990, p. 20)⁵⁴.

⁵¹ O aspecto faz referência a um fato/situação independente do ponto dêitico do momento de fala, pois centra o tempo no fato e não o fato no tempo (cf. COSTA, 1990).

⁵² Entretanto, a diferença entre tempo e aspecto não é algo tão simples. Fleischman (1982, p. 16) aponta que o aspecto perfectivo, por exemplo, possui conotações temporais, um aspecto que marca um evento como completo também implica anterioridade temporal, particularmente em contextos de passado e de futuro, como no exemplo citado pela autora: *Quando eu terminar de ler o livro, passarei ele para você.* (*When I've read it, I'll pass it on to you.*)

⁵³ Uma metáfora muito útil para descrever esse contraste é a lente da câmera que pode focar um objeto de tal forma que ele pode ser visto de muitas perspectivas.

⁵⁴ Para Fleischman (1990, p. 19), o tempo verbal é usado para expressar localização no tempo e o aspecto refere-se a sentidos gramaticais para expressar noções de completude, duratividade e iteração. Isto não significa dizer que tais noções não possam ser expressas lexicalmente através do modo de ação (*aktionsart*) ou via tipos de situação.

Para Comrie (1995, p. 04), tanto o aspecto perfectivo quanto o imperfectivo podem ser usados igualmente pelo falante para fazer referência à mesma extensão de tempo. Isto quer dizer que uma situação perfectiva pode ser analisada em fases, apresentando uma estrutura interna desde que essa análise não afete a visão de um todo único. Entre as possibilidades de se fazer alusão à constituição temporal interna de formas perfectivas podemos citar o significado lexical do verbo em questão, as expressões adverbiais e o contexto⁵⁵.

3.4.3 Modo e modalidade

A modalidade, para Fleischman (1982, p. 13), relaciona-se com certos elementos de significação expressos pela língua. Ela recobre traços semântico-pragmáticos tais como justificativa, intenção, necessidade, desejo, possibilidade, etc. Tradicionalmente, a modalidade é definida como aquilo que tem relação com a atitude do falante acerca do conteúdo proposicional da sua declaração. O modo⁵⁶, por outro lado, é uma categoria verbal que envolve itens morfológicos e também paradigmas verbais como subjuntivo, indicativo e imperativo. Isso significa dizer que frequentemente o modo traduz os traços de modalidade, mas nem sempre há uma correlação de um para um entre modo e modalidade.

Givón (1995, p. 113) postula a modalidade como um domínio funcional complexo, que envolve subdomínios semântico e pragmático; e observa que uma tipologia sincrônica da modalidade é opaca sem o acesso relevante à diacronia.

O autor propõe que a atitude do falante frente à informação veiculada pela proposição pode ser vista como dois tipos de julgamento: (a) epistêmico (de verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência); e (b) deontico (de desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação e manipulação). Devemos admitir que os dois tipos de modalidade possuem gradação de uso.

A modalidade epistêmica pode ser dividida em quatro tipos, de acordo com a interpretação comunicativo-pragmática que envolve o

⁵⁵ O aspecto imperfectivo, todavia, sofre restrições que não nos permitem utilizá-lo para indicar uma situação vista como um todo.

⁵⁶ Segundo Travaglia (1994), os termos “modo” e “modalidade” são frequentemente usados como sinônimos. Os modos gramaticais (indicativo, subjuntivo e imperativo) são apenas um dos meios de marcar a modalidade que pode também ser marcada por advérbios (talvez, provavelmente), uma oração principal ou por verbos do tipo crer, proibir, e ainda pela entonação da voz do falante.

falante e o ouvinte: (a) Pressuposição – a proposição é admitida como verdadeira, por definição, concordância prévia, convenção genérica culturalmente partilhada, por ser óbvia a todos os presentes da situação de fala, ou por ter sido enunciada pelo falante e não ter sido contestada pelo ouvinte; (b) Asserção *realis* – a proposição é fortemente asseverada como verdadeira. O ouvinte pode contestá-la embora o falante disponha de evidência ou outras medidas fortes para defender sua forte crença; (c) Asserção *irrealis* – a proposição é fracamente asseverada como possível, provável ou incerta (sub-modo epistêmico) ou necessária (sub-modo deontico). Todavia o falante não está pronto para manter a proposição com evidências ou outras medidas fortes e a contestação do ouvinte é recebida e até solicitada; (d) Asserção negativa – a proposição é fortemente asseverada como falsa, é uma contradição a crenças assumidas pelo ouvinte. Este pode contestar, mas o falante dispõe de evidências ou outras medidas fortes para reforçar sua colocação. (GIVÓN, 2001, p. 285)

Não é comum encontrarmos a modalidade marcada uniformemente nas gramáticas das línguas (exceto a asserção negativa), pois por pressuposição, *realis* e *irrealis* são gramaticalizadas a partir de uma enorme variedade de domínios-fonte, que ocorrem em múltiplos contextos gramaticais. Entretanto a sua ocorrência e distribuição nesses contextos é muito previsível e universal. Os principais contextos apontados por Givón (2001, p. 288) são: a modalidade inerente no léxico dos verbos, a combinação do tempo verbal e do aspecto, auxiliares, advérbios modais e tipos de oração.

3.4.4 Do traço aspectual à modalidade

Pesquisas que envolvem a expressão do futuro através de perífrases com o verbo IR (chamadas de construções *go-future*) mostram o quanto o aspecto e a modalidade estão imbricados na escolha dessas perífrases para codificar o futuro e no seu posterior desenvolvimento dentro do domínio funcional do futuro.

Bybee, Perkins e Pagliuca (1994)⁵⁷ constataram que o desenvolvimento dos auxiliares de futuro provém de um número restrito de fontes: verbos de movimento, marcadores de obrigação, desejo e

⁵⁷ Os autores analisaram cento e cinquenta e seis formas usadas para expressar futuramente em setenta línguas diferentes. E, segundo eles, uma forma está codificando o futuro quando seu sentido for equivalente a uma predição por parte do falante de que a situação na proposição, a qual se refere a um evento que está situado depois do momento de fala, vai ocorrer (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 244).

habilidade, e advérbios temporais. E além desse futuro, que os autores chamam de *futuro primário* (*primary futures*), o futuro pode surgir como uso de uma forma cuja principal função é ser marca de tempo presente ou aspecto perfectivo e/ou imperfectivo, que os autores chamam de “futuros aspectuais” (*aspectual futures*). Embora de fontes diferentes, o processo de gramaticalização converge, em fase inicial, para uma mesma função: expressar a intenção do falante.

Os autores (1994, p. 279) sugerem que a “intenção” é a ponte para outro sentido, a “predição”, e que a mudança da intenção para a predição ocorre via inferências que os ouvintes fazem com base na fala dos interlocutores, ou seja, a fonte mais comum para formar marcadores de futuridade é aquela que produz a inferência de intenção mais facilmente — desejo, forte obrigação e sentidos de movimentos que levam para ou iniciam de um ponto⁵⁸. Os autores concluem que ambas as expressões, de intenção e de predição, são comumente ocorrências de funções interacionais as quais são inferidas do que é dito, ou são explicitamente declaradas, ou seja, são essas inferências que criam o significado das formas de futuro.

Sentidos tênues de obrigação, verbos de habilidades ou tentativas e advérbios temporais não estão tão suscetíveis à inferência de intenção e, portanto, não produzem tantos marcadores⁵⁹. Os verbos de movimento são as fontes mais proeminentes⁶⁰, dentre as fontes do futuro primário e do futuro aspectual, para expressar futuridade. Os pesquisadores encontraram 20 línguas com verbos de movimento: 10 com o verbo *to GO* e 10 com o verbo *to come*. Ao contrário de outras fontes que geram formas de futuro e que possuem outros significados na língua, os verbos de movimento expressam apenas mais um uso além da expressão de futuridade, ou seja, funcionam também como verbos plenos.

É importante notar que não é qualquer movimento que promove o uso futuro. Para derivar futuro, deve haver um componente alativo,

⁵⁸ Daí vem a concepção de que o futuro é menos uma categoria temporal e mais uma categoria de modalidade, com importantes implicações temporais.

⁵⁹ Auxiliares como “ser” ou “ter”, conforme os autores, podem desenvolver formas de futuro sem indicar obrigação, mas evidências sugerem que eles passam pelo estágio no qual indicam intenção.

⁶⁰ A evolução das construções de movimento em futuro é, de alguma forma, mais direta que a evolução das modalidades deônticas, que produzem poucos sentidos e/ou usos diferentes ao longo de sua existência na língua. O sentido de “movimento para” das construções implica em movimento no tempo tanto quanto no espaço, tornando fácil a transição para o futuro.

“movimento para”⁶¹, que pode ser inerente à semântica do verbo ou estar explícito na construção, isto é, a melhor fonte para futuros de movimento é aquela na qual o agente está se movimentando em direção a algum ponto, o que implica em um aspecto progressivo, presente ou imperfeito inerente (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 268).

Uma das características das estruturas *go-future* é o fato de que seu auxiliar sempre revela um traço aspectual advindo da significação do verbo pleno *to go*⁶². Esse traço aspectual permite, através de processos como a reanálise e/ou analogia que as formas *go-future* desenvolvam um tipo particular de aspecto, chamado visão prospectiva. A visão prospectiva é um tipo de aspecto no qual o falante vê adiante, lança os olhos sobre o futuro a partir do momento presente (ANDERSON, 1973, p. 765).

Anderson (1973, p. 767), estudando o aspecto em estruturas *go-future* em evidências diacrônicas e dados de aquisição da linguagem, acredita que esse é o primeiro sentido em marcadores de futuridade e que a categoria tempo é o segundo sentido a ser desenvolvido. Para o autor (ANDERSON, 1973, p. 780), a ponte conceitual que aproxima “visão prospectiva” de “futuridade” é a noção de proximidade — ou de “futuro imediato” — advinda do contraste entre o momento de fala (ponto a partir do qual o falante enuncia) e o momento de ocorrência do evento. A visão prospectiva é obtida através do sentido aspectual do verbo *to go* e a ideia de futuro imediato é absorvida pela construção *go-future*.

⁶¹ Sweetser (1988, p. 391) afirma que existe uma transferência metafórica em progresso que deriva dessas construções de futuro. Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 269) não acreditam que seja preciso invocar o processo metafórico nesses casos. Segundo os autores, o significado temporal que domina esse tipo de construção já está presente como uma inferência do significado espacial: quando algo ou alguém se move em direção a algum lugar no espaço, também se move no tempo. A maior mudança que ocorre nesses casos é a perda do sentido espacial. Quando o falante anuncia que está indo para algum lugar para fazer algo, ele está, na verdade, anunciando sua intenção de fazer isso. Assim, intenção faz parte do significado dessas construções desde o início, e a única mudança necessária é a generalização dos contextos nos quais a intenção é o único significado que se quer passar, sem o movimento espacial.

⁶² Costa (1990, p. 75) atesta que o verbo IR possui um traço semântico de movimento e um caráter aspectual que “expressa o curso de fatos a partir de um ponto locativo/temporal qualquer”, ou seja, os dois verbos (*to go* e IR) têm traços em comum, além do mesmo significado: indicam movimento, têm aspecto e são auxiliares de futuridade.

Codificar futuro imediato, isto é, localizar eventos perto do momento de fala é, segundo Fleischman (1982, p. 83), uma das primeiras funções das estruturas *go-future*⁶³. Essas construções aproximam a situação futura do momento presente. O futuro imediato é uma subcategoria da visão prospectiva. Entretanto, a autora ressalta que *go-future* não está limitado a expressar futuro imediato. Contra-exemplos como (07), abaixo, mostram que *go-future* pode ser usado no mesmo contexto que as estruturas *will-future*.

(07) *If Winterbottom's calculations are correct, this planet is going to burn itself out 200,000, 000 years from now.*

(Se os cálculos de Winterbottom estão corretos, este planeta *vai explodir* dentro de 200, 000, 000 anos a partir de agora.)⁶⁴

O exemplo acima mostra que, apesar de estarem inicialmente ligadas ao futuro imediato, as construções *go-future* passaram a desempenhar outro tipo de função na língua. Fleischman (1982, p. 85) afirma que o uso de *go-future* em contextos mais temporais tem enfraquecido o seu aspecto de iminência (futuro imediato), tanto que no momento em que a “iminência” ou a “ação imediata” deve ser expressa, o falante reforça a construção com um advérbio de proximidade temporal (agora ou amanhã, por exemplo)⁶⁵. Antes do século XVII, a situação era o contrário: o uso de *go-future* era aspectual.

⁶³ Alguns pesquisadores concordam (FLEISCHMAN, 1982, p. 179) que *go-future* tem duas dimensões: futuridade e futuro imediato, mas nem todos aceitam que a iminência seja aspectual. Sikora, citado por Fleischman (1982, p. 180), argumenta que o aspecto, se está presente em todos os *go-future*, não é inerente à construção, mas é introduzido pelo contexto, geralmente pelo aspecto lexical do verbo ou por outro elemento (advérbio) da sentença. No entanto, se o aspecto é introduzido pelo léxico do verbo *to go*, e já que este verbo compõe a perífrase e é elemento essencial na sua construção, é razoável dizer que a estrutura *go-future* tem aspecto, proveniente do verbo auxiliar *to go*. (SIKORA, E. Quelques notes sur la périphrase “aller” + infinitif en français. *Romanica Wratislaviensia* 9, 1973, p.69-81.)

⁶⁴ Dado retirado de Fleischman (1982, p. 82).

⁶⁵ Embora Fleischman (1982) não comente, acreditamos que seja a frequência de uso, ou seja, o número acentuado de vezes que a estrutura *go-future* é usada em contextos de futuridade nos quais o tempo está em foco, que aproxima a construção do domínio funcional do futuro simples (*will-future*), enfraquecendo seu aspecto de iminência.

Para Fleischman (1982, p. 84), nas línguas modernas as estruturas *go-future* têm marcado sequência de tempo no domínio que era somente das formas de futuro simples. Mas expressar a referência futura apenas como uma marca de um evento à direita do momento de fala (tempo futuro) é algo raro na língua. O aspecto e a modalidade são uma parte da referência de futuro como expressão de uma sequência temporal⁶⁶. Derivada da ideia de futuro imediato, as construções *go-future* também servem como auxiliar de intenção. Uma ocorrência, retirada do *corpus* do Varsul, ilustra o comportamento da perífrase IR (presente) + infinitivo, com relação ao futuro imediato, que leva a uma interpretação de intenção:

(08) E: Então está, agora, podes contar alguma aventura que te aconteceu?

F: *Vou contar* essa de Santo Amaro, daí estava a fim de ir lá (...) (FLP05:03)

A leitura de futuro imediato é muito forte e, junto com ela, podemos perceber a intenção do falante em contar sua história. Percebe-se, nesse jogo, que as estruturas *go-future* percorrem um caminho dentro do domínio aspectual que as leva a adquirir modalidade.

No entanto, alguma coisa deve estar “unindo” esses traços. Acreditamos que a “relevância do presente” é o traço psicológico/cognitivo que não apenas sustenta o aspecto nas construções *go-future*, mas que também impulsiona cada instante na cadeia de origem do traço aspectual a futuro imediato e, ainda, permite o surgimento das modalidades associadas ao futuro.

⁶⁶ A expressão da futuridade não se limita apenas ao tempo futuro, mas envolve relações de tempo/aspecto ou tempo/modo, ou ainda tempo/modo/aspecto. Nesse sentido, quando autores como Camara Jr. (1985, p. 128) afirmam que a concepção de um futuro, como marca única de tempo, não é comum no uso coloquial de uma língua – pois a formação do futuro acontece a partir de uma língua secundária que pressupõe um jogo mental mais elaborado e seu uso “depende de condições especiais de comunicação linguística, quando pautada mais por um raciocínio objetivo do que por um impulso comunicativo espontâneo” –, eles acreditam, a despeito da relação social (uso coloquial *versus* jogo mental mais elaborado) que fazem, que a expressão da futuridade é mais do que sinalizar tempo futuro, é, na verdade, um jogo entre as categorias tempo, aspecto e modalidade, no qual, por vezes, uma dessas categorias salienta-se em meio às outras duas, como em um jogo de figura e fundo.

3.4.4.1 Relevância do presente

Fleischman (1982, p. 99) propõe que se perceba a relevância do presente⁶⁷ como um aspecto cognitivo que pode manifestar-se na sintaxe e até mesmo influenciar na escolha de formas e/ou na produção de novos sentidos. Entretanto, a autora rejeita a ideia de que a relevância do presente venha a ser uma explicação para a mudança, sugerindo que se trata apenas de um meio pelo qual ocorre a mudança entre dois tipos de futuro: intenção e predição. Conforme a autora pondera, não há nada na língua que indique o número máximo de sentidos que ela deve ter para codificar a futuridade. Cada uma dessas formas pode, pois, revelar um significado ligeiramente diferente da outra, mesmo estando todas sob o mesmo escopo da expressão da futuridade.

Outra forma de observar o valor do presente nas estruturas *go-future* está em perceber o envolvimento do falante na situação predicada. As construções *go-future* pressupõem um nível de participação, um envolvimento pessoal ou, pelo menos, um interesse no evento, que não fica tão destacado quando o falante escolhe um futuro mais neutro, como o futuro do presente. Isso porque as estruturas *go-future* manifestam um aspecto de visão prospectiva, voltado para o momento presente do falante. Conforme Fleischman (1982, p. 87), a radiação semântica da relevância do presente é suficientemente ampla para acomodar visão prospectiva, futuro imediato, intenção e outras modalidades.

Acreditamos que a relevância do presente está acima das outras noções que envolvem aspecto porque ela se dá num nível psicológico e sua manifestação aspectual na sentença é através da visão prospectiva ou do futuro imediato. Além disso, é a noção psicológica do tempo presente que permite ao falante expressar as modalidades do futuro, ou seja, fazer

⁶⁷ A relevância do presente é também invocada para dar conta do fenômeno do “presente histórico” (verbos no presente do indicativo em narração de eventos passados), para dar um significado alternativo de vivacidade e animação para a narrativa. Análises de narrativas orais têm invalidado a hipótese de que o fenômeno da relevância do presente esteja limitado a pessoas do povo ou que seja uma característica apenas do discurso coloquial (FLEISCHMAN, 1982, p. 170). Além disso, a autora lembra que a relevância do presente também é usada em tempos no passado, para estimular a formação de formas com aspecto perfeito. No francês, por exemplo, o passado analítico tem a função de expressar (a) aspecto (do presente) perfeito ou retrospectivo e (b) tempo passado (pretérito). Para maiores detalhes sobre a função da relevância do presente no tempo passado, ver Fleischman (1982).

inferências que levam à intenção, predição, desejo, vontade, crença, evidência e outras.

3.5 AUXILIARIDADE – OS CRITÉRIOS DE HEINE (1993)

Um estudo sobre a perífrase IR (presente) + infinitivo precisa tratar da auxiliaridade, uma vez que a construção envolve um auxiliar – IR, auxiliar de futuridade – e, ainda, o nível mais gramaticalizado dessa construção pressupõe o uso desse auxiliar combinado com o verbo que lhe deu origem – verbo pleno IR. Por outro lado, as gramáticas em geral pouco tratam desse auxiliar e, para avaliar seu grau de gramaticalização, é necessário um estudo baseado em critérios que possibilitem analisar o fenômeno a partir de diferentes contextos de uso da perífrase.

A auxiliaridade, entretanto, é um assunto bastante complexo e, nos estudos que tratam desse fenômeno, observa-se grande divergência a respeito da definição do termo “auxiliar”. Várias questões são levantadas acerca do tema. Apenas para ilustrar, pontuamos: Quais seriam os critérios adequados para a identificação de um elemento auxiliar? Quais elementos linguísticos podem figurar nessa classe? Existe uma categoria própria para os auxiliares, ou os auxiliares são parte de outra categoria, como a dos verbos, por exemplo?

Para Heine (1993), tratar de auxiliares em termos de categorização, levando em conta critérios tradicionais, mostra-se limitado. Sob o olhar da gramaticalização, o autor propõe que, sendo a língua dinâmica, moldada por fatores externos como forças cognitivas e manipulação pragmática, é preciso, para estudar os elementos que a compõem, acrescentar parâmetros extralinguísticos relativos a como percebemos o mundo ao redor e como utilizamos os recursos linguísticos disponíveis para conceituar experiências e comunicarmo-nos eficientemente. Em outras palavras, o autor acredita que a maioria dos problemas associados aos auxiliares podem ser solucionados se forem consideradas as forças responsáveis pelo seu surgimento e desenvolvimento.

Sob perspectiva, para o autor, os auxiliares são marcadores gramaticais de tempo, aspecto, modalidade, ou seja, o auxiliar é um elemento linguístico que está localizado ao longo de uma cadeia de gramaticalização, que atravessa um contínuo de verbo pleno até as flexões gramaticais de tempo, aspecto e modalidade (TAM) (HEINE, 1993, p. 131). O comportamento do auxiliar, então, é descrito com referência a sua localização ao longo dessa cadeia, chamada, por Heine (1993, p. 53) de *verb-to-TAM* (verbo para TAM). E ainda, a instância de gramaticalização

pela qual TAM emerge é conhecida como auxiliaridade (HEINE, 1993). O autor propõe sete estágios que caracterizam a trajetória gradual de verbo pleno a marcador de Tempo, Aspecto e Modo (auxiliar).

Entre esses sete estágios⁶⁸ há, para o autor, um contínuo – contínuo *verb-to-TAM*. Esse contínuo configura-se da seguinte maneira: os verbos classificados nos estágios A ou B são considerados plenos e não devem ser tratados como casos de gramaticalização. Os estágios seguintes, de C a E, mostram-se como estágios de gramaticalização e os itens encontrados em algum desses estágios devem ser considerados como sofrendo o processo. Os estágios finais, F e G, são aqueles em que o item já se tornou afixo ou flexão (HEINE, 1993, p. 58-66).

Estágio A – é o estágio das fontes concretas, em que os verbos têm seu significado lexical pleno, e seus objetos referem-se tipicamente a um objeto concreto;

Estágio B – neste estágio o verbo começa a se tornar auxiliar, mas ainda não o é. O “complemento” do verbo é uma situação dinâmica preferencialmente a uma entidade da natureza dos objetos concretos. Para Heine, neste estágio, os itens em gramaticalização se associam a itens que são inequivocamente classificados como verbos. Os itens, neste estágio, podem ter tanto complementos nominais quanto estar associados a complementos representados por verbos não finitos (formas nominais); esses complementos não precisam ser apenas de um tipo de construção; na verdade, podem aparecer diferentes tipos em concorrência, tais como o infinitivo, o gerúndio, o particípio ou ainda uma oração com verbo finito. A identidade entre os sujeitos dos dois verbos associados não é um requisito obrigatório;

Estágio C – neste estágio, o SN sujeito pode ter referentes não humanos, porque as restrições de seleção tendem a ser eliminadas, e os verbos passam a expressar funções gramaticais como as de tempo, modo ou aspecto. O verbo em gramaticalização está associado a um verbo principal em forma não finita com o qual se conecta fortemente; e mesmo se o complemento ou o sujeito são representados por um nome, este, muito provavelmente, refere-se a um conceito da categoria das atividades ou das situações dinâmicas; não pode mais ter como complemento uma oração desenvolvida com conectivo e forma verbal finita; o

⁶⁸A proposta de estágios de Heine se aplica mais diretamente e é mais pertinente para verbos que se gramaticalizam via formação de construções perifrásticas. Não demonstra a mesma eficiência de aplicação a outras vias de gramaticalização de verbos, como a que leva um item linguístico a se tornar um verbo funcional de ligação ou marcador temporal, marcador de relevância, marcador conversacional, operador argumentativo, entre outros.

verbo em gramaticalização e seu principal constituem uma unidade semântica, ou seja, o item em gramaticalização não expressa qualquer valor lexical; ambos referem-se ao mesmo tempo; e a identidade de sujeitos é obrigatória. Para Heine esses verbos não são auxiliares prototípicos, mas incluem-se no que muitos autores chamam de semiauxiliares ou auxiliares semânticos;

Estágio D – neste estágio os verbos em gramaticalização poderiam ser chamados de “defectivos” (embora não o sejam), porque sua característica mais marcante é o fato de terem se decategorizado, por isso tendem a perder a possibilidade: de formar imperativos; de ser nominalizados ou se apassivar; de não ser associados a nomes que funcionam como núcleos de seus complementos; de associar-se a apenas uma forma nominal (não finita) na formação de perífrases;

Estágio E – neste estágio o verbo em gramaticalização tende a ser visto como pertencendo a outra classe que não a de verbo; tende a perder a possibilidade de ser negado separadamente; perde a possibilidade de ocorrer em outras posições na oração; passa a ser uma forma híbrida, com algumas características remanescentes de verbo e com características de marcador gramatical; sofre cliticização e/ou erosão, perdendo o *status* de palavra e substância fonológica e/ou a morfológica;

Estágio F – neste estágio o verbo em gramaticalização perde as características verbais remanescentes e se torna um elemento gramatical firmemente estabelecido morfológica e sintaticamente; passa a ser visto como clítico ou afixo, mas ainda mantém resíduos que permitem identificar a estrutura de origem; e o “complemento” desse verbo passa a ser interpretado como verbo principal;

Estágio G – este é o estágio final da gramaticalização do verbo, que perde qualquer característica verbal e se torna um marcador gramatical puro com a forma de um afixo flexional sem acento próprio distintivo. O outro verbo da locução perde completamente qualquer traço de morfologia nominal ou adverbial, sendo visto como um verbo pleno. Este estágio, no PB, remete ao verbo *haver*, que se tornou flexão marcadora do futuro do presente (*cantar hei>cantarei*).

É preciso reforçar o princípio de que os estágios não são estanques, pois em função do caráter gradual e ininterrupto da gramaticalização, os verbos podem apresentar, num dado momento, características de mais de um estágio. Além disso, segundo o autor, um verbo não tem necessariamente que passar por todos os estágios, podendo seu processo de gramaticalização nunca chegar ao último estágio proposto.

Abaixo, apresentamos algumas ocorrências extraídas das amostras, analisadas nesta tese, que ilustram de maneira aproximada, e com adaptações, estágios propostos por Heine. O principal objetivo é

mostrar o verbo IR pleno ‘atravessando’ os estágios rumo à gramaticalização como IR auxiliar.

(09) E: Aonde é?

F: Dourados? Mato Grosso do Sul, e depois de anos que nós fomos pro Maranhão comprar terra em Balsas, aí ele veio lá nos visitar; aí ele foi de avião para Imperatriz, não ganhou passagem pra Dourados, somente por entre São Luís, Belém e Dourados, aí ficou acertado: "Eu **vou** a São Luís e pego Belém e **vou** pra casa." Quando ele chega em São Luís, a aviação esqueceu a mala na estação dele, estava sem mala lá em São Luís. (PA 05:06)

(10) E: E ele não tenta convencer a senhora, não?

F: Não! Essa minha irmã tinha saravá aqui mesmo, nunca me conseguiu. Nunca gostei, né? aqueles caras pulando e fumando e bebendo. Eu acho uma besteira aquilo, né? Ele sabe que eu não gosto, né? Há tempos ele me disse pra mim "**Vamos lá pra fazer** um batuque. Abrir os caminhos de vocês", não sei o quê. Eu disse: "Para, para que eu não vou, não gosto!" Ele não falou mais, né? Agora ele faz, ele gosta, dá dinheiro pros batuqueiros. (POA 06:08)

(11) E: Mesmo assim a senhora não vai votar?

F: Não, não vou. A gente tem que ir lá, né? Então... Escuta aqui depois eles **vão vir** me procurar aqui! (POA 19:09)

(12) E: Isso é um clube? Como é que é isso, baile azul, branco?

F: É, são bailes, eram organizados, assim, através da ala feminina e eles organizavam assim: "Agora, então, **vai ter** o baile branco". Todos iriam de vestido de branco. (FC 02:01)

(13) – Tens certeza que já vais? Tão cedo! Algo te chateou?

– Porque eu tô com dor de cabeça e eu **vou ir pra casa dormir**. (Coleta informal: feminino, 37 anos, pós-graduada)

A ocorrência (09) apresenta o verbo IR pleno, com locativo concreto expresso (*São Luís/prá casa*), está, portanto, diretamente relacionada ao estágio A. A ocorrência (10) apresenta o verbo IR com um locativo e uma finalidade expressa tanto pela preposição, quanto pelo infinitivo do verbo principal. Essa é uma ocorrência que se situa entre os estágios A e B, já que poderia ter a preposição apagada. A ocorrência (11), que apresenta um verbo principal com deslocamento/movimento, se encaixa no estágio C. Em (12), apresentamos o que Heine chama de “referentes não humanos”, ou seja, *o baile*. A ocorrência ilustra aproximadamente o estágio D, onde também podemos situar fenômenos naturais como *Vai chover daqui a pouco*. O estágio E envolve algum tipo

de erosão do auxiliar, funcionando como uma unidade na fala, como, por exemplo, *Vocomprá verduras no mercado*. O dado (13) situa-se entre os estágios D e E, propostos por Heine. Observa-se que o IR tem seus traços aspectuais abstratizados, podendo como uma marca gramatical de futuridade.

Com base em uma amostra de vários idiomas europeus, o autor apresenta, ainda, propriedades que se mostraram frequentes ao se tratar do assunto “descrição de auxiliares”. O autor também ressalva, que algumas das características da lista podem ser vistas como formas alternativas de dizer a mesma coisa, as diferenças mostram-se na estrutura ou perspectiva adotada, e nenhuma tentativa foi feita para diferenciar as propriedades de definição ou critérios.

Propriedades de auxiliares (HEINE, 1993, p. 22-23):

- a. Auxiliares tendem a fornecer expressões para uma pequena gama de domínios nocionais, especialmente para os domínios de tempo, aspecto e modalidade.
- b. Auxiliares formam um conjunto fechado de unidades linguísticas.
- c. Auxiliares também podem ocorrer como verbos principais.
- d. Auxiliares expressam funções gramaticais, mas apresentam, em certa medida, uma morfossintaxe verbal.
- e. Auxiliares apresentam paradigmas “altamente defeituosos” – mesmo com alguma propriedade verbal, eles também apresentam um comportamento verbal reduzido. Tipicamente, são associados apenas com um restrito traço de distinção temporal/aspectual e/ou inflexão verbal, não podem ser apassivizados, nem apresentar formas imperativas, e ainda não podem ser independentemente negados.
- f. Auxiliares não podem configurar como predicado principal (semântico) da oração.
- g. Auxiliares podem ter duas variantes livres: uma é a forma plena (por exemplo, “I wil go”) e a outra é uma forma reduzida (“I’ll go”), ou uma é um clítico e a outra um afixo.
- h. Auxiliares tendem a ser átonos ou são incapazes de receber contraste enfático.
- i. Auxiliares tendem a se tornar clíticos ou já são clíticos.
- j. Auxiliares carregam todas as informações morfológicas relativas ao predicado principal, como as marcas de pessoa, número, tempo/modalidade/aspecto.
- k. Auxiliares são obrigatoriamente parte de orações finitas em algumas línguas, mas nem sempre isso ocorre com as orações não finitas ou imperativo.
- l. Auxiliares não podem ser regidos por outros auxiliares.
- m. Auxiliares não têm um significado próprio ou não contribuem para o significado da oração, mas possuem aspectos semânticos e categoriais aplicados juntamente com o lexema (tipicamente, o verbo principal) ao qual se aplicam.
- n. Auxiliares tendem a ocorrer separadamente do verbo principal.

- o. Auxiliares podem estar ligados a um elemento adjacente.
- p. Auxiliares, ao contrário de verbos, não podem ser nominalizados ou ocorrer em combinações.
- q. Auxiliares tendem a ocorrer em uma ordem fixa e com uma posição fixa na oração. Línguas cuja ordem seja SVO/VSO apresentam a ordem *auxiliar + verbo principal* e línguas cuja ordem seja SOB apresentam a ordem *verbo principal + auxiliar*.
- r. Na presença de um auxiliar, o verbo principal tende a ser utilizado numa forma não finita, frequentemente carregando em si algum elemento morfológico como uma nominalização, marca de infinitivo, gerúndio ou particípio. O verbo principal pode apresentar, ainda, alguma morfologia locativa.

É importante notar que algumas dessas propriedades apresentam contradições entre si. Por exemplo, a propriedade (e) indica que os auxiliares apresentam reduzido comportamento verbal, associado apenas a um espectro restrito de morfologia verbal; no entanto, a propriedade (j) atesta que os auxiliares carregam toda a informação morfológica relacionada com o predicado. Segundo Heine (1993, p. 24), essas contradições são excepcionais, e ainda esperadas, uma vez que estamos lidando com um elemento linguístico que apresenta um comportamento bastante amplo. Nas descrições das propriedades, é também problemático termos como “tendem” ou “podem”, que surgem porque as descrições apresentam línguas e perspectivas diversas, mas também porque elas podem estar implicadas com todos os verbos principais, ou com apenas alguns desses verbos, especialmente aqueles que aceitam complementos não finitos. Apesar disso, tomadas como um todo, essas propriedades indicam como deve se comportar um auxiliar prototípico, pois quanto mais dessas propriedades um item apresenta, mais próximo da ideia de auxiliar prototípico o item fica.

Focando especificamente o verbo IR auxiliar, nota-se que este enquadra-se na grande maioria das propriedades sugeridas por Heine. As ocorrências que apresentamos acima ilustram praticamente todas as propriedades, mesmo a “i”, que trata da possibilidade do item vir a ser um clítico. Ainda que isso não ocorra na escrita, é bastante comum observarmos na fala “unidades” como *voí, vofazê*. Nesse sentido, é plausível assumir que o verbo IR auxiliar apresenta um comportamento de auxiliar prototípico no PB. Um questionamento a ser feito, no entanto, diz respeito a construções mais “unidas”, que surgem a partir da ocorrência (13) – *vou ir dormir em casa*: estaria o auxiliar IR ainda mais gramaticalizado a ponto de ser considerado um morfema-vocábulo, como comenta Castilho (2010, p. 446)?

4 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Este capítulo trata da organização metodológica para viabilizarmos a análise do fenômeno em estudo. Nosso interesse recai sobre as formas verbais que codificam a futuridade, especialmente o domínio funcional do futuro, focalizando particularmente a construção IR (presente) + infinitivo, com vistas a fazer um mapeamento dos contextos sintático-semântico-discursivos nos quais a perífrase ocorre nesse domínio.

Lembramos que estamos postulando a *futuridade* como um domínio complexo, caracterizado pela projeção de uma situação posterior ao momento de fala, que engloba o domínio funcional do futuro, além de compartilhar traços com outros domínios, especialmente da habitualidade e do imperativo/comando. A noção de domínio e de macrofunção > funções > subfunções, vista como um fenômeno superordenado (GORSKI *et al.*, 2003), torna-se imprescindível para observarmos a perífrase IR (presente) + infinitivo. Por um lado, essa noção nos permite visualizar outras formas do domínio funcional do futuro que compartilham traços de futuridade com a perífrase – futuro do presente, presente do indicativo, locuções com essas duas últimas formas, haver de + infinitivo, entre outras. Por outro lado, ela possibilita o estudo da perífrase e suas múltiplas funções, que se mostra, muitas vezes, como uma expressão “polissêmica”, ainda codificando uma situação posterior ao momento de fala, mas com matizes distintos, ora figurando dentro do domínio funcional do futuro, ora aparecendo em contextos de habitualidade e imperativo/comando.

Nesse sentido, a proposta é olhar para os dados de duas perspectivas: uma diacrônica – em amostra composta por textos teatrais de autores gaúchos; e outra sincrônica – em amostra do Banco de dados do Varsul/RS e em registros aleatórios de ocorrências da fala cotidiana gaúcha – que figuram como apoio para a análise do uso da construção *VOU IR*, bem como das ocorrências com combinação de três verbos: *vou ir dormir*, *vou ir contar*.

O encaminhamento metodológico está organizado em quatro seções: a primeira trata de questões e hipóteses; a segunda descreve o *corpus* diacrônico e o *corpus* sincrônico; a terceira descreve a coleta dos dados e, na sequência, a quarta seção descreve o procedimento de análise das ocorrências, apresentando as variáveis controladas com seus respectivos fatores.

4.1 QUESTÕES E HIPÓTESES

As perguntas e as hipóteses formuladas a seguir referem-se tanto à abordagem sincrônica quanto à diacrônica e orientam a constituição das amostras para análise, descrita na sequência.

Contextualizando a análise proposta nesta tese, a abordagem diacrônica toma como referência empírica os trabalhos apresentados no capítulo 2, seção 2.4: Santos (2000), Oliveira (2006), Bragança (2008), Malvar e Poplack (2008), Silva (2010), Strogenski (2010) e ainda Gibbon (s/d). Tais pesquisas apresentam resultados de acordo com os quais a perífrase vem alcançando contextos maiores também na escrita, quando se trata de codificar o domínio funcional do futuro. Além disso, as pesquisas de Santos (2000), Gibbon (2000), Nunes (2003), Oliveira (2006), Bragança (2008), Malvar e Poplack (2008), Fonseca (2010) e Tesch (2011) apresentam um estudo com a perífrase IR (presente) + infinitivo envolvendo a modalidade falada. Resultados desses trabalhos apontam a forte presença da perífrase como variante *default* para codificar o domínio funcional do futuro na fala.

Em termos de mudança, os trabalhos mencionados sinalizam a impossibilidade de atestar um maior grau de gramaticalização da perífrase, em razão de não terem detectado a presença de *VOU IR* em seus *corpora*. Uma vez que encontramos evidências desta construção em textos escritos de autores gaúchos, como atestam as ocorrências apresentadas no capítulo 2, acreditamos que nossa pesquisa com um *corpus* constituído por peças teatrais do Rio Grande do Sul, além de amostras de fala gaúcha, possa apontar um novo contínuo para a construção, colaborando com os estudos de gramaticalização, especialmente no campo da auxiliaridade.

Como referência teórica para a formulação das questões e hipóteses deste estudo, tomamos especialmente Heine (1993), que apresenta um contínuo de análise do verbo, denominado ‘cadeia verbo para TAM’, em que o verbo pleno passa por sete estágios até desempenhar a função de auxiliar. Como vimos anteriormente, o autor aponta dezoito propriedades que definem o verbo auxiliar, envolvendo aspectos morfossintáticos e semânticos, que permitem traçar um caminho de gramaticalização para a perífrase IR (presente) + infinitivo.

Com base no referencial mencionado acima (e também em outros trabalhos oportunamente referidos), formulamos as questões e hipóteses apresentadas a seguir.

1- Quais são e como se distribuem as formas verbais com IR na expressão da futuridade? E que outras formas coexistem no domínio funcional do futuro?

A maioria das pesquisas sobre o domínio funcional do futuro apresenta as formas do futuro do presente (*farei*), perífrase IR (presente) + infinitivo (*vou fazer*) e presente do indicativo (*faço*) como codificadoras desse domínio. A dissertação de Bragança (2008) considera, ainda, a forma IR (futuro) + infinitivo (*irei fazer*). Os trabalhos que envolvem análise diacrônica registram um maior número de formas no âmbito do domínio funcional do futuro. A pesquisa de Oliveira (2006) acrescenta a forma haver de + infinitivo (*hei de fazer*) e o estudo de Silva (2010) aponta, além das formas já citadas, a construção IR (presente) + infinitivo + infinitivo (*vou poder fazer*).

A riqueza de variadas formas encontradas codificando o domínio funcional do futuro, além de refletir a complexidade do domínio, nos permite acreditar que (i) nos *corpora* examinados nesta tese, as formas do futuro do presente e do presente do indicativo coexistem com formas perifrásticas com IR e outros auxiliares; e (ii) a distribuição das formas que codificam o domínio funcional do futuro apresenta-se diferenciada nas amostras escrita (diacronia/teatro) e oral (sincronia/Varsul). Assim, nossas hipóteses a respeito dessa primeira questão se organizam da seguinte maneira:

A- Espera-se encontrar formas com IR, nas quais o item está atuando como auxiliar ou morfema-vocábulo, tais como perífrase IR (presente) (*vou sair*), perífrase IR (presente) em expressões (*vou começar a trabalhar; vou estar trabalhando*), perífrase IR (futuro) (*irei sair*), perífrase IR (gerúndio) (*vou saindo; vou indo*), entre outras, bem como o Verbo IR no presente do indicativo (*vou na padaria*), na qual o item comporta-se como um verbo pleno. Ainda, considerando a segunda questão encaixada na primeira, espera-se encontrar outras formas que estão concorrendo com a perífrase IR (presente) + infinitivo na codificação do domínio funcional do futuro: futuro do presente (*sairei*), locuções modais/aspectuais (*poderei fazer; começo a fazer*) e ainda o presente do indicativo em contexto de futuridade (*faço o trabalho amanhã*), entre outras;

B- Na amostra sincrônica de fala (Varsul/RS), o comportamento das formas tanto na expressão mais ampla da futuridade como mais especificamente do domínio funcional do futuro configura-se de

modo diferenciado entre a capital e as cidades do interior do Estado;

C- Levando em consideração o caminho de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo e do verbo IR pleno em auxiliar>morfema-vocábulo, acreditamos que a amostra sincrônica de fala (Varsul/RS) apresenta maior número e diversidade de valores/contextos de uso do que a amostra sincrônica de escrita (peças de teatro gaúchas);

D- Na amostra diacrônica (escrita), há uma diversidade maior de formas, tanto na expressão mais ampla da futuridade como mais especificamente do domínio funcional do futuro, em relação à amostra sincrônica (fala), com predomínio da frequência de uso da perífrase IR (presente) + infinitivo;

E- Na amostra diacrônica (escrita), pode-se captar a expansão gradativa, ao longo do tempo, do uso da forma IR (presente) + infinitivo e, paralelamente, um decréscimo gradual da forma do futuro do presente.

A resenha das pesquisas que focalizam o domínio funcional do futuro e a perífrase, realizada no capítulo 2, suscita muitas perguntas sobre o comportamento da perífrase IR (presente) + infinitivo – e também suas variantes – nesse domínio. Por esse motivo, propomos verificar que diferenças e/ou semelhanças podem ser encontradas entre os dados desta tese e aqueles encontrados nos referidos trabalhos.

Do ponto de vista diacrônico, consideramos as pesquisas de: Santos (2000), Oliveira (2006), Bragança (2008), Malvar e Poplack (2008), Silva (2010), Strogenski (2010) e Gibbon (s/d). E do ponto de vista sincrônico, os seguintes trabalhos: Santos (2000), Gibbon (2000), Nunes (2003), Oliveira (2006), Bragança (2008), Fonseca (2010) e Tesch (2011).

A seleção dos trabalhos, dentre os resenhados, para comparação com nossos resultados se justifica pelas razões a seguir. A pesquisa de Santos (1997), apresentada no capítulo 2, não foi considerada para fins de comparação, primeiro por não apresentar dados de fala espontânea, já que seu *corpus* trata de transcrição da fala das sessões do Diário do Congresso Nacional; segundo, porque seu *corpus* de escrita trata de apenas três edições da revista *IstoÉ*. A amostra de Malvar e Poplack (2008), *corpus* de língua falada, não apresenta uma descrição detalhada para assegurar a

comparação com a nossa amostra. Também os *corpora* diacrônicos de Bragança (2008) e Tesch (2011) não foram incorporados à análise comparativa. As autoras coletaram dados do jornal *A Gazeta*, jornal tradicional do Estado do Espírito Santo. Bragança (2008) coletou dados do edital desse jornal do ano de 2006 e Tesch (2011) fez sua coleta em várias seções do jornal nas décadas de 1930, 1970 e 2008. Tanto o *corpus* de Bragança (2008) quanto o de Tesch (2011) são restritos aos séculos XX e XXI, o que dificulta a comparação com nossa amostra que apresenta dados dos séculos XIX, XX e XXI. Além disso, nossa amostra constituiu-se de uma coleta ao longo do século e a amostra das pesquisadoras ocorre em momentos pontuados dos séculos XX e XXI.

Assim, propomos, para fins de comparação, os seguintes critérios mínimos: que a amostra sincrônica envolva a modalidade falada mais espontânea possível e que a amostra diacrônica tenha sido obtida ao longo de cada século e que envolva pelo menos os séculos XIX e XX. Comentários adicionais de cunho comparativo serão feitos ao longo da análise com base nos trabalhos que não contemplem esses critérios mínimos.

Do interesse em comparar esses trabalhos com as duas amostras desta tese, emerge a seguinte pergunta:

2- Como se comporta diacrônica e sincronicamente a perífrase IR (presente) + infinitivo nas amostras do Rio Grande do Sul, em relação a outras amostras brasileiras?

Nossa hipótese é de que, na amostra gaúcha, a perífrase IR (presente) + infinitivo apresenta maior frequência de uso e, possivelmente, seus contextos de ocorrência estejam também mais “espraiados”, já que encontramos usos na escrita da construção mais gramaticalizada *VOU IR*.

A respeito dessa comparação, é ainda importante salientar a diferença de amostras. Na diacronia, encontramos variados *corpora*: documentos oficiais, romances brasileiros e peças de teatro. Como se observa, as amostras dos trabalhos apresentam diferentes graus de formalidade entre os textos que as compõem, decorrentes das condições de produção de cada tipo de texto. Chamamos a atenção para a importância de se identificar o grau de formalidade e a “propensão à informalidade” de alguns textos, sobretudo nos estudos que versam sobre gramaticalização já que, conforme aponta a literatura na área, novos usos costumam emergir em contextos de maior informalidade.

Cabe aqui uma reflexão adicional. É relevante considerar a variável formalidade em sincronias passadas, visto que na língua escrita também podemos observar variação de maior ou menor formalidade, já que o escritor adapta o seu texto de acordo com sua percepção das condições contextuais (para quem escreve, lugar, assunto etc.). Todavia, julgamos que essa variável deva ser tratada como um contínuo entre “o mais e o menos formal”, já que dificilmente o pesquisador poderá classificar um texto como “formal” ou “informal” de maneira categórica, visto que toda avaliação é feita a partir da consideração de outros fatores – situação, intenção, contexto, assunto etc. – e das relações que o texto analisado mantém com outros textos, pertencentes ou não ao mesmo gênero.

Nesse sentido há que se considerar que a comparação aqui proposta envolve amostra mais formal – cartas e documentos oficiais – e amostras mais informais – romances brasileiros e peças de teatro. Ainda assim, acreditamos que a busca por diferenças e/ou semelhanças entre os dados dessas pesquisas não se inviabiliza, desde que a análise comparativa seja relativizada e os resultados tomados como indícios que sustentem nossa hipótese mais do que como evidências comprobatórias.

Se atestamos que nossas amostras apresentam ocorrências de *VOU IR*, diferentemente das pesquisas relatadas, e também ocorrências mais complexas como *vou ir comprar*, *vai começar a funcionar* e *vou ter que fazer*, acreditamos ser possível descrever e discutir aspectos relevantes para a gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo. Nesse sentido, propomos a terceira questão:

3- Como se configuram diacrônica e sincronicamente os contextos linguísticos e extralinguísticos de manifestação das formas com IR no domínio funcional do futuro?

Conforme exposto no referencial teórico, o verbo IR atravessa um contínuo de gramaticalização que vai de verbo pleno a auxiliar de futuridadade. Assim esperamos encontrar evidências desse contínuo, desde ocorrências como *Vou ao mercado* (verbo pleno) até construções mais gramaticalizadas como *Vou comprar verduras no mercado*, *Vou estar no mercado*, *Vai chover*, *Vou mandar comprar verduras no mercado* e *Vou ir comprar verduras no mercado* – mostrando características de marcador gramatical, ou atuando como morfema–vocábulo, nos termos de Castilho (2010, p. 446). Esperamos também encontrar essa construção em contextos bastante variados, ratificando o que atesta Oliveira (2006) quando comenta o “espraiamento” da perífrase para contextos antes

dominados pelo futuro do presente. Propomos, então, as seguintes hipóteses, como respostas a essa terceira questão:

A- Os contextos linguísticos apresentam particularidades que se caracterizam em termos de TAM;

B- A amostra diacrônica apresenta um número mais reduzido de tipos diferenciados de contexto linguístico em relação à amostra sincrônica;

C- A perífrase IR (presente) + infinitivo vai se comportando de forma diferenciada ao longo do tempo no que se refere à dinâmica que envolve TAM, bem como expandindo os tipos de contexto de ocorrência, ou seja, generalizando seu uso.

Além disso, as considerações a seguir motivam a formulação de outra hipótese, apresentada na sequência. Bybee (2003) postula que a frequência fixa o uso do item, tornando-o automatizado e levando-o ao enfraquecimento da sua força semântica. Essa perda de transparência semântica propicia o emprego da construção em outros contextos com novas associações, estabelecendo-se uma mudança semântica. Heine e Kuteva (2007) também salientam a relação entre a extensão e a frequência de uso: ao expandir seus contextos (extensão) o item aumenta, também, sua frequência. Esse processo leva o item à decategorização e à dessemantização. Com base nisso, propomos a seguinte hipótese:

- a- A alta frequência de uso da perífrase IR (presente) + infinitivo propicia a emergência de uma construção perifrástica mais gramaticalizada, a construção *VOU IR*, na qual observa-se um grau a mais de gramaticalização do verbo IR, que se apresenta como pleno>auxiliar>morfema-vocábulo.

Considerando apenas a perspectiva sincrônica, como nossas amostras contemporâneas – tanto a coleta sistemática de dados de fala do Varsul, como a coleta aleatória de dados de fala espontânea – apresentam ocorrências de *VOU IR*, propomos uma quarta questão:

4- Como se configuram os contextos de ocorrência da construção *VOU IR*?

Inicialmente, convém pontuar que um levantamento prévio mostrou-nos que não há ocorrência dessa construção em nossa amostra diacrônica composta por peças teatrais. Entretanto, encontramos dados em romances publicados no Rio Grande do Sul, por escritores gaúchos, e também em romances de fora do estado – traduções de clássicos como os da autora Agatha Christie. Assim, a fim de responder essa questão, complementamos nosso *corpus* sincrônico (dados de fala do Varsul) coletando dados de fala informal espontânea.

De forma ampla, podemos apontar a ocorrência dessa construção e de outras formas correlacionadas do paradigma verbal – *vai(s)ir, vamos ir, vão ir* – em contextos com forte significação de deslocamento e movimento, traços característicos do verbo pleno IR, conforme discutido em capítulos anteriores. Observem-se as ocorrências:

(01) –E a Lorena e as crianças? Vão viajar também?

–Não **vão ir**... não **vão ir**! Eu vou sozinho, dessa vez. (Coleta informal: masculino, 41 anos, pós-graduado)

(02) –Tchau, Tita!

–Tchau. E aonde tu pensa que tu vai?

–Eu **vou ir** aqui! (Coleta informal: masculino, 2 anos. Brincando de dirigir um carro imaginário.)

(03) –E a Kau já viu a roupa pra elas?

–A Cláudia **vai ir ver** lá em Pelotas, primeiro.

–Mas tu não disse que a roupa que tu viu lá no shopping era lindinha?

–Ah! A roupa é uma fofura, mas é só pra uma, tu sabe que a Cláudia não gosta de vestir elas igual. Essa tem uma bolsinha...

–Então tu vais comprar a roupa do shopping?

–**Vou ir comprar** amanhã. E ainda tem que ver os sapatinhos...

–Pra qual das duas? Só imagino elas...

–Acho que essa é pra Gabi, que é um pouquinho mais gordinha. (Coleta informal: feminino, 54 anos, graduada)

Nos dados acima, observamos a atuação multifuncional de IR: como auxiliar de futuro, conjugado no presente do indicativo, e como verbo pleno, assinalando deslocamento, “movimento para” viajar, estacionar o carro imaginário e o shopping.

Acreditamos que as diversas ocorrências de *VOU IR* nos permitem não apenas identificar seus contextos de uso, mas também discutir o processo de gramaticalização da perífrase IR (presente) +

infinitivo e do item IR como auxiliar de futuridade. Nesse sentido, propomos uma quinta questão:

5- O que a análise dos dados desta tese permite dizer acerca do processo de gramaticalização envolvido no fenômeno em estudo?

As hipóteses para essa questão são formuladas em duas instâncias: uma que envolve a gramaticalização da perífrase e outra que envolve a gramaticalização do item verbal IR.

Sobre a gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo

No que tange à perífrase, reiteramos a crença de que encontraremos dados que mostrem a recorrência dessa construção em contextos bastante variados. Além disso, acreditamos que é possível evidenciar uma etapa mais avançada, em relação a outras amostras provenientes de outras regiões, de gramaticalização da perífrase – *VOU IR*, traçando um contínuo de mudança no qual o verbo pleno IR vai perdendo gradativamente traços semânticos e adquirindo um valor mais gramatical, como ilustrado na figura 1:

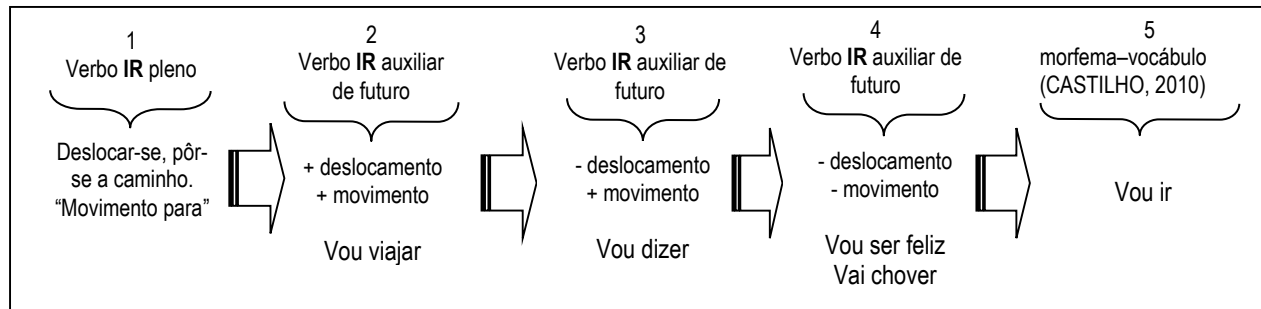


Figura 1: Esquema do contínuo de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo
 Fonte: proposta por nós.

A figura acima mostra que a perífrase IR (presente) + infinitivo vai sofrendo reanálise, conforme Hopper e Traugott (1993, p.3) atestam para o processo de *be going to*, no inglês. De acordo com o demonstrado no capítulo 2, os autores apresentam o processo de reanálise de *be going to*, do aspecto progressivo (*I am going*) para o futuro imediato (*I am going to marry Bill*). Segundo os autores, tal processo ocorre quando o verbo principal se mostra compatível com o significado de finalidade, o que aponta para a generalização dos contextos nos quais *be going to* pode ocorrer.

A partir do exame de nossa amostra, acreditamos poder atestar o processo de reanálise conforme ilustra a figura 2, abaixo:

(A) — [E tu vais [ir de moto?]]	(B) — [E tu vais ir de moto?]
--	--------------------------------------

Figura 2: Processo de reanálise de IR (presente) + IR

Fonte: proposta por nós a partir do dado encontrado no Varsul (POA 01:711)

Nesse sentido, ocorrências desse tipo se aproximariam do que é bastante com *m* no inglês atual, como em: *We're going to go to London tomorrow*. Isso u mostraria que a perífrase IR (presente) + infinitivo teria avançado para outros contextos, intensificando seu processo de generalização, ainda que não seja possível atestar esse avanço em amostras de outras regiões que não sejam o Estado do Rio Grande do Sul.

Sobre a gramaticalização do item verbal IR

Correlacionada com a gramaticalização da construção, o IR também sofre sua gramaticalização como item que marca futuridade, tornando-se um “índice da categoria que se destina a exprimir” (cf. CAMARA JR., 1985, p. 164), ou, nas palavras de Castilho (2010, p. 446), um “morfema-vocábulo”. Embora não se possa separar o verbo IR auxiliar de futuridade da perífrase IR (presente) + infinitivo, parece justo fazer algumas referências, a exemplo do que encontramos em Heine (1992), Hopper e Traugott (1993) e Poplack e Tagliamonte (2000), ao seu processo de dessemantização (HEINE; KUTEVA, 2007), ou seja, à mudança de significado, em que perde seu valor referencial e adquire significados de natureza pragmático-discursiva. Conforme Heine (1992), o conceito concreto do verbo pleno (movimento e/ou deslocamento, “movimento para”) transforma-se em uma função gramatical (futuridade).

Nesse sentido, autores como Said Ali (1964, p. 338) e Almeida (1980, p. 214) registram que o verbo IR pleno, em português, tem um valor de deslocamento de um ponto para outro, que vai gradativamente sendo apagado quando o item passa a figurar como auxiliar na perífrase IR (presente) + infinitivo para codificar futuridade.

De fato, Costa (1990, p.75) atesta que o verbo IR possui um traço semântico de movimento e um caráter aspectual que “expressa o curso de fatos **a partir de** um ponto locativo/temporal qualquer”, ou seja, o traço de direcionalidade destacado por Hopper e Traugott (1993). Por esse motivo, o verbo IR aproxima-se das construções de futuro já que possui um caráter aspectual compatível, em parte, com o traço de imperfectividade que Camara Jr. (1957, p. 130) assinala para a futuridade, pois ele expressa o curso de fatos *a partir de* um ponto. Esse raciocínio explica o fato de, entre tantos auxiliares modais, o auxiliar IR ser aquele escolhido para indicar futuridade e é possível que explique também a expansão que a forma perifrástica tem mostrado no PB (cf. BYBEE, PERKINS e PAGLIUCA, 1994).

Observe os enunciados abaixo e a descrição de cada um deles, ilustrando um processo possível de gramaticalização do verbo pleno IR em auxiliar IR.

- (04) **Vou** de carro para a escola.
- (05) Amanhã **vou** de carro para a escola.
- (06) **Vou** na escola para estudar.
- (07) **Vou** na escola estudar.
- (08) **Vou** estudar na escola.
- (09) **Vou** estudar.

Em (04) o verbo IR está no presente e marca uma ação habitual. Nesse tipo de construção coexistem: o valor aspectual de expressar o curso de fatos a partir de um ponto locativo/temporal, a carga semântica do verbo pleno de movimento/deslocamento e o componente locativo. O enunciado (05) está pleno dos traços anteriores: aspecto, modo e movimento/deslocamento e ainda possui o componente locativo. A presença do advérbio de tempo *amanhã* confere à oração o tom de futuridade que, aos poucos, vai se incorporando no verbo IR, devido a suas características intrínsecas compatíveis com a futuridade. É interessante lembrar que essa frase sem o advérbio torna-se, no mínimo, ambígua, podendo expressar, também, um ato rotineiro, como (04). Sem o advérbio, só o contexto poderá desfazer a ambiguidade.

Não é possível atestar com precisão a carga semântica de verbo pleno de movimento/deslocamento em (06), mas há um traço de finalidade reforçado pela preposição *para* e o infinitivo do verbo *estudar*. Em (07) a finalidade é expressa somente pelo infinitivo do verbo, o que põe em dúvida a carga semântica de movimento/deslocamento do verbo pleno e aponta para o primeiro passo do verbo IR funcionando como auxiliar pleno.

A ideia de auxiliar fica clara em (08), em que o processo de dessemantização é evidente. A finalidade torna-se um traço mais fraco já que se antepõe ao componente locativo que, por sua vez, fica deslocado. Pode-se perceber o começo da unidade entre verbo auxiliar IR e o verbo principal no infinitivo. Se a construção avançar em seu percurso de mudança rompendo restrições contextuais, trocando-se o verbo principal *estudar* por IR, tem-se:

(08a) **Vou ir** na escola.

O verbo principal IR porta a carga semântica de movimento/deslocamento e justifica o componente locativo. É discutível se ele contém ou não o traço aspectual que Costa aponta de assinalar o início de um fato. Percebe-se que em (08) e (08a) o auxiliar IR marca a morfologia tempo/modo de futuro, além de número/pessoa. Ainda que o auxiliar IR possa estar no futuro do presente (*irei estudar*) é importante notar que é no presente do indicativo (*vou estudar*) que ele aparece com maior frequência, conforme atestam os diferentes trabalhos acerca desse objeto. A morfologia do presente do indicativo – que apresenta entre suas funções a de marcar futuridade – está associada ao auxiliar e essa união é que caracteriza a nova forma para expressar o futuro.

Em outras palavras, nossa hipótese é de que o item verbal encontra-se em adiantado processo de gramaticalização, assumindo um estatuto gramatical de morfema-vocábulo, pois marca número/pessoa e tempo/modo dentro do domínio funcional do futuro. Estamos apontando, é claro, um conceito abstrato de morfema, no âmbito gramatical. Essa afirmação decorre da presença do item em construções mais integradas (como em 10, 11 e 12 abaixo) e em outras construções mais ou menos estabelecidas/fixas (como em 13 e 14).

(10) Olha, as praias aqui do nosso Estado mesmo, aqui do Rio Grande do Sul, normalmente é Capão da Canoa, Cidreira, Pinhal, Tramandaí. Esse ano talvez vá passar uma semana, mais do que isso não vai dar, na Praia do Sol, Praia do Sol ou Costa do Sol, algo assim. É tem uma sobrinha minha que tem casa lá e me

ofereceu. Então passar uns dias lá, só mais pra levar a família, e descansar um pouquinho, né? Não dá pra gente ficar muito tempo, porque aí só se gasta. Acho que **vamos ter que deixar** a loja fechada, então tem que ser pouco tempo mesmo. (POA 04:07)

(11) Porque eu acho que nunca é tarde pra estudar, né? Eles dão risadas. "Mas é, mãe, porque a senhora não estuda?" Digo: "Mas eu vou pensar no caso, acho que eu **vou voltar a estudar**." Mas eles ficaram bem faceiros. Isso aí. (SB 07:05)

(12) É tudo igual, é tudo isso assim: tu trabalhas, aquele que não trabalha, se ele não trabalha não vai ter, não adianta, é óbvio. Tu não **vai poder tirar**, trabalhar todo o dia e dar pra aquele que não faz nada todo o dia! Não que a gente seja radical, mas é óbvio isso ali, né? (FC 02:02)

(13) E eu sempre procurei filtrar, procurei assim transmitir o que é dificuldade da empresa, o que não é dificuldade, mostrar pra eles todos os funcionários vestem a camisa da empresa porquê? Porque sempre fui humilde, eu mesmo baixo a cabeça e **vou lá ajudar a produzir** com eles, não tem, eu sou desses, eu vou lá e agora estou eu de plantão junto com as mãos porque tem um funcionário em férias. (PN 12: 08)

(14)

– Não, eu vou lá pagar!

– Calma. Eu **vou ir perguntar** quanto deu! (Coleta informal: feminino, mestre, 35 anos)

Nos dados acima podemos acreditar que **IR** assume um estatuto gramatical de morfema marcador da categoria tempo, ou melhor, tempo-modo, uma vez que no **PB** trata-se de morfema cumulativo. Além disso, **IR** também marca número-pessoa, fixando-se na forma do presente do indicativo. Construções como as dos dados acima – (10) a (13) – aparecem na amostra sincrônica, apresentando o verbo auxiliar no presente do indicativo. Os verbos auxiliares presentes nessas expressões marcam modalidade (*tenho que deixar a loja fechada*) ou aspecto (*começo a fazer as compras*). Nesses casos, a presença do **IR** morfema-vocábulo, conjugado no presente do indicativo – *vamos ter que deixar, vou voltar a estudar, vai poder tirar* – entra para marcar a futuridade, pois traços de movimento/deslocamento, inerentes ao verbo pleno, são também abstratos e garantem a utilização do item no domínio funcional do futuro, indo de uma significação mais concreta para uma mais abstrata (cf. HEINE, 1992).

Por outro lado, em ocorrências como (13), a construção *ajudar a* + verbo não é uma locução prototípica como em (10) e também (11) e (12). O grau de integração entre os verbos é menor, pois pode admitir a intercalação de sujeitos diferentes (*eu ajudo o pedreiro a construir a casa*, por exemplo). Assim, é possível pensar que IR morfema-vocábulo começa a se agregar com construções mais integradas, do tipo (10), e depois expande-se para contextos de construções sintático-semânticas menos integradas.

Outro passo a ser pensado são as construções como (14). Observe-se outro dado similar:

(15) – Então, o que tu vais fazer?

– Eu? Eu **vou ir fazer** a prova de espanhol!

– Mas, Pablo, isso é judiação. E tua viagem? E teu carro?

– Que fazer? Ele é o chefe, não? E a Dani também é minha chefe nesse caso. Eu é que não **vou ir ligar** para saber se eles me dispensam! (Coleta informal: masculino, 37 anos, pós-graduado)

Nesses casos, estamos diante de uma dupla possibilidade de análise. A primeira delas é considerar as construções *vou fazer* (em 15), *vou perguntar* (em 14) – e também *vou ver* e *vou comprar* (em 03), como construções que já expressam futuridade. Então, o verbo pleno IR entraria nesse contexto para marcar o movimento/deslocamento do sujeito envolvido (*vou IR fazer, vou IR perguntar, vou IR ver, vou IR comprar*). Outra análise seria a de que as construções são, de fato, *ir fazer, ir perguntar, ir ver* e *ir comprar*, e IR morfema-vocábulo (*vou*) se agregaria a essas construções para codificar a futuridade: *vou ir fazer, vou ir perguntar, vai ir ver* e *vou ir comprar*.

Esperamos que dados com essas construções triplas – IR + verbo auxiliar + verbo principal, que chamamos de “perífrase IR (presente) em expressões”, sejam encontrados tanto na amostra sincrônica quanto na amostra diacrônica e possam, através de análise detalhada, apontar explicações para o fenômeno. Uma pergunta importante é saber como se constroem essas expressões, ou seja, de que forma os três verbos se agregam. Parece haver, pelo menos, três possibilidades: (IR + verbo auxiliar) + verbo principal; IR + (verbo auxiliar + verbo principal) ou IR + (verbo auxiliar) + verbo principal.

Nas primeiras duas possibilidades, o item IR estaria funcionando como um vocábulo marcador de futuridade que, agregado ao verbo auxiliar ou à expressão, marcaria a futuridade da ação. No último caso, o verbo auxiliar estaria se anexando à perífrase IR (presente) + infinitivo

para apontar modalidade ou traços aspectuais. Nesse caso, seria possível dizer que o item IR já não apresenta seu traço de verbo pleno e a ideia de deslocamento/movimento para um ponto seria um traço mais abstrato, deslocamento no tempo.

4.2 AMOSTRAS

Com vistas a tratar das questões e hipóteses propostas, organizamos três amostras, com base nas quais levaremos a cabo a análise que nos permitirá responder as perguntas que direcionam a tese, reproduzidas abaixo. As três primeiras questões, reproduzidas abaixo, serão abordadas a partir de duas amostras sistematicamente coletadas: a primeira (diacrônica – escrita) corresponde a coleta de peças de teatro do Rio Grande do Sul e a segunda (sincrônica – fala) envolve dados de fala do Banco Varsul. A quarta questão será abordada com base numa terceira amostra complementar, obtida por meio de coleta informal de fala espontânea. E a quinta questão envolverá todas as amostras, que são descritas na sequência.

- 1- Quais são e como se distribuem as formas verbais com IR na expressão da futuridade? E que outras formas coexistem no domínio funcional do futuro?
- 2- Como se comporta diacronicamente e sincronicamente a perífrase IR (presente) + infinitivo nas amostras do Rio Grande do Sul, em relação a outras amostras brasileiras?
- 3- Como se configuram diacrônica e sincronicamente os contextos linguísticos e extralinguísticos de manifestação das formas com IR no domínio funcional do futuro?
- 4- Como se configuram os contextos de ocorrência da construção *VOU IR*?
- 5- O que a análise dos dados desta tese permite dizer acerca do processo de gramaticalização envolvido no fenômeno em estudo?

Vejamos detalhadamente como se configura cada uma das amostras.

4.2.1 Amostra Diacrônica

A organização de um *corpus* diacrônico sempre apresenta problemas advindos do fato de que o acesso ao material selecionado historicamente só se dá através da escrita. Em adição a isso, não há garantias do quanto o *corpus* escolhido reflete a língua usada na época. Vejamos alguns desses aspectos problemáticos.

O texto escrito é normalmente mais conservador que a língua falada. Primeiro, porque a língua escrita tem uma dimensão de permanência, mais duradoura que o som, o que favorece o controle da sociedade, decorrendo daí a tendência a preservar os padrões mais conservadores e bloquear a entrada de formas inovadoras. Segundo, porque as atividades escritas estão ligadas a contextos sociais marcados pela formalidade. (FARACO, 1998, p. 14)

Assim, o texto diacrônico reflete um dialeto que é quase sempre um dialeto distante do falante do seu tempo. Nos textos escritos ao longo do tempo, encontramos hipercorreção, mistura de dialetos e possíveis alterações dos escrivães que fizeram as cópias escritas ou trabalharam em correções textuais para a impressão do texto.

Atentando para essa problemática, adotamos alguns critérios para a seleção do *corpus* diacrônico: (i) escolhemos textos do Rio Grande do Sul, ou seja, textos escritos por gaúchos; (ii) buscamos textos que supostamente refletissem, tanto quanto possível, os padrões da língua falada: peças teatrais; (iii) procuramos, sempre que possível, datar com precisão a publicação/encenação; (iv) buscamos comentários do autor e/ou de críticos que confirmassem o caráter popular da obra; (v) buscamos textos que apresentassem, sempre que possível, a temática do gaúcho: o campo, o *bolicho*, a Revolução Farroupilha; e (vi) escolhemos peças com um número aproximado de páginas entre elas.

A seguir, apresentamos os textos considerados, com a data de publicação e o autor, selecionados de acordo com o período histórico:

SÉCULO XIX (1800)		
Título	Autor	Ano
O castelo de Oppenheim ou O tribunal secreto	Manoel José da Silva Bastos	1849
As relações naturais	Qorpo Santo	1866
Vitor	Félix da Cunha	1875
Arnaldo	Damasceno Vieira	1886
A viúva Pitorra	Simões Lopes Neto	1896
SÉCULO XX (1900)		
O trabalho	Joaquim Torres	1902
A rajada	Carlos Alberto Ribeiro Tacques	1911
Rosas Malditas	Inocência Romero	1923
Roque González	Afonso Hansen	1934
O veneno do ciúmes	Carlos Cávaco	1942
Comédias do coração: A intrusa	Carmem Silva	1952
Chico Rei	Walmir Ayala	1962
Pode ser que seja só o leiteiro lá fora	Caio Fernando Abreu	1974
Bailei na curva	Julio Conte <i>et al.</i>	1982
D. Otília lamenta muito	Vera Karam	1993
Beleza complica	Paulo Hecker Filho	2002
Tigela cheia	Stella Bento	2012

Quadro 1: Distribuição das peças de teatro (amostra escrita) de acordo com o ano/século.

As peças selecionadas trazem o ano da publicação, mas uma pesquisa foi realizada para conferir a data da encenação de cada peça, a fim de que pudéssemos nos aproximar da data real de sua escrita: todas foram publicadas entre seis meses e um ano e meio após sua apresentação.

Para compor esse *corpus*, tomamos como base a dissertação de Fischer (2003), que discorre sobre os escritores de teatro e suas obras no século XIX, inclusive para a escolha dos autores, já que muitos, naquela época, deixavam o Estado e, embora produzissem teatro para a corte, não estavam mais comprometidos com a realidade gaúcha. Fischer menciona a importância de certos escritores, como Manuel Silva Bastos, que passou toda a sua vida na cidade de Rio Grande, e que, além de ser “senhor de muita versatilidade, tornou-se animador das festas públicas da cidade, mormente as do teatro” (FISCHER, 2003, p.73).

De acordo com o autor, a maioria das obras selecionadas obtiveram sucesso de público e crítica, na época. Também é importante comentar que, ainda que a maioria dessas obras tratem de peças cômicas, elas não são isentas de uma boa dose de dramaticidade: mortes, sofrimentos por amor são temas constantes. Além disso, a ideia de um texto cômico, em épocas passadas, é bem diferente dos textos teatrais

cômicos de hoje, como os *stand-up*⁶⁹ de eventos como Terça Insana⁷⁰ e Rindo Afú⁷¹. A comédia clássica envolve situações de troca de personagens, mentiras comprometedoras e personagens *nonsense*⁷², tidos como “loucos”. Ainda assim, o objetivo da comédia e a descontração estão presentes nessas peças cômicas.

4.2.2 Amostra sincrônica

A abordagem sincrônica desta pesquisa é duplamente ancorada: no exame dos textos escritos mais recentes, que compõem a amostra diacrônica, e no exame das entrevistas sociolinguísticas e de coletas orais informais. A seguir, descrevemos a amostra do Varsul e, na sequência, a coleta complementar.

4.2.2.1 Entrevistas sociolinguísticas (Varsul)

Para compor o *corpus* principal de língua falada, selecionamos as cidades do Estado do Rio Grande do Sul que integram o Núcleo de pesquisa Varsul – Variação Linguística na Região Sul do Brasil. O Banco de Dados do Varsul formou-se a partir do projeto Variação Linguística

⁶⁹ Comédia *stand-up* (do inglês *stand-up comedy*) é um termo que designa um espetáculo de humor executado por apenas um comediante, que se apresenta geralmente em pé (daí o termo *stand-up*), sem acessórios, cenários, caracterização, diferenciando o *stand up* de um monólogo tradicional. Conceito retirado da Wikipédia, a enciclopédia livre.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Com%C3%A9dia_stand-up>. Acesso em: 23 de jun. 2014.

⁷⁰ A Terça Insana é um projeto humorístico que é apresentado, como sugere o nome, toda terça-feira por diferentes atores interpretando variados personagens. O grupo, criado pela atriz Grace Gianoukas em novembro de 2001 na cidade de São Paulo, é composto por um elenco que se modifica em cada temporada. Página do grupo no Facebook: <<https://pt-br.facebook.com/tercainsanaoficial/>>. Acesso em: 23 de jun. 2014.

⁷¹ O Rindo Afú é o Festival de Humor do Rio Grande do Sul. É uma mistura dos espetáculos dos atores CrisPereira e NandoViana e os jogos de improvisos da turma do HappyHour! O festival apresenta interação entre os espetáculos: são 30 minutos para cada uma das apresentações. A página do festival no Facebook é <<https://pt-br.facebook.com/events/230305900443809/>>. Acesso em: 23 de jun. 2014.

⁷² Palavra do idioma inglês que designa filme ou escrito que recorre a elementos surreais, a situações ilógicas, absurdas etc. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 2.0, 2006.

Urbana na Região Sul do Brasil, que tem como objetivos armazenar e disponibilizar amostras de fala de indivíduos das áreas urbanas representativas de cada um dos três estados do sul do país.

O acervo básico do Varsul é constituído por 288 entrevistas, distribuídas igualmente entre os estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Cada estado é representado por quatro cidades (a capital e três cidades do interior) e cada cidade apresenta um total de 24 informantes. Trata-se da gravação de entrevistas de mais ou menos 45 minutos, nas quais o informante responde perguntas/conversa sobre aspectos da vida pessoal e da história da cidade, entre outros assuntos⁷³.

Para o estudo da perífrase IR (presente) + infinitivo considerou-se a amostra correspondente ao Rio Grande do Sul, que se constitui das cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja, localizadas no mapa abaixo. Flores da Cunha teve colonização italiana, recebendo os primeiros imigrantes em 1876. Um forte apelo turístico do município é a preservação das tradições culturais herdadas dos imigrantes italianos: a língua, a gastronomia, a música, a religiosidade, os usos e costumes, assim como os demais elementos da cultura de imigração da Região Nordeste do estado do Rio Grande do Sul⁷⁴. A colonização de Panambi é alemã e iniciou-se em 1899, com colonos alemães que já estavam no país. Após a Primeira Guerra Mundial, a cidade recebeu 178 famílias naturais de Württemberg, da Alemanha⁷⁵. A cidade de São Borja foi fundada em 1682 pelos padres jesuítas, a primeira cidade dos Sete Povos das Missões. São Borja tem a civilização mais antiga do estado, e uma das mais antigas do Brasil, sendo povoada ininterruptamente desde sua fundação. Situa-se na fronteira oeste do estado, sendo banhada pelo rio Uruguai, que é a fronteira natural com a cidade de Santo Tomé, localizada na província de Corrientes, na Argentina⁷⁶.

A cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, constituiu-se a partir da chegada dos açorianos, em meados do século XVIII. No século XIX, contou com o influxo de muitos imigrantes alemães e italianos, recebendo também espanhóis, africanos, poloneses e libaneses. Em 16 de dezembro de 1812, Porto Alegre tornou-se sede da

⁷³ Para mais detalhes, inclusive ouvir parte das entrevistas gravadas nas diferentes cidades, consulte: <<http://www.varsul.org.br/>>.

⁷⁴ Mais informações no site da prefeitura:<<http://www.floresdacunha.rs.gov.br/>>.

⁷⁵ Outras informações, consultar:
<<http://www.panambi.rs.gov.br/site/index.php>>.

⁷⁶ Sobre São Borja, veja mais informações em <<http://www.saoborja.rs.gov.br/>>.

Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, recém-criada, e cabeça da comarca de São Pedro do Rio Grande e Santa Catarina⁷⁷.



Figura 3: Mapa do Rio Grande do Sul com as cidades pesquisadas
FONTE: Elaborado a partir de imagens da *internet*

As 24 entrevistas de cada cidade da amostra do Varsul correspondem a 12 perfis sociais – sexo masculino e feminino, três níveis de escolarização e duas faixas etárias – com duas entrevistas em cada célula social. Os entrevistados estão estratificados em três níveis de escolarização: Primário (de 4 a 5 anos), Ginásio (de 8 a 9 anos) e Colegial (de 11 a 12 anos). Quanto às faixas etárias, são divididos em faixa A (25 a 49 anos) e faixa B (mais de 50 anos). O quadro 2 apresenta a distribuição dos informantes por célula social.

⁷⁷ Ver o site da cidade, <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/>, para maiores detalhes.

Quadro 2: Estratificação social das entrevistas de cada uma das cidades do Banco de dados Varsul, amostra do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja).

	Feminino		Masculino	
	Faixa A (25 a 49 anos)	Faixa B (+ de 50 anos)	Faixa A (25 a 49 anos)	Faixa B (+ de 50 anos)
Primário (4 a 5 anos)	2	2	2	2
Ginásial (8 a 9 anos)	2	2	2	2
Colegial (11 a 12 anos)	2	2	2	2

4.2.2.2 Amostra complementar

Uma vez que objetivamos registrar e descrever o comportamento de *VOU IR*, estaremos nos valendo também de dados coletados informalmente em diálogos do cotidiano, registrados desde 2000, quando começamos a ficar atentos a esta construção na fala de gaúchos. Os dados (01), (02), (03), (16) e (17), acima transcritos, fazem parte dessa amostra informal.

Como mencionamos no início da seção 4.2, essa amostra informal vai nos oferecer material para responder a questão 4, já apresentada.

A questão 5, que focaliza a gramaticalização, envolve duas facetas de um processo de mudança: a gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo e a gramaticalização de IR em morfema-vocábulo. A primeira faceta, correspondente à perífrase, é contemplada na análise das amostras escrita (diacronia/teatro) e oral (sincronia/Varsul). Para tanto, propomos grupos de fatores que serão descritos a seguir. A segunda faceta, que corresponde ao item IR como morfema-vocábulo, será contemplada basicamente na análise da amostra informal (dados do cotidiano).

Gostaríamos de salientar, ainda, que parte dessa amostra informal se dá no grupo de relações mais próximo desta pesquisadora, ou seja, amigos – professores e alunos universitários da instituição onde trabalho (FURG–Rio Grande/RS) – e familiares. Assim, é bastante constante a recorrência de dados observados entre as mesmas pessoas.

4.3 A COLETA DE DADOS

Com o objetivo de observar o domínio da futuridade – questão 1 acima proposta – em nossas amostras, a coleta de dados organizou-se, no primeiro momento, em torno das formas verbais utilizadas para se referir a esse amplo domínio complexo. Nesse âmbito, todas as formas verbais

foram consideradas: futuro do presente (*farei*), haver de + infinitivo (*hei de fazer*), presente (*faço amanhã*), locução modal – tanto no presente quanto no futuro do presente do indicativo (*poderei fazer, posso fazer*), perífrase IR (presente) + infinitivo (*vou fazer*), IR (presente) + infinitivo em expressões (*vou poder fazer, vou começar a fazer*) e IR (presente) + infinitivo com material interveniente (*vou lá fazer*) e também aquelas formas que estão nos domínios habitualidade – a própria perífrase (Eu sempre *vou ver* o que tem antes), o verbo IR no presente (A gente sai todo dia, *vai* ali em baixo) e a perífrase IR + (gerúndio) (*vai indo*) – e Imperativo/comando – a perífrase (Vão, filhinas, *vão brincar*, vão, vão), o verbo IR no presente (*Vai* e não esqueças o teu amor) e as formas *vamos supor* e *vamos dizer*.

Num segundo momento, a fim de respondermos a questão 2 proposta, focalizamos a comparação entre os resultados provenientes da análise de nossas amostras e os das amostras dos trabalhos resenhados. Assim, o interesse recai apenas nas formas que também foram selecionadas nas pesquisas de cunho variacionista na modalidade falada – futuro do presente, perífrase e presente do indicativo – e na modalidade escrita, na qual acrescenta-se a forma haver de + (infinitivo).

No terceiro momento, para responder as questões 3, 4 e 5, ou seja, analisar os contextos linguísticos e extralinguísticos da manifestação das formas com IR no domínio funcional do futuro em nossas amostras e mapear as construções *VOU IR*, acrescentamos uma amostra adicional – a amostra informal (dados do cotidiano) – às amostras do banco de dados Varsul e das peças gaúchas.

Ainda é importante observar que, uma vez reconhecido o contexto de futuridade proposto, especialmente nas amostras do Varsul e das peças gaúchas, o dado é recortado de acordo com o limite temático da fala do entrevistado, ou seja, a sequência do assunto tratado pelo entrevistado é respeitada. Observe-se duas ocorrências que ilustram esse recorte:

(16) E Onde tu estudas?

F Eu estudo com os amigos, né? tinha um professor aqui em São Borja que me dava aula de música, ele era da banda municipal aí de São Borja, ele foi transferido, ele foi pra Alegrete, está na banda de lá, então agora ficou difícil de estudar, né? Então, como eu posso, eu **vou estudando** com os amigos, né? eu estudo teoria musical mais em casa, né? então, a prática, quando eu tenho alguma dúvida, eu peço informação pros meus amigos, que sabem mais que eu, né? então. É, o meu método de estudo é esse aí. Que aqui em São Borja é difícil encontrar um bom professor de música, né? tem muitos, né? mas os que têm, eles não têm

disponibilidade de tempo às vezes, né? motivo é o serviço deles, né? não coincide o nosso horário aqui, então é difícil estudar. (SB 12:02)

(17) E E me diz uma coisa, teu filho, assim, tu tens algum plano pra ele, que tu gostarias que ele fosse alguma coisa, se é a profissão do pai dele ou alguma outra coisa, assim, se ele estudasse ou não?

F Olha, eu gostaria que ele estudasse, que nós pudéssemos ter possibilidade dele estudar, né? Mas não sei, **vamos ver**, se continuar assim, não sei se **vai dar** pra ele continuar a estudar. Sim, mas pelo amor de Deus, não está fácil. Mas ele, é a profissão dele, que ele diz que ele quer ser, é motorista. Que nem o pai. Tu falas com ele, só isso. Tu pedes se ele **vai casar**, diz ele que não. Não **vai casar**. (FC 01:09)

Na amostra informal, nem sempre foi possível transcrever o limite temático da fala do informante. Assim, em alguns casos, após a identificação, fizemos um pequeno resumo do tema, para facilitar a interpretação da ocorrência:

(18) – Mas se o veterinário deixar alguém entrar...

– Não deixa, a sala é muito pequena.

– De repente, na recuperação. Se ele deixar, sou eu que **vou ir**, se não te deixo sozinha lá... (Coleta informal: masculino, 34 anos, graduando – sobre a cirurgia da cadela Trufa)

A coleta de dados, organizada dessa forma, permite uma margem razoável de segurança tanto no que tange à manutenção da projeção de futuridade quanto na análise do contexto em que se manifesta a forma. Assim, controla-se com maior segurança ocorrências que podem de fato importar para o presente estudo, como, por exemplo, uma ocorrência de IR verbo pleno que possui projeção futura distinta de outra, que se manifesta num contexto de habitualidade:

(19) E Com quem o senhor ia, com quem ficava?

F Ah! Eu sempre ia sozinho, né? e ficava num hotel na Avenida Visconde do Rio Branco, ficava não, fico até hoje ainda, fevereiro eu **vou**, né? Gosto de carnaval. Avenida Rio Branco, no centro do Rio, perto da Central do Brasil.

E O senhor vai todos os anos pra lá?

F **Vou**.

E O senhor conhece algumas pessoas lá?

F Conheço.

E Ou pula carnaval sozinho?

F Conheço muita gente, muita. É, já fiz amizade porque há muitos anos que eu **vou**, né? Desde sessenta e um. (POA 09:05)

De acordo com o recorte feito na coleta do dado, observa-se que nesse mesmo contexto o primeiro verbo IR pleno (fevereiro eu *vou*, né?) encontra-se marcando o domínio funcional do futuro e as demais ocorrências manifestam-se no domínio da habitualidade.

4.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS COLETADAS

Para responder a primeira questão proposta em 4.1, organizamos as ocorrências em uma espécie de mapeamento, que possibilite uma visão geral do que ocorre tanto no contexto mais amplo da futuridade como no domínio funcional do futuro, em relação às formas que transitam nesses domínios. Para tanto, após coletadas as ocorrências, os resultados são distribuídos em tabelas do programa Excel (2008), que gera percentuais, permitindo observar a distribuição das formas em termos de frequência de uso, além de gráficos que ilustram esses resultados. Essa organização se faz necessária para que se possa observar o comportamento tanto do verbo IR pleno quanto da perífrase IR (presente) + infinitivo, nas amostras escrita (diacronia/teatro) e oral (sincronia/Varsul).

A questão 2 restringe a análise ao domínio funcional do futuro e à comparação entre nossas amostras e as demais amostras dos trabalhos apresentados no capítulo 2. Para essa comparação, submetemos os resultados encontrados em todas as amostras novamente ao programa Excel (2008).

Na questão 3, no entanto, interessa-nos observar os contextos linguísticos e extralinguísticos de manifestação da perífrase IR (presente) + infinitivo. A fim de responder a essa questão, propomos grupos de fatores, descritos a seguir, e submetemos os dados à análise estatística. Essa análise permite, ainda, responder a questão 4, que trata dos contextos de ocorrência da construção *VOU IR*.

Para o tratamento estatístico, empregamos o programa GOLDVARB 2001 (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). Esse programa é um aplicativo para análise multivariada baseado no programa GoldVarb 2.0 (RAND; SANKOFF, 1990). Ele fornece percentuais de frequência e pesos relativos para cada grupo de fatores em relação à variável de referência, apontando a seleção dos grupos de fatores por ordem de relevância estatística. Embora nosso estudo não esteja

focalizando a perífrase IR (presente) + infinitivo em relação às formas variantes/camadas que possam estar cumprindo a mesma função dentro do domínio funcional do futuro, o aparato metodológico variacionista apresenta-se bastante adequado para o mapeamento dos possíveis contextos que propiciem o aparecimento e a expansão de uso do nosso objeto de estudo.⁷⁸

Conforme Givón (1984, p. 11) pondera, o estudo quantitativo aplicado ao discurso “serve como uma transição necessária e natural para relacionar a língua e a comunicação com os processos cognitivos”. Análises quantitativas em estudos funcionalistas que tratam de gramaticalização, e não de variação, têm sido sistematicamente realizadas, como podemos conferir em Dal Mago (2001), Back (2008), Pereira (2013), entre inúmeros outros trabalhos.

4.4.1 Grupos de fatores linguísticos considerados

Nesta seção vamos descrever os fatores linguísticos controlados para a análise dos dados dos *corpora* utilizados. Faremos uma descrição de cada grupo de fatores e de cada fator no grupo, para facilitar a leitura da análise nos próximos capítulos. Os grupos de fatores linguísticos foram basicamente reunidos sob o escopo das três categorias que codificam as três grandes funções que a forma perifrástica IR (presente) + infinitivo desempenha no domínio funcional do futuro no seu processo de gramaticalização: TAM (tempo-aspecto-modalidade).

4.4.1.1 Tempo

Três grupos de fatores contemplam esta categoria/função, com vistas a perscrutar o caminho de gramaticalização da perífrase quanto ao *tempo* dentro do domínio funcional do futuro: *determinação temporal*, *presença de especificação temporal* e *ponto de referência* – conforme descrito a seguir.

4.4.1.1.1 *Determinação temporal*

Com esse grupo de fatores, pretende-se avaliar a seguinte possível correlação: (i) se a perífrase se manifesta em contextos com tempo delimitado/determinado, então codificaria a função/categoria

⁷⁸ Como não estamos tratando de variação entre formas em competição, não trabalharemos com pesos relativos e sim com percentuais.

tempo dentro do domínio funcional do futuro; (ii) se a perífrase aparece em contextos com tempo não delimitado/determinado, então codificaria menos o *tempo* e mais a função/categoria *modalidade*. Em outras palavras, busca-se uma correlação entre o tempo expresso no contexto mais amplo e o tempo expresso pela perífrase. Os trechos abaixo ilustram os dois fatores que compõem esse grupo.

- Tempo determinado/delimitado

(20) F: Ah! toda avenida principal de Gramado, cada fábrica pega um pedacinho e faz um pinheirinho, faz uma coisa diferente, tudo cheio de luzes, né? Depois tem as tendinhas na praça, e teve o Natal Luz que **vai ser esse fim de semana no Lago Negro**, que diz que **vai ter** mais de mil fogos de artifícios, **vai ter** orquestra, **vai ter** coral, **vai ter**... nem sei mais quem que **vai dar** show lá no Lago Negro. (FC 03:01)

(21) E: Como é que sobrevivem?

F: Pois é. Como é que sobrevivem. **Vou contar** um pequeno episódio agora, que faz pouco mais de meio ano. Meu filho tinha um agregado lá, casa, geladeira, fogão a gás, <chu> chuveiro elétrico, água encanada, tudo dentro de casa. (PN 07:05)

- Tempo não determinado/delimitado

(22) F: (...) Um quilo de bolacha mil e oitocentos! Mas daonde que um pobre **vai tirar** dinheiro pra comprar pão pra comer? mas de jeito nenhum! não compra. [E] eu, pra mim, o que ele tinha que fazer é subir o salário e baixar um pouco as coisas. (SB 07:08)

4.4.1.1.2 *Presença de especificação temporal*

Com esse grupo de fatores busca-se verificar se a presença de algum especificador de tempo, como o advérbio, pode apontar algum comportamento diferenciado da perífrase. Esse grupo apresenta cinco fatores: presença de advérbio temporal, presença de locução adverbial, presença de oração temporal, contexto – parágrafo temático – no qual se possa determinar alguma referência ao tempo em que a ação vai ocorrer no futuro, e ausência de especificação temporal. Observem-se as ocorrências abaixo que ilustram, respectivamente, cada fator.

- Com especificação temporal

(23) F Tão bonito o acompanhamento! Alegre! É a missa que eu vou mesmo. É muito difícil, só se que tenho que sair, que às vezes as gurias: "Olha, mãe, amanhã a gente **vamos** aqui, ali, **vamos dar** um passeio," então eu vou na missa, domingo, das sete e meia. Quando é oito, oito e pouco, eu estou em casa. Mas senão minha missa mesmo é a das nove. Pra distribuir a comunhão também, né? ajudar. Porque nas nove é que tem mais povo. A não ser, sempre vou à das nove. E agora com esses dias quentes eu ia seguindo na das sete. (FC 16:03)

(24) F No primeiro dia levantar com o pé direito. Dizem que quem levanta com o pé esquerdo **vai ser** azarado o ano inteiro. (FC 05:05)

(25) F: [...] E na Sicília, por exemplo, quando você está no norte da Itália você imagina que a Sicília é uma pobreza tremenda e eu só **vou te dar** um trailer da riqueza da Sicília. Entre Palermo e Catânia, Catânia é uma cidade de quinhentos mil habitantes, Palermo tem um milhão de habitantes, tem uma rodovia, uma autopista de quatro pistas que vão e quatro que vêm, são oito pistas, né? (FC 12:01)

- Contextual – parágrafo temático

Observa-se, nesse fator, que a presença da especificação temporal não está no escopo sintático da ocorrência, mas encontra-se no contexto, geralmente no recorte feito para observar o dado.

(26) F: Só agora que eu vou baixar hospital amanhã pra mim operar os olhos, catarata, né? Vou operar...

E: Qual hospital?

F: Hospital de Clínicas.

E: Ah. Ali é muito bom, né?

F Ali é bom. **Vou baixar** lá, ver se eu fico bom, né? Se Deus quiser eu **vou ficar** bom. (POA 10:01)

- Sem especificação

(27) F: Bom... então já falei do dia do primeiro do ano, um carro bateu pela frente no guri, e uma camioneta bateu pelo... Quer dizer que o carro dele foi vendido pro ferro velho e o cara que bateu com ele não tem nada e nem **vai receber** nada. Mas, ele já se reanimou um pouco. (FC 05:04)

A presença do advérbio facilita o reconhecimento do contexto temporal dentro do domínio funcional do futuro, porque sinaliza a aproximação ou não ao tempo cronológico. Os itens, que estejam atuando no contexto em que se observa a presença de um advérbio temporal, por

exemplo, podem estar mais comprometidos com o domínio temporal. Por outro lado, se, de fato, o traço de movimento/deslocamento do verbo IR pleno é aquele que se aproxima dos traços abstratos de futuridade, então é possível que a perífrase esteja cada vez mais se infiltrando em contextos de futuridade nos quais não há uma marca explícita desse traço, como o advérbio “amanhã”.

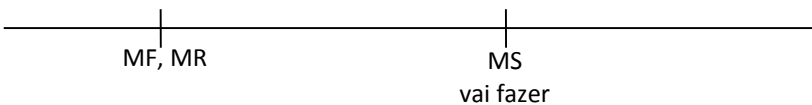
4.4.1.1.3 Ponto de referência

Há, pelo menos, dois aspectos importantes relacionados com a proposta desse grupo de fatores. O primeiro deles, mais amplo, trata de verificar as relações existentes entre as situações codificadas que apresentam a expressão do futuro em cadeia. Conforme Mateus *et al.* (1989) explicitam, pode haver relações, tais como futuro cotemporal, entre duas situações. O outro aspecto diz respeito às relações mais complexas, como futuro do futuro. Se a perífrase se apresenta nesse contexto, então é possível apontar um maior envolvimento da forma em codificar o tempo, dentro do domínio funcional do futuro.

- Futuro simples: MR, MF — MS

Chamamos de futuro simples o dado que se situa à direita do momento de fala, disposto em um diagrama temporal.

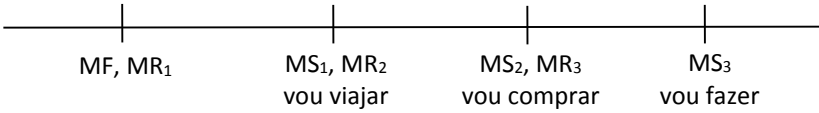
(28) F: Acho que era meio por correspondência. Eles se correspondiam, né? e daí ele veio pra cá, estava um mês aqui e daí noivaram, mas casaram lá. Daí eles foram para lá e casaram, né? e **vai fazer** quatro anos que ela está morando lá. (PN 01:04)



- Futuro do futuro: MF — MR — MS

O futuro do futuro é assim chamado porque a segunda situação codificada na sequência de futuridade possui como ponto de referência a primeira.

(29) F: (...) mas a vida estava difícil e a mulher ficou grávida de novo. Então eu disse: “**Vou viajar** pra Argentina, **vou comprar** alguma coisa, **vou fazer** meu pé de meia pra alimentar as crianças”. (SB 03:12)



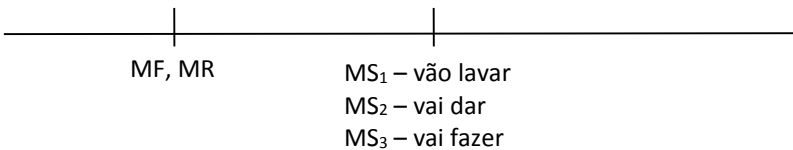
Para Mateus *et al.* (*op.cit.*), as situações 1, 2 e 3 estão, num primeiro momento, relacionados com MF, pois se encontram todos a sua direita; e num segundo momento, estão ordenados entre si.

- Futuro cotemporal: MF, MR — MS₁, MS₂

Outro tipo de futuro é aquele que capta uma relação de simultaneidade total ou parcial entre duas situações no futuro.

(30) E O prefeito de São Borja é um gringo?

F Não, não é gringo. O sobrenome é espanhol, Alvarez, né? O pai dele é são borjense, ele é são borjense esse rapaz. Mas o que eu digo é que os gringos começaram a crescer, inclusive. Primeiro eles eram simples colonos, né? hoje não, tudo que é edifício bom, tudo que é casa boa que tem aí, tudo que é Santana oitenta e dois é de gringo, né? E este ano **vão lavar** a égua, né? O arroz **vai dar** uma supersafra aqui em São Borja de arroz, né? Apesar do preço estar ruim, essa gente **vai fazer** uma safra muito boa, muito grande. E essa foi a maior modificação que eu noto na nossa terra. (SB 02:03)



4.4.1.2 Aspecto

Sob o escopo dessa categoria/função, foram reunidos os seguintes grupos de fatores: *habitualidade da situação no futuro*, *duração da situação no futuro* e *traços de movimento/deslocamento do verbo principal*. Com o controle desses grupos espera-se obter indícios que

permitam traçar o caminho percorrido pela forma perifrástica no que se refere à expressão do *aspecto*, dentro do domínio funcional do futuro.

Diversos autores, como visto no capítulo teórico, mencionam que o tempo futuro não apresenta aspecto marcado. Para Bybee; Perkins; Pagliuca (1994, p. 268) esse seria justamente um dos motivos da importância do “movimento para” na escolha do item que serve como marcador do uso futuro. Os autores citam a escolha de IR (*to go*, no inglês) como auxiliar, e da perífrase *going to*, como forma para codificar o domínio. Nossa intenção é mapear não só o caminho da forma perifrástica como também o de IR, apontando a redução semântica (dessemantização) do item (cf. Heine e Kuteva, 2007).

Observamos que o dado em análise está inserido no domínio funcional do futuro, portanto, encontra-se num contexto de futuridade. A pergunta que se apresenta é: Essa situação futura codificada pela perífrase é única ou é recorrente? Ou ainda: Essa situação futura apresenta-se mais durativa ou menos durativa? A perífrase IR (presente) + infinitivo encontra-se numa configuração mais dinâmica ou mais estática? Essas três indagações remetem aos grupos de fatores descritos a seguir.

4.4.1.2.1 *Habitualidade da situação no futuro*

Observando o contexto no qual se insere o dado, apontamos dois fatores para esse grupo:

- mais habitual, ou seja, a situação se repete

(31) E: E esses dois últimos ficam contigo, então, o dia inteiro?

F: Sim. Agora esse ano **vai melhorar** um pouquinho, porque eu **vou ficar** o dia inteiro só com um. Quero ver se eu boto um de manhã e outro de tarde, né? Aí eu fico com dois sempre em casa. (POA 08:02)

- menos habitual, ou seja, a situação é única

(32) E: Pra que time o senhor torce? O senhor vai nos jogos?

F: Eu vou. Não, eu tenho assim uma leve queda pelo Internacional, mas eu também assisto jogo do Grêmio, tanto que agora, sábado aí, oh! Agora contra o Palmeiras, depois de amanhã, eu **vou ver** lá no Olímpico. Mas eu não sou fanático não. (POA 09:05)

4.4.1.2.2 *Duração da situação no futuro*

A situação, além do traço de habitualidade, também manifesta um tempo interno que pode ser mais ou menos durativo. Com o objetivo de analisar a influência desse tempo interno sobre a perífrase IR (presente) + infinitivo, propomos os dois fatores a seguir:

- Situação mais durativa

(33) E: De qualquer maneira foi tirado, né?

F: Foi tirado. Quantos anos eles tiraram dos pobres. Eu acho que agora tem que estacionar um pouco, eles têm que deixar, pelo menos, um ano ali parado, o que é deles, o que eles tiraram, talvez, da gente, né? Então eu acho que eles tinham que pensar assim: "Pô, eu tirei tanto, agora **vou ajudar**, né? Esse governo já, que ele quis nos tirar o nosso dinheiro, então **vou dar** uma força, né? Já tiramos tanto dele, agora ele que está nos tirando, então **vamos dar** uma força, que ele continue, né? Tirando esse dinheiro." (POA 12:06)

- Situação menos durativa

(34) E: A senhora gostava de estudar?

F: Eu gostava. Sempre gostei. Isso aí eu não **vou negar** nunca, gostei. E rodar eu nunca rodei. (POA 16:01)

4.4.1.2.3 *Traços de movimento/deslocamento do verbo principal*

Esse grupo de fatores é proposto a partir da dissertação de Gibbon (2000). Embora a dissertação tratasse de formas variantes – perífrase IR (presente) + infinitivo *versus* presente do indicativo –, esse grupo de fatores foi bastante relevante para observar o comportamento da perífrase. Dado que o verbo IR pleno possui traços inerentes de movimento/deslocamento, a proposta desse grupo é investigar a natureza do verbo principal na perífrase, observando-o no contexto da ocorrência. Como o comportamento do auxiliar está relacionado com o verbo que o acompanha, é possível mapear o esvaziamento dos traços semânticos de movimento/deslocamento do verbo IR, controlando, no contexto, a natureza dos verbos principais que o acompanham. Observe-se o quadro formulado a partir do manuseio com os dados e observando uma natureza escalar:

Tipos	Traços		Exemplos
	Movimento	Deslocamento	
Movimento 1	+++	++	sair, ir, andar
Movimento 2	+++	+–	arrumar a casa, dançar
Movimento 3	++–	+–	comprar, vender
Movimento 4	+++	--	fumar, cantar, cuidar de uma criança
Movimento 5	++–	--	dormir, cuidar o feijão
Movimento 6	+--	--	abstrato: cognitivo, percepção, emocional
Movimento 7	---	--	processos: fazer anos
Movimento 8	---	--	estado, fenômenos da natureza

Quadro 3: Apresentação dos critérios *movimento* e *deslocamento* para organização da escalaridade do grupo de fatores *Traços de movimento/deslocamento do verbo principal*

Para maior entendimento desse quadro, apresentamos um detalhamento do que corresponde a cada traço da escalaridade proposta, ilustrando com as ocorrências abaixo:

Movimento 1: trata-se de um movimento espacial concreto e o deslocamento também deve se mostrar com traços concretos, atribuídos a um locativo expresso. Por exemplo: *sair, ir, andar*.

(35) E: Eles não vão sozinhos?

F: Não, porque tem que atravessar a rua. Agora, acho que mais um ano, dois já vai dar, mas é que o Rodrigo já está começando a se desinteressar por pracinha. Mas aí ele **vai levar** os irmãos, agora, mais um ano ou dois, ele já começa a levar os irmãos na pracinha porque ele já está quase atravessando a Protásio sozinho. (POA 08:08)

Movimento 2: apresenta um movimento delimitado por um espaço e o deslocamento é interno a um espaço delimitado, concreto. Por exemplo: *arrumar a casa, brigar de soco, dançar*.

(36) E: Coisa boa, né?

F: Bah! Se é! É, sai um pouquinho daquela agitação, e o outro dia não precisava levantar cedo também, né? Outro dia, segunda-feira, meu horário, eu pego meio-dia, né? Então não tinha que esquentar a cabeça mesmo. “Ah! Segunda-feira não **vou levantar** às seis horas da manhã, né?” Eu disse. (POA 11:02)

Movimento 3: deslocamento e movimento ocorrem em um nível mais abstrato. Por exemplo: *comprar, vender*.

(37) F: Eu votei pro Collor de Mello, me arrependi.

E: Porquê?

F: Ele tirou o aumento agora. Tirou o aumento de todo mundo, só **vai dar** aumento pro fim de junho, se der, né? Se der. (POA 10:03)

Movimento 4: envolve movimentos concretos sem deslocamento. O movimento volta a ser concreto, agora sem traços de deslocamento. Por exemplo: *fumar, cantar, cuidar uma criança*.

(38) F: Eram setecentos cruzados hoje. E é isso. E eu vendo que uma moça aí do edifício também a semana passada foi assaltada dentro das Americanas, e cortaram a bolsa dela e roubaram os documentos, setecentos cruzados dela. Mas cortaram direitinho a bolsa e tiraram a carteira dela e ela ia indo e se lembrou na camionete, né? Se lembrou assim: "**Vou tirar** minha pulseira." Ela tinha uma pulseira de ouro, dessas de casamento, né? E ela disse: "Eu **vou tirar** a minha pulseira." Porque era muito vistosa, muito bonita, era ouro. "E eu **vou tirar** a minha corrente." E ela tirou e botou dentro da carteira dela de dinheiro. Aí foi documento, foi joia, foi tudo junto. Aí o desespero dela foi maior, né? Quando ela foi procurar, viu muito leve a bolsa dela, foi olhar, a carteira não estava mais. (POA 05:01)

Movimento 5: os traços de movimento também vão desaparecendo, ou tornando-se menos perceptíveis. Por exemplo: *dormir, rir*

(39) E: Qual o seu cantor preferido?

F: Tu não **vais rir**?

E: Não.

F: Roberto Carlos. (POA 01:07)

Movimento 6: envolve movimento abstrato; processos cognitivos, de percepção, emoção. Por exemplo: *olhar, ver, pensar, sonhar, estudar, ler*.

(40) E: O senhor frequenta algum parque, o senhor gosta de passear em parque, coisa assim?

F: Ah! Eu agora não- Eu não tenho porque olha, eu tenho um quintal aqui eu passo o dia dentro do quintal aqui, né? Quando eu não estou trabalhando, sábado, domingo eu estou aqui virando a terra, estou (risos)

E: Aqui nos fundos da casa?

F: Hein? É. Não quer ver? Depois eu vou lhe mostrar, eu abro ali, daí o senhor **vai ver**, né?

E: O senhor tem horta aqui?

F: Tenho, tem horta, tem tudo aí. (POA 07:08)

Movimento 7: como no movimento 6, o movimento é abstrato, mas percebe-se a presença de um processo. Por exemplo: *fazer anos, revelar(-se), fazer funcionar*.

(41) E: Há quanto tempo o senhor mora aqui no Menino Deus?

F: Bom, a segunda vez desde mil novecentos e setenta e sete. Eu tinha morado antes dos dezessete aos vinte e quatro anos, então de cinquenta e dois a cinquenta e nove, aí quando eu casei, saí, fui morar na Avenida Farrapos e em setenta e sete eu retornei, na mesma casa, era a casa antiga que tinha aqui, igual a essa que temos do lado, do vizinho, aí em oitenta, final de setenta e nove, princípio de oitenta, eu demoli a casa velha, me mudei pra uma quadra abaixo e construí essa casa, então estou aqui desde setenta e sete, são hoje treze anos, **vai fazer** em outubro. (POA 21:01)

Movimento 8: não se percebe mais nenhum tipo de movimento nem de deslocamento. Verbos de estado, fenômenos da natureza. Por exemplo: *ser, estar, chover, ventar*.

(42) E: E me diga uma coisa, como é que foi que faleceu essa menina que a senhora estava falando.

F: (suspiro) Ela faleceu num acidente, ela vinha da faculdade, ela tinha ganho um carro zerinho do pai dela e pela terceira vez que ela ia andar de moto, ela pegou o carro e deixou com as amigas e disse pras amigas assim: "Estou indo." Aí as amigas perguntaram: "Aonde?" E ela disse: "Vou de carona na moto." Aí as amigas disseram assim: "Mas ô Isabel, tu **vais deixar** o teu carro zero aqui? E tu vais ir de moto?" Ela disse: "Não, vocês vão no carro." Aí o rapaz que ela conheceu no dia, que era irmão da amiga dela, ela veio de moto com ele de carona, quando chegou na Érico Veríssimo ali um carro atropelou eles, foi numa sexta-feira e no domingo das mães ela, de oitenta e nove, de madrugada, ela faleceu. (POA 14:07)

4.4.1.3 Modalidade

Para dar conta dessa categoria/função, apresentamos dois grupos de fatores, pensados a partir da noção de modalidade discutida no capítulo teórico: *modalidade* e *modo da oração vinculada ao dado*. Voltamos nosso olhar para a classificação de modalidade proposta por Bybee *et al.* (1994), a saber: modalidade orientada para o agente, modalidade orientada para o falante, modalidade epistêmica e modo subordinante.

O primeiro grupo de fatores pretende avaliar as modalidades orientada para o agente e epistêmica. A modalidade orientada para o falante não será observada, pois dados dessa natureza, geralmente tratados pelo rótulo de “imperativo”, foram observados num primeiro

momento e depois e descartados, por envolverem, antes de tudo, atitude manipulativa do falante sobre o interlocutor. O segundo grupo de fatores remete ao modo subordinante e organiza-se em torno da relação sintática entre as orações, procurando identificar com maior clareza em que contextos a perífrase IR (presente) + infinitivo atua. A proposta é captar a atitude do falante nos dados coletados, a fim de observar principalmente os graus de certeza e intenção, geralmente associados ao domínio funcional do futuro.

4.4.1.3.1 *Modalidade*

Nesse grupo de fatores propomos observar a perífrase IR (presente) + infinitivo segundo o contexto de modalidade no qual ela está inserida. Dessa forma, a modalidade é captada no enunciado/contexto e não na oração do dado. Utilizamos “pistas” do contexto para analisar cada ocorrência. Por exemplo, verbos como *pretender* e *esperar*, conjugados na primeira pessoa (*pretendo*, *espero*) sinalizam a modalidade orientada para o agente. Propomos três fatores para esse grupo:

- Modalidade orientada para o agente

(43) E: Fiquei curiosa duma coisa. Seus filhos são religiosos também, como a senhora?

F: Infelizmente não. Eles já frequentaram um pouco, né? Quando eles eram mais jovens. Mas hoje eles não frequentam. Mas eu sei que a semente foi lançada e Deus, tem o tempo deles então eu espero assim que eles ainda **vão voltar**. (POA 02:13)

A perífrase (*vão voltar*) na ocorrência (43) encontra-se no contexto mais amplo da modalidade orientada para o agente, pois na fala da informante (*então eu espero assim que eles*) fica instaurado o desejo de que os filhos voltem a frequentar a igreja.

- Modalidade epistêmica – mais certeza

(44) E: O que vocês costumam fazer nos finais de semana?

F: Descanso total. (risos f) descanso total.

E: Sai pra passear com a família?

F: É muito raro, sabe porquê? A preocupação com a casa em si, a gente não sai, e se sai, é assim, é eu vou na minha mãe ali rapidinho, ou vai num parente dela, num conhecido dela, mas tudo coisa rápida, sabe? Tudo ligeirinho assim. A gente sai de tarde depois do almoço, volta à noite, tudo muito rapidinho. Não se

expande, sabe? O pessoal sai, desaparece duas, três semanas, a gente fica aí nesse sufoco aí. Agora a Maria **vai entrar** de férias, agora quinta-feira, volta lá por dia três pra receber. É, ficamos só nós aí, oh! (POA 03: 10)

Para a modalidade epistêmica – mais certeza, observamos pistas no contexto que imprimissem à fala do informante maior certeza acerca da situação codificada: datas, argumentos, descrição de situação habitual, seguida de uma situação no futuro, discurso bíblico. Na ocorrência acima, após a descrição e o argumento para não passear com a família, o informante relata que a funcionária do estabelecimento que ele dirige, Maria, vai sair de férias e sinaliza sua certeza com a data próxima (*agora quinta-feira*).

- Modalidade epistêmica – menos certeza

(45) E: Você me falou que vai para a praia, que praia você frequenta?

F: Olha, as praias aqui do nosso Estado mesmo, aqui do Rio Grande do Sul, normalmente é Capão da Canoa, Cidreira, Pinhal, Tramandaí. Esse ano talvez vá passar uma semana, mais do que isso não **vai dar**, na Praia do Sol, Praia do Sol ou Costa do Sol, algo assim. É tem uma sobrinha minha que tem casa lá e me ofereceu. Então passar uns dias lá, só mais pra levar a família, e descansar um pouquinho, né?
(POA 04:07)

Expressões como *parece que, vamos ver, não sei, diz/dizem que* estabelecem um contexto no qual se observa a modalidade epistêmica – menos certeza. Também advérbios como *talvez* e a conjunção condicional *se* instauram a incerteza. Na ocorrência (45) nota-se que *talvez* permite a dúvida de que o informante possa passar algum tempo na praia, com a família. Ainda que se pense que a perífrase (*vai dar*) seja uma afirmação de que não será possível estender o tempo na praia para além de uma semana, o fato é que todo o contexto se mostra duvidoso.

4.4.1.3.2 *Modo da oração vinculada ao dado*

A intenção, ao propor esse grupo de fatores, foi delinear o contexto modal em que se insere a perífrase no âmbito mais formal, com vínculo explícito, como conectores, vírgulas etc. Se a perífrase IR (presente) + infinitivo apresenta-se num contexto indicativo espera-se que expresse atitudes de certeza, intenção ou iminência da realização do fato (cf. Mateus, 1989; Cunha & Cintra, 1985 e Bechara, 1968), uma vez que ao nos servirmos desse modo consideramos o fato expresso pelo verbo

como mais certo, real (cf. Cunha, 1978; Cunha & Cintra, 1985 e Bechara, 1987).

Indicativo

(46) F: Ah! Toda avenida principal de Gramado, cada fábrica pega um pedacinho e faz um pinheirinho, faz uma coisa diferente, tudo cheio de luzes, né? Depois tem as tendinhas na praça, e teve o Natal Luz que vai ser esse fim de semana no Lago Negro, que diz que **vai ter** mais de mil fogos de artifícios, vai ter orquestra, vai ter coral, vai ter... Nem sei mais quem que vai dar show lá no Lago Negro. (FC 03:01)

(47) F: Eu sou praticante assim: eu vou à missa todos os domingos, ou sábado, ou domingo, é participo de reuniões de quadra, meus filhos já... Esse já fez primeira eucaristia, já se crismou, esse fez a primeira eucaristia, **vai fazer** a crisma. Uma coisa assim... Eu fiz cursilho, sou cursilhista. Só não participo muito das reuniões por causa do meu trabalho, né? Eu não tenho ninguém aqui em casa, sabe? Toda aquela falta de tempo. (FC 14:07)

(48) F: Mesmo com as crianças, né? Meus netos vêm aqui: "Porque vó, porque eu vou fazer igual aquele..." "Filho, isso ali não existe, se tu vais fazer... O que que tu vais? Tu vais te pisar, tu vais isso, tu vais aquilo, isso ali é só uma propaganda, está mostrando uma coisa que não é." Então, está difícil também dar de entender pra criança, né?

E: É, ainda mais com esses desenhos.

F: Sim, eles querem voar, eles querem isso, eles querem aquilo, eles acham que você... não sei o quê, né? Mas não é essa a realidade, né? E eles vão crescer, **vão entender** também, né? (FC 17:05)

Subjuntivo

(49) E: Quando eles vão pra colônia eles ficam na casa do teu irmão, ou eles têm uma casa?

F: Bom! Eles vão ali na casa do meu irmão também, mas eles têm uma casa também.

E: E eles são de idade, Antoninho?

F: Sim, eles têm... Meu pai tem sessenta e quatro anos, minha mãe tem sessenta e três.

E: É, mas são moços ainda, né?

F: É, são, idade meio avançada já, se nós chegarmos nessa idade aí, nós **vamos ficar** cabelos brancos.

E: E tu és o filho mais velho não? (FC 19:06)

(50) F: E então é assim, e eu vejo agora com esses movimentos de ponte internacional e coisa mais, o Mercosul, esse movimento, né? de intercâmbio do Cone Sul da América, aí. Pode ser que onde aconteça isso através de uma ponte internacional abra frente de trabalho pra São Borja, né? Embora a gente saiba que também **vai ser** um problema, porque tanta gente de outras cidades que passam também necessidade do emprego, virão para São Borja naquela esperança de, né? ter um futuro promissor, ou um serviço, e aí dá aquele acúmulo de gente como acontece em Uruguiana, né? (SB 22:06)

Imperativo

(51) F: Porque eu achei assim que o Brizola seria o único presidente que poderia fazer alguma coisa. Se bem que eles não vão fazer grande coisa porque o país está um pouquinho anarquizado, né? Pra não dizer bastante.

E: Mesmo assim a senhora não vai votar?

F: Não, não vou. A gente tem que ir lá, né? Então... Escuta aqui, depois eles **vão vir** me procurar aqui (risos f)! (POA 19:09)

Ausência de orações encaixadas ou combinadas

(52) E: Pra ele foi bom, né?

F: É pra ele, sim. Ele sofreu pouco, né? Que não durou muito tempo, quando estourou, o médico logo disse: "O homem não **vai durar** muitos dias." Mas ele estava consciente. Ele se confessou com um pastor que é muito íntimo dele, né? (PA 03:03)

4.4.1.3.3 *Pessoa do discurso*

Esse grupo de fatores tem como objetivo investigar o comportamento da perífrase relacionado às pessoas do discurso. Supomos que o enunciado em primeira pessoa (*eu, nós, a gente*) revele mais compromisso do sujeito com o conteúdo daquilo que está proferindo e, portanto, esteja correlacionado à modalidade *orientada para o agente*. A terceira pessoa foi desdobrada em mais animada e menos animada, com o objetivo de observar detalhadamente o comportamento da perífrase nesse contexto. Os três fatores desse grupo são especificados e ilustrados a seguir.

P1 – Eu

(53) E: E a senhora falou que sente essa diferença aqui no interior, imagina (risos) em Porto Alegre, ou então em São Paulo.

F: Sinto, sinto, imagina vocês em Porto Alegre! Mesmo em Recife, eu fiquei três meses em Recife. Vocês viram esse rapaz que matou aquele rapaz em Recife essa semana? Eu conheci a Nova Jerusalém que é do pai dele. Eu estive lá. É o maior teatro aberto do mundo. Vocês não imaginam o que que é aquilo. São muralhas de pedra mais altas que isso aqui, né? Agora ele matar o outro por causa duma dívida, uma família tradicional Aquilo lá, a Nova Jerusalém, a mãe dele fazia o papel de Nossa Senhora. Vocês imaginam o que seja... Aqui tem um palco, o palco tem duzentos metros de comprimento, aparece a primeira cena, e é no Agreste de Pernambuco, sabe? Parece que tu estás vendo, tudo é real. **Vou mostrar** o folheto pra vocês, pra vocês terem uma ideia do que é!

E: Cuidado com o fio. (FC 04: 08)

P2 – Tu/você(s)

(54) E: É. Todo mundo está vindo pra cidade, né?

F: Aí eu não... Eu nunca mais queria namorar ninguém, porque parece que aquele era meu e pronto, né? Não adianta. Depois foi um tempo então comecei a lecionar lá e tinha um senhor que era nosso amigo de lá, quando nós ainda morávamos pro Beira do Rio das Antas, né? Ele dizia assim: "Elza, quando vier pra casa aquele rapaz que está no quartel, eu duvido se você não **vai namorar** ele. Ele é tão bonito!", ele dizia, "Tão bonito, né? Tu vais namorar ele." E aí foi indo, foi indo, até que um belo dia chegou o moço.

E: O rapaz do quartel. (FC 06: 04)

P3 – Ele(s) mais animado

(55) F: [...] E a gente vai indo, vai acreditando, é, vai caminhando em cima da água, é como eu te digo, vai caminhando em cima da água e vai indo (risos f). Não dá pra olhar pras condições, sabe? Se a gente começar a olhar, começar a duvidar, é capaz de afundar, não afunda não, porque Jesus não **vai deixar** (risos f).

E: Tem que fazer. (POA 02:10)

P3 – Ele(s) menos animado

(56) E: O prefeito de São Borja é um gringo?

F: Não, não é gringo. O sobrenome é espanhol, Alvarez, né? O pai dele é são borjense, ele é são borjense esse rapaz. Mas o que eu digo é que os gringos começaram a crescer inclusive. Primeiro eles eram simples colonos, né? hoje não, tudo que é edifício bom, tudo que é casa boa que tem aí, tudo que é Santana oitenta e dois é de gringo, né? E este ano vão lavar a égua, né? O arroz **vai dar** uma supersafra aqui em São Borja de arroz, né? Apesar do preço estar ruim, essa gente vai fazer uma safra muito boa, muito grande. E essa foi a maior modificação que eu noto na nossa terra. (SB 02:03)

P4 – Nós/a gente

(57) E: Não, não. Pode continuar, não tem problema.

F: Tá. Mas como? Mas isso não é uma coisa boa? Diz: "Mas aí? Mas e o que que tem que ver?" "Não, porque o sul vive nas nossas costas." Mais ou menos, o que no Brasil aqui nós tratamos o nordestino, no norte da Itália que é desenvolvido, é, que tem as indústrias de peso. E eles acham que estão carregando o sul nas costas. Entendeu? E eles têm uma mágoa muito grande. E até um italiano me disse esses dias: "Bom! **Vamos trazer** esse muro pra cá, **vamos passar** esse muro aqui em Firense, e nós ficamos com o norte da Itália, e damos Roma de presente pro sul, vai ficar junto com o sul, damos a capital do país." É. E não tem muita razão de ser, porque a relação, essa relação, não é parecida, não tem nada a ver com o sul do Brasil aqui com o nordeste. Aqui a coisa é muito acentuada, entende? A diferença é muito acentuada. (FC 12: 01)

4.4.2 Grupos de fatores extralinguísticos considerados

As variáveis sociais são tão importantes para a caracterização de um fenômeno linguístico quanto o são os grupos de fatores linguísticos. Qualquer perspectiva nova sobre o fenômeno merece ser levada em consideração já que a evolução de uma língua depende da relação entre os processos internos e o contexto social em que se manifesta.

Nesta pesquisa, controlamos as variáveis externas – idade, sexo, escolaridade e cidade – de acordo com a estratificação organizada pelo Banco de Dados do Varsul, já comentadas anteriormente, para a amostra oral (sincronia/Varsul).

A amostra escrita (diacronia/teatro), organizada para observarmos a perífrase IR (presente) + infinitivo ao longo do tempo, não prevê a mesma estratificação social da amostra oral. De fato, é muito difícil saber, numa peça de teatro, qual a idade e/ou escolaridade de um personagem, a não ser que tal informação seja relevante para algum momento do enredo da peça. Assim, esses fatores sociais usados para observar a amostra falada não serão utilizados para a amostra escrita.

Por outro lado, a amostra escrita permite que se observe o tempo cronológico e os possíveis efeitos dessa passagem sobre a perífrase. Assim, a data da publicação de cada obra será controlada – Século XIX (1849, 1866, 1875, 1886 e 1896), Século XX (1902, 1911, 1923, 1934, 1942, 1952, 1962, 1974, 1982 e 1993) e Século XXI (2002 e 2012). Para posterior descrição dos resultados, agrupamos as obras em períodos: Primeiro período: 1850-1870; Segundo período: 1880-1900; Terceiro período: 1910-1930; Quarto período: 1940-1960; Quinto período: 1970-1990 e Sexto período: 2000-2010. Além disso, informações adicionais

acerca do autor, do contexto e da temática da obra serão trazidas de forma complementar ao longo da análise.

Também a amostra de coleta informal não será analisada segundo fatores sociais como sexo, idade e escolaridade. Ainda que muitos dos dados tenham sido coletados entre amigos, familiares e colegas/alunos do meio social da pesquisadora, outros tantos dados foram coletados em situações diversas, das quais foi impossível obter tais informações sociais. No entanto, sempre que possível, as informações sociais estarão disponíveis, entre parênteses, para apreciação do leitor, como nas ocorrências (1), (2), (3), (14), (15), e (18) deste capítulo.

4.4.3 Grupos de fatores para amostra informal

Para a amostra informal, direcionada à análise da construção *VOU IR*, propomos a inclusão de dois novos grupos – *escopo do locativo* e *estatuto semântico do locativo*. Nosso objetivo é observar se o verbo principal IR nas construções *VOU IR* comporta-se como o verbo IR pleno, ou seja, se mantém seus traços de deslocamento/movimento para, ou se, com a frequência de uso e a gramaticalização, essas construções também estão sofrendo mudança, uma vez que encontramos na coleta informal construções como *vou ir ver*, *vou ir comprar*, *vou ir buscar*.

4.4.3.1 Escopo do locativo

O grupo de fatores escopo do locativo envolve a presença do locativo nos dados coletados. É inegável que a ideia de um locativo encontra-se nos diálogos que coletamos. Entretanto, ao lidarmos com esses dados, observamos que, muitas vezes, o locativo se encontra expresso contíguo à construção verbal, outras vezes é inferido pelo contexto. Vejam-se as ocorrências:

- Locativo presente no escopo da oração

(58) –Nós vamos fazer tanta coisa boa lá, porque nós **vamos ir** pra um lugar legal!
(Coleta informal: feminino, 42 anos, pós-graduada)

- Locativo presente no contexto (contextual) da ocorrência (parágrafo temático)

(59) –Nós fomos na Taqui, Tumelero e Total.
–Mas tem mais lojas, né, mãe?

–Tem. Nós vamos ir na Quero-quero, na Zanetti, e vamos ir naquela que é na Buarque...

–Acho que é Juliano...

–É, agora de tarde nós **vamos ir** nessas outras... (Coleta informal: feminino, 62 anos, graduada)

- Locativo inferido pela situação

(60) – Puxa, tinha esquecido, tem a reunião do conselho, tu vais né, Zé?

– Vou.

– Mas a reunião não era às 14h? Tu tá atrasado! (risos)

– Sem Rosaura não tem reunião, Adriana. Agora que eu **vou ir**. (Coleta informal: masculino, 47 anos, pós-graduado)

4.4.3.2 Estatuto semântico do locativo

Para esse grupo, estamos propondo uma observação na natureza do locativo, com o objetivo de mapear a abstratização do traço aspectual “movimento para” do verbo principal IR nas construções *VOU IR*.

- mais concreto: um lugar específico e físico se apresenta no contexto imediato do dado, mostrando concretamente o deslocamento da construção *VOU IR*:

(61) – Tu vais estacionar?

– Eu **vou ir** no Dog da Portugal. Tita, tu qué bauru de filé ou cachorrão?” (coleta informal: masculino, 2 anos)

- menos concreto: a presença de um lugar concreto é substituída pela ideia do evento a ser realizado num local.

(62) –Melhorou?

–Melhorou. Tinha que melhorar, não? Fiquei em casa ontem à noite. Falei “Não **vou ir**”, né?

– Ah, não fostes a aula?

– Não, fiquei em casa. (coleta informal: feminino, 32 anos, ensino médio)

- Abstrato: a ideia de locativo é substituída por um estado ou situação. Ainda se conserva um sentido de deslocamento, mas ele não é mais em direção a um locativo.

(63) – Mas ele pegou pesado? Não é o estilo dele...

– Não. Ele foi muito claro e coerente sobre o que pediu pra avaliar. Mas a Emma parece rebelde, fica resistindo, dizendo que não vai fazer, que ele não sabe o que tá pedindo...

– Ah, isso tá me cheirando a atrito entre os dois logo, logo...

– Não vai demorar. Ela **vai ir a loucura** quando ele entregar as notas! (risos geral)(
coleta informal: feminino, 27 anos, graduada)

Colocados todos esses aspectos, passemos para o próximo capítulo, no qual apresentamos a análise do funcionamento das formas no amplo contexto da futuridade e no domínio funcional do futuro e traçamos a comparação entre as amostras da presente pesquisa e as amostras das pesquisas resenhadas.

5 AS FORMAS DE FUTURIDADE E AS AMOSTRAS: DETALHAMENTOS

Conforme pontuado ao longo dos capítulos anteriores, a objetivo principal deste trabalho é buscar evidenciar o caminho de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo e do verbo IR como verbo pleno > auxiliar > morfema-vocábulo, desde que iniciam seu processo como codificadores da expressão de futuridade até assumirem uma função mais especializada, dentro do domínio funcional do futuro. Há, portanto, duas etapas especiais que devem ser observadas – o estudo diacrônico e o estudo sincrônico das formas em funcionamento –, mostrando não apenas a perífrase IR (presente) + infinitivo, mas também o verbo IR pleno e formas concorrentes nesse complexo domínio funcional do futuro. Lembramos que se trata de um trabalho que se volta ao exame de amostras de escrita e de fala do Rio Grande do Sul.

Antes, porém, de nos aventurarmos por esse caminho de análise, é importante retomar alguns pressupostos teóricos funcionalistas que orientam nosso olhar para o fenômeno em questão. O primeiro pressuposto, de caráter geral, é o de que a linguagem envolve o processamento da informação, em termos de elaboração mental e também de codificação verbal. Assim, é possível dizer que a função comunicativa da linguagem pode ser percebida e estudada de dois modos: como algo observável no texto (plano da codificação) e/ou como um fenômeno presente na mente de quem produz e compreende o texto (plano da cognição).

O segundo pressuposto aqui considerado é o de que existem forças em competição atuando no interior dos domínios funcionais, estabelecendo um compromisso adaptativo dinâmico – noção que se estende para a concepção de categorias, vistas não como discretas mas dispostas num *continuum*, que abriga membros mais e menos prototípicos. Novos usos levam a uma reinterpretação analítica gradual dos limites categoriais, acomodando as mudanças.

Por apresentar base teórica de orientação funcionalista, esta pesquisa situa seu fenômeno de estudo em um domínio complexo, que resulta da interação de motivações de natureza diversa. Assim, são contemplados neste estudo basicamente os níveis i) semântico-discursivo – baseado na percepção que o homem possui do mundo real e na forma como constrói seu texto/discurso tendo como objetivo comunicar e interagir com esse mundo; ii) sintático-lexical – captado na codificação linguística, através de relações de significados sintaticamente

estabelecidas ou por traços de significação inerentes aos itens lexicais ou a morfemas gramaticais; e iii) morfossintático – centrado na forma propriamente dita, no sentido de observar a codificação morfossintática e sua função.

Organizar esta pesquisa sob esse ponto de vista justifica-se a partir do momento em que se assume que se pretende investigar as motivações em competição e apontar diferentes contextos nos quais a perífrase e o verbo IR estão envolvidos. Entretanto, tais níveis não podem ser admitidos como estanques, uma vez que estão expressos conjuntamente no discurso. E ainda, apesar de este não ser um estudo variacionista, se encontram também controladas variáveis de natureza social e geográfica que nos permitem avaliar motivações extralinguísticas do fenômeno.

Colocados esses aspectos, passamos à organização interna deste capítulo, que é dedicado à descrição das formas que codificam contextos de futuridade e o domínio funcional do futuro, encontradas nas amostras oral (sincronia/Varsul) e amostra escrita (diacronia/teatro)⁷⁹. A fim de facilitar a descrição e discussão dos resultados obtidos, o capítulo se articula em torno da primeira e da segunda questão, com as respectivas hipóteses, levantadas no capítulo 4, Encaminhamento Metodológico, as quais são reapresentadas adiante.

A amostra oral (sincronia/Varsul), como já descrito na metodologia, compreende as 24 entrevistas realizadas em cada uma das cidades do Estado do Rio Grande do Sul, que compõem o banco de dados Varsul, a saber: Porto Alegre (POA), Flores da Cunha (FC), Panambi (PAN) e São Borja (SB) – totalizando 96 entrevistas. A cidade de Porto Alegre, capital do Estado, apresenta número maior de ocorrências de formas de futuridade, em face das outras cidades do interior. De acordo com estudos sociolinguísticos, via de regra, a capital se mostra diferenciada, já que congrega uma diversidade de falantes do Estado, e de fora dele, ao contrário das cidades interioranas, que se mostram um pouco menos heterogêneas em relação a esses fatores. Em vista disso, buscamos verificar se isso também ocorre com o objeto de estudo desta pesquisa.

A amostra diacrônica é composta de peças de teatro de escritores do Rio Grande do Sul, totalizando 17 peças, que foram selecionadas desde o ano de 1849 até 2012 – uma peça para década. De acordo com comentário feito no capítulo anterior, a seleção de peças de teatro é uma escolha metodológica que nos permite observar os fenômenos

⁷⁹ Lembramos que, em certo momento da pesquisa, consideraremos comparativamente também amostras de fala e de escrita sincrônicas.

linguísticos na modalidade escrita, garantindo uma formalidade amena, supostamente mais próxima da fala, já que o gênero do texto teatral se aproxima da modalidade oral ao ter como propósito a encenação.

Lembramos que a primeira questão, *Quais são e como se distribuem as formas verbais com IR na expressão da futuridade? E que outras formas coexistem no domínio funcional do futuro?*, nos leva a buscar não apenas as formas que apresentam o verbo IR, mas também outras formas que configuram o domínio da futuridade. Para essa questão, apresentamos cinco hipóteses, retomadas abaixo:

A- Espera-se encontrar formas com IR, nas quais o item está atuando como auxiliar ou morfema-vocábulo, tais como perífrase IR (presente) + infinitivo (*vou sair*), perífrase IR (presente) em expressões (*vou começar a trabalhar*; *vou estar trabalhando*), perífrase IR (futuro) (*irei sair*), perífrase IR + gerúndio (*vou saindo*; *vou indo*), entre outras, bem como o verbo IR no presente do indicativo (*vou na padaria*), na qual o item comporta-se como um verbo pleno. Ainda, considerando a segunda questão encaixada na primeira, espera-se encontrar outras formas que estão concorrendo com a perífrase IR (presente) + infinitivo na codificação do domínio funcional do futuro: Futuro do presente (*sairei*), Locuções modais/aspectuais (*poderei fazer*; *começo a fazer*) e ainda o presente do indicativo em contexto de futuridade (*faço o trabalho amanhã*), entre outras;

B- Na amostra sincrônica de fala (Varsul/RS), o comportamento das formas tanto na expressão mais ampla da futuridade como mais especificamente do domínio funcional do futuro configura-se de modo diferenciado entre a capital e as cidades do interior do Estado;

C- Levando em consideração o caminho de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo e do verbo IR pleno em auxiliar>morfema-vocábulo, acreditamos que a amostra sincrônica de fala (Varsul/RS) apresenta maior número e diversidade de valores/contextos de uso do que a amostra sincrônica de escrita (peças de teatro gaúchas);

D- Na amostra diacrônica (escrita), há uma diversidade maior de formas, tanto na expressão mais ampla da futuridade como mais especificamente do domínio funcional do futuro, em relação à amostra sincrônica (fala), com predomínio da frequência de uso da perífrase IR (presente) + infinitivo;

E- Na amostra diacrônica (escrita), pode-se captar a expansão gradativa, ao longo do tempo, do uso da forma IR (presente) + infinitivo e, paralelamente, um decréscimo gradual da forma do futuro do presente.

Dividimos, então, este capítulo em três grandes seções. A primeira delas (4.1) retoma a primeira questão e as hipóteses A, D e E.

Na sequência, ainda nesta primeira seção, apresentamos cada uma das formas de futuridade encontradas, discutindo novas hipóteses que surgiram a partir do contato com os dados, mas que não temos a pretensão de averiguar nesta tese, uma vez que esse caminho nos afastaria do objetivo deste estudo. A hipótese C será contemplada na segunda seção (4.2) e a hipótese B será retomada a cada discussão levantada no entorno das formas de futuridade que contemplem a amostra sincrônica (Varsul/RS). Optamos por apresentar de forma contígua, numa mesma seção, os resultados obtidos na amostra sincrônica e diacrônica, para dinamizar a discussão e facilitar a comparação.

Na segunda seção, 4.2, apresentamos a comparação dos nossos resultados com os das pesquisas resenhadas no capítulo 2, retomando a questão 2: *Como se comporta diacronicamente e sincronicamente a perífrase IR (presente) + infinitivo nas amostras do Rio Grande do Sul, em relação a outras amostras brasileiras?* Lembramos que nossa hipótese é de que as amostras do Rio Grande do Sul – especificamente os trabalhos de Nunes (2003) e a presente pesquisa – apresentem maior frequência de uso da perífrase IR (presente) + infinitivo, já que em análise prévia, constatamos a presença de *VOU IR* em *corpus* de língua falada referente ao estado sulista.

5.1 AS FORMAS DE FUTURIDADE NAS AMOSTRAS SELECIONADAS

Nesta seção, apresentamos a distribuição das formas verbais que codificam a futuridade incluindo aquelas que, mais especificamente, codificam o domínio funcional do futuro. No primeiro momento (5.1.1), vamos apresentar e discutir as formas encontradas na amostra sincrônica (Varsul/RS) e, contiguamente, as encontradas na amostra diacrônica. Na sequência (5.1.2), vamos tratar de descrever cada uma dessas formas apontando as particularidades observadas e sugerindo explicações, quando possível, para tais usos.

5.1.1 As formas que codificam futuridade presentes nas amostras oral (sincrônica) e escrita (diacrônica)

De acordo com nossa primeira questão de pesquisa e com a hipótese A, esperávamos encontrar uma riqueza de formas que expressam futuridade, bem como uma série de formas que codificam o domínio funcional do futuro, tanto na amostra sincrônica (Varsul/RS), quanto na amostra diacrônica (peças teatrais). De fato, obtivemos um bom número

de formas, ainda que as amostras apresentem leve diferença, conforme se pode observar nas tabelas 1 e 2, respectivamente.

Tabela 1: Distribuição das formas de futuridade na amostra oral (sincronia/Varsul) de acordo com a cidade

Formas e Contextos⁸⁰	POA	FC	PAN	SB	Total
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Perífrase IR (presente) ⁸¹	204/44%	138/52%	166/62%	151/42%	659/49%
Perífrase IR (presente) m. interveniente	62/13%	31/11%	26/10%	46/13%	165/12%
Perífrase IR (presente) em expressões	43/9%	18/7%	21/8%	28/8%	110/8%
Verbo IR no presente do indicativo	25/5%	20/8%	15/5%	42/12%	102/7,5%
Perífrase <i>vamos supor&dizer</i>	39/8%	26/10%	11/4%	13/4%	89/6,5%
Futuro do presente	47/10%	6/2%	5/2%	25/7%	83/6%
Haver de + (infinitivo)	1/1%	0	1/1%	2/1%	4/0,5%
Locução modal/aspectual	16/3%	9/3%	15/5%	10/3%	50/3,5%
Presente do indicativo	29/7%	18/7%	8/3%	38/10%	93/7%
TOTAL	466/34%	266/20%	268/20%	355/26%	1.355/100%

Na tabela 1, observa-se que a perífrase IR (presente) + infinitivo apresenta o maior número de ocorrências (49%), mostrando-se bastante produtiva, se comparada com as outras formas usadas para codificar a futuridade – futuro do presente, expressão haver de + infinitivo, presente do indicativo e locução modal, especialmente se atentarmos para o fato de que as formas perífrase IR (presente) com material interveniente (*vou lá fazer*) e perífrase IR (presente) em expressões (*vou começar a fazer*) são, de fato, a mesma perífrase IR (presente) + infinitivo provavelmente em instâncias diferentes do seu processo de gramaticalização.

Contemplando a hipótese A, que trata das formas de futuridade entre as quais podemos observar o verbo IR e aquelas que se colocam como concorrentes da perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro, observamos a riqueza da diversidade de itens que participam do amplo contexto de futuridade na amostra sincrônica (Varsul/RS). No âmbito das formas de futuridade que apresentam o verbo IR, encontramos as seguintes: perífrase IR (presente) + infinitivo (49%),

⁸⁰ A distribuição das porcentagens de cada forma por cidade é calculada a partir do total de formas da respectiva cidade (leitura vertical). A última coluna, Total, apresenta os percentuais calculados a partir do número total de dados, 1.355.

⁸¹ Salientamos que o total de dados da forma *perífrase IR (presente)* inclui as funções *discursivo* (87 dados) e *imperativo/comando* (7 dados). Vamos tratar dessas funções em 4.1.2.

perífrase IR (presente) material interveniente (12%), perífrase IR (presente) em expressões (8%), verbo IR no presente do indicativo (7,5%), perífrase *vamos supor&dizer* (6,5%). Sobre essas formas, é importante comentar que (i) a perífrase IR (presente) + infinitivo e o verbo IR no presente do indicativo apresentam-se, ainda, em contextos de habitualidade (que não constam na tabela 01, mas que serão abordados adiante) e que (ii) o contexto discursivo identificado como perífrase *vamos supor&dizer* mostra-se ainda mais rico, pois foram observados também itens como *vamos fazer*, *vamos ver* e *vou explicar*, que estão agrupados nesse tipo de perífrase. Tanto os contextos de habitualidade como os itens que compõem a perífrase *vamos supor&dizer* serão discutidos em 4.1.2, quando tratarmos de cada forma em particular.

Por outro lado, ainda em relação à hipótese A, encontramos as seguintes formas concorrentes da perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: presente do indicativo (7%), futuro do presente (6%), locução modal (3,5%) e haver de + infinitivo (0,5%). Nota-se, pela porcentagem dessas formas, que elas estão cedendo seu espaço para a perífrase IR (presente) + infinitivo, diminuindo seus contextos de codificação no domínio funcional do futuro.

A forma perífrase IR + gerúndio (*vou saindo*, *vou indo*), que esperávamos encontrar codificando futuridade, não ocorreu na amostra sincrônica (Varsul/RS). Os dados que apareceram estavam todos no contexto de habitualidade. No entanto, essa forma, com valor temporal de futuro, foi encontrada na amostra diacrônica, como veremos adiante.

A hipótese B, que trata da diferença entre a capital e as cidades do interior do Estado, também pode ser discutida a partir da tabela 01. Em termos de distribuição das ocorrências, nota-se que Porto Alegre concentra um número maior de dados (34%), seguida por São Borja (26%) e pelas demais cidades (20% cada), o que vale dizer que provavelmente na capital as entrevistas propiciaram mais contextos de futuridade que suscitaram o uso das formas em questão.

Na leitura vertical da tabela, que relaciona cada forma com a respectiva cidade, percebe-se que a perífrase IR (presente) + infinitivo mantém-se como o item preferido para codificar a futuridade em todas as cidades. Panambi concentra o maior número de dados com essa construção (62%), seguida de Flores da Cunha (52%). Nota-se que as cidades do interior preferem usar a perífrase, especialmente se atentarmos para o fato de que a capital, Porto Alegre (44%), encontra-se com um percentual apenas um pouco superior a São Borja (42%). A segunda forma mais frequente em cada uma das cidades é perífrase IR (presente) material interveniente, o que reforça o uso da perífrase como a forma

preferida para codificar a futuridade, já que estamos lidando de fato com a mesma perífrase. A cidade de São Borja, por sua vez, diversifica mais sua escolha usando o presente do indicativo, seja com o verbo IR (*vou na padaria*) (12%) ou com os demais verbos (*faço o trabalho amanhã*) (10%), mais do que as outras cidades.

Uma vez comentadas as semelhanças e diferenças entre as cidades, e lembrando que voltaremos a esse assunto quando formos discutir cada forma separadamente, debruçamo-nos sobre as hipóteses D e E, que tratam da amostra diacrônica. A tabela 2 apresenta as construções encontradas na busca de ocorrências com formas de futuridade que apresentem o verbo IR e daquelas que possam estar disputando espaço com a perífrase IR (presente) + infinitivo, na codificação do domínio funcional do futuro.

Tabela 2: Distribuição das formas de futuridade na amostra escrita (diacronia/teatro) de acordo com o período

Formas e Contextos ⁸²	1850-1870	1880-1900	1910-1930
	N/%	N/%	N/%
Perífrase IR (presente) ⁸³	19/12%	23/17%	26/25%
Perífrase IR (presente) Material Interveniante	2/1%	7/5%	1/1%
Perífrase IR (presente) em expressões	2/1%	0/0%	1/1%
Verbo IR no presente do indicativo	7/5%	10/8%	8/8%
Perífrase IR + gerúndio	1/1%	0/0%	0/0%
Futuro do presente	75/49%	54/41%	45/44%
Haver de + (infinitivo)	39/26%	22/17%	8/8%
Locução Modal/aspectual	6/4%	8/6%	12/12%
Presente do indicativo	2/1%	8/6%	1/1%
TOTAL	153/25%	132/21%	102/17%

Formas e Contextos	1940-1960	1970-1990	2000-2010	Total
	N/%	N/%	N/%	N/%
Perífrase IR (presente)	22/34%	65/53%	21/48%	176/29%
Perífrase IR (presente) M. Interveniante	1/2%	9/8%	2/5%	22/4%
Perífrase IR (presente) em expressões	0/0%	9/8%	2/5%	14/2%
Verbo IR no presente do indicativo	4/6%	8/7%	7/16%	44/7%
Perífrase IR (gerúndio)	0/0%	4/3%	2/5%	7/1%
Futuro do presente	30/47%	15/13%	5/12%	224/36%
Haver de + (infinitivo)	1/2%	0/0%	1/2%	7/12%
Locução Modal/aspectual	4/6%	5/4%	0/0%	35/6%
Presente do indicativo	2/3%	5/4%	3/7%	21/3%
TOTAL	64/10%	120/20%	43/7%	614/100%

De acordo com a hipótese D, o esperado era que a amostra diacrônica apresentasse maior diversidade de formas no contexto amplo de futuridade e no domínio funcional do futuro, com o predomínio do uso da perífrase IR (presente) + infinitivo, em relação à amostra oral. Nesse aspecto, salientamos que praticamente os mesmos itens encontrados na amostra diacrônica/escrita se verificam na amostra sincrônica/oral, com duas diferenças: a perífrase IR + gerúndio, embora em número reduzido (7/1%), aparece codificando futuro na escrita, já no primeiro período, o que não ocorre na fala, onde essa perífrase é usada apenas para expressar habitualidade; a perífrase *vamos supor&dizer* só aparece na amostra oral.

Considerando-se o total de dados e olhando comparativamente as formas na amostra escrita diacrônica (D) e na oral sincrônica (S), verifica-se a seguinte distribuição por ordem de frequência:

⁸² A distribuição das porcentagens de cada forma por período é calculada a partir do total de formas do respectivo período (leitura vertical).

⁸³ Encontram-se incluídas na forma *perífrase IR (presente)*, as funções *discursivo* (4 dados) e *Imperativo* (28 dados). Vamos tratar dessas funções em 4.1.2.

D: Fut. do pres. > Perífrase IR (pres.) > Haver de (inf.) > V IR (pres.) > Loc. Modal > Pres. Ind.
 (36%) (35%) (12%) (7%) (6%) (3%)

S: Perífrase IR (pres.) > V IR (pres.) > Pres. Ind. > Fut. do pres. > Loc. Modal > Haver de (inf.)
 (69%) (7,5) (7%) (6%) (4%) (0,5%)

Enquanto na escrita o futuro do presente e a perífrase IR (presente) + infinitivo competem em igualdade, seguidas por haver de + infinitivo, na fala a perífrase dispara, o futuro do presente fica em quarta posição e haver de + infinitivo praticamente desaparece.

De acordo com a tabela 2, observa-se que nas três primeiras décadas (período 1850-1870) a forma predominante é o futuro do presente (49%), seguida da forma haver de + infinitivo (26%), e a perífrase IR (presente) + infinitivo aparece logo depois, com (14%) de ocorrências. O próximo período (1880-1900) já apresenta diferenças entre as formas haver de + infinitivo (17%) e perífrase IR (presente) + infinitivo (22%), e esta última já supera a primeira; o futuro do presente (41%) permanece como a forma principal na codificação do domínio funcional do futuro. O período 1910-1930 ainda mantém a perífrase (27%) suplantando a forma haver de + infinitivo (8%), e o futuro do indicativo (44%) permanece como a forma mais proeminente. Nesses três primeiros períodos, observamos também as outras formas do domínio funcional do futuro: o verbo IR no presente vem aumentando sua participação, a perífrase IR + gerúndio aparece logo no primeiro período (1%), mas não mantém sua frequência, a locução modal/aspectual, com verbos tanto no futuro do presente quanto no presente do indicativo, aparece e vai aumentando sua frequência, chegando a se tornar a terceira forma mais produtiva (12%), no terceiro período. O presente do indicativo no contexto de futuridade tem sua frequência maior no segundo período (6%), mas decresce no terceiro período (1%). Essa descrição aponta para a presença de formas como verbo IR no presente e presente do indicativo em momentos de instabilidade dentro do domínio funcional do futuro, no qual o decréscimo da frequência de haver de + infinitivo e o aumento da perífrase coexistem com o uso de outras formas para codificar o domínio.

Vamos observar, agora, os três últimos períodos. No quarto período (1940-1960), a disputa encontra-se entre a perífrase IR (presente) + infinitivo (36%) e o futuro do presente (47%). As outras formas não se mostram fortes, e atentamos para haver de + infinitivo que apresenta apenas 2% de frequência. O período 1970-1990 já mostra a decaída do futuro do presente (13%) frente à perífrase IR (presente) + infinitivo

(69%). A forma *haver de* + infinitivo desaparece e, entre as outras formas, observamos verbo IR no presente (7%) como aquela que permanece praticamente inalterada, embora com pouca frequência, codificando o domínio. Lembramos que essas ocorrências do verbo IR no presente (8 dados) estão em contexto de restrição, segundo pontuado por pesquisas com esse objeto, ou seja, contextos em que se observa o deslocamento a um ponto, no qual seria possível usar *vou ir*, como em *vou ir no mercado/vou no mercado*. O último período (2000-2010) mostra justamente essa relação: a perífrase IR (presente) + infinitivo (58%) disputa frequência com o verbo IR no presente (16%) e os 7 dados dessa última forma também estão no contexto descrito acima. A terceira forma concorrente nesse período é o futuro do presente (12%), que, ainda que se mantenha como forma produtiva, apresenta-se, levando-se em conta uma projeção, desaparecendo.

Diante das três formas de realização da perífrase encontradas nas amostras – perífrase IR (presente) + infinitivo, perífrase IR (presente) material interveniente e perífrase IR (presente) em expressões – e admitindo que as duas últimas são genuinamente ocorrências da perífrase IR (presente) + infinitivo em instâncias diferentes de gramaticalização, destacamos essas três formas, tanto na amostra sincrônica quanto na diacrônica, nos gráficos 1 e 2, a seguir.

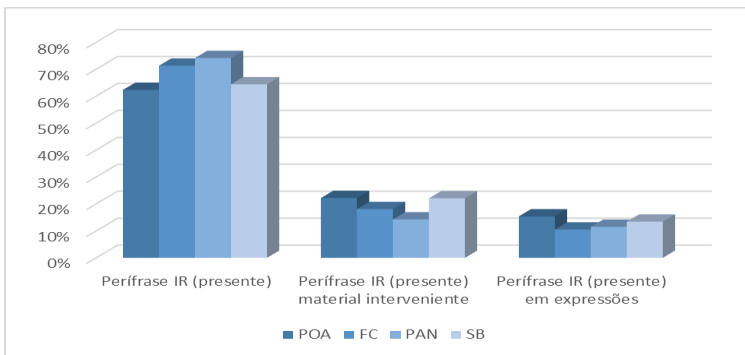


Gráfico 1: As três formas de realização da perífrase IR (presente) + infinitivo distribuídas entre as cidades da amostra oral (sincronia/Varsul)

Observando-se o gráfico 1, pode-se pensar na possibilidade de que as três formas representam etapas distintas do processo de gramaticalização: (i) a perífrase IR (presente) material interveniente, correspondendo a um momento anterior à formação da perífrase IR

(presente) + infinitivo, no qual é possível encontrar itens entre o verbo quase-auxiliar IR e o verbo principal (*vou lá fora ver se ele chegou; vou pra casa assistir ao jogo*), de acordo com os critérios propostos por Heine (2003); e (ii) a perífrase IR (presente) em expressões, apontando para uma etapa posterior à formação da perífrase IR (presente) + infinitivo, na qual a perífrase, uma vez formada, vai admitindo desdobramentos com outros verbos, especificando sentidos/significados na codificação do domínio funcional do futuro (*vou começar a falar, vou poder ver o jogo, vou ir falar com ele*).

O gráfico 1 mostra como essas construções estão distribuídas de modo muito parecido entre as cidades, sugerindo que não há interferência da região no uso dessas formas: se por um lado a perífrase IR (presente) + infinitivo se apresenta com menor frequência nas cidades de Porto Alegre e São Borja, por outro lado, essas cidades apresentam uso um pouco mais frequente de perífrases com material interveniente e expressões, em relação às demais. Um aspecto importante a ser considerado é a proximidade geográfica entre Panambi e Flores da Cunha, ambas as cidades localizadas na serra gaúcha, como também sua colonização europeia – alemã e italiana, respectivamente. Por sua vez, Porto Alegre e São Borja são cidades formadas, desde muito cedo, por portugueses e espanhóis, e se encontram em pontos extremos do Estado, distantes uma da outra e também da serra gaúcha.

Na amostra escrita (diacronia/teatro) percebe-se, também, um comportamento semelhante, agora tomando a passagem do tempo como guia.

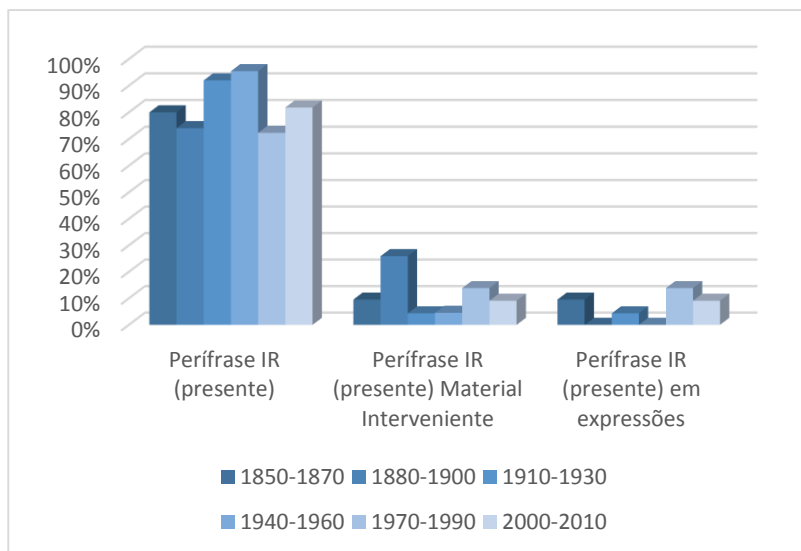


Gráfico 2: As três formas de realização da perífrase IR (presente) + infinitivo distribuídas entre os períodos da amostra escrita (diacronia/teatro)

Reafirmando os resultados da tabela 2, o gráfico 2 mostra que a perífrase IR (presente) + infinitivo mantém-se como a forma mais frequente ao longo dos períodos, seguida de perífrase IR (presente) material interveniente e de perífrase IR (presente) em expressões. A presença de perífrase IR (presente) material interveniente e perífrase IR (presente) em expressões, com comportamento oscilante ao longo dos períodos observados, sugere que a perífrase já estava formada no *corpus* selecionado para a amostra escrita (peças de teatro de escritores gaúchos) e que essa construção mais integrada já coexistia em meados do século XIX – e assim continuou até o momento presente – com construções menos integradas e também com as perífrases mais complexas, aqui identificadas como perífrases em expressões (*vou começar a trabalhar*).

O resultado que nos parece mais interessante em relação às três formas consideradas é captado comparativamente entre os gráficos: tanto a perífrase com material interveniente como a perífrase em expressão são levemente mais recorrentes na fala atual do que na escrita diacrônica. No caso da perífrase com material interveniente, esperávamos que esse tipo de construção fosse mais frequente nos primeiros períodos por conta da própria constituição da perífrase propriamente dita, processo que se teria dado gradativamente. Os resultados, no entanto, sugerem que a amostra analisada não evidencia “momentos” de gramaticalização, mas a

versatilidade da forma perifrástica desde o primeiro período de tempo. Já quanto à perífrase em expressão, os resultados convergem, embora de forma discreta, com nossa expectativa, no sentido de que essas construções mais complexas têm seu uso um pouco mais recorrente na fala e nos dois últimos períodos da escrita. Ressalve-se, porém, que também já era um tipo de construção presente na amostra escrita do primeiro período.

Com o objetivo de discutir a hipótese E, que trata da expansão da perífrase IR (presente) + infinitivo na amostra diacrônica e do decréscimo gradual da forma tradicional no domínio funcional do futuro, o futuro do presente, elaboramos o gráfico 3, abaixo, que compara as três formas de realização da perífrase reunidas, ao futuro do presente, presente do indicativo, verbo IR no presente do indicativo e haver de + infinitivo.

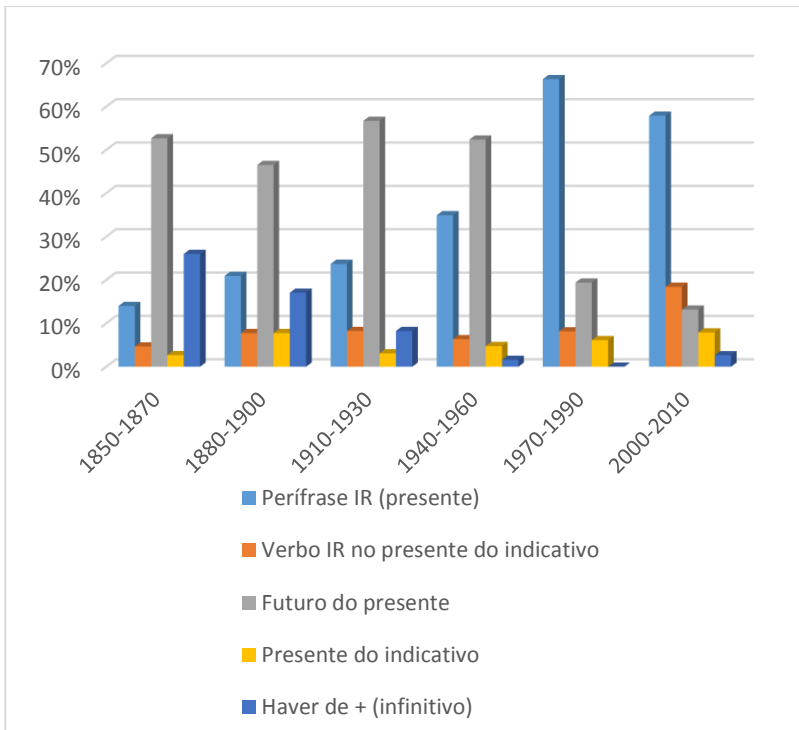


Gráfico 3: Distribuição das formas perífrase IR (presente) + infinitivo, futuro do presente, haver de (+ infinitivo), verbo IR no presente do indicativo e presente do indicativo na amostra escrita (diacronia/teatro)

O gráfico 3 aponta para três contrastes na amostra escrita (diacronia/teatro) analisada: (i) o uso inicial quase incipiente de perífrase que vai se propagando ao longo dos períodos, com um salto significativo na passagem do quarto para o quinto período; (ii) o uso inicial predominante do futuro do presente, que se mantém com certa estabilidade até o quarto período e que decresce fortemente nos dois últimos períodos, o que coincide com o aumento significativo da perífrase; e (iii) a presença inicial relativamente significativa de haver de + infinitivo, que vai decaindo seu uso até ficar praticamente nulo a partir do quarto período, competindo claramente com a perífrase desde o início. Observe-se que, enquanto o futuro do presente se mantém por um tempo considerável com pequenas oscilações, à medida que a perífrase vai ganhando espaço, é a forma haver de + infinitivo que vai decrescendo; com o quase desaparecimento dessa forma, a perífrase entra em competição com o futuro do presente, passando a tomar, em grande medida, o seu lugar.

As formas presente do indicativo e verbo IR no presente do indicativo oscilam ao longo dos períodos, apresentando-se ora mais, ora menos frequentes. Lembramos que a forma verbo IR no presente do indicativo é, de fato, presente do indicativo. Assim, é possível sugerir que o presente do indicativo usado como forma para codificar o domínio funcional do futuro encontra impedimentos no próprio contexto, pois é preciso, na maioria das vezes, alguma outra pista (advérbio, oração adverbial, por exemplo) que certifique a projeção da futuridade para que ele possa aparecer. Salientamos, no entanto, a alta frequência da forma verbo IR no presente do indicativo no último período. Uma breve busca nos dados mostra que a maioria dessas ocorrências está no contexto de restrição da expressão *VOU IR*, ou seja, naqueles contextos em que a presença do verbo pleno IR como principal marca o deslocamento/movimento para um ponto (como, por exemplo, *Vou na padaria*). Voltaremos a essa questão mais adiante ainda neste capítulo, quando tratarmos da forma verbo IR no presente do indicativo detalhadamente.

Voltando nossa atenção para a amostra oral (sincronia/Varsul), o gráfico 4 – que compara as mesmas formas da diacronia, excluindo haver de + infinitivo com apenas 4 ocorrências – aponta a importância da perífrase IR (presente) + infinitivo na codificação do domínio funcional do futuro nas cidades observadas.

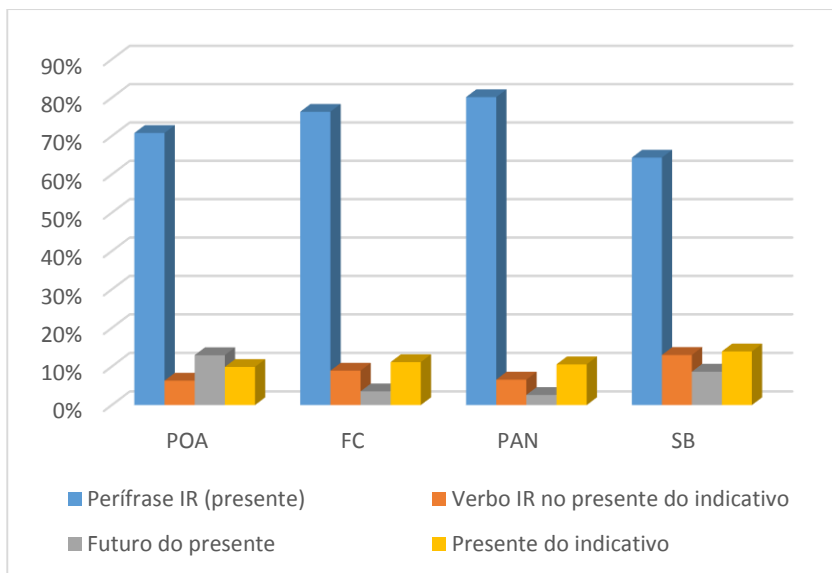


Gráfico 4: As principais formas concorrentes do domínio funcional do futuro distribuídas entre as cidades da amostra oral (sincronia/Varsul)

Percebe-se que São Borja, dentre as quatro cidades, é a que se inclina a utilizar mais a forma do presente do indicativo, independentemente do item lexical verbal, como alternativa da perífrase, e que tanto essa cidade quanto Porto Alegre também usam a forma do futuro do presente com relativa frequência. A respeito desse fato, é importante salientar que integram a amostra dessas duas cidades três informantes, dois de São Borja e um de Porto Alegre, que, durante a entrevista, fizeram muitas citações do texto bíblico, perfazendo um total de 36 dados dos 83 totais correspondentes ao futuro do presente.

A partir dos resultados dispostos no gráfico 4, pode-se dizer que o presente do indicativo é a segunda forma a ser escolhida para a codificação do domínio funcional do futuro na fala gaúcha, mostrando-se como concorrente da perífrase nesse contexto, embora, em termos de frequência, a perífrase mostre-se bem superior às demais formas.

Reafirmando o que já foi mencionado, a disputa mais acentuada entre as três formas vai cedendo lugar para a competição entre a perífrase IR (presente) + infinitivo e o futuro do presente. A perífrase permanece na sua jornada, aumentando sua frequência, enquanto o futuro do presente diminui radicalmente. Como já dito anteriormente, pode-se projetar o desaparecimento dessa forma, especialmente se observarmos as

freqüências das ocorrências na fala (amostra oral (sincronia/Varsul)): perífrase IR (presente) + infinitivo (69%) e futuro do presente (6%).

A seguir, fizemos um recorte na amostra escrita (diacronia/teatro), isolando os dois últimos períodos a partir da década de 1970, de modo a propiciar uma comparação sincrônica entre a fala e a escrita, já que o Varsul/RS teve seu banco de dados constituído na década de 1990. Consideramos agora as seguintes formas concorrentes: perífrase IR (presente) + infinitivo, futuro do presente, locução modal/aspectual, perífrase IR + gerúndio, presente do indicativo e haver de + infinitivo. Foram feitos os seguintes agrupamentos: as três formas de perífrase reunidas em perífrase IR (presente) + infinitivo, e o verbo IR no presente do indicativo agregado aos demais verbos no presente, em presente do indicativo.

O contínuo de freqüência na fala e na escrita para as formas concorrentes no domínio funcional do futuro é mostrado no gráfico 5, abaixo:

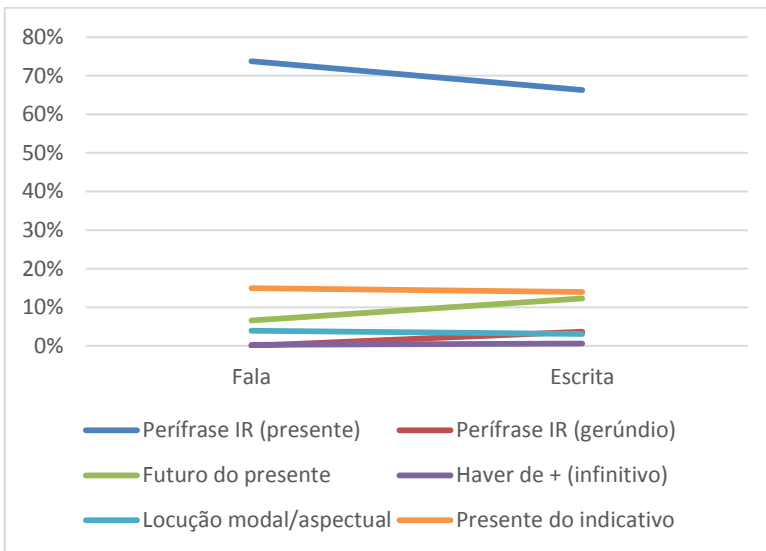


Gráfico 5: Comparação das formas coexistentes no domínio funcional do futuro entre amostras sincrônicas (fala e escrita)

O gráfico 5 é ilustrativo de parte dos comentários feitos até o momento: a perífrase IR (presente) + infinitivo é a forma largamente preferida para codificar o domínio funcional do futuro nas duas modalidades, com predomínio um pouco mais acentuado na fala; o futuro

do presente, forma tradicional, ainda permanece com alguma frequência na escrita, sendo pouco recorrente na fala; a forma haver de + infinitivo desaparece; o presente do indicativo parece ser a única forma que ainda mantém certa concorrência com a perífrase e as formas perífrase IR + gerúndio e locução modal/aspectual apresentam-se pouco frequentes e com comportamento aproximado nas duas amostras. Sobre a construção perífrase IR + gerúndio é importante ressaltar que apenas a escrita apresentou ocorrências em que essa forma se apresenta marcando a futuridade. Os dados com essa construção na modalidade falada expressam habitualidade, como veremos a seguir. Por esse motivo, tanto essa forma, quanto à forma haver de + infinitivo apresentam-se sob a linha de 0%, à esquerda.

Retomando as hipóteses D e E, observa-se que, na codificação do contexto de futuridade e do domínio funcional do futuro, as formas encontradas na amostra diacrônica praticamente não diferem daquelas da amostra sincrônica, com exceção da perífrase IR + gerúndio que se apresenta, ainda que com poucos dados (apenas 7 ocorrências) uma construção concorrente nesse domínio na escrita, enquanto na fala, como mencionado no parágrafo anterior, não há nenhuma ocorrência dessa construção com valor de futuridade. A perífrase IR (presente) + infinitivo é uma forma produtiva ao longo do tempo, afirmando seu espaço na codificação do domínio e superando de maneira gradual e crescente o uso da forma tradicional, o futuro do presente. Voltemos, agora, nosso olhar mais atentamente para cada forma encontrada nas duas amostras.

5.1.2 As formas de futuridade: particularidades

Nesta seção vamos retomar cada uma das formas encontradas nas amostras sincrônica (Varsul/RS) e diacrônica (peças teatrais gaúchas), discutindo particularidades de cada uma e sugerindo possíveis hipóteses explicativas que emergem do trato com os dados, bem como ilustrando-as, com ocorrências extraídas das amostras.

A seção está organizada em subseções, correspondentes a cada uma das formas, que são apresentadas em tabelas contíguas referentes às amostras de fala e de escrita, de acordo com a ordem de distribuição em que aparecem nas tabelas 1 e 2, dinamizando a discussão comparativa das amostras.

5.1.2.1 Perífrase IR (presente) + infinitivo

Conforme salientamos no capítulo metodológico, para verificarmos o funcionamento da perífrase IR (presente) + infinitivo rastreamos todos os contextos de ocorrência da forma nas amostras. As tabelas 3 e 4 apresentam esses resultados para as amostras oral (sincronia/Varsul) e escrita (diacronia/teatro), respectivamente:

Tabela 3: Distribuição das funções da perífrase IR (presente) + infinitivo na amostra oral (sincronia/Varsul)

Perífrase IR (presente)	POA	FC	PN	SB	Total
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Futuro	174/76%	122/76%	135/74%	134/80%	565/76%
Discursivo	29/13%	14/9%	30/17%	14/8%	87/12%
Habitual	25/11%	22/14%	15/8%	16/10%	78/11%
Imperativo	1/0%	2/1%	1/1%	3/2%	7/1%
TOTAL	229/30%	160/22%	181/25%	167/23%	737/100%

Tabela 4: Distribuição das funções da perífrase IR (presente) + infinitivo na amostra escrita (diacronia/teatro)

Perífrase IR presente	1850-	1880-	1910-	1940-	1970-	2000-	Total
	1870	1900	1930	1960	1990	2010	
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Futuro	17/85%	20/87%	21/81%	21/92%	47/72%	18/85%	144/81%
Habitual	1/5%	0/0%	0/0%	1/4%	0/0%	0/0%	2/1%
Discursivo	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	3/5%	1/5%	4/2%
Imperativo	2/10%	3/13%	5/19%	1/4%	15/23%	2/10%	28/16%
TOTAL	20/11%	23/13%	26/15%	23/13%	65/36%	21/12%	178/100%

De acordo com as tabelas 3 e 4, a perífrase codifica funções diferenciadas. A expressão do futuro é a mais recorrente (77% na fala e 81% na escrita), apontando o forte envolvimento dessa forma com o domínio funcional do futuro. Na fala, a perífrase compartilha o contexto de futuro com o contexto discursivo (12%) e o habitual (11%). Na escrita, é o contexto de imperativo (16%) que disputa a codificação pela perífrase. Enquanto na fala a construção perifrástica exibe um uso mais expandido em termos de contextos, na escrita o emprego com valor habitual e discursivo é quase nulo. Provavelmente essa diferença se deva à natureza das amostras, conforme comentaremos adiante.

Vale pontuar, em relação à tabela 3, que Panambi lidera em termos de frequência a função Discursivo, apresentando muitos dados de *vamos supor*, *vou fazer* e *vou ver*. Esses dados serão observados

atentamente ainda neste capítulo, quando tratarmos da perífrase *vamos supor&dizer*. A função Habitual tem sua maior frequência (14%) na cidade de Flores da Cunha e a função Imperativo/comando apresenta poucos dados na amostra. Resumindo, as quatro funções encontradas praticamente não apresentam diferenças entre as cidades.

A seguir, exploramos mais detalhadamente os contextos habitual e imperativo/comando. Antes, porém, observe-se a ocorrência (1), exemplar do uso da perífrase com valor de futuro.

(1) IMPERTINENTE: Estava querendo sair a passeio; fazer uma visita; e já que a minha ingrata e nojenta imaginação tirou-me um jantar, pretendia ao menos conversar com quem m'õ havia oferecido. Entretanto não sei se o farei! Não sei porém o que me inspirou continuar no mais improfícuo trabalho! **Vou levantar-me**; continuá-lo; e talvez escrever em um morto: talvez nesse por quem agora os ecos que inspiram pranto e dor despertam nos corações dos que os ouvem, a oração pela alma dêse a cujos dias Deus pôs termo com a sua Onipotente voz ou vontade! (RN1850:73)⁸⁴

Nota-se, nesse trecho, que a perífrase ocorre em um contexto de futuridade previamente instaurado pelo futuro do presente (*farei*). Nesse contexto, a perífrase denota um futuro imediato, caracterizado pelo viés modal de intenção e certeza do falante.

Como já observado, a função Discursivo é a segunda mais recorrente na amostra sincrônica, enquanto para a amostra diacrônica a segunda função mais recorrente é Imperativo. É interessante notar que o Imperativo/comando aparece desde os primeiros períodos, embora de forma modesta. A função Discursivo, entretanto, mostra-se realmente nova, se atentarmos para o fato de que ela aparece na amostra diacrônica no mesmo período que na amostra sincrônica, ou seja nas décadas entre 1970 e 2012, e se caracteriza por apresentar, prioritariamente (mas não exclusivamente), propriedades textuais, textuais-interpessoais e interpessoais, respectivamente (cf. THOMPSON, 1996). Vamos discutir mais detalhadamente essa função adiante, quando tratarmos da forma *vamos supor& vamos dizer*.

A função Habitual mostra-se timidamente na amostra diacrônica (apenas duas ocorrências = 1%), sugerindo que essa também possa se

⁸⁴ O código (RN1850:73) refere-se aos dados que foram coletados nas peças de teatro do Rio Grande do Sul. O grupo de letras especifica o nome da peça (RN) – As relações naturais. O número que segue é o número da primeira década do intervalo de três décadas (1850) e o número depois dos dois pontos é o número da página (73).

configurar como uma função inovadora na perífrase. No entanto, umas dessas ocorrências já aparece no primeiro período, o que é indício de que esse contexto de uso da perífrase não é tão recente. Vejamos a primeira ocorrência dessa forma:

(2) CONDE: Como vai aquela alma transbordando de fel!... Parece que a própria natureza o impele a odiar-me!... Não importa, ele parte e é provável que não volte mais, e que tenha fim igual ao de todos os aventureiros que **vão arriscar** suas vidas por um punhado de ouro... Miseráveis!... Não sabem procurar fortuna como nós outros estadistas. (*Senta-se pensativo*). (CO1850:141)

No monólogo do Conde, após a saída do personagem Paulo, observa-se o uso da perífrase para indicar uma ação habitual, realizada por aqueles homens, à época, que desejam obter dinheiro, não tendo nascido em família afortunada. Era comum esses homens embarcarem em navios com destino ao Oriente, em busca de fortuna na troca de especiarias, caça de escravos e “pirataria”. Esse, aliás, é o enredo da peça, pois o Conde nega a mão de sua filha, Alzira, a Paulo, por esse último não ter fortuna.

É possível que restrições relativas a especificidades da amostra escrita estejam envolvidas na escassez de dados de perífrase em contexto habitual nas peças analisadas. Essa ideia ganha reforço se observarmos que na amostra de fala a porcentagem dessa função é mais robusta (11%), o que permite projetar um aumento de frequência de uso da perífrase para além do domínio funcional do futuro.

Tradicionalmente, o papel de marcar o presente habitual é exercido pelo verbo no presente do indicativo. Segundo Cunha (1990:490), o presente do indicativo é usado, entre outros valores, “para expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala (presente habitual ou frequentativo)”. Observe-se a presença dessa função nos dados abaixo:

(3) F: São amigas, só a outra tem problema, né? ela tem disritmia, então ela tem uma coisinha a mais, né? mas a Aninha não, a Aninha é muito dedicada, demais. Depois, é uma menina que tem tudo, né? e essa aqui a mãe não sai de casa, não precisa trabalhar, né? o pai chega do colégio, o pai leva ela pra piscina, sai da piscina **vai passear** com ele aqui e ali. E essa outra não, eles trabalham os dois, né? então já se torna mais difícil. (SB 10:04)

(4) E: Susto, a senhora já levou algum susto forte, assim de...

F: Olha, eu não sou de me assustar tão fácil. Eu **vou ver** o que que tem antes. Porque às vezes acontece um barulho, uma coisa, eu **vou ver** que que acontece.

E: Mas o acidente do seu neto deve ter sido um susto forte. (FC 05:06)

Tais ocorrências mostram que existe uma variação entre presente do indicativo e forma perifrástica na expressão do fato habitual. Essa variação parece-nos estar ligada diretamente ao fato de que a perífrase é usada em alguns contextos em que o presente do indicativo não pode ocorrer, na codificação da futuridade. O uso do presente do indicativo para expressar futuridade é tão antigo quanto o uso da perífrase com esse valor, nas amostras aqui analisadas. As amostras diacrônicas – que serão comparadas a seguir – apresentam o presente do indicativo surgindo em cada *corpus* sempre junto com a perífrase. Desse modo, é possível pensar que nos contextos em que o presente pode provocar ambiguidade, sugerindo uma interpretação tanto de futuro como de habitual, a perífrase entraria, assegurando a interpretação da futuridade. Observe a ocorrência:

(5) E: A senhora gostava de estudar?

F: Eu gostava. Sempre gostei. Isso aí eu não **vou negar** nunca, gostei. E rodar assim eu nunca rodei.

(POA 16:01)

Em casos como esse, o presente do indicativo apresentaria ambiguidade e não sustentaria, sozinho, a ideia de futuridade. Quando substituímos a perífrase pelo presente do indicativo, a ação passa a ser ou habitual ou indica o próprio momento de fala. Veja-se o mesmo dado, com a substituição realizada por nós:

(5a) E: A senhora gostava de estudar?

F: Eu gostava. Sempre gostei. Isso aí eu não **negar** nunca, gostei. E rodar assim eu nunca rodei.

(POA 16:01)

No entanto, em (5) o contexto de futuridade existe, pois é possível substituir a perífrase pelo futuro do presente, a forma específica para a futuridade, como atestam as gramáticas tradicionais. A troca da perífrase pelo futuro do presente, então, garante o contexto de futuridade:

(5b) E: A senhora gostava de estudar?

F: Eu gostava. Sempre gostei. Isso aí eu não **negarei** nunca, gostei. E rodar assim eu nunca rodei.

(POA 16:01)

É possível que esse tipo de contexto seja o desencadeador da função de codificar o presente habitual pela forma perifrástica. Por apresentar contextos em comum, a perífrase está em processo de variação com o presente do indicativo, assumindo espaços maiores, como o de codificar essa função.

Uma outra possível explicação para a entrada do uso da perífrase com valor de presente habitual seria admitir que, nessa situação, estaríamos lidando com o verbo IR pleno com carga semântica de movimento no presente e não com o verbo IR auxiliar de futuro. Nesse caso, haveria sempre um locativo (explícito ou não) para o verbo IR. Dessa forma, a expansão da perífrase teria ocorrido num momento anterior à formação desse item como forma para expressar futuridade. De acordo com essa ideia, a constituição da perífrase teria surgido em contexto de habitualidade, expandindo-se depois para contextos de futuridade. No entanto, como o foco da tese é o domínio funcional do futuro, deixamos em aberto essa hipótese interpretativa.

A ocorrência a seguir, datada de 1940, é ilustrativa do que acabamos de dizer:

(6) CARMEN: Entretanto, Mauro diz que dele eu pouco me ocupo...

ANSELMO: Muito pouco... Saltas da cama, fazes toilette, e ficas a esperar, impacientemente, a hora de sua vinda. Falam-te, e respondes como se a êle falasses; ninguém te arranca um carinho; foges da nossa companhia, e quando te **vamos procurar**, lá estás, no quarto, sentada no leito, ou junto à janela, com o retrato do sr. Mauro entre as mãos, a dar suspiros de saudade, como se o dito senhor andasse a cem léguas de distância, numa ausência de três anos. (VC1940:20)

A ocorrência (6) apresenta o lamento do pai à filha, que, por estar enamorada, esquece de dar atenção aos pais, voltando-se unicamente ao namorado, Mauro. Essa atitude tornou-se habitual a partir do momento que a jovem encontrou seu amor.

Já quanto à perífrase codificando o imperativo/comando, esse uso não teve tanta expressão na amostra sincrônica, no entanto, essa função, como já comentado, foi bastante frequente na amostra diacrônica. Novamente parece que podemos estar diante de restrições concernentes à natureza da amostra: as peças são caracterizadas por contextos dialogais que se alternam sistematicamente; ao passo que nas entrevistas sociolinguísticas os informantes são levados a falar com o mínimo de intervenção do entrevistador, o que pode limitar a presença desse tipo de construção.

O imperativo é um modo verbal que, juntamente com o subjuntivo e o indicativo, compõe o leque dos modos na língua portuguesa. Ocorre que o imperativo é significativamente diferente dos demais modos. Ele expressa a vontade do falante sobre a ação do ouvinte, expressando um ato de fala manipulativo.

Camara Jr (1977:142) assinala: “Pela sua própria definição, não se compadece com o tempo pretérito, e em português só tem formas de presente, que também se aplicam ao futuro”. Isso quer dizer que o modo imperativo tem sempre um componente que se expande, no traçado da linha do tempo, para a direita de quem fala. A respeito desse traço de futuridade, Cunha (1990:453) também afirma: “Pondere-se ainda que o imperativo é anunciado no tempo presente, mas na realidade este ‘presente imperativo’ tem valor de um futuro, pois a ação que exprime está por realizar-se.”.

Assim sendo, a futuridade encontra-se presente nesse modo como algo inerente e tal particularidade pode ter sido uma porta de entrada para o aparecimento da perífrase IR (presente) + infinitivo no Imperativo/comando. Por outro lado, a formação do Imperativo/comando também poderia ter aberto um espaço para a constituição da perífrase. Conforme atesta Camara Jr (1977:142), uma leitura sincrônica admite que a 2ª pessoa gramatical (tu e vós) do imperativo correspondem às do presente do indicativo com apagamento do -s final. Porém, do ponto de vista histórico, essas formações provêm das desinências do imperativo latino. As demais pessoas do imperativo (você, nós e vocês) são adquiridas a partir do presente do subjuntivo, formando um quadro como o que Cegalla (1994) apresenta:

PESSOAS	INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
TU	dizes →	Dize	digas →	não digas
VOCÊ		Diga	← diga →	não diga
NÓS		Digamos	← digamos →	não digamos
VÓS	dizeis →	Dizei	digais →	não digais
VOCÊS		Digam	← digam →	não digam

Quadro 1: Formação do modo imperativo, extraído de Cegalla
 FONTE: Cegalla (1994, p. 186)

Uma vez que a formação se dá, sincronicamente, através do presente do indicativo na 2ª pessoa gramatical do indicativo (tu e vós), ela poderia se estender ao longo das outras pessoas. Nesse caso, as formas do presente do subjuntivo estariam sendo substituídas pelas correspondentes

do presente do indicativo. É possível aceitar essa hipótese no que se refere às pessoas você/vocês, mas fica mais difícil quando estamos analisando a 1ª pessoa do plural *nós*⁸⁵ porque a forma corresponde também, nos verbos regulares, ao pretérito perfeito, o que elimina a futuridade e prejudica a compreensão do interlocutor. É plausível pensar que o falante escolha um *presente perifrástico* – dizendo *vamos correr* (em vez de *corramos* ou *corremos*), por exemplo – assegurando o modo imperativo e o traço de futuridade.

Finalmente, é importante ressaltar um ponto que Cunha (1990, p. 451) assinala ao tratar do emprego do modo imperativo:

Quando empregamos o imperativo, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem.

Essa intenção do falante de exortar ou convidar o ouvinte pode ser uma das razões que o leva a usar a 1ª pessoa do plural. Talvez a forma derivada do presente do subjuntivo (*corramos*, por exemplo) esteja desgastada na sua capacidade de incluir o falante na ação, agindo não como um pedido, mas como uma ordem. Isso pode ter aberto uma porta para a forma perifrástica, que assinala, acima de tudo, um convite para o interlocutor, conforme se percebe nas ocorrências abaixo:

(7) F: Quando foi... Ele estava completamente bem, não aparentava sintomas nenhum, quando eu descobri assim que eu achei que ele estava doente, foi o dia que a gente, ele me convidou pra ir passear e disse: "**Vamos levar** a filha no zoológico?" Eu disse assim: "Vamos." Ele pegou, colocou a roupa mais bonita, que eu mais gostava e ele parou, quando ele parou, que ele virou assim eu, eu olhei pra ele e disse assim: "Mas pai, o que que tu tens no pescoço?" Aí ele disse: "Nada." (POA 14:03)

(8) F: (...) Aí ela terminou segundo grau, mas não era um segundo grau bom porque por causa dessas coisas todas que não deram certo, né? Ela não teve uma sequência certinho. E aí ela fez vestibular não passou, aí ela resolveu em vez de

⁸⁵ Para Camara Jr (1977, p. 142), o falante pode se colocar numa situação solidária com o ouvinte: "Por outro lado, o falante pode associar-se à atitude que impõe a outrem, surgindo daí uma forma imperativa de 1ª pessoa plural". A respeito desse assunto, também Cunha (1990, p. 451) se manifesta: "[...] denota estar o indivíduo que fala disposto a associar-se ao cumprimento da ordem, conselho ou súplica que dirige a outros".

fazer odontolo, ela estava trabalhando em laboratório de prótese e o rapaz disse pra ela: "Bea, **vamos fazer** um curso pós segundo grau no Ernesto Dornelles?" Aí ela fez e está trabalhando em prótese em Porto Alegre. (PN 10:03)

(9) F: E aí a gente chegou lá, então tiraram aquela parte da fechadura ali. Eles tiraram. Eu, pra mim eles estavam nos fundos da casa, que a gente olhou, tudo mais, mas não tinha nada, mas depois a gente enxergou aquela batata da fechadura em cima do tanque. O cara estava dentro do pátio. Estava o sinal dos pés dele assim na árvore, sabe? Isso que era uma coisinha de nada. Na volta de lá pra cá, quando nós fomos não tinha nada; na volta diz o gurizinho: "Tia Maria, uma camisa do ladrão." Digo: "**Vamos pegar** e levar pra Tia Cátia guardar, porque amanhã ela terá que descobrir quem é o ladrão." Diz a Cátia: "Mãe, a minha blusa." Única coisa que tiraram dentro do guarda roupa dela. Tinha dinheiro, tinha trinta e cinco mil e não levaram, não levaram joia dela, não levaram nada, só levaram o som, o ventilador, o rádio e que mais? E o despertador e a pasta, no valor de noventa e dois mil de cosméticos, que recém ela tinha pegado pra começar a trabalhar, que ela estava desempregada. (SB 10:06)

(10) E: Passadinho na hora.

F: Sim, tem pra vocês tomarem cafezinho passadinho na hora, porque eu sempre estou preparada, porque tem gente que chega aquelas graudonas ali querendo cafezinho sem açúcar, né? Então é isso ali o Itaú, é o que eles me seguram ali é isso aí. Não tem o que eles me peçam ali que eu tenha. Primeiro colocávamos chá gelado ali pra eles tomarem, né? pra turma toda tomar. Mas dava muita bagunça, né? então o pessoal abusa. Eu já falei com a Iolanda: "Ah! Iolanda, isso aí eu não aguento mais." Diz ela: "**Vamos tirar** esse chá. Então quando chega aquelas pessoas: "Ah! não tem nenhum chazinho gelado, né? comadre." Eu digo: "Calma, que eu vou dar uma olhadinha." Mas aí eu já tenho uma térmica, né? que é daquelas térmicas Termolar que não têm mais eu agarrei e deixei ali. Então eu já deixo gelado aquele chá, então na hora eu só ponho nos copos, ponho gelo, três rodelinhas de limão e um lá: "Mas que delícia o chá, né, comadre?" (SB 10:09)

(11) E: E tu gostavas de estudar?

F: Ah! também não era muito no estudo. Acho que ninguém. Assim, a gente parece que sempre tem que estar um pouquinho em cima, **vamos estudar**, estudar, porque por eles mesmo, né? eles preferem brincar, né? jogar bola e Então a gente tem que sempre, né? **vamos estudar**. (PN 01:04)

(12) F: Ah! bom, mas teria que lavar todas paredes mas eu não me meto. Até vai vir hoje, eu acho, pra me lavar uns tapetes, uma moça, mas não me meto a lavar parede. **Vão**, filhinhas, **vão brincar**, **vão**, **vão**. Olha que o Papai Noel não vai trazer bicicleta nenhuma, minha negra. Socorro! (FC 05:06)

(13) F: Fica bonito, né? Depois o croché é eterno, né? Sabendo cuidar. Agora eu estou fazendo até... Ah! ele não sabe lá em cima... Tu sabes lá em cima,

queridinho, no quarto aqui da vovó? Tenho aqueles detalhezinhos que a vovó fez de croché, tu **vais buscar** um? Traz um de lá. Olha aqui, ó! queridinho, tem mais uns guardanapinhos assim, que parecem um abacaxi, traz de lá pra mostrar pra mocinha aqui. Em cima, na outra caminha da... Não da vovó, naquela outra, está coberto com uma toalhinha branca, viu? Vamos ver se ele sabe. (FC 16:06)

Note-se que a maioria das formas perifrásticas nos trechos acima aparece em discurso reportado. Como já pontuamos, as entrevistas sociolinguísticas não propiciam contextos de uso do imperativo/comando, já que priorizam relatos pessoais e a exposição da opinião do falante acerca de certos temas. As sete ocorrências acima correspondem ao total de perífrases encontradas na fala com essa função manipulativa.

Em tais ocorrências, identifica-se não só a futuridade, uma vez que a ação ainda não ocorreu, mas se pode também observar que o falante dá um conselho, faz uma sugestão, um convite ou pode até estar impondo sua vontade ao ouvinte, dando uma ordem, tratando-se de um ato de fala manipulativo. Nesse tipo de contexto, a perífrase pode estar se encaminhando para uma situação de variação com formas canônicas de imperativo. As ocorrências abaixo mostram a presença da perífrase com valor de imperativo na amostra diacrônica:

(14) UMA DELAS: Sabem o que mais? – **Vamos vestirmo**-nos e pôr-mo-nos às janelas à espera de vermos os nossos namorados! (RN1850:82)

(15) JÚLIO: (*pegando o vidro e indo em direção à geladeira*) Então **vamos guardar** as cerejas em caldas pra evitar as formigas. (*abre a geladeira e coloca o vidro lá dentro e fecha a porta*)

As ocorrências (14) e (15) trazem traço de futuridade atenuado, pois salientam que o falante está convidando, sugerindo ou impondo sua vontade – caso do dado (15).

Pesquisas que consideram a variação no modo imperativo podem ser organizadas, conforme Reis (2003), em diferentes dimensões: histórica (trabalhos de Faraco (1982; 1986)), geográfica (estudos de Scherre, 1997; 1999; 2002; 2005 e 2014), linguística (avanços de Scherre nos trabalhos citados, que consideram grupos de fatores linguísticos para controle da variação) e estilístico (trabalhos de Menon (1984) e Reis (2003)). Todas essas pesquisas, no entanto, opõem, ou melhor, descrevem a variação do imperativo na sua forma indicativa (*deixa/ recebe/ abre/ dá/ diz/ vai*) e na sua forma subjuntiva (*deixe/ receba/ abra/ dê/ diga/ vá*). No caso em foco, como se trata de uma construção específica fixada na

primeira pessoa do plural, talvez não se possa falar em função da perífrase IR (presente) + infinitivo como marca de imperativo, no sentido de compor um domínio funcional bem estabelecido. Embora se tenha poucos dados, esse é um uso da perífrase que merece um estudo futuro.

Voltando nossa atenção novamente à tabela 3, retomamos a discussão acerca das diferenças entre as cidades. Percebe-se que São Borja – embora apresente a menor porcentagem de perífrase IR (presente) + infinitivo (42%), conforme tabela 1 – é a localidade que concentra a maior porcentagem de usos de perífrase na função de futuridade (80%). Uma busca rápida em nossos dados mostra que São Borja apresenta três ocorrências de *VOU IR*, perdendo apenas para Porto Alegre (4 dados). A construção *VOU IR*, conforme discutido anteriormente⁸⁶, é a mais gramaticalizada da perífrase e também do verbo IR, que se mostra, nesses casos, como morfema-vocábulo. Observem-se as ocorrências:

(16) F: Digo então: "Num presídio eu não vou, me desculpa mas não vou, porque quem está ali é porque deve alguma coisa, porque ele tem alguma coisa, senão ele não estaria ali. Porque eu, se um dia me acontecer de eu ir presa, eu **vou ir** e vou assumir." (SB 09:09)

(17) E: Pra eles não é muita vantagem, né? porque o dinheiro deles vale mais que o nosso.

F: Sim, mas tu vais trocar se tu fores lá, tu vais dar pelo câmbio deles, né? vai dar na mesma.

E: Vai sim.

F: Pra eles não tem problema. Aqui tem casa de câmbio, mas **vai ir** lá só pra passear, trocar pra quê, né? (SB 11:05)

(18) F: Ciência política. Compreendeu como é? E ele tira agora aqui em Santa Maria, e vai no... ele me disse pro... eu não sei que estado é que ele **vai ir**, tu compreendeu como é? Ele tem vinte e seis anos. Ele vai pra um outro estado, vai lá pra uma outra escola, ele vai. E é as paixões do pai, que quer ver o filho formado em política, ciência política. Aí eu fui, fiquei, digo: "Repara aí: "Felipe, todo o estudante tem que estudar um pedacinho de política. Eu fico muito agradecido por vocês me procurarem. Eu acredito que poderia ter mais umas coisas que melhor agradassem, mas a gente meio se enrola um pouquinho, sabe? e estudantes à vontade. (SB 16:05)

Percebe-se que todas as ocorrências estão num contexto de movimento e deslocamento de um ponto inicial para outro: ir para a prisão, ir para a cidade de Santo Tomé localizada na província de

⁸⁶ Ver capítulo 2, Objeto de estudo, e 4, Encaminhamento metodológico.

Corrientes, na Argentina e ir para outro estado. Os dados (17) e (18), no entanto, mostram-se como ação futura mais possível, até dada como certa (18). O dado (16) já apresenta um contexto hipotético: se *um dia me acontecer de eu ir presa*. As ocorrências (17) e (18) apresentam intenção, motivo: ir para passear (17) e ir para estudar (18). Nos três dados nota-se o verbo IR refletindo dois estágios: como auxiliar da perífrase e como verbo pleno. Essa relação, de ser ‘auxiliar de si mesmo’, aponta para a possibilidade de estarmos lidando com a ideia de morfema-vocábulo, conforme Castilho (2010, p. 446) se refere a esse verbo na condição de auxiliar da perífrase. Uma vez que IR auxiliar se apresenta como ‘auxiliar de si mesmo’, podemos atestar que sua carga semântica de origem está apagada, precisando de reforço no que tange ao deslocamento/movimento para um ponto. Voltaremos a essa análise mais adiante.

5.1.2.2 Perífrase IR (presente) + infinitivo – material Interveniente

Como já vimos ao comentar os resultados das tabelas 1 e 2, a perífrase IR (presente) + infinitivo – Material Interveniente foi a segunda construção que codifica futuridade com frequência expressiva na amostra sincrônica (165/12%), mas não obteve a mesma expressividade na amostra diacrônica (22/4%). Optamos por esmiuçar essa construção com vistas a discutir alguns aspectos envolvidos no processo de gramaticalização da perífrase como forma codificadora do domínio funcional do futuro. Além disso, os dados que ilustram as especificidades dessa construção permitem um olhar mais apurado sobre o verbo IR como auxiliar.

De acordo com estudos que tratam de auxiliabilidade⁸⁷, a presença de material interveniente mostra que o grau de fusão entre o verbo auxiliar e o principal é baixo (LONGO; CAMPOS, 2002, p. 472). Isso significa que o estágio de gramaticalização do verbo auxiliar pode ser inicial e, nesse caso, ainda seria prematuro falar de verbo IR auxiliar e/ou IR morfema-vocábulo. No entanto, sabemos que o processo de gramaticalização pressupõe gradualidade e coexistência de etapas, o que sugere o convívio de verbo IR pleno, auxiliar e morfema-vocábulo, bem como diferentes etapas de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo, na língua. Nesse sentido, conforme já assinalado anteriormente, a perífrase com material interveniente coexiste com a perífrase IR (presente) + infinitivo, ambas codificando futuridade.

⁸⁷ Observar os seguintes trabalhos: Pontes (1973), Lobato (1975), Heine (1993), Longo; Campos (2002), Neves (2000), entre outros.

Abaixo, as tabelas 5 e 6 detalham o tipo de material interveniente encontrado nas amostras sincrônica e diacrônica, respectivamente:

Tabela 5: Natureza do material interveniente na perífrase IR (presente) + infinitivo dentro do domínio funcional do futuro na amostra oral (sincronia/Varsul)

Perif. Material interveniente	POA	FC	PAN	SB	Total
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Clítico (<i>me/te</i>)	42/68%	19/62%	20/76%	40/87%	121/73%
Locativo pronominal (<i>lá/ali</i>)	8/13%	5/16%	2/8%	4/9%	19/12%
Advérbio tempo (<i>sempre/hoje</i>)	2/3%	1/3%	1/4%	0/0%	4/2%
Locativo nominal (<i>no campo/prá roça</i>)	3/5%	2/6%	0/0%	0/0%	5/3%
Operador discursivo/argumentativo (<i>nem/mais</i>)	7/11%	4/13%	3/12%	2/4%	16/10%
TOTAL	62/37%	31/19%	26/16%	46/28%	165/100%

Tabela 6: Natureza do material interveniente na perífrase IR (presente) + infinitivo dentro do domínio funcional do futuro na amostra escrita (diacronia/teatro)

Perif. Material interveniente	1850-1870	1880-1900	1910-1930
	N/%	N/%	N/%
Clítico (<i>me/te</i>)	2/100%	3/75%	1/25%
Locativo pronominal (<i>lá/ali</i>)	0/0%	0/0%	0/0%
Locativo nominal (<i>no campo/prá roça</i>)	0/0%	0/0%	0/0%
Advérbio tempo (<i>sempre/hoje</i>)	0/0%	0/0%	2/50%
Operador discursivo/argumentativo (<i>nem/mais</i>)	0/0%	1/25%	1/25%
TOTAL	2/9%	4/18%	4/18%

Perif. Material interveniente	1940-1960	1970-1990	2000-2010	Total
	N/%	N/%	N/%	N/%
Clítico (<i>me/te</i>)	1/100%	6/67%	1/50%	14/64%
Locativo pronominal (<i>lá/ali</i>)	0/0%	2/22%	0/0%	2/9%
Locativo nominal (<i>no campo/prá roça</i>)	0/0%	1/11%	0/0%	1/5%
Advérbio tempo (<i>sempre/hoje</i>)	0/0%	0/0%	0/0%	2/9%
Operador discursivo/argumentativo (<i>nem/mais</i>)	0/0%	0/0%	1/50%	3/13%
TOTAL	1/5%	9/41%	2/9%	22/100%

Na amostra de fala, a presença do material interveniente (165/737 = 12%) mostra-se pequena diante do total de dados encontrados com a perífrase IR (presente) + infinitivo, ainda que se leve em conta que somente 565 dados desse total – ver tabela 3, acima – correspondam a formas do domínio funcional do futuro. Esse resultado sinaliza que o processo de gramaticalização da perífrase encontra-se em estágio avançado, o que ratifica os estudos linguísticos já referidos no capítulo 2. Por outro lado, a presença de material interveniente é bem menor na

amostra diacrônica, tabela 6, o que parece ir de encontro à explicação acima, já que o esperado era encontrarmos um número bem maior de construções com material interveniente, uma vez que a amostra diacrônica retrata o comportamento da perífrase ao longo do tempo.

Observem-se as ocorrências abaixo de fala e de escrita, respectivamente, que mostram o clítico intercalado na perífrase:

(19) F: Então como houve aquela falta da carne de gado e carne de gado com ágio, eu digo: "Olha, eu não pago ágio pra ninguém, tá? Se não tem o produto na prateleira, eu não **vou me desesperar**." Aí, como aqui em casa nós, todos os meus filhos foram sempre acostumados aí sempre à base de peixe e frutos do mar, que a gente passa bastante tempo na beira da praia no verão e passei a comprar peixe no mercado, né? Eu tenho barco, eu saio, pesco, né? Trago. Aí trago o peixe todo, encho o freezer aí. **Vai se consumindo**, né? Então se largou um pouco a carne de gado, né? (POA 15:05)

(20) ANA: (reparando em Eugênio) – Senhor Eugênio. (cumprimenta-o, e Eugênio também. **Vai se retirar**). (TR1850:182)

Veja-se que, no caso do pronome, a interpolação do clítico não afeta o *status* morfossintático da perífrase, pois é um tipo de material interveniente que assim se realiza por pressões estruturais.

Outro tipo de material interveniente observado é Locativo pronominal/nominal, conforme ilustram as ocorrências a seguir.

(21) F: (...) Agora, por exemplo, se uma vizinha ficava doente, então a minha mãe era a primeira: "Uma de vocês **vai lá lavar** a casa pra ela, **vai lá buscar** um balde de água, **vai ajudar**." Assim nós era muito de doação, a gente se doava muito pros vizinhos, isso que eu acho também que acabou muito, que cada um vive pra si. (FC 04:02)

(22) JOÃO: Bem, eu **vou lá fora chamar** os outros. Não tenha medo, volto já. Afinal, parece que tudo vai terminar bem, não é? Tudo está bem quando termina bem, não é assim? Pelo menos a gente já tem onde dormir esta noite. (Sai.) (LF1970:15)

(23) ANA: Então eu **vou pra casa comer** que meu pai está esperando. (BA1970:25)

(24) F: É, de manhã já. Aí mandava as gurias. Acho que eu dormi com ele morto (risos f). Aí eu mandava as crianças chamarem ele. Mas ele tinha uma mania de se fingir de morto pras crianças. Ele era muito bom pras crianças, né? Então ele ficava assim, e se fingia. Davam, davam nele até na cara e ele não se mexia. E

eu fiquei braba, né? Eu digo: "Esse porcaria pensa que eu sou peteca dele fingindo de morto pra vocês, **you no quarto acordar** ele." Cheguei lá o homem estava durinho, já. (POA 06:07)

Nas ocorrências acima observa-se que a presença do locativo acentua o significado original de deslocamento do verbo IR, pois mostra com clareza o ponto de chegada do movimento em direção a: casa do vizinho, o espaço da rua (lá fora), a casa e o quarto. Trata-se de construções que evidenciam um estágio anterior ao da formação da perífrase propriamente dita.

A presença de advérbios de tempo separando o verbo auxiliar e o verbo principal também ocorre tanto na amostra sincrônica quanto na diacrônica, embora em número bastante reduzido:

(25) E: E depois então a senhora lecionou aqui em Flores da Cunha também, Dona Elza?

F: Tá. Então eu lecionei naquela escola, depois fui pra uma outra no Cerro Largo. Que lá eu... lá eu achei as crianças que eu imaginei que não ia dominar. (riso e) Pulavam a janela, iam pra escola de canivete, de fumo, de cigarro de palha... Bom, tem que... Eu civilizei aquelas crianças lá. Tem que ver o que era aquilo lá. E aí quando eu estava bem, que eu lecionei lá uns oito anos eu acho, quando eu estava bem, veio pra casa uma ex freira lá, só pra atrapalhar. Ela tinha mais grau elevado do que eu, né? e depois era de lá. Fizeram um abaixo assinado pra me mandar embora pra ficar com ela, né? E foi isso. E ficou assim. Eu saí porque o prefeito disse: "Olha, Elza, é melhor você sair do que ficar. A vida inteira eles **vão sempre martelar** em cima." Aí eu saí. Aí eu ia lecionar num lugar que fazia quarenta e cinco minutos a cavalo. Passava uma ponte que o cavalo de volta e meia dava uma volta e quase me derrubava lá embaixo. Ainda eu caí do cavalo. (FC 06:05)

(26) POLYBIO: Também si eu voasse com azas não era admiração.

CLAUDIO: Conserva-te por aqui. Logo que apareça o sr. Damião Corrêa, **vae imediatamente avisar-me**. Encontrar-me-ás nas oficinas. (OT1880:16)

Um elemento bastante produtivo na amostra sincrônica foi o que chamamos de operador discursivo/argumentativo. Itens desse tipo apresentam valor discursivo, podendo imprimir um caráter argumentativo ao enunciado. Vejam-se as ocorrências:

(27) F: Deixava esse problema de alugar casa, mas nunca eu ia deixar de trabalhar, porque eu peço que nunca precise eu deixar de trabalhar pra [esperar] esperar a morte, eu sempre uso esse sentido, se eu parar, eu **vou só esperar** a morte chegar, né? e eu não quero que isso aconteça. (SB 03:06)

(28) F: Isso aí devia ter uma proteção maior pros motoristas também, lá pra cima, lá pro norte. Eu estava ouvindo na Rádio Farroupilha, deu semana passada que um motorista de Cachoeirinha desapareceu lá pro norte. De Cachoeirinha. Esse aí não **vão mais achar**. Alguém... a filha esperando o pai em casa, ele devia chegar, não deu mais notícias. (FC 08:08)

(29) E: E o Lula, Dona Maria, também era jovem?

F: Ah, não. Tu me desculpa, mas aquele ali eu não **vou nem entrar** em detalhes, porque de tudo... Mas eu não gostei, eu já falei pra ela. Eu não gostei do Lula simplesmente porque ele se filiou a outro partido, porque eu sempre via os debates deles na televisão, então eu achava assim uma pouca vergonha eles quase se engoliam uns os outros, e o Lula e o Brizola então era uma vergonha. (POA 05:08)

(30) JÚLIO: Viu como eu te conheço? Essa mania de misturar um monte de coisas que não combinam.

LUISA: É, Júlio, eu não **vou mais insistir**, e não quero mais misturar coisas que não combinam. (TC2012:199)

A escassez de dados com material interveniente na amostra diacrônica (à exceção do clítico) sugere que a perífrase apresenta-se formada e bastante produtiva desde os primeiros períodos representados em nossa amostra, ou seja, meados do século XIX. Os trabalhos de Oliveira (2006), Malvar e Poplack (2008) e Gibbon (s/d) que apresentam *corpus* diacrônico anterior ao da presente amostra, também afirmam que o primeiro dado encontrado em cada amostra, Oliveira (2006) – século XIV, Malvar e Poplack (2008) – século XVIII e Gibbon (s/d) – século XVI, mostra a perífrase já formada.

Cabe aqui um parêntese relativo a um provável percurso na constituição da perífrase. Ao nos depararmos com ocorrências como as acima apresentadas, delineamos a seguinte proposta de contínuo: Locativos pronominais/nominais > advérbio tempo > clítico (com os operadores podendo intervir em qualquer uma dessas etapas), no qual a presença de locativos sugere que o traço de deslocamento espacial do verbo IR ainda se encontra forte e a presença do clítico aponta para uma perífrase mais integrada, uma vez que o pronome é esperado em posição enclítica ao auxiliar ou proclítica ao principal, mostrando-se nessa posição por força estrutural, como já apontado anteriormente. No entanto, a presença de poucos dados na amostra escrita dificulta essa análise, ainda que seja importante salientar que, dos 22 dados encontrados, 14 são clíticos, que se apresentam desde o início dos períodos analisados – tabela 6.

5.1.2.3 Perífrase IR (presente) + infinitivo em expressões

No exame minucioso dos dados de nossas amostras, encontramos uma forma na qual se observa a perífrase combinada com outros verbos. Devido à presença constante desse tipo de construção, notadamente na fala, separamos esses dados para observá-los detalhadamente. As tabelas 7 e 8, abaixo, apresentam as diferentes configurações encontradas.

Tabela 7: Natureza do verbo nas expressões com a perífrase IR (presente) + infinitivo dentro do domínio funcional do futuro na amostra oral (sincronia/Varsul)

Perífrase IR (presente) em expressões	POA	FC	PAN	SB	Total
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Modal	26/60%	16/89%	15/71%	15/54%	72/65%
Aspectual	12/28%	0/0%	3/14%	9/32%	24/22%
Estar + ndo	4/9%	1/6%	0/0%	4/14%	9/8%
Outros	1/2%	1/6%	3/14%	0/0%	5/5%
Total	43/39%	18/16%	21/19%	28/25%	110/100%

Tabela 8: Natureza do verbo nas expressões com a perífrase IR (presente) + infinitivo dentro do domínio funcional do futuro na amostra escrita (diacronia/teatro)

Perífrase IR (presente) em expressões	1850-1870	1880-1900	1910-1930	1940-1960	1970-1990	2000-2010	Total
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Modal	2/100%	0/0%	1/100%	0/0%	6/67%	2/100%	11/79%
Aspectual	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	3/33%	0/0%	3/21%
TOTAL	2/14%	0/0%	1/7%	0/0%	9/64%	2/14%	14/100%

A perífrase IR (presente) + infinitivo combina-se com verbos modais e aspectuais, e outros em menor número, num total de 110 dados na amostra sincrônica e 14 dados na amostra diacrônica. Abaixo, apresentamos exemplos das ocorrências encontradas:

(31) F: É. E não só isso, né? ainda mais quando eles começam a estudar fora, universitário, começam a ser revolucionários, meio, né? "Ah! porque já não é mais assim", mas depois eles vão mudando, é interessante. É eles vão. Ah! mudando até de pensamento. Antes eles são todos comunistas, depois eles começam a ser mais, digamos ah! fugiu o termo era tudo comunista, tudo PT tudo assim, depois eles já começam quando começam ganhar o deles, sentir o que que é, até que eles ganham dos pais tudo, é um tipo de coisa, né? É, tudo vem dali,

tudo, mas no momento que sente que tu tens de trabalhar pra receber eles vão ver que não é bem assim de só... É tudo igual, é tudo isso assim: tu trabalhas, aquele que não trabalha, se ele não trabalha não vai ter, não adianta, é óbvio. Tu não **vai poder tirar**, trabalhar todo o dia e dar pra aquele que não faz nada todo o dia! Não que a gente seja radical, mas é óbvio isso ali, né? mas eles, na época, é tudo assim, né? É tudo: "Ô, mas não precisa, porque isso depois que eles sentem que a responsabilidade é deles, que tem que sustentar, se torna um pouco diferente. (FC 02:02)

(32) E: Mas tem as federais, né?

F: É tem as federais, quem sabe isso, mas isso tem que deixar passar mais um ano, que ela tem esse ano e tem o noventa e três ainda pra se formar no segundo grau e depois vamos ver o que que vai dar.

E: Ela tem vontade de ir pra onde?

F: É. Ela gostaria de estudar perto pra poder ficar mais em casa. Ela é muito ligada à família, né? mas vai chegar num ponto que vai desligar da família, estudar em Santa Maria, **vai ter que se sujeitar** a isso, né? Mas sobre isso, ela não pensou ainda. (PN 03:04)

(33) F: Acabou por esse tempo. Agora só na outra safra, né? Então agora a gente **vai começar a comprar** gado e abater, não é? pra vender nos mercados.

E: Não é muito difícil lidar com gado? (SB 09:01)

(34) F: Não. A técnica tem que ser aquela de supetão, né? "**Vou parar de fumar**" e parei porque senão não adianta nada, isso aí não adianta, é besteira. (POA 23:04)

(35) PAI: Do jeito que anda a situação, isso **vai acabar resultando** numa guerra civil!

CACO: Vai ter guerra? (BA1970:35)

(36) F: (...) E um rapaz lá, não lembro como é o nome dele agora, foi a certa hora da noite e cansou e apeou do cavalo e se encostou numa árvore e dormiu. Na hora que ele vai fazer a recorrida, conferir a atuação dos pessoal, o movimento, isso, aquilo, estava dormindo o fulano esse aí. Ainda bem que ele não agiu por conta, resolveu me consultar. Aí ele chegou lá, me diz: "Olha, Seu Mota, o fulano estava dormindo no posto. Eu não degolei ele porque não tinha lhe avisado, mas o senhor sabe o sistema, revolução é revolução. Nós estamos numa revolução, não estamos?" "Estamos numa revolução, Seu Maurante, ninguém pode falhar. Não se admite meia falha." "Eu vou descer com meu filho agora pra lá..." O filho dele era um negrão quase do tamanho dele também, "meu guri," um negro de uns dezoito anos, mas com quase cem quilos, "...vamos dar uma paulada na cabeça dele, vamos degolar e esconder ali na ilha pra ficar... Outra vez ele não vai fazer serviço porco como fez, que isso nem é serviço porco, isso é uma cagada!" Ai! Mas aí eu digo: "Mas não podemos fazer, Seu Maurante." "Mas como?" "Nós não podemos fazer, seu Maurante, porque inclusive vai alarmar isso aí, vai criar uma

coisa aqui." Aí digo: "Deixa pra lá, o senhor não..." "Mas como é, eu... Esse homem não me serve mais." Digo: "Não, troque, bote o fulano lá, e ele fica aqui no galpão assando carne, nem ele **vai ficar sabendo** que nós descobrimos que ele estava dormindo, né?" (SB 02:05)

Na amostra sincrônica, destacamos os modais, cuja presença maior é do verbo *poder* (ocorrência 31), com 14 dados, e de *ter que* (ocorrência 32) com 39 dados. A presença de verbos modais sugere que a perífrase, ou mais especificamente o verbo IR auxiliar, está codificando a futuridade, deixando a modalidade para outros verbos como *poder* e *ter que*. Por outro lado, o grupo Aspectuais apresenta o verbo *começar* (ocorrência 33) com maior número, 9 dados; os outros 8 dados distribuem-se entre variados verbos/expressões: *parar de* (ocorrência 34), *voltar a*, *permanecer*, entre outros. Esse é um grupo que sugere o esvaziamento do traço aspectual do verbo IR pleno, principalmente se atentarmos para o fato de que encontramos expressões como *vou ir comprar*, na fala espontânea⁸⁸. Nesse último grupo, encontramos locuções aspectuais que apresentam o verbo principal também no gerúndio (ocorrências 35 e 36). Observa-se que a perífrase, nesses dados, expressa futuridade, uma vez que a situação de *saber* não ocorreu ainda e que a situação de *acabar* (*numa guerra civil*) é uma projeção feita a partir da situação política do momento – governo Collor.

Outro tipo de construção envolvido com a perífrase, apenas na amostra sincrônica, é estar + NDO, com 9 dados. Essa também é uma construção aspectual, como vários trabalhos sobre a perífrase estar + gerúndio e/ou gerundismo atestam. Abaixo, observem-se as ocorrências:

(37) E: Ah, então se a senhora ganhasse na loto, a senhora também iria viver...
 F: Não, não. Eu não gosto muito. Eu não gosto de muito ajuntamento, não gosto assim muito de aglomerado. Basta ver que aqui na minha vizinha aqui, nós estávamos só eu, a minha irmã e meu marido no Ano Novo, que minha filha foi pra praia, ela, o genro e as crianças, nós não fomos porque meu irmão ia pra lá, né? Eu não **vou estar andando** pra lá e pra cá. Se eu for uma vez eu não volto, e se depois, quando eu voltar, eu não volto, eu não vou de novo, que a gente vai de ônibus, né? (POA 05:12)

⁸⁸ Voltaremos a esta questão adiante, quando tratarmos da gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo e do verbo IR pleno>auxiliar>morfema-vocábulo.

(38) F: Se é com cinquenta e cinco anos, eu quero ver se me aposento, porque eu não vou ter tempo de serviço, né? mas eu quero me aposentar. Nos meus cinquenta e cinco anos se eu tiver ainda nessa lei, né? Dos cinquenta e cinco, quero me aposentar com cinquenta e cinco, aí quero trabalhar pra mim, que gosto muito de lidar com doce, gosto muito de lidar com frios, essas coisas, sabe? então aí eu vou viver pra mim, né? Não adianta ficar me matando lá, esperar fazer um tempo de serviço, aí eu vou estar com setenta anos, aí não aproveito nada, né? A não ser que a morte **vai estar me esperando**, né? eu acho que eu devo de fazer isso aí, tem três anos mais, se Deus quiser. (SB 10:02)

A ocorrência (37) mostra-se como uma ação habitual. Assim, parece que a perífrase pode ter entrado nesse contexto com gerúndio pela ação habitual, mas, aos poucos, pode estar começando a codificar futuridade. A ocorrência (38), por exemplo, mostra uma projeção da situação, ou seja, se o informante esperar para se aposentar por tempo de serviço, é possível que não aproveite, pois, segundo ele, aos setenta anos a morte é bem possível (*a morte vai estar me esperando*). Infelizmente, os dados são poucos para que se faça uma análise mais apurada.

O último tipo de construção, Outros, apresenta a combinação da perífrase com verbos diversos. As ocorrências abaixo ilustram esse grupo:

(39) F: (...) eu me lembro que uma senhora, uma Ungaretti que veio da Itália, ela comprou um rádio, e a primeira música que tocou no rádio que eu ouvi foi "A Jardineira". Então ela dizia: "Às oito e meia da noite, vocês vêm lá, que hoje de noite vocês **vão ouvir cantar** "A Jardineira"." Aí, nós enchia meu pai. "Pai, compra um rádio. "Pai, compra um rádio, todo o mundo tem". Aí os padres não queriam, né? por causa das novelas, né? Então nós dizia: "Não, mas nós não vamos ouvir novela; só pra nós ouvir música." Aí ele dizia: "E depois, quando vocês estão com fome", ele dizia em italiano, "vocês ligam o rádio, que o rádio vai encher a barriga de vocês". (FC 04:04)

(40) F: É, tem que estar sempre preparado, é. Tudo, tem um fotógrafo, também, que nós vamos ter que contratar. Nós vamos ver também, alguém vai filmar, também, né? então para cada um eu **vou encarregar de fazer** a sua parte. E no fim, acho que vai dar tudo certinho, né? Depois ainda não precisa ser tão certo nesse sentido, porque quando é de família, né? algum lapso também vai ser perdoado, né? (FC 18:06)

Esse grupo, com apenas cinco ocorrências, se caracteriza por uma combinação da perífrase com um outro verbo no infinitivo. Diferentemente dos casos de perífrase com modal, aspectual e estar + NDO, cujo sujeito é correferencial, o grupo Outros não apresenta correferencialidade de sujeitos entre a perífrase e o terceiro verbo

combinado. Não obstante a natureza diferenciada desse tipo de construção, optamos por considerar esse grupo aventando a possibilidade de trata-lo como camadas emergentes no amplo domínio da futuridade.

Ao contrário do que se verificou na amostra sincrônica, a presença de perífrase IR (presente) em expressões na amostra diacrônica não se mostrou expressiva. Os verbos modais (ocorrência 41) ocorrem desde as primeiras décadas de coleta da amostra e superam a frequência de perífrase em expressões com verbos aspectuais (ocorrência 42), que só aparecem nas últimas décadas (1970).

(41) JORGE: Não vai ser sempre assim.

OTÍLIA: Se depender de mim, vai.

JORGE: Eu digo que tu não **vais poder prever** sempre tudo, nem suprir todas as necessidades. (DO1993: 61)

(42) RUTH: Não vou a aula de tarde.

MÃE: Minha filha, **vai terminar de te arrumar** que eu tenho que passar na escola agora.

RUTH: Não vou na aula.

MÃE: Por que, minha filha?

RUTH: Porque o Paulinho fica dizendo pra todo o mundo que eu peido na aula. (BA1982: 45)

Não foram encontrados dados com perífrase e estar + NDO e perífrase com outros verbos na amostra diacrônica, tais como *tentar fazer*, *procurar ver* e *conseguir fazer*, entre outros. Essa característica, somada à pouca frequência dos dados, aponta para um passo de maior gramaticalização do verbo IR como auxiliar, ao se juntar a expressões como *poder fazer*, *começar a fazer* e outras já citadas.

Conforme comentado, o maior número de ocorrências com verbos modais sugere que o verbo IR auxiliar mantém seus traços aspectuais de verbo pleno – deslocamento no espaço de um ponto a outro. Essa característica reforça a ideia de que a “escolha” do verbo IR para ser o auxiliar na perífrase IR (presente) + infinitivo com função de codificar a futuridade é motivada pelo aspecto inerente na significação do verbo pleno e que esse traço aspectual espacial torna-se abstrato, apontando para um movimento no tempo, marcando a futuridade.

5.1.2.4 Verbo IR no presente

Com o objetivo de detalhar o funcionamento da perífrase IR (presente) + infinitivo e do verbo IR na sua jornada de verbo pleno a

morfema-vocábulo, cada ocorrência do verbo IR no presente do indicativo foi controlada separadamente. Esse olhar minucioso foi capaz de captar ligeiras mudanças de significação no verbo IR pleno no presente do indicativo. As tabelas 9 e 10, abaixo, mostram a distribuição funcional desta forma para as amostras sincrônica e diacrônica, respectivamente:

Tabela 9: Expressão do tempo/modo da forma do verbo IR no presente do indicativo na amostra oral (sincronia/Varsul)

Verbo IR no Presente	POA	FC	PAN	SB	Total
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Habitual	86/77%	67/77%	89/86%	57/58%	299/74%
Futuro	25/23%	19/22%	15/14%	40/40%	99/25%
Imperativo	0/0%	1/1%	0/0%	2/2%	3/1%
TOTAL	111/28%	87/22%	104/26%	99/24%	401/100%

Tabela 10: Expressão do tempo/modo da forma do verbo IR no presente do indicativo na amostra escrita (diacronia/teatro)

Verbo IR presente	1850-1870	1880-1900	1910-1930	1940-1960	1970-1990	2000-2010	Total
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Habitual	5/42%	2/16%	2/20%	1/20%	1/11%	3/30%	14/24%
Futuro	4/33%	5/42%	3/30%	3/60%	5/56%	3/30%	23/40%
Imperativo	3/25%	5/42%	5/50%	1/20%	3/33%	4/40%	21/36%
TOTAL	12/21%	12/21%	10/17%	5/9%	9/15%	10/17%	58/100%

Em contraste com a amostra sincrônica, observa-se que a frequência de dados com verbo IR no presente, na amostra diacrônica, é bem menor. Ao ser codificado na forma do presente do indicativo, espera-se que o verbo IR pleno tenha uma significação de ação presente ou habitual, de acordo com as características principais desse tempo gramatical. De fato, essa é sua principal função na amostra sincrônica (299/74%), no entanto, observa-se que na amostra diacrônica essa função é precedida, em termos de frequência (14/24%), pelas funções Futuro (23/40%) e Imperativo (21/36%) – esta última bastante previsível dada a natureza dialogal da amostra diacrônica: peças teatrais. Apresentamos algumas das ocorrências encontradas, especificadas por sua função.

Verbo IR no presente do indicativo com valor de futuro

Observa-se que, em todas as ocorrências, o verbo IR pleno conserva sua significação tradicional de deslocamento no espaço até um

certo ponto. O que de fato muda é o contexto. Nas ocorrências de futuro, o contexto projeta a futuridade: no dado (43) é a ação de ir morar em Santa Maria no fim do ano para fazer o cursinho e no dado (44) é a ação de ir pedir licença para entrar no campo do desconhecido.

(43) F: Santa Maria é perto, a gente pode ir lá seguido, mas, mesmo assim, ela passa duas, três semanas, às vezes, um mês ou mais até voltar, né? Depende do estudo, então demora a voltar. Mas, a gente tem contato, ela telefona.

E: E ela mora aonde lá? Divide apartamento com colegas?

F: Ela morava, durante o cursinho, ela fez um ano de cursinho, em oitenta e nove, ela morava com uma guria de Palmeira e outra com Erechim, uma guria de Erechim e, depois, ela morou, quando passou, entrou na faculdade, ela morou com uma outra menina daqui, que eles são donos do apartamento. Mas, agora, fim de ano, meu guri foi pra lá também fazer o intensivo, nós acabamos alugando um apartamento. Então, de momento, ela está sozinha, mas em março, ou seja, daqui a duas semanas, o meu rapaz **vai** pra lá e uma outra guria também **vai** pra lá, sobrinha nossa, os dois vão fazer cursinho lá. (PN 17:03)

(44) F: (...) O major disse pra ele: "Mas aí não é lugar pra entrar pra falar com autoridade." Esse meu tio é um cara mocho como só, é um homem, ele, mas estava educado, né? "Não, tudo bem, major, eu não vim brigar, eu vim apenas lhe pedir licença. **Vou** lá, **dou** a volta e venho aqui falar com senhor." Deu volta, foi lá pegar o cavalo, arrodar pra falar com ele. Quando voltou, a mão no arame assim, ele atirou de quarenta e cinco no meu tio lá. Pá! matou em cima da cerca. (SB 02:07)

A amostra escrita (diacronia/teatro) também apresenta o verbo IR no presente na função Futuro, com frequência maior (23/40%) do que a da amostra oral (sincronia/Varsul) (99/25%). No entanto, boa parte dos dados (11 dados no total) encontrados nessa função na amostra diacrônica estão inseridos no contexto das ocorrências (45) e (46), abaixo, ou seja, são perguntas feitas a um dos personagens quando esses anunciam que estão se retirando do aposento. Em tais casos, a futuridade é eminente, quase como um presente contínuo, assegurada, principalmente, pelo traço aspectual do verbo IR.

(45) VILA RICA: Não te escuto mais, nem te respondo. Teu sofrimento é uma gôta d'água em meu mar de lágrimas. Não serei para ti uma cidade suicida, embora as víboras que alimento me conduzam ao torpe refúgio do egoísmo. (*Afasta-se*)

CHICO REI: Já te **vais**?

VILA RICA: Que mais queres de mim? Já nos dissemos tudo. (CR1940:38)

(46) IMPERTINENTE: (*querendo pegá-la*) Meu anjo! Minha deusa! Aonde **vai**?! Venha cá!

INTÉRPRETA: Já lhe disse: **vou**-me embora; aqui não entro mais; o Sr. Enganou-me: quis enganar-me; mas enganou-se a si próprio! (*sai*) (RN1850:77)

Os outros dados inserem-se em contextos com o locativo explícito, tais como a ocorrência (47):

(47) ANSELMO: Bem sei, meus filhos, e isso me conforta, alenta, renova as minhas energias, multiplica as minhas forças para a grande batalha do mundo. Agradeço-lhes, de todo o coração, essa doce manifestação de belos sentimentos. E agora, porque se faz tarde e eu tenho de regularizar uns quantos negócios urgentes, vou deixá-los sós. Se precisarem de mim, para alguma coisa, bastará chamarem, pois **vou** para o meu gabinete de trabalho. (VC1940:22)

Todos os dados, no entanto, apresentam o deslocamento espacial, ou movimento de um ponto a outro, conforme se define a significação do verbo IR pleno. Essas ocorrências podem sinalizar os primeiros passos do verbo IR pleno para tornar-se auxiliar na perífrase IR (presente) + infinitivo para codificar futuridade: verbo IR pleno, na forma do presente do indicativo – que acumula muitas funções, dentre elas a de expressar futuridade – em contexto de projeção futura. Parece-nos, uma vez que estamos lidando com ocorrências da diacronia, que estamos, especialmente nas ocorrências (45) e (46), diante da noção de relevância do presente (Cf. FLEISCHMAN 1982), ou seja, situações localizadas num futuro próximo cuja projeção ocorre a partir do momento presente.

Verbo IR no presente do indicativo com valor de ação habitual ou presente

As ocorrências (48) e (49), abaixo, encontradas na amostra sincrônica, são manifestações do verbo IR pleno que indicam uma ação habitual de ir até a praia pela estrada *Freeway* e de se deslocar até o centro, *vai ali pra baixo*.

(48) F: Não. Já tinha parado, já. Aí eu fui me operar. Depois da operação aí a firma ia se mudar pra Gravataí, como está até hoje lá, né? Então há vinte e sete anos atrás, que é o que eu deixei de trabalhar, ela era aqui na Brasil. Então era pertinho. Eu morava aqui na Berlim, era pertinho. E era assim o horário era das seis horas da manhã às duas da tarde, quer dizer, era um horário bom, né? E aí quando eles foram pra Gravataí, eles perguntaram quem quisesse ir pra eles... Mas naquela época eles não tinham ônibus. Depois é que eles colocaram ônibus pra levar os seus empregados. Aí eu não quis ir, achei muito longe. Aliás era tudo

difícil, né? Não tinha essa Assis Brasil como tem até a Freeway, né? Era outra coisa. Agora tem a Freeway que vai dar bem na ICOTRON. Quando eu **vou** pra praia, eu vejo ela. A gente **vai** pela Freeway é uma beleza. (POA 05:03)

(49) E: Mas é uma região muito bonita, né?

F: É, aqui nesta parte sim. Não tem muitos assaltantes, que nem em certos lugares que não dá nem pra deixar as portas abertas, digo eu, né? Que às vezes aqui a gente sai, **vai** ali pra baixo, nem fecha direito as portas, nem as janelas, deixa tudo assim, né? (FC 01:04)

Na amostra de fala, a função Habitual é a mais frequente (74%) para o verbo IR no presente. Como contraponto, na amostra escrita (diacronia/teatro) é a menos frequente (24%). Cabe ainda ressaltar que, dos 14 dados atribuídos à função Habitual, na amostra diacrônica, 11 estão no mesmo contexto do dado (50), ou seja, são perguntas mais ou menos cristalizadas a respeito de como o interlocutor está passando. Tais perguntas estão inseridas num contexto formal, de cortesia. É bastante difícil, no contexto da ocorrência (50), observar a ideia de movimento/deslocamento do verbo IR.

(50) CLAUDIO: *entrando* – Bom dia, sr. Corrêa.

DAMIÃO: *dirigindo-se a Claudio que estende a mão* – Como **vae** o senhor de saúde? (OT1880:18)

A ocorrência (51), no entanto, é um exemplo de verbo IR que, de fato, manifesta uma ação presente, na qual se observa a ideia de movimento/deslocamento:

(51) CONDE: Como **vai** aquela alma transbordando de fel!... Parece que a própria natureza o impele a odiar-me!... Não importa, ele parte e é provável que não volte mais, e que tenha fim igual ao de todos os aventureiros que vão arriscar suas vidas por um punhado de ouro... Miseráveis!... Não sabem procurar fortuna como nós outros estadistas. (*Senta-se pensativo*). (CO1850:141)

O dado acima, já comentado anteriormente, trata de um monólogo do conde, que está sozinho em seu escritório, após a saída de Paulo. Nesse trecho o conde acaba de negar a mão de sua filha a Paulo, amigo da família, mas que não possui bens e, portanto, não pode prover a mulher que ama, segundo modelo da época. O jovem se retira com a benção do conde, já que resolveu partir para fazer fortuna no Oriente. A frase *Como vai aquela alma transbordando de fel!...* manifesta a

preocupação do conde com a alma de Paulo, no momento em que este sai de cena.

Outro dado interessante é o (52), abaixo. Nele, o padre Roque traz presentes aos índios de uma tribo que pretende catequizar. Ao chegar diante do chefe da tribo indígena, Tiltango, o padre pergunta ao índio o que existe dentro da caixa, fazendo uma espécie de surpresa. Observa-se que o contexto da frase *o que vai nesta caixa*, dito pelo padre, não projeta futuridade, mas tem um significado de *o que tem dentro dessa caixa?*, revelando, pois, uma ação presente e também a falta de movimento/deslocamento de IR:

(52) PADRE ROQUE: Ah, a caixa! Muito bem. Adivinha, Tiltango, o que **vai** nesta caixa, para vós, filhos meus.

TILTANGO: (*incrédulo*) Para nós? Não diga...(RG1910:32)

Abaixo, o dado (53) indica uma ação habitual de ir à missa, revelando a ideia de movimento/deslocamento:

(53) KLÉBER: É católico, **vai** à missa?

RÉGIS: Não tenho ido.

KLÉBER: Mas segue católico, não?

RÉGIS: Não sei.

KLÉBER: Como Não sabe? Está numa idade difícil. Muita definição a tomar. O que fazer da vida. O sexo... (BC2000:31)

No diálogo acima, o padre Kléber procura conhecer melhor um dos estudantes da escola, no horário do recreio, no pátio da escola. Sabendo que o menino até pouco tempo era um católico praticante e que, no momento, encontra-se em dúvida sobre a existência de Deus e Jesus, o padre pergunta ao menino se este tem o hábito de ir à missa, sendo católico.

Verbo IR no presente do indicativo com valor de imperativo

A função Imperativo mostrou-se bastante diferenciada nas duas amostras. Na amostra sincrônica sua frequência é quase nula ($3/401 = 1\%$) enquanto na amostra diacrônica sua frequência ($21/58 = 36\%$) superou a frequência da função Habitual ($14/58 = 24\%$). Na ocorrência (54) observa-se que o contexto sugere uma ordem, ou pelo menos uma sugestão do falante para o ouvinte, na época da Legalidade. Nota-se que a ação vem de um superior (comandante do exército e, mais adiante, o

próprio falante no papel de esposo) para um subordinado (o soldado, que é o próprio falante, e depois a esposa, Neide).

(54) F: (...) Existe muita hierarquia no exército, e o subordinado obedece, são criados bitolados pra obedecer. "A coisa está ficando feia, tem que dar um jeito." "Mas que jeito que tem que dar? O que que vamos fazer? Vamos matar alguém, ainda, vamos invadir?" Diz: "Não, eu acho o seguinte: tu **vais** a Santiago. Santiago era de primeira DC. Que aqui é o regimento, o regimento é subordinado diretamente à divisão de cavalaria. Depois da divisão, a região. Quer dizer que o comando geral de Itaquí, São Borja, São Chico é Santiago. "Tu **vais** lá, porque já tem gente começando, acho que estão até se arrumando aí pra brigar. Nós vamos perder essa legalidade e vamos perder na casca." Aí eu peguei um compadre meu, o Roque Pinto, que era um índio, e peguei a primeira mulher, a Neide, digo: "Neide, tu **vais**..." Porque, respeitavam muito, "se resolverem de nos matarem, vão te largar, porque mulher não matam nessa época." (SB 02:08)

A presença da função Imperativo na amostra diacrônica está relacionada à interação – como convites e sugestões do falante para o ouvinte (dados (55) e (56)): o número de dados nesse contexto é de 15 em um total de 23.

(55) PAULO: *para Alzira, que não houve* – **Vai**, anjo descido à terra para ornamento da natureza; **vai** e não esqueças o teu Paulo que de hoje em diante terá a espada de Dâmocles suspensa sobre a fronte. (CO1850: 139)

(56) UMA DELAS: Sabem o que mais? – Vamos vestirmo-nos e pôr-mo-nos às janelas à espera de vermos os nossos namorados!
TODAS: Apoiado! Não percamos nossos costumes por causa de um maluco!
Vamos! Vamos! (RN1850:82)

No entanto, observamos dados como (57), (58) e (59) que se apresentam em contextos de ordem, comando:

(57) ANA: Não! Eu já não sou criança; no meu isolamento tenho aprendido a pensar. O meu ser identificou-se com o meu amor. (De joelhos) Não me volteis o rosto... É uma pobre criatura, sem amparo, que vos pede! E não vos comove a orfandade! É um cadáver... O cadáver de meu pai, que abre a campa para interceder por sua filha! – e não vos abalam as lágrimas do túmulo! É a vos de Deus que vos implora pela boca da inocência! – e não vos abranda o céu!

CONDESSA: (reprimindo a emoção) – Oh! **Vai**-te! **Vai**-te! Não me fales de Deus! (*Segura-lhe na mão e a leva para dentro*). (TR1880:187)

(58) OTÍLIA: (*Começa a perder o controle*) Tá bem. Amanhã de manhã tu vais embora, mas hoje vamos descer e jantar. **Vai, vai** pro banho, enquanto isso eu

desço e fico fazendo sala, explico que tu chegaste em cima da hora, eles vão entender. (DO1970:66)

(59) PAULO: Posso ir lá na Ruth?

PAI: Agora tu vais sestar. Depois das duas tu **vais**.

PAULO: Mas eu não quero sestar depois do almoço. (BA1970:42)

Os dados acima apresentam o comando imposto por um dos personagens (madrasta, esposa e pai) para que o outro personagem (filha, marido e filho) realize a ação de deslocar-se. O dado (58) impõe ainda uma finalidade, deslocar-se para tomar banho e o dado (59) é o típico contexto no qual poderíamos ter a construção *VOU IR* (nesse caso, *vais ir*).

A presença de maior número de dados na amostra diacrônica do que na amostra sincrônica pode ser explicada, novamente, pelo gênero do texto em questão. Na amostra sincrônica estamos lidando com entrevistas diretas, nas quais é difícil aparecer um contexto de comando, a não ser quando o falante está relatando uma experiência vivida e inserindo discurso reportado. Já a amostra diacrônica, composta por peças de teatro, apresenta variadas situações do cotidiano, vividas por personagens com objetivo de “imitar” a realidade social.

5.1.2.5 Perífrase *vamos supor&dizer*

Nesta subseção vamos detalhar itens de construção mais cristalizada, formados pela perífrase IR (presente) + infinitivo, que foram encontrados nas amostras selecionadas. Uma vez que dados nas formas *vamos supor* e *vamos dizer* ocorreram com certa frequência no *corpus* analisado em nossa dissertação (GIBBON, 2000), resolvemos levantar esses dados e examiná-los com mais vagar. A tabela 11 apresenta os resultados para a amostra sincrônica. Não foram encontradas ocorrências dessas formas na amostra diacrônica, embora outros itens em que se observa a perífrase com valor discursivo tenham aparecido, os quais serão também detalhados a seguir.

Tabela 11: Distribuição da perífrase *vamos supor&dizer* na amostra oral (sincronia/Varsul)

Perífrase <i>Vamos supor&dizer</i>	POA	FC	PAN	SB	Total
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Vamos supor	3/8%	17/65%	2/18%	0/0%	22/25%
Vamos dizer	36/92%	9/35%	9/82%	13/100%	67/75%
TOTAL	39/44%	26/29%	11/12%	13/15%	89/100%

A forma *vamos dizer* apresenta-se em maior número que a forma *vamos supor*, perfazendo 75% (67 dados) dos dados desse tipo de perífrase coletados. Observe-se a ocorrência abaixo:

(60) E: Ah! Petrópolis é muito bonito também, né?

F: Mas assim ali, ó! Nas imediações, **vamos dizer**, do Hospital de Clínicas até a Igreja São Sebastião, ali na avenida, naquelas imediações ali assim, sabe? (POA 13:13)

Em (60), a perífrase parece estar modalizando a delimitação espacial de *imediações*, e relativizando, assim, a beleza da cidade. Na ocorrência seguinte, o informante parece estar refletindo, meditando, sobre o lugar que considera sua terra natal e utiliza *vamos dizer* para mitigar a força da assertiva de que São Borja é sua “segunda terra natal”.

(61) F: [...] E gosto do povo de São Borja, tenho trabalhado aqui na agricultura, trabalhei bastante, estou na pecuária. É um povo antigo de fronteira, eu também sou da fronteira, sou de Itaqui. Hoje eu ganhei o título de cidadão sambojense. Vivo aqui. Hoje é minha terra, minha segunda terra, minha segunda terra natal, **vamos dizer**, São Borja. Vivo aqui com a minha família. (SB 01:01)

Não é difícil reconhecer que a forma perifrástica, nesses casos, está se comportando como um marcador discursivo. Silva e Macedo (1996, p. 14) definem marcadores discursivos como elementos “envolvidos em macrofunções discursivas: a organização interna do discurso, a manutenção da interação dialógica e o processamento da fala na memória”. O caráter interacional dos marcadores discursivos é salientado por Urbano (1997, p. 85-86): “são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal”. Ocorrências como (60) e (61) expressam nuances de (inter)subjetividade, ao mesmo tempo em que contribuem para a articulação das informações no texto, inserindo-se no escopo das definições citadas.

Os estudiosos⁸⁹, quando tratam desse fenômeno, costumam apontar algumas características que servem como ‘pistas’ para que possamos identificar um marcador discursivo. Risso, Silva & Urbano (2006) apontam, entre outros, os seguintes traços definidores de marcadores discursivos prototípicos: são elementos efetivos no plano da organização textual-interativa, são exteriores ao conteúdo proposicional, são independentes sintaticamente e não apresentam grande variação fonológica, flexional ou de construção (cristalização formal).

O contexto de emergência de uso que resulta na construção mais cristalizada *vamos dizer* parece ser a forma perifrástica expressando futuramente. Em determinados contextos, *vamos dizer* ganha reforço pragmático, ao se colocar como um ato de fala manipulativo, passando a desempenhar, a partir daí, outras funções discursivas dentre as quais as de exemplificação (típica de *vamos supor*) e de reformulação (típica de *quer dizer*). Atento ao interlocutor, o falante projeta situações exemplificativas ou reformula trecho de seu discurso para esclarecer alguma informação.

(62) E: Conhecem o Brasil todo?

F: Olha, todo eu não posso dizer, mas eu acho que uma boa parte, **vamos dizer**, uma terça (falando rindo) parte. (POA 07:15)

(63) E: Como é que foi a campanha? Como foi seu trabalho?

F: A campanha foi regular, mas, sabe? que agora eu não sei, o pessoal está desacreditado dos políticos, viu? Nós fazíamos mais assim corpo a corpo, né? Chegava na pessoa e cantava a pessoa pra votar, e os caras não querem saber, ninguém acredita mais em político, viu? Ninguém acredita mais. A maioria, **vamos dizer**, noventa por cento não queriam saber de conversa. (POA 09:02)

(64) F: Bom, cada vinho tem uma marca, cada uva tem uma marca de vinho, né?

É Bom, melhor começarmos pelo vinho comum, tá? Nós vamos começar por, o Isabel e o bordô. Esses são vinhos... É uvas comuns... Mas as viníferas mais procuradas, **vamos dizer** em geral, assim, se for num comércio ou em algum lugar de querer vinho branco especial, sempre é o riesling em primeiro lugar, o riesling é o vinho mais procurado, né? (FC 10:02)

Em (64), com *vamos dizer* o falante hipotetiza um cenário (um comércio) e então especifica o tipo de uva/vinho mais procurado. Esse parece ser um contexto de uso característico de *vamos supor*, dado o traço de projeção da condicionalidade. O falante pode lançar mão de uma

⁸⁹ Foram consultados os textos de Freitag (2009); Martelotta *et al.* (1996); Risso, Silva & Urbano (1996; 2006); Macedo; Silva (1989); Urbano (2006).

situação hipotética para exemplificar, esclarecer determinada passagem de seu texto/discurso. A necessidade de dar esclarecimento pode ter desencadeado o uso de *vamos dizer* em contextos característicos de *quer dizer*, como em (62) e (63), que envolvem algum tipo de reformulação.

Em nossa amostra encontramos, ainda, outras ocorrências relativamente cristalizadas de *vamos dizer*, agora na forma de P1, que também podem estar expressando instâncias de gramaticalização do item.

(65) F: Não, sou assinante agora, é. Um jornal que traz muita coisa boa, **vou te dizer**. O programa dominical bem adiantado, vários assuntos, inclusive noticiário do Brasil e do mundo, né? muita coisa boa, vem através desse jornal também. (SB 17:07)

A ocorrência acima pontua uma forma com características semelhantes a de *vamos dizer*: verbo auxiliar IR no presente – caracterizado pela primeira pessoa do singular, pronome oblíquo *te*, referindo-se ao ouvinte e verbo principal *dizer*. Do ponto de vista do significado, essa ocorrência apresenta uma carga discursiva, de caráter interativo. Ainda que possamos observar a futuridade, a modalidade epistêmica parece ser a carga mais evidente. Além dessas formas mais cristalizadas, encontramos outras duas, exemplificadas abaixo:

(66) E: Dona Loni, aqui em Panambi tem algum ponto turístico na cidade, alguma coisa pra turista visitar?

F: Olha, tem muito pouco, né?

E: É? O que que tem?

F: Olha, o que que tem, **o que que eu vou te dizer**...O pessoal que vem aqui, né? pra visitar, só o que eles podem olhar é passar nas firmas, né? olhar o hotel que muitos estão interessados de olhar, né? e tem o museu, né? que muitos vão olhar, mas assim, né? turismo mesmo. (PN 06:09)

(67) E: E a chimia de uva como é que fica?

F: Ah! A chimia de uva. A chimia de uva, deixa eu ver. Ah! não sei se lembro, minha mãe fazia assim ó: tirava as bolinhas do cacho, aí botava na panela mesmo, panelão, né? depois botava, deixava que saísse o suco, né? espremia, passa no flotelote que é uma máquina assim que com o coador, tu botas dentro e daí tu vais espremendo assim e daí sai pra baixo assim, só fica a casca e o grão, em cima e em baixo sai daí o que tem dentro da uva que é o creme, **como é que eu vou dizer** isso aí, né? mas é, sai o que tem dentro da uva, em cima só fica a casca e a semente, né? depois pega aquilo lá, ferve com açúcar e tu tens que mexendo sempre, né? até criar uma consistência assim de chimia, tipo geléia, depois quando ela está fria ela fica mais dura. (PN 02:06)

Nos trechos acima, há nuances de valores modais epistêmicos: o falante não está seguro a respeito do que dizer e usa a construção *o que/como é que eu vou te dizer* para então dar a resposta solicitada (66) e dar continuidade ao que está expondo (67). É possível que desse tipo de construção tenha se derivado a forma mais reduzida (*eu*) *vou te dizer* observada em (65), e também a forma *vamos dizer*, estendo-se o contexto de P1 para P4. Nesse sentido, a partir de um núcleo comum – IR auxiliar + dizer – as formas de *vou (te) dizer* e *vamos dizer* acabam seguindo diferentes rumos e assumindo valores funcionais distintos. Para se atestar essa hipótese, um estudo detalhado sobre a gramaticalização de *vou (te) dizer/vamos dizer* deve ser realizado, o que foge aos propósitos desta tese. Por outro lado, dados como (68), abaixo, apresentam-se genuinamente codificando a futuridade:

(68) E: Sim, mas a senhora não sabe de cor?

F: Ah! bom. Não sei se eu **vou dizer** todos os ingredientes.

E: Depois agente confere. (FC 06:09)

O dado (68) é claramente um dado que se diferencia dos demais apresentados, caracterizando a presença da futuridade como o traço mais forte. Essa ocorrência – diferentemente das anteriores, que não apresentam a futuridade como traço principal – foi inserida entre as formas de perífrase IR (presente) + infinitivo, apresentadas anteriormente nas tabelas e gráficos que trazem essa forma.

Considerando o significado inerente do item lexical – verbo *dicendi* –, é comum ouvirmos as variantes *vou te contar*, *vou te falar*, usadas com valor discursivo, mas essas formas não foram encontradas nas amostras analisadas. Encontramos, no entanto, quatro ocorrências de *como é que eu vou explicar*, com emprego semelhante ao de (66). O trecho abaixo exemplifica o contexto desse tipo de ocorrência:

(69) E: Como é que era?

F: Era o professor mandava, né? é assim e tinha que ser assim, né? Eram eles que mandavam, né? E eu, pelo que eu vejo hoje nos estudos dos meus filhos, acho que antes eram bem mais, **como é que eu vou explicar**, era bem mais puxado assim o estudo. O professor se interessava muito mais pra ensinar o aluno do que hoje. (SB 15:01)

O falante parece se utilizar de subterfúgios para não afirmar categoricamente o que pensa, ou para não demonstrar que, de fato, não sabe responder a pergunta. Em usos desse tipo, a presença do traço de futuridade é atenuada, ganhando mais ênfase a modalidade.

Outro tipo de ocorrências com o verbo IR auxiliar sob o domínio discursivo foi encontrado, dessa vez tendo como verbo principal *ver* e *fazer*: *vai ver/vou ver/vamos ver* e *vai fazer*. Os dados com o verbo *ver* foram bastante recorrentes, aparecendo pelo menos uma vez em cada entrevista analisada. Vejam-se os trechos abaixo:

(70) F: [...] Daí então ele me falou. Ele disse que ele tinha batido o caminhão, que ele estava bem, que não era pra me preocupar, né? Mas eu fiquei meio em dúvida, porque eu disse: "Ah!" Não parecia que era ele, sabe? na voz, pelo telefone, **vai ver** que é outra pessoa, né? "Não." Ele disse: "Não precisa te preocupar, que eu estou descendo não me machuquei. Me espera, que amanhã eu desço." Ele descia de carona, né? (FC 01:05)

(71) F: Olha, meu esposo é assessor, né? do PDT, do partido PDT, né? então eu tenho que ser PDT, né? Tenho que acompanhar ele, senão aí não dá certo. E aí, o que manda a cidade e coisa aí é o PDS, né? é o Juca. Ele é do PDS. Nós perdemos, agora esse ano não sei, **vamos ver**, né? Primeiro ano que nós perdemos, que o PDT perde aqui pra prefeitura.

E: Primeiro?

F: Primeiro ano. Sempre foi PDT. Esse ano é... Esse ano não, né? porque ele já está por entregar, tem só esse ano de mandato, né? Ano que vem já entra prefeito novo. Esse ano já tem eleição, o ano que vem ele já não está mais aí. (SB 07:07)

(72) F: Ah! Ela depende, depende das cidades.

E: De quais, por exemplo?

F: **Vamos ver**. Por exemplo, Santa Rosa, né? eu acho que de lá que vem leite pra cá. O óleo de soja também vem. (SB 12:07)

O dado (70) apresenta claramente traços modais, pois é possível substituir a forma *vai ver*, em *vai ver que é outra pessoa* por *pode ser: pode ser outra pessoa*. Nesse caso, o traço de futuridade é atenuado em favor da modalidade. A ocorrência (71), ainda que apresente o traço de futuridade mais acentuado, expressa um desejo do falante, uma esperança... A forma *vamos ver*, no dado (72), é claramente interativa. O falante pode se utilizar da forma para “ganhar tempo”, organizar as ideias ou acessar a memória para trazer um exemplo de cidade que responda a questão do entrevistador. Poderia ser substituída por *vejamos*.

Outra construção com funcionamento característico de marcador discursivo que apareceu na coleta inicial dos dados foi *vai fazer/vamos fazer*. As ocorrências abaixo ilustram esse tipo:

(73) F: Ah! são mais velhos que os meus. Tem só uma que é mais... Uma ficou no meio das duas meninas. Uma pretinha. Agora essa não quer estudar, né?

Difícil, né? Eu não sei, a criação foi a mesma, o carinho foi o mesmo, mas eu tenho uma formada e dois que não quiseram estudar. Mas fizeram até Primeiro grau completo todos têm. E quando foi pro segundo grau, aí é que eles optaram por não querer estudar. O que que a gente **vai fazer**, né? Aí... (SB 06:02)

(74) E: Tu nunca vais com teu marido?

F: É que eles não permitem. Teve uma época que eles deixavam, sabe? Eu fui numas viagens com ele. Mas é tão bom! Mas é que agora, então não permitem mais, então, tu **vais fazer** o quê? (FC 01:07)

(75) E: E é bom pra eles pra aprender uma profissão, né?

F: É, sim. Mas aqui tu não podes, já tem o João Ninguém lá da rua lá, o advogado, que está louco pra te ferrar. Eu já tive esse problema. Então isso aí está errado no Brasil, mas **vamos fazer** o quê? Eles que fazem a lei, os políticos que fazem a lei. Então essa lei, justamente o presidente Collor tinha mudado tudo isso aí, então não pode, né? mas, infelizmente nós temos que passar por isso aí, e acho que eu lamento muito. (PN 12:08)

Os dados (73), (74) e (75) são exemplos de uma construção praticamente cristalizada que sinaliza uma situação sem definição. O falante se coloca indefeso diante de uma situação e fica sem saber como reagir. O contexto não projeta futuridade e a forma tem seu traço de futuridade quase nulo. O dado (76), no entanto, aponta futuridade.

(76) F: Ah! isso eu não sei te dizer quanto agora, depende de quanta lasanha tu **vais fazer**, né? Geralmente pra dois pratos de lasanha vai uns oito ovos e acho que um quilo e meio de farinha, né? mais ou menos. (...) Então vai a massa, o molho, molho branco, queijo fatiado, se quiseres botar presunto bota, intercalando assim, né? (...) aí tu deixas cozinhar bem, depois tu tiras a galinha, desfia a galinha, bota de volta no molho, aí tu vais e prepara o molho, né? pra lasanha. (FC 03:03)

O dado acima apresenta a perífrase *vais fazer* projetando futuridade e com significação básica de produzir através de uma ação – nesse caso, a lasanha. Esse é um dado que está incluído no grupo perífrase IR (presente) + infinitivo, apresentado anteriormente e que já foi analisado mais detalhadamente. Os demais dados, com matizes discursivos, foram descartados da análise quantitativa. É preciso reforçar a ideia de que ocorrências de natureza discursiva devem ser consideradas separadamente, e investigadas com mais detalhes em outro estudo.

A amostra diacrônica não apresentou dados com as construções *vamos dizer* e *vamos supor* e assemelhadas. Tais formas, que se apresentam mais discursivas, marcando a interação falante/ouvinte, não

apareceram na amostra analisada, embora os diálogos das peças possam propiciar tais contextos de uso. No entanto, encontramos cinco dados de *vai ver* que se apresentam com significação mais discursiva.

(77) BABY: Olha, cara se você der uma voltinha na cidade ou olhar pela janela vai ver que o depósito de lixo lá fora é muito maior! Quando a gente está se sentindo assim é só olhar em volta – dar o tal de look-around-, aí você **vai ver** que não está tão mal assim. A gente dá o tal look-around e canta. Assim, quer ver? (LF1970:15)

(78) MÃE: A menina está comendo muito, Oscar. Engordando demais, Oscar!

PAI: Deixa a menina crescer em paz.

MÃE: Tu **vais ver** as filhas que acabarás criando, Oscar!(BA1970:47)

(79) JORGE: Não é esse o motivo.

OTÍLIA: Se eu pedisse pro Áureo te trazer um whisky? **Vai ver**, estás com a pressão baixa, só isso.

JORGE: Otília, eu tô te dizendo. (DO1970:64)

(80) RÉGIS: sorrindo com ele – Sou uma criança...

KLÉBER: Ainda bem que reconhece. Logo você **vai ver** que toda a argumentação do autor que só você leu, ninguém conhece, é típica de ateus, que não param de inventar ataques à religião. Imagina, falar do caráter de Jesus! Um homem perfeito, um deus. Ele trouxe a bondade ao mundo. (BC2000:40)

(81) JÚLIO: Querer a separação por causa de uma briguinha à toa.

LUISA: Eu não briguei contigo, Júlio. Se tu parar pra pensar, **vai ver** que, desde que eu entrei nessa cozinha, eu tenho evitado brigar. Eu não quero brigar, eu não quero gritar, eu não quero bater boca, eu não quero agredir. Eu só quero viver em paz, ficar sozinha um tempo, me sentir tranquila. (TC2000:200)

Observa-se que no dado (77) a primeira forma de *vai ver* remete, de fato, à ação de “olhar”. Nas demais ocorrências, destaca-se o valor de “perceber”, “observar”. A ocorrência (79) é a que se mostra mais discursiva, apontando para um significado modal de “quem sabe” ou “talvez”. Essas ocorrências trazem o traço de futuridade bastante atenuado. Os dados (80) e (81) parecem realmente projetar uma ação futura, e um contexto desse tipo pode ter sido desencadeador da expansão de uso do item rumo a uma função mais discursiva.

5.1.2.6 Outras formas que codificam futuridade: futuro do presente, haver de + infinitivo e presente do indicativo

Como temos visto ao longo deste capítulo, em nossas amostras oral (sincronia/Varsul) e escrita (diacronia/teatro) encontramos variadas formas que codificam a futuridade no domínio funcional do futuro. Três delas se destacaram: futuro do presente, haver de + infinitivo e presente do indicativo.

O futuro do presente, na amostra sincrônica, totaliza 83 ocorrências (6%)⁹⁰, aparecendo bem abaixo das variadas formas da perífrase IR (presente) + infinitivo (a forma da perífrase propriamente dita, a perífrase com material interveniente e a perífrase em expressões), já discutidas em subseções precedentes, e com frequência aproximada à do presente do indicativo (cf. Tabela 1).

O futuro do presente do indicativo deriva do latim vulgar a partir da forma perifrástica com o verbo *habere* como auxiliar, no presente do indicativo, seguida do verbo principal no infinitivo: *cantare* + *habeo*>*cantarehei*>*cantarei* (CÂMARA JÚNIOR, 1957, p. 121). Inicialmente, o verbo *habere* era usado como modal deôntico e mais tarde tornou-se — tanto no português quanto em outras línguas românicas como o espanhol, italiano e francês — um morfema temporal (cantar-ei). Conforme Fleischman (1982, p. 82), a perífrase tornou-se forma sintética à medida que passava a indicar um sentido de futuridade. Segundo Câmara Júnior (1957, p. 32) e Fleischman (1982, p. 68), a primeira evidência da forma aglutinada ocorre na prosa de Fredegário, século VII, com um sentido imperativo: *Daras*⁹¹.

Alguns exemplos das ocorrências encontradas encontram-se abaixo:

(82) E: Pode plantar o ano inteiro, né?

F: É, bah! As terras aqui eu acho que... espero que netos, bisnetos ainda **terão** um Brasil bem como a gente sonha. Apesar que eu não tenho queixa da vida. A gente sempre trabalhou, sempre teve seu bem estar, mas foi na base de trabalho mesmo, né? (PN 07:07)

⁹⁰ Remetemos o leitor às tabelas 1 e 2 deste capítulo, pois essas formas não apresentam “desdobramentos”. As locuções com futuro do presente (*poderei sair*) e presente do indicativo (*começo a fazer*) serão discutidas na sequência.

⁹¹ A narrativa conta que o rei dos Partos, vencido na guerra, negava-se a entregar a cidade. Justiciano responde-lhe de forma incisiva, usando o futuro do presente: *Daras*.

(83) F: De greve, né? que isso é um horror! Atrapalha, eles ficam todos desorientados sem vontade depois. Está todo mundo na faculdade está meio pesada, né? porque o pessoal fica sem estímulo, sem... Essas paradas são ruins. E ele está estudando, vamos ver. Muito ansioso: "O que que vai acontecer, o que que nós vamos... **Será que** vai ter emprego, **será que** não vai ter, como é que nós vamos fazer!" Aquela ansiedade, sabe? que começa. Então o outro se inclina e diz: "Aproveita que a melhor é agora!" Porque aproveita ele quis dizer, né? porque depois é que vai piorar, né? Porque tu, ali o que tu tens de lutar por teu emprego é tu. Tu tens que ir à luta é tu não tem o teu pai, a tua mãe que dizendo: "Pai, eu preciso de dinheiro, não preciso" "O que precisa a gente escora, né? Ele disse: "Ah! meu Deus do céu!" Ele disse: "Eu acho que eu já estou na economia agora." É, vai ser muito pior." (FC 02:03)

(84) F: (...) E a quarta é a do novo mandamento, que é o campo neutro, um só rebanho para um só pastor, que vem ser a concretização da profecia do próprio Jesus. **Haverá** um só rebanho para um só pastor. Pastor é o Cristo mesmo, né? E a LBV, que eu estou na LBV agora, faço parte, vem a ser, né? a quarta revelação, e o próprio, só complementando isso aí, o próprio o Cristo disse, né? Que mais tarde, ele... As palavras dele que "Mais tarde eu vos **enviarei** o consolador prometido." Né? O consolador, o Espírito Santo, o espírito de verdade. Porque ele também disse, né? "**Conhecereis** a verdade e a verdade vos **libertará**." Quer dizer, a verdade de Deus não a do homem, né? Então pra gente entender isso, só através, como eu falei anteriormente, através da reencarnação. Vem através de ciclos, né? vem de acordo com a evolução da humanidade, entende? Ele inclusive disse também que: "**Passará**" Não me lembro direito, né? **Vou tentar** reproduzir aqui: "**Passará** o céu e a terra, mas minhas palavras não **passarão**." Né? E ele também disse que: "Não saia da Terra essa geração, sem que tudo isso se cumpra." (POA 17:06)

Na amostra sincrônica analisada encontramos poucas ocorrências de futuro do presente que possam ser genuinamente vistas como formas que codificam a futuridade. Apenas 35 ocorrências de fato podem ser consideradas formas codificando a futuridade, como em (82). Dos 83 dados encontrados, 12 são da construção *será que*, expressando modalidade; 13 encontram-se na citação do discurso bíblico, como em (83), e acrescenta-se a esses 13 dados mais 23 que foram usados por um único informante, citando várias passagens da Bíblia, do Novo e Antigo Testamento.

O trabalho de Pontes (1972) já mostra que o futuro do presente está em desuso no português. A autora realizou uma pesquisa analisando a fala espontânea de pessoas cultas do Rio de Janeiro e considerou o futuro do presente uma forma *marginalizada* na linguagem coloquial: as poucas ocorrências de futuro do presente aparecem com a forma

estereotipada *será que* (semelhante ao dado (83)). Estudos mais recentes, resenhados no capítulo 2, também utilizando *corpus* de fala e escrita, mostram conclusões semelhantes, embora muitos desses estudos ainda admitam o uso do futuro do presente.

Por outro lado, na amostra diacrônica o futuro do presente é a forma mais recorrente ($224/614 = 36\%$) para expressar futuridade (cf. Tabela 2). Nessa amostra, observa-se a forma em sua função básica, recobrando grande parte dos contextos do domínio funcional do futuro. Abaixo, ocorrências que ilustram essa função.

(85) ALZIRA: Vais combater contra teus próprios irmãos?

PAULO: Irmãos! Dizes tu? E que me importa isso se só combatendo contra eles é que talvez possa chegar a possuir-te? Vou fazer tremular com honra o pavilhão Britânico por cima do teu nome. **Verás** então minhas façanhas voar de boca em boca; e tu mesma **ficarás** orgulhosa. (CO1850:38)

(86) VÁLTER: Já se conversou. Tem dúvidas, não acredita em Deus.

KLÉBER: Insista, tente convencê-lo. Estou sabendo que é um rapaz brilhante. **Será** uma pena perdê-lo. (BC2000:27)

O dado (86) se mostra muito parecido com os enunciados (1) e (2) apresentados no capítulo Objeto de estudo ((1) *She's going to have a baby.* (02) *She will have a baby.*), em que Bybee e Pagliuca (1987, p.117) propõem a diferença entre os usos da perífrase e do futuro do presente na codificação do domínio funcional do futuro. A maior diferença, segundo Bybee e Pagliuca, é a orientação para o presente, que revela indicações no presente de que alguma coisa vai acontecer. O futuro do presente em (86), *Será*, sugere apenas uma possibilidade de se perder o rapaz, ou seja, de que ele não se coloque mais sob a tutela dos padres. Uma substituição pela forma IR (presente) + infinitivo, *vai ser*, aproximaria a ação da probabilidade de perda.

Outra forma que está, usando as palavras de Pontes (1972), marginalizada na linguagem coloquial é haver de + infinitivo. As ocorrências abaixo ilustram esse uso na amostra do Varsul:

(87) F: (...) Então ela dizia assim, é... usando um refrão de... agora eu não me lembro se é de Camões ou é Gonçalves Dias, que eu lendo eu me gravei. Então dizia: "Nas débeis fragas da lira" Não. "Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha, e nas débeis cordas da lira, **hei de fazê-la** rainha." Uma coisa assim. Eu não estou lembrado se é Gonçalves Dias que escreveu. Aí eu me inspirei naquilo ali, fiz isto aqui, e transformei em música depois. É: "Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha: suas coisas, sua gente, seu passado

e seu presente, que é ao futuro caminha, e se todos cantam sua terra, também vou cantar a minha." E aí eu entro com uma estrofe, lá, falando de mim, na minha apresentação pessoal como um filho aqui de São Borja, né? (...) "São Borja deu homens ilustres, do gaúcho de aba larga; terra de Getúlio Vargas, que hoje está no céu de anil, também de Jango Goulart, que deram sua vida, em parte, pelo povo do Brasil." E aí eu canto de novo, né? "Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha" E aí que trancou o barco, né? (SB 22:04)

(88) E: É bonito?

F: É. E também as próprias igrejas que tem lá, né? Eu me lembro que tem igrejas do... Como é? do tempo do Império feito, né? em mil e quinhentos, mil e quatrocentos, né? Até hoje, né? Pega o... O que eu mais me lembro é aquelas portas, cada enorme porta de madeira dessa grossura, né? Com três, quatro metros de comprimento, três de largura, né? (...)

E: Pesadíssima.

F: Hum? Hã! pesa, **há de pesar** toneladas, né? Duas, três toneladas, né? Pesa que nem uma porta de um cofre desse que usam aí que é tudo de aço, né? E e é de madeira. Esculturada e tudo, umas esculturas, né? Mas ela desliza assim mesmo. Troço que eu jamais ia dizer porque eu cheguei e olhei assim: "Nossa, que monstro de porta. Digo: "Pô, mas esses caras pra... "Pô, quando abrir e fechar isso aí precisa uns dois, três pra empurrar uma porta dessa, né (risos f)? (POA 07:14)

Dos quatro dados encontrados, dois são citação de uma música/poema, como em (87). Os outros dois dados, como em (88), apresentam a construção cristalizada *há de*. Essa forma, como também *será que*, apresentada acima, é fortemente marcada pela modalidade.

Na amostra diacrônica, entretanto, a forma *haver de* + infinitivo mostra-se bastante produtiva nos três primeiros períodos (39/71 = 26%; 22/71 = 17%; 8/71 = 8%; cf. Tabela 2), decaindo radicalmente a partir do momento em que a forma perífrase IR (presente) + infinitivo ganha espaço (Gráfico 3). Apresentamos algumas ocorrências para ilustrar os contextos de uso dessa forma:

(89) ESTHER: Obrigada, Arnaldo. Aqui tens a minha recompensa (beija-o na testa). Tratemos agora do assumpto que tanto nos alegra: a chegada de teu pae. Quanto sinto não conhecel' o!... Não possues algum retrato de' elle?

ARNALDO: Por causalidade, nenhum. Mas vel-o-às em breve e **has de orgulhar**-te, apreciando em teu sogro um excelente velho, um tanto perdulário, é certo, mas elegante e cavalheiro como um verdadeiro fidalgo. (NA1886:18)

(90) VÁLTER: Bom rapaz, mas meteu isso na cabeça. Quase uma idéia fixa.

KLÉBER: Mas boa pinta como é, **há de ter** outros interesses, logo vai ter. (BC2000:38)

Nos períodos mais produtivos, observamos a forma haver de + infinitivo em todas as pessoas do discurso. À medida que a forma entra em declínio, apenas expressões com usos mais especializados, como *há de* (dado 90) e *hei de*, permanecem.

Por fim, encontramos também a forma do presente do indicativo codificando futuridadade. Em muitos trabalhos que mostram a variação no domínio funcional do futuro, citados no capítulo 2, o presente é visto como uma forma ativa, que se apresenta como variante da perífrase IR (presente) + infinitivo na codificação da futuridadade. Observa-se que uma vez estabelecido o contexto de futuridadade, o presente do indicativo é favorecido, sem risco de perda da interpretação futura. Caracteriza-se, assim, uma leitura funcional dos resultados: o futuro é instaurado pelo contexto semântico-discursivo, o que libera a forma verbal deste papel temporal. Abaixo, apresentamos algumas ocorrências encontradas com essa forma na amostra oral:

(91) E: A senhora viajou bastante, né?

F: Ah! eu viajei, ainda pretendo, se eu não morrer, viajar bastante ainda. Agora no que a casa ficar pronta que eu me aposentar, né? Daqui dois anos e pouco eu me **aposeno**. Aí eu penso. É a única coisa que eu gosto, né? Os filhos não precisam mais de mim. Estão tudo bem. Fazer o quê? Passear! (POA 06:12)

(92) E Agora é casualidade, então, o senhor estar em casa?

F É, eu vim porque eu tinha um compromisso ontem aí, então eu vim. Agora só **volto** dia treze. Tinha um casamento aí da filha daqueles advogados que estavam aí hoje mexendo comigo, né? Não viu um que estava parado aí? Ah! tu estavas aí! aquele da caminhonete! (SB 01:05)

O uso do presente para codificar tempo futuro é não só comum como também antigo. Desde o Império Romano o presente do indicativo é usado para substituir o futuro do presente em todo o tipo de texto. Grandgent (*apud* FLEISCHMAN, 1982, p. 200)⁹² encontrou textos de Cícero⁹³ nos quais o presente foi empregado com valor de tempo futuro em sentenças condicionais.

Esse fato ilustra o quanto a forma do presente do indicativo é maleável e adapta-se aos tempos e modos existentes na língua. Em outras palavras, o presente do indicativo pode ser ambíguo, por apresentar

⁹² GRANDGENT, C. **Introduction to Vulgar Latin**. Boston: D. C. Heath, 1963.

⁹³ Cícero foi um famoso jurista, político, literato e orador entre 106 e 43 a.C. (PADOVANI; CASTAGNOLA, 2000, p. 159)

muitas atribuições, tais como: (i) enunciar um fato que ocorre no momento de fala; (ii) indicar ações e estados permanentes; (iii) expressar ação habitual; (iv) dar cor a eventos ocorridos no passado (presente histórico); (v) marcar um fato futuro.

Segundo Câmara Júnior (1957, p. 222), o presente tem uma capacidade neutralizadora, tornando-se um tempo básico (zero), sem perspectivas. Sua função é, geralmente, ressaltar a situação comunicada, independentemente de essa situação ser anterior, simultânea ou posterior à sua enunciação. Esse fato permite ao presente do indicativo expressar valores aspectuais e semânticos que, na maioria das vezes, dependem de um contexto para a sua realização e pelo qual a ambiguidade é desfeita.

Câmara Júnior (1985, p. 199) comenta que o presente situa o momento de fala, opondo-se ao pretérito e ao futuro, mas pode haver, como apontamos acima, uma neutralização e então o presente pode codificar futuro. Para esse autor (CÂMARA JR., 1957, p. 22), a neutralização da oposição entre presente e futuro permite àquele abranger os conteúdos futuros, mais especificamente, o futuro certo, factual. Há, nesse caso, uma divisão de trabalho: a forma de futuro tende a codificar sentidos modais e o presente será a forma preferida para enunciar proposições futuras como verdadeiras⁹⁴.

No estudo feito por Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 276), o uso do presente do indicativo com sentido de futuro é generalizado, gnômico, associado a predições e ocorre frequentemente em textos narrativos. Essas características sugerem, segundo as autoras, que o caráter mais específico partiu da generalidade para tornar-se influenciado pelo contexto, ou seja, o uso do presente do indicativo como futuro depende de um contexto apropriado.

É importante lembrar que, de todas as formas encontradas na amostra oral (sincronia/Varsul), o presente ($93/1.355 = 7\%$) é a que mais rivaliza com a perífrase IR (presente) + infinitivo ($659/1.355 = 49\%$) na codificação do domínio funcional do futuro (cf. Tabela 1).

Na amostra escrita (diacronia/teatro), o presente do indicativo se mantém ao longo dos períodos, ainda que com baixa frequência e em

⁹⁴ Um estudo de Poplack e Turpin (1999), que trata do francês falado em Ottawa-Hull, mostra que o falante usa o presente quando o evento futuro é determinado ou planejado. Em outras palavras, o presente indica factualidade, mesma opinião de Câmara Júnior (1957). As autoras utilizaram a metodologia variacionista para analisar o tempo futuro e chegaram à conclusão de que fatores de natureza temporal, modal, semântica e pragmática são relevantes na escolha das formas de futuro.

menos quantidade que na fala. Observem-se as ocorrências da amostra diacrônica que ilustram o uso dessa forma com valor de futuro:

(93) EULÂMPIA: Não é! Foi meu companheiro de viagem, muito amável, sempre pronto, e eu... desejava que ele se arranjasse depressa, coitado. Ora, aí está.

PITORRA: Está bem. Logo que o Cidreira chegue, **decidimos**. Passei na loja e pedi-lhe alguns objetos que ele mesmo ficou de trazer. (VP1888:50)

(94) ANA: Depois eu posso brincar na casa da Gabriela?

DONA VIRGÍNIA: A Gabriela é a filha da costureira?

ANA: É.

DONA VIRGÍNIA: Tu podes, mas não conta para teu pai.

ANA: Então eu vou avisar ela e já **volto**.

DONA VIRGÍNIA: Agora é hora do almoço! (BA1970:23)

Ainda que se mantenha ao longo das décadas, o presente do indicativo requer um contexto estabelecido de futuridade para, de fato, marcar a situação futura. Esse pode ser um dos fatores que restringe sua presença na amostra diacrônica (21 dados = 3%) em comparação com a amostra sincrônica (93 dados = 7%) – conforme tabela 2 e tabela 1, respectivamente. Na fala, parece que dispomos de mais recursos para sinalizar a futuridade do contexto. O texto escrito, mais elaborado, pode reduzir essa possibilidade.

5.1.2.7 Locuções com futuro do presente e presente do indicativo

Um outro tipo de formas que se apresentou produtivo em nossas amostras foi o que estamos identificando como de locuções com futuro do presente e Presente do indicativo. Esse grupo apresenta um verbo auxiliar (basicamente modal ou aspectual) num desses tempos gramaticais e o verbo principal no infinitivo. Abaixo, as tabelas 12 e 13 apresentam a distribuição dessas formas sincrônica e diacronicamente.

Tabela 12: Natureza do verbo auxiliar no futuro do presente e presente do Indicativo dentro do domínio funcional do futuro na amostra oral (sincronia/Varsul)

		POA	FC	PAN	SB	Total
		N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Locução Futuro do Presente	Modal	5/83%	1/50%	1/100%	3/75%	7/77%
	Aspectual	0/0%	0/0%	0/0%	1/25%	1/8%
	Outros	1/17%	1/50%	0/0%	0/0%	2/15%
	TOTAL	6/46%	2/15%	1/8%	4/31%	10/100%
Locução Presente do indicativo	Modal	7/70%	7/100%	15/94%	6/86%	35/88%
	Aspectual	3/30%	0/0%	1/6%	1/14%	5/13%
	TOTAL	10/25%	7/18%	16/40%	7/18%	40/100%

Tanto para o futuro do presente como para o presente do indicativo, na amostra sincrônica, o grupo dos modais é composto pelos verbos *poder* e *ter que*. Nota-se que, para a locução no presente do indicativo, é preciso, ainda, alguma indicação no contexto para que de fato se estabeleça a futuridade. Apresentamos as ocorrências com verbos modais para ambos os tempos gramaticais:

(95) F: O prefeito que temos hoje, né? É o prefeito que o povo mereceu, né? Está tudo aí entupido, buracos todos abertos, essas tampas todas aí uma pessoa até à noite, quando falta luz aqui, **poderá se machucar**, cair. Quem vai indenizar essa pessoa? Quem vai pagar isto? É o que nós temos aqui agora, é uma anarquia. (POA 01: 04)

(96) E: E a senhora não quis continuar?

F: Eu quis continuar, eu queria. O meu sonho era ir pra escola complementar. Mas meu pai era funcionário público, ele trabalhava no estaleiro da Praça da Harmonia. E ele dizia: "Não vou ter condições. Mais tarde, se tu tens tanta vontade de ser professora, tu passas. Depois, minha filha, a gente está sabendo que professores, que vão fazer estágio, geralmente têm que ir pra fora." (...) Foi uma das alegações que o meu pai me deu, explicações que ele me deu. Ele disse: "Não, minha filha, tu **terás que ir** pra fora e o pai não vai se deslocar aqui seja pra onde eles te botarem e tu sozinha também não irás." (POA 16:05)

(97) E: E a senhora sofreu muito na época da guerra dos judeus?

F: Sim, nós sofremos. Hã! nós tínhamos uma biblioteca herdada do vô da Alemanha, né? (...) E nossos livros aqui durante a guerra foi tirado tudo. Limparam a nossa casa, a mãe tinha ainda lembrança da vovó bordada em linho hã! como capa de travesseiro e guardanapo, tudo isso. Tudo levaram. Onde tinha uma letra alemã levaram tudo. (...)

E: Entravam na casa?

F: É, mal pediram licença: "Vamos revistar a casa, o que for de alemão **tem que entregar**".

E: E os seus pais falavam hã! "só em alemão"? (PN 05:02)

(98) F: E pra presidente votei no Collor. E tenho ainda uma esperança que o Collor vai dar uma viravolta. Não perdi ainda a esperança. Porque está ruim, né? nosso Brasil.

E: Está muito mal.

F: Bah! diz que agora, o ano que vem vai ser cinzento. Digo: "Bom, e se for cinzento já não é negro, né?" Ainda **pode ter** uma melhora.

E: Ai! eu já acho que já está negro.

F: É, eu acho que já está. Vamos ver. Eu não ouvi nada hoje ainda, porque eu tinha uma roupa pra passar, e o meu... Eu tenho a tomada na cozinha que é do rádio, então liguei o rádio um pouco hoje pra ouvir, enquanto eu estava tomando café, a Vêneton um pouco. (FC 16:09)

Observamos que 90% dos dados com presente do indicativo precisam da ideia de futuridade marcada no contexto para ocorrer, como em (97), que está expresso pela perífrase *vamos revistar* ou na ideia semântica do verbo auxiliar *poder* (ocorrência 98). Essa característica do presente do indicativo ocorre também com o grupo de auxiliar aspectual. Observem-se as ocorrências:

(99) E: Como é o trabalho que a senhora faz aqui?

F: Mas aqui a nós... É assim, ó, é serviço geral, né? agora nesta época estou aqui junto com elas no hotel, depois, agora em março volta... Eles estão pra praia, né? daí voltam os patrões pra casa, daí eu passo pra casa deles ali. Aqui do ladinho. E aí... Daí então **começarão a voltar** os que estão em férias, né? É assim o nosso esquema de serviço. (SB 15:07)

(100) E: Eles não vão sozinhos?

F: Não, porque tem que atravessar a rua. Agora, acho que mais um ano, dois já vai dar, mas é que o Rodrigo já está começando a se desinteressar por pracinha. Mas aí ele vai levar os irmãos, agora, mais um ano ou dois, ele já **começa a levar** os irmãos na pracinha porque ele já está quase atravessando a Protásio sozinho. (POA 08:08)

Nas ocorrências acima, observa-se que a locução com o futuro do presente (dado 99) diferencia-se da locução com verbo no presente do indicativo (dado 100), já que esta última, novamente, apresenta a futuridade expressa no contexto, com a presença da perífrase (*vai dar, vai levar*) assegurando a futuridade.

A amostra diacrônica apresentou-se mais rica em relação ao número de ocorrências com o futuro do presente (dados 101, 102 e 103, abaixo) do que a amostra sincrônica, distribuindo seus dados em verbos modais, aspectuais e na forma estar + *ndo*. Esta última (dado 103) é uma locução com três verbos, que aparece nas últimas décadas da amostra.

(101) VÍTOR: E **poderei fazê-lo**? As emoções deste dia me sufocam! Tu me recebes em teus braços; Ana respira debaixo destes mesmos tetos, e vejo e piso pela primeira vez o solo da pátria, que deixei sem saber inda pronunciar seu nome! Há uma luta em meu coração entre a alegria e a tristeza, entre a dúvida e a esperança!... (TR1880:180)

(102) ARNALDO: (levantando-se e entregando a Pedro meia dúzia de tiras de papel) Leva isto átypographia. Dize ao administrador que eu mesmo **irei revisar** o artigo. Vai. (NA1880:09)

(103) ÁUREO: Depois do jantar providenciaremos o funeral. Os senhores serão avisados sobre o enterro. Agora, por favor, me acompanhem. Em cinco minutos, não mais do que isso, o jantar **estará sendo servido**. Por favor, me acompanhem.

Tabela 13: Natureza do verbo auxiliar no futuro do presente e Presente do Indicativo dentro do domínio funcional do futuro na amostra escrita (diacronia/teatro)

	1850- 1870	1880- 1900	1910- 1930	1940- 1960	1970- 1990	2000- 2010	Total
Locução	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
F. do presente							
Modal	4/100%	3/50%	10/100%	3/100%	2/50%	0/0%	22/81%
Aspectual	0/0%	3/50%	0/0%	0/0%	1/25%	0/0%	4/15%
Estar+ndo	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/25%	0/0%	1/4%
TOTAL	4/15%	6/22%	10/37%	3/11%	4/15%	0/0%	27/100%
Loc. P. do Indicativo							
Modal	2/100%	2/100%	2/100%	1/100%	1/100%	0/0%	8/100%
TOTAL	2/100%	2/100%	2/100%	1/100%	1/100%	0/0%	8/100%

Uma das características das locuções modais/aspectuais de futuro do presente na amostra diacrônica é que elas vão desaparecendo, ao longo dos anos, conforme a forma do futuro do presente também vai rareando. As locuções de futuro do presente com verbos aspectuais (4/15%) são todas com o verbo IR (dado 102, *irei revisar*), que marca o aspecto através de seu significado inerente. Esses dados, no entanto, não foram agregados à perífrase IR (presente) + infinitivo, pois se apresentam em forma gramatical diferenciada – futuro do presente e não presente do indicativo – além de serem, no total, um número bastante reduzido.

Por outro lado, as locuções com a forma de presente do indicativo (dado 1048) são muito poucas, se formos comparar com a amostra sincrônica. Os dados de locução com presente do indicativo (7 dados com *poder* e 1 dado com *dever*), conforme dito anteriormente, exigem a presença de um contexto que expresse futuridade, já que somente o verbo modal no presente do indicativo não sustenta a projeção futura:

(104) MONA: Já que a gente vai ficar aqui a noite toda e ninguém vai dormir, claro, **podemos fazer** uma coisa ótima: uma festa à fantasia! (LF1970:21)

O dado (104) projeta a futuridade com a perífrase IR (presente) + infinitivo (*vai ficar, vai dormir*).

5.2 AS FORMAS DE FUTURIDADE: COMPARAÇÕES ENTRE PESQUISAS

Nesta seção, propomos observar com mais detalhes os resultados obtidos nas pesquisas descritas no capítulo 2 – Santos (2000), Gibbon (2000), Nunes (2003), Oliveira (2006), Bragança (2008), Fonseca (2010) e Tesch (2011) – que utilizam *corpus* sincrônico (fala) e a nossa amostra oral (sincronia/Varsul), bem como aquelas que utilizaram *corpus* diacrônico – Oliveira (2006), Malvar e Poplack (2008), Silva (2010), Strogenski (2010) e Gibbon (s/d) – com a nossa amostra escrita (diacronia/teatro). Nosso objetivo com essa comparação é estreitar diferenças e semelhanças entre as amostras em foco para descrevermos um panorama do caminho de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo no português do Brasil, a fim de apontarmos diferenças regionais que nos permitam revelar aspectos importantes para a presença de *VOU IR* na fala dos gaúchos.

Outro objetivo é observarmos a entrada da perífrase IR (presente) + infinitivo nas pesquisas com amostras variadas, especialmente observar seu movimento com as formas futuro do presente, presente do indicativo e haver de + infinitivo, que se apresentam como concorrentes da perífrase no domínio funcional do futuro.

Para fins didáticos, retomamos a segunda questão proposta no capítulo anterior, *Como se comporta diacronicamente e sincronicamente a perífrase IR (presente) + infinitivo nas amostras do Rio Grande do Sul, em relação a outras amostras brasileiras?*, lembrando que nossa hipótese é de que as amostras do Rio Grande do Sul apresentem maior frequência de uso da perífrase IR (presente) + infinitivo e, possivelmente, os contextos de ocorrência desta forma estejam também mais “espraiados”,

já que encontramos usos na escrita e na fala da construção mais gramaticalizada *VOU IR*.

Ressaltamos, ainda, a importância de critérios mínimos para fins de comparação entre as amostras: a modalidade falada mais espontânea possível (amostra oral (sincronia/Varsul)) e obtenção de ocorrências ao longo de cada século, envolvendo pelo menos os séculos XIX e XX (amostra escrita (diacronia/teatro)). Observando esses critérios, excluimos de nossa comparação quantitativa os trabalhos com amostras de fala de Santos (1997) e Malvar e Poplack (2008) – desse último permaneceu apenas a amostra da modalidade escrita – e os trabalhos com amostras escritas de Bragança (2008) e Tesch (2011), embora comentários comparativos adicionais venham a ser realizados considerando-se também esses trabalhos.

Assim, dividimos esta seção em duas subseções: em 4.2.1 voltamos a descrever brevemente aspectos relevantes das pesquisas selecionadas para a comparação de resultados obtidos a partir de análises da modalidade falada, comentados primeiramente de forma ampla e, depois, tratados com algum detalhamento; em 4.2.2 focalizamos a modalidade escrita, descrevendo os *corpora* utilizados por cada pesquisa e apontando, comparativamente, os resultados obtidos – sempre colocando relevo em nossas amostras.

5.2.1 Comparação sincrônica – modalidade falada

Com respeito aos *corpora* sincrônicos (fala)⁹⁵, começamos pelo trabalho de Santos (2000), cujo *corpus* foi organizado a partir de duas: uma formal (entrevistas da Rádio JB) e uma informal (*corpus* Gryner). Optamos por selecionar apenas a amostra informal, de acordo com os critérios mínimos para comparação apresentados anteriormente. O *corpus* Gryner é composto por 16 informantes cariocas, estratificado em escolaridade (8 universitários e 8 que não completaram o primário) e a faixa etária (8 entre 15 e 24 anos e 8 acima de 35 anos). A autora encontrou 871 ocorrências, distribuídas entre futuro do presente (54/6%), forma perifrástica IR (presente) + infinitivo (486/56%) e presente do indicativo (331/38%). A perífrase ocorreu com os fatores ausência de verbo modal (verbos modais), verbo precedido de perífrase (paralelismo discursivo) e sujeito animado (animacidade do sujeito).

⁹⁵ Os resultados desses trabalhos, para fins de comparação, encontram-se na tabela 14, apresentada a seguir.

O segundo trabalho contemplado é o de Gibbon (2000). Nossa dissertação teve como *corpus* 36 entrevistas da cidade de Florianópolis/SC (Projeto Varsul), cujos informantes são distribuídos homogeneamente entre as variáveis sexo, idade e escolaridade. Como resultado, encontramos um total de 743 ocorrências assim distribuídas: 10 (1%) dados de futuro do presente, 280 dados (38%) de perífrase IR (presente) + infinitivo e 453 (61%) dados de presente do indicativo. O número inexpressivo de futuro do presente não permitiu incluir essa forma no controle quantitativo de grupos de fatores. A perífrase foi favorecida por modo indicativo (tempo/modo da oração vinculada ao dado), verbo principal de estado (tipo semântico de verbo principal), tempo futuro do presente (ponto de referência), pessoa dos interlocutores (pessoa do discurso) e modalidade deôntica agregada ao auxiliar *querer* (tipo de auxiliar).

Nunes (2003) organizou seu *corpus* com 24 informantes da cidade de Pelotas/RS (BDS Pampa), divididos entre as variáveis sociais sexo, escolaridade e faixa etária. A análise, que somou 654 dados, ficou limitada às variantes futuro do presente (33/5%) e perífrase IR (presente) + infinitivo (621/95%). A autora propôs apenas as variáveis sociais, das quais a faixa etária, única variável com resultado expressivo, favoreceu levemente a perífrase.

A pesquisa de Oliveira (2006) utiliza uma amostra sincrônica (fala e escrita) e outra amostra diacrônica (escrita), da qual trataremos na sequência. Neste momento, interessa-nos a amostra sincrônica da fala. Essa amostra envolve duas décadas (1970 e 1990) e duas cidades (Salvador e Rio de Janeiro). Trata-se do *corpus* Projeto NURC e compõe-se de uma fala mais monitorada (EFs) e outra menos monitorada (DIDs). A autora trabalha com as duas modalidades na década de 1970 e apenas com os DIDs na década de 1990.

A década de 1970 apresentou 226 dados, distribuídos entre as formas futuro do presente (25/11%), perífrase IR (presente) + infinitivo (164/73%) e presente do indicativo (37/16%). Os fatores maior número de sílabas (extensão fonológica do verbo), sujeito agente (papel temático do sujeito), ocorrência isolada (paralelismo sintático-discursivo), futuro próximo (projeção da futuridade) e cidade do Rio de Janeiro (procedência geográfica do informante) favoreceram a perífrase.

Na década de 1990 foram encontradas 167 ocorrências: futuro do presente (5/3%), perífrase IR (presente) + infinitivo (137/82%) e presente do indicativo (25/15%). A perífrase alcançou outros contextos nos grupos de fatores estudados, ou seja, além do maior número de sílabas (extensão

fonológica do verbo), a perífrase avançou em contextos como sujeito experienciador e paciente (papel temático do sujeito).

Bragança (2008) considerou dados de fala e escrita. Quanto à fala, a autora utilizou 12 entrevistas de informantes universitários do projeto PortVix, estratificados em sexo, escolaridade e faixa etária. A pesquisadora encontrou 355 dados, distribuídos entre futuro do presente (4/1%), perífrase IR (presente) + infinitivo (350/99%) e IR (futuro) + infinitivo (1/0%). Uma vez que a distribuição dos dados mostra que não houve variação na amostra de fala, a autora realizou a análise variacionista apenas com a amostra da modalidade escrita.

Fonseca (2010) realizou sua pesquisa sob o enfoque variacionista com duas variáveis: futuro do presente e futuro do pretérito. Seu *corpus* constitui-se de 152 entrevistas do projeto Iboruna, as quais estão estratificadas nas variáveis sociais sexo, escolaridade, faixa etária e renda. As 555 ocorrências da variável futuro do presente ficaram distribuídas entre futuro do presente (14/3%) e perífrase IR (presente) + infinitivo (541/97%). Não foi possível, devido aos resultados encontrados para as duas variantes, dar um tratamento variacionista para essa variável.

Tesch (2011) propôs amostras de língua escrita (*Jornal A Gazeta*) e de língua falada (*corpus* PortVix). A amostra de fala compõe-se de 22 entrevistas e as 1.077 ocorrências foram distribuídas entre futuro do presente (4/1%), perífrase IR (presente) + infinitivo (867/80%) e presente do indicativo (206/19%). A autora assume uma variação binária, revelando que o futuro do presente está desaparecendo da fala capixaba. De acordo com os grupos de fatores analisados, a perífrase é favorecida pelos seguintes fatores: ocorrência isolada e primeira de uma série (paralelismo), verbo não modal (verbo modal), maior número de sílabas (extensão lexical do verbo), 1ª e 2ª conjugações (conjugação verbal).

Uma vez realizada a breve descrição dos resultados dos trabalhos sobre o domínio funcional do futuro e as principais formas usadas para codificá-lo, passamos à comparação das amostras de fala. A tabela 14, abaixo, apresenta esses resultados:

Tabela 14: Distribuição das formas futuro do presente, Ir + Infinitivo e presente do indicativo nas pesquisas consultadas e nossa amostra – amostras de fala

Autor/Amostra	Futuro do presente	Ir + infinitivo	Presente do indicativo	Total
	N/%	N/%	N/%	
Santos (2000)				
Corpus Gryner/ Rio de Janeiro-RJ 1980 Fundamental, Médio e Superior/15 anos –	54/6%	486/56%	331/38%	871
Gibbon (2000)				
VAR SUL /Florianópolis-SC 1990 Fundamental e Médio/25 anos –	10/1%	453/61%	280/38%	743
Nunes (2003)				
BDS Pampa/Pelotas-RS 1990 Fundamental 1º Ciclo e Médio/16 anos –	33/5%	621/95%	—	654
Oliveira (2006)				
NURC/Salvador-BA 1970 Superior/25 anos –	45/22%	131/63%	31/15%	207
Oliveira (2006)				
NURC/Rio de Janeiro-RJ 1970 Superior/25 anos –	62/12%	391/77%	57/11%	510
Oliveira (2006)				
NURC/Salvador-BA 1990 Superior/25 anos –	0/0%	41/89%	5/11%	46
Oliveira (2006)				
NURC/Rio de Janeiro-RJ 1990 Superior/25 anos –	5/3%	137/85%	20/12%	162
Bragança (2008)				
Vitória-ES 2000 Universitários/15 anos –	5/1%	350/99%	—	355
Fonseca (2010)				
Iboruna/SP 2000 Fundamental, Médio e Superior/16 anos –	14/3%	541/97%	—	555
Tesch (2011)				
PortVix/Vitória-ES 2000 Fundamental, Médio e Superior/7 anos –	4/0%	867/81%	206/19%	1.077
Nossa Amostra				
VAR SUL/RS 1990 Fundamental e Médio/25 anos –	83/7%	840/75%	192/17%	1.115
TOTAL	315	4.858	1.045	6.295

A tabela 14 mostra a superioridade em números e porcentagens da perífrase IR (presente) + infinitivo sobre as demais formas na codificação do domínio funcional do futuro. Observamos que todos os trabalhos aqui apresentados apontam maior porcentagem dessa forma. Mesmo a amostra que apresenta modalidade de fala mais formal – os EFs (NURC) da década de 1970 de Oliveira (2006) – traz a preferência pela perífrase na fala dos informantes.

O presente do indicativo, que não foi controlado nos estudos de Nunes (2003), Bragança (2008) e Fonseca (2010), é a segunda forma preferida para essa função. Sua porcentagem só fica abaixo do futuro do presente nas amostras da década de 1970 (OLIVEIRA 2006), o que parece compreensível se atentarmos para o fato de que se trata de amostras mais antigas e que também representam a fala mais monitorada (EFs). A presença do presente do indicativo como marca de futuridade é instigante, pois muitos dos trabalhos aqui resenhados apontam a necessidade de um contexto específico para que essa forma ocorra nessa função – por exemplo, a especificação adverbial e o verbo principal IR (cf. MALVAR; POPLACK, 2008, p. 201).

O futuro do presente, por outro lado, encontra-se em desuso, marcado por porcentagens inexpressivas e, em alguns casos, impedindo o tratamento variacionista pretendido por algumas pesquisas. Atentamos para o fato de que nossa amostra apresenta a maior porcentagem (7%) dessa forma entre as amostras da década de 1990. Lembramos que entre nossos informantes houve muita citação bíblica, discurso que ainda retém o uso de futuro do presente.

Para melhor visualização da disputa das três formas mais encontradas em *corpora* de fala, apresentamos o gráfico 6 a seguir. Salientamos que as pesquisas de Nunes (2003), Bragança (2008) e Fonseca (2010) não foram contempladas nesse gráfico, pois não era o objetivo das autoras analisar o presente do indicativo:

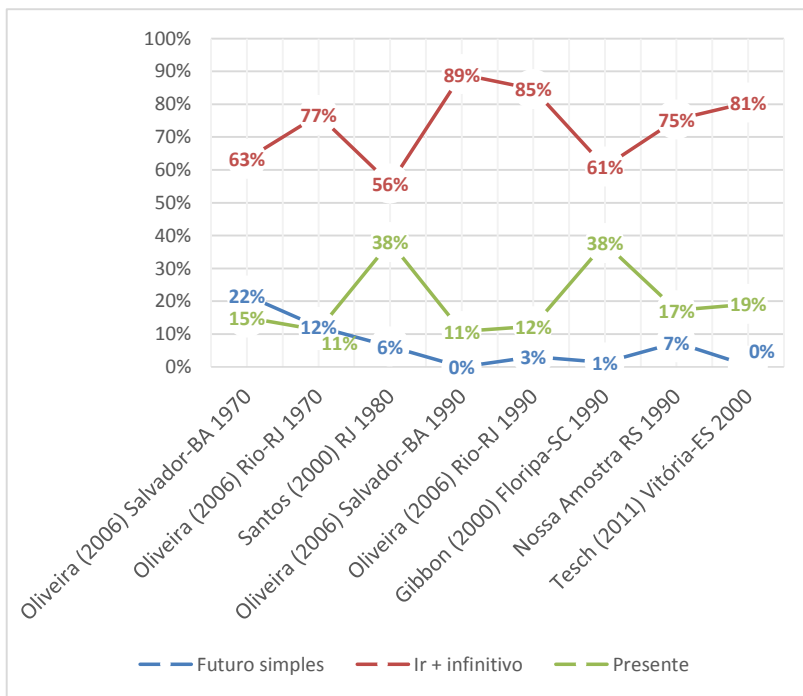


Gráfico 6: As formas futuro do presente, Ir + Infinitivo e presente do indicativo nas pesquisas consultadas – amostras de fala

O gráfico 6 permite visualizar melhor a soberania da perífrase IR (presente) + infinitivo sobre as outras formas, bem como o desaparecimento do futuro do presente e a posição intermediária do presente do indicativo.

Observamos que as amostras seleccionadas constituem um eixo diacrônico da modalidade oral, apresentando resultados concernentes a quatro décadas distintas (1970, 1980, 1990 e 2000). Levando em consideração essa informação, nota-se o crescimento relativamente gradual da perífrase (com dois picos de queda – Rio de Janeiro, 1980 e Florianópolis, 1990 –, correlacionados a picos de aumento do presente do indicativo) e o enfraquecimento do futuro do presente. No gráfico 7 – no qual apresentamos apenas as formas do futuro do presente e perífrase IR (presente) + infinitivo e acrescentamos as pesquisas de Nunes (2003), Bragança (2008) e Fonseca (2010) – a discrepância no uso dessas duas formas é mais nítida:

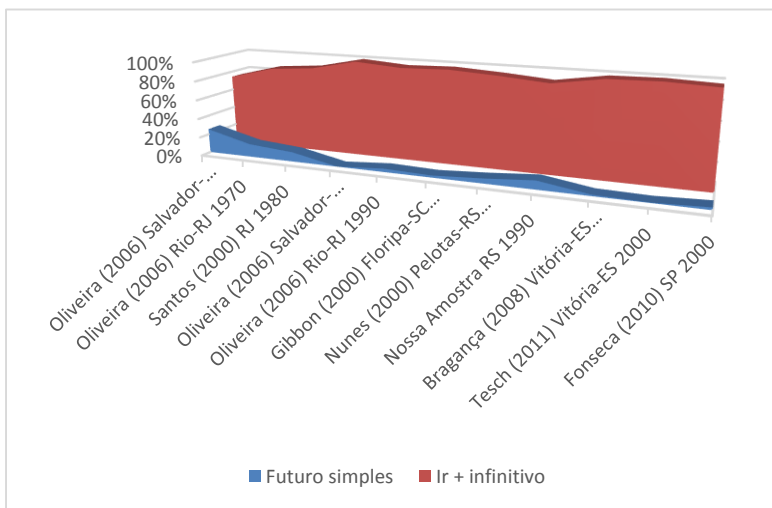


Gráfico 7: Futuro do presente e perífrase nas pesquisas consultadas – amostra de fala

Esse gráfico mostra não só o quanto a perífrase, ao longo das quatro décadas representadas na modalidade falada, predomina largamente como forma de codificação do domínio funcional do futuro, mas também ilustra a improdutiva participação do futuro do presente nesse cenário.

Entre os trabalhos não computados no gráfico 7, o de Santos (1997), cuja amostra era de textos transcritos da fala do Diário do Congresso Nacional da década de 1990, apresentou 369 ocorrências para o futuro do presente (67%) e 179 para a perífrase (32%). O presente do indicativo foi retirado da análise, por apresentar apenas 4 ocorrências (1%). A pesquisa de Malvar e Poplack (2008), com dados de fala da comunidade de Brasília (DF), obteve para o futuro do presente 4 ocorrências (1%), para a perífrase 613 ocorrências (85%) e para o presente do indicativo 104 ocorrências (14%). A amostra formal de Santos (2000), entrevistas da Rádio Jornal do Brasil da década de 1980, obteve 278 (30%) ocorrências para o futuro do presente, 280 (30%) ocorrências para a perífrase e 383 (40%) ocorrências para o presente do indicativo.

A análise da porcentagem desses últimos trabalhos aponta para a superioridade do futuro do presente (67%) na amostra mais formal –

Diário do Congresso Nacional –; em contrapartida, a perífrase (85%) disparou na amostra informal – dados de fala da comunidade de Brasília (DF) –, que parece ser a amostra mais parecida com as escolhidas para a comparação na tabela 14. O presente do indicativo, por outro lado, só apresenta sua superioridade frente à perífrase na amostra formal – entrevistas da Rádio Jornal do Brasil da década de 1980 – de Santos (2000).

Em resumo, para a utilização do presente do indicativo, a justificativa usual é a necessidade de contexto de projeção futura para que esta forma possa expressar futuridade. As palavras de Santos (1997, p. 67) resumem esse comentário:

[...] o presente como futuro não é uma variante completa do futuro, pois sua realização depende de ambiente favorecedor (adjunto adverbial de tempo, oração condicional, verbo anterior no futuro) ou do semantema do verbo, condições desnecessárias quando se trata de futuro simples e futuro perifrástico.

Nesse sentido, ressalta-se a supremacia da perífrase IR (presente) + infinitivo na fala informal do PB para codificar o domínio funcional do futuro. Primeiro porque sua concorrente mais tradicional – o futuro do presente – mostra-se em decréscimo, e segundo porque o presente do indicativo – forma que assume a concorrência com a perífrase na maioria dos trabalhos comentados – requer a presença de um *ambiente favorecedor* para codificar o domínio funcional do futuro.

Passemos, agora, à comparação entre as amostras da diacronia – modalidade escrita.

5.2.2 Comparação diacrônica – modalidade escrita

Na comparação diacrônica poderemos observar o “nascimento” da perífrase IR (presente) + infinitivo nos *corpora* selecionados, bem como seu crescimento gradual e sua relação com as demais formas consideradas mais produtivas no domínio funcional do futuro.

A primeira pesquisa que trata de uma amostra diacrônica é a de Oliveira (2006). A autora, utilizando um *corpus* diacrônico – composto de documentos de prosa medieval, cartas e documentos oficiais, como testamento e obras legislativas – identifica a origem da variante inovadora e a sua implementação tomando por base o paradigma da

gramaticalização. O quadro 2, abaixo, descreve a amostra diacrônica da autora:

Século	Texto(s)
XIII	Testamento de Afonso II Foro Real de Afonso X
XIV	Flos Sanctorum
XV	Vida de Tarsis Vida de uma Monja Morte de S. Jerônimo Vida de Santa Pelágia A Carta de Caminha
XVI	Cartas de D. João III
XVII	Cartas do Pe. Antônio Vieira
XVIII	Cartas Oficiais Cartas de Comércio – Brasil Cartas Comuns
XIX	Cartas Oficiais Cartas Pessoais Cartas de Editores

Quadro 2: *Corpus* diacrônico (séculos XIII a XIX) da pesquisa de Oliveira (2006)
Fonte: Oliveira (2006, p. 64)

Oliveira (2006) não trata de variação em sua amostra diacrônica, preferindo analisá-la qualitativamente – essa análise foi detalhada no capítulo 2, seção 2.4. Como resultado desse estudo, Oliveira (2006, p. 105) atesta que a perífrase faz uma trajetória inversa à do futuro do presente, porém sincronizada com a forma de haver de + infinitivo. A perífrase vai aumentando sua frequência na medida em que haver de + infinitivo decresce. O presente do indicativo mostra-se em evolução pouco transparente, quase estável, ao longo dos períodos estudados. A pesquisadora (OLIVEIRA, 2006, p. 106) propõe um esquema para resumir seus resultados (> = maior):

Século XVIII: futuro simples > *haver de* + infinitivo > presente / *ir* + infinitivo

Século XIX: futuro simples > *haver de* + infinitivo / *ir* + infinitivo > presente

Século XX: futuro simples > *ir* + infinitivo > presente > *haver de* + infinitivo

Quadro 3: Esquema dos resultados das formas na amostra diacrônica – Oliveira (2006)
 FONTE: Oliveira (2006, p. 106)

Malvar e Poplack (2008) organizaram um *corpus* de teatro que se propõe a ser bastante popular. Segundo as autoras, o propósito de cada texto era ser encenado em lugares públicos. O quadro 4, abaixo, detalha esse *corpus*:

Século	Ano de publicação	Obra	Autor
XVI	1509	Auto da Índia	Gil Vicente
	1512	O velho da Horta	
	1517	Auto da Barca do Inferno	
	1523	Farsa de Inês Pereira	
	1526	Farsa de Almocreves	
	1533	Romagem dos Agravados	
XVIII	1734	Esopaida ou A Vida de Esopo	Antonio José Silva, O Judeu
	1737	Guerras do Alecrim e Mangerona	
XIX	1837	O Juiz de Paz da Roça	Martins Pena
	1842	Os Dous ou O Inglês Maquinista	
	1844	Os três Médicos	
	1853	O Noviço	
XIX	1870	O Defeito de Família	França Júnior
	1872	O Tipo Brasileiro	
	1883	Dois Proveitos em um Saco	
	1885	A Lotação dos Bondes	
	1897	A Capital Federal	Artur de Azevedo
XX	1961	A Semente	Gianfrancesco Guarnieri
	1962	O Bem Amado	Dias Gomes
	1963	O Berço do Herói	
	1978	Ópera do Malandro	Chico Buarque
	1999	A Boa	Aimar Labaki

Quadro 4: *Corpus* diacrônico da pesquisa de Malvar e Poplack (2008)
 FONTE: Elaborado a partir do anexo 2 (MALVAR; POPLACK, 2008, p. 205)

Segundo as autoras, os resultados associados aos grupos de fatores testados mostram que a perífrase IR (presente) + infinitivo mostra-se superior ao presente do indicativo e ao futuro do presente, excluindo-se os contextos nos quais a forma do presente do indicativo pode, de fato, codificar o domínio funcional do futuro. Na análise dos séculos – lembramos que as autoras não apresentam peças de teatro para o século XVII –, nota-se o tímido surgimento da perífrase no século XVI (1%) e seu posterior crescimento: século XVIII (2%), século XIX (14%) e século XX (73%).

Silva (2010) realiza uma pesquisa com dois *corpora*. O primeiro *corpus* corresponde à Revista *Pato Donald*, de 1950 a 2004. Essa amostra não foi incluída na comparação, já que sua coleta mostrou-se diferenciada devido à dificuldade em obter os exemplares e também à periodicidade de publicação das revistas (primeiro mensal, depois semanal, depois quinzenal). O segundo *corpus* é composto por 46 romances brasileiros, publicados entre 1752 e 2001. Abaixo, o quadro 5 detalha essa amostra, que está incluída em nossa comparação:

Autor	Nascimento/ Década representada	Título das Obras	Ano da 1ª publicação
1. Dorothea Engrassia Tavareda Dalmira	1711 / 1730	1. As aventuras de Diófones – imitando a Sapiientíssimo Fenelon na sua Viagem de Telêmaco	1752
2. Teixeira e Sousa	1812 / 1830	2. O Filho do Pescador	1843
3. Joaquim Manuel de Macedo	1820 / 1840	3. A Moreninha 4. A Baronesa do Amor	1844 1879
4. José de Alencar	1829 / 1850	5. O Guarani 6. Senhora	1857 1875
5. Machado de Assis	1839 / 1860	7. Ressurreição 8. Memorial de Aires	1872 1908
6. Inglês de Sousa	1851 / 1870	9. O Cacauleta 10. O Missionário	1876 1891
7. Aluísio de Azevedo	1857 / 1880	11. Uma Lágrima de Mulher 12. O Livro de uma Sogra	1880 1895
8. Adolfo Ferreira Caminha	1867 / 1890	13. A Normalista 14. Tentação	1893 1896
9. Lima Barreto	1881 / 1900	15. Recordações do Escrivão Isaias Caminha 16. Clara dos Anjos	1909 1948
10. Oswald de Andrade	1890 / 1910	17. Memórias Sentimentais de João Miramar 18. A Revolução Melancólica	1924 1943
11. Orígenes Lessa	1897 / 1920	19. O Feijão e o Sonho 20. O Edifício Fantasma	1938 1984
12. Érico Veríssimo	1905 / 1930	21. Clarissa 22. Incidente em Antares	1933 1971

13. Raquel de Queiroz	1910 / 1930	23. O Quinze 24. Memorial de Maria Moura	1930 1992
14. Fernando Sabino	1923 / 1940	25. O Encontro Marcado 26. Os Movimentos Simulados	1956 2004
15. Lígia Fagundes Telles	1923 / 1940	27. Ciranda de Pedra 28. As Horas Nuas	1955 1989
16. Carlos Heitor Cony	1926 / 1950	29. O Ventre 30. A Tarde da sua Ausência	1953 2003
17. Hilda Hilst	1930 / 1950	31. Fluxo-floema 32. Estar sendo Ter sido	1970 1997
18. Moacir Scliar	1937 / 1960	33. O Exército de um homem só 34. O sertão vai virar mar	1973 2002
19. Ana Maria Machado	1941 / 1960	35. Alice e Ulisses 36. Palavra de honra	1983 2005
20. Domingos Pellegrini	1949 / 1970	37. Terra Vermelha 38. Meninos no Poder	1998 2005
21. Ana Miranda	1952 / 1970	39. Boca do Inferno 40. Dias e Dias	1989 2002
22. Marcos Bagno	1961 / 1980	41. A vingança do cobra 42. O espelho dos nomes	1997 2002
23. Márcia Kupstas	1957 / 1980	43. Crescer é perigoso 44. Gurka, retrato de um jovem assassino	1986 2002
24. Michel Laub	1973 / 1990	45. Música anterior	2001
25. Fernanda Young	1970 / 1990	46. Carta para alguém bem perto	1998

Quadro 5: Relação dos 46 romances brasileiros que constituem o *corpus* 2 de Silva (2010)

FONTE: SILVA (2010, p. 47)

De acordo com a autora, é somente a partir de Raquel de Queiroz, em 1930, que o romance será escrito por uma pessoa do sexo feminino, com exceção da primeira obra da lista, escrita por Dorothea Engrassia Tavadra Dalmira (pseudônimo de D. Teresa Margarida da Silva e Orta): “Sendo assim, o *cópus* 2 apresenta escritores (sexo masculino) de romances representantes de cada década, até 1930; a partir daí, o *cópus* passa a apresentar dois autores por período, um de cada sexo, objetivando fazer um estudo à parte para ver se há diferenças na produção dos autores a partir da variável extralinguística sexo” (SILVA, 2010, p. 48).

A análise variacionista da pesquisa de Silva (2010) foi realizada com o futuro do presente e a perífrase IR (presente) + infinitivo. A perífrase foi favorecida pelos seguintes contextos: textos mais recentes, projeção próxima, advérbios interrogativos (*o que, quanto*), pronomes pessoais (*eu, você e vocês*), interações entre iguais no ambiente doméstico e crianças (cf. SILVA, 2010, p. 193 e 194).

A dissertação de Strogenski (2010) teve como *corpus* 15 romances brasileiros, divididos em 1º período (1850-1900), 2º período

(1901-1950) e 3º período (1951-2006). A pesquisadora analisou as variantes futuro do presente, presente do indicativo, perífrase IR (presente) + infinitivo e perífrase Haver+ de (*hei de fazer*). O quadro 6, abaixo, detalha a amostra da autora:

1º Período: 1850 – 1900		
Obra	Autor	Data de publicação
1. A Moreninha	Joaquim Manoel de Macedo	1844
2. Luciola	José Martiniano de Alencar	1862
3. O Ateneu	Raul D'Ávila Pompêia	1888
4. O Cortiço	Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo	1890
5. Dom Casmurro	Joaquim Maria Machado de Assis	1900
2º Período: 1901 – 1950		
1. O Triste Fim de Policarpo Quaresma	Afonso Henriques de Lima Barreto	1911
2. Cidades Mortas	José Bento Monteiro Lobato	1919
3. Amar Verbo Intransitivo	Mario de Andrade	1927
4. São Bernardo	Graciliano Ramos	1934
5. Terras do Sem Fim	Jorge Amado de Faria	1942
3º Período: 1951 – 2006		
1. Juliano Pavolini	Cristovão Tezza	1989
2. O Estorvo	Francisco Buarque de Holanda	1991
3. Xangô de Baker Street	José Eugenio Soares	1996
4. Manual do Guerreiro da Luz	Paulo Coelho	1997
5. Paris 98	Mario Prata	2006

Quadro 6: Relação dos 15 romances brasileiros que constituem o *corpus* de Strogenski (2010)

FONTE: Elaborado a partir de (STROGENSKI, 2010, p. 52)

Os resultados apontam que a perífrase IR (presente) + infinitivo é favorecida pelos contextos de orações absolutas e condicionais (orações nas quais apareceram as ocorrências) e verbos de seis ou mais sílabas (número de sílabas). A autora destaca a presença da perífrase no início do primeiro período na amostra que, aos poucos, substitui a forma Haver de + infinitivo, ganhando maior expressão nos anos finais do terceiro período.

Gibbon (s/d) organizou uma amostra a partir do século XV até o XXI. O *corpus* é formado basicamente de peças de teatro. Abaixo, o quadro 7 detalha essa coleta:

Título	Autor	Ano
Século XV (1400)		
Crônica de Dom Pedro	Fernão Lopes	1411
Leal Conselheiro	D. Duarte	1437
Crônica dos feitos de Guiné	Gomes Eanes de Azurara	1450
Século XVI		
Auto da fama	Gil Vicente	1510
A farsa de Inês pereira	Gil Vicente	1523
Romagem de agravados	Gil Vicente	1533
El-rei Seleuco	Camões	1545
Filomeno	Camões	1555
Castro ou tragédia de D. Inês de Castro	Antonio Ferreira	1587
Século XVII		
O auto dos dois ladrões	Antonio de Lisboa	1605
Carta ao geral da Companhia de Jesus	P. Antônio Vieira	1626
Sermão ao enterro dos ossos dos enforcados	P. Antônio Vieira	1637
Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda	P. Antônio Vieira	1640
Sermão da primeira domingo do advento	P. Antônio Vieira	1650
Sermão doméstico	P. Antônio Vieira	1689
Carta à rainha D. Catarina de Inglaterra	P. Antônio Vieira	1695
Carta a Sebastião de Matos e Souza	P. Antônio Vieira	1697
Século XVIII		
Vida do grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança	Antonio José (o Judeu)	1733
Precipício de Faetonte	Antonio José (o Judeu)	1738
A vingança da cigana	Domingos Caporalini	1749
O tutor namorador ou as indústrias das mulheres	(autor desconhecido)	1779
Século XIX		
Juiz de paz da roça	Martins Pena	1838
As casadas solteiras	Martins Pena	1948
As forças caudinas	Machado de Assis	1956
Hoje avental, amanhã luva	Machado de Assis	1860

Amor por Anexins	Arthur Azevedo	1870
Tu, só tu, puro amor	Machado de Assis	1880
As doutoras	França Júnior	1889
Lágrimas de Xerxes	Machado de Assis	1899
Século XX		
Lição de botânica	Machado de Assis	1906
Onde canta o sabiá	Gastão Tojeiro	1922
A garçonière do meu marido	Silveira Sampaio	1949
A volta o camaleão alface	Maria Clara Machado	1959
A serpente	Nelson Rodrigues	1980
O submarino	Maria Barbosa e Miguel Falabella	1996
Século XXI		
South american way	Maria Barbosa e Miguel Falabella	2001
Tarsila	Adelaide Amaral	2002

Quadro 7: *Corpus* diacrônico (séculos XV a XXI) da pesquisa de Gibbon (s/d)

Apesar de se tratar de um trabalho que não foi concluído, essa pesquisa diacrônica apontou a presença da perífrase desde o século XV, mostrando que esta forma já aparecia “integrada” desde as primeiras ocorrências, embora dados com material interveniente fossem comuns até o século XX. Em consonância com os trabalhos de amostra diacrônica aqui apresentados, observou-se que a perífrase inicialmente disputou espaço e venceu a forma Haver de + (infinitivo), especialmente após o século XX. No último século, a perífrase superou o futuro do presente.

Feita a descrição dos aspectos mais relevantes entre as amostras que vamos comparar com a da presente tese, passamos a detalhar restrições que devem ser levadas em conta na leitura dos resultados.

A primeira delas, como comentado no capítulo 4, trata da diferença de textos contemplados nas amostras. Estamos lidando, basicamente, com três grandes gêneros: textos mais formais – documentos de prosa medieval, cartas e documentos oficiais (OLIVEIRA, 2006); textos menos formais – romances brasileiros (SILVA, 2010) e (STROGENSKI, 2010); e textos mais informais – peças de teatro (MALVAR; POPLACK, 2008), (GIBBON, s/d) e nossa amostra de peças gaúchas. O último gênero é considerado mais informal por apresentar textos que se propõem a ser encenados, ou seja, cuja finalidade é a oralidade, e também por trazer uma temática mais popular, cotidiana.

O segundo aspecto a ser considerado diz respeito à coleta de dados realizada pelas pesquisadoras. Sabemos, pelas ocorrências analisadas ao longo de cada trabalho, que Oliveira (2006), Strogenski

(2010), Silva (2010) e Gibbon (s/d) não fizeram distinção entre a perífrase com material interveniente (ocorrência 105, abaixo), tomando-a como perífrase, simplesmente. O trabalho de Malvar e Poplack (2008) não apresenta exemplos nem descreve essa diferença.

(105) Ninguém vai te comer vivo. (SILVA, 2010, p. 140)

O mesmo critério de coleta serviu para a presença de perífrase IR em expressões (*you poder comprar, vou começar a fazer*), conforme a ocorrência (106), e para locuções modais/aspectuais com futuro do presente e presente do indicativo (*poderei comprar, começo a fazer amanhã*) na pesquisa de Oliveira (2006) e Gibbon (s/d). Strongeski (2010) e Silva (2010) fizeram uma coleta separada, chamando esses grupos de verbos modais ou perífrases. O artigo de Malvar e Poplack (2008) nada comenta sobre esse aspecto.

(106) ... spelunca ou quartel general da boreal Aurora, bolorento armazem de Alfarrabios ou carcomidos livros, da qual sahem empestados vapores, que vão acabar de matar a nossa moribunda patria. (OLIVEIRA, 2006, p. 100)

O trabalho de Silva (2010) apresenta alguns aspectos que merecem atenção a respeito da amostra. Primeiramente, deve-se considerar que no século XVIII a autora utilizou apenas um romance, devido à restrição de publicações de obras brasileiras na época. Trata-se do romance *As aventuras de Diófonos – imitando o sapientíssimo Fenelon na sua viagem a Telêmaco* (Dotothea Engrassia Tavadeda), comentado anteriormente. A obra não apresenta perífrase IR (presente) + infinitivo, estando as 42 ocorrências distribuídas da seguinte forma: 36 de futuro do presente (87%), 3 de Locução com futuro do presente (8%) e 3 de haver de + infinitivo (5%).

Uma vez que a coleta dos dados, assim como a amostra, de cada trabalho é diferenciada, optou-se pela seguinte metodologia para a comparação: nas amostras de Gibbon (s/d) e na desta tese, as formas de perífrase com material interveniente e perífrase em expressões foram computadas junto com a forma perífrase IR (presente) + infinitivo. As funções Imperativo/comando e Habitual, detalhadas nas amostras Gibbon (s/d) e neste trabalho, foram descartadas da comparação. Assim, as quatro amostras apresentam o mesmo tipo de coleta no que tange à perífrase. Quanto às formas de futuro do presente e presente do indicativo, computamos também as locuções de futuro do presente (*poderei fazer*) e presente do indicativo (*posso fazer*) nas amostras Gibbon (s/d), Silva

(2010), Strogenski (2010) e nesta tese, para manter a mesma metodologia de Oliveira (2006). Ainda reunimos a forma *vou no presente com valor de futuro* da nossa amostra ao presente do indicativo, já que as demais amostras não fazem essa distinção; as funções Imperativo/comando e Habitual, de *vou no presente*, foram descartadas.

Registradas essas particularidades, apresentamos a tabela 15, abaixo, que descreve os resultados de cada pesquisa:

Tabela 15: Distribuição das formas futuro do presente, Ir + Infinitivo e presente do indicativo nas pesquisas consultadas e em nossa amostra – amostras de escrita

Variantes	Séculos									
	XIII N/%	XIV N/%	XV N/%	XVI N/%	XVII N/%	XVIII N/%	XIX N/%	XX N/%	XXI N/%	Total
Oliveira (2006)										
Futuro simples	18/55%	433/92%	65/81%	681/87%	358/74%	105/83%	91/86%	122/75%	—	1873/84%
Haver de + infinitivo	15/45%	31/7%	12/15%	90/12%	108/22%	13/10%	6/6%	3/2%	—	278/12%
Ir + infinitivo	0/0%	6/1%	1/1%	3/0%	4/1%	5/4%	8/8%	26/16%	—	53/2%
Presente	0/0%	1/0%	2/3%	5/1%	11/2%	3/2%	1/1%	11/7%	—	34/2%
Total	33	471	80	779	481	126	106	162	—	2.238
Malvar e Poplack (2008)										
Futuro do presente	—	—	—	198/66%	—	169/57%	276/53%	46/9%	—	689/42%
Haver de + infinitivo	—	—	—	91/30%	—	103/35%	104/20%	5/1%	—	303/19%
Ir + infinitivo	—	—	—	3/1%	—	5/2%	72/14%	384/73%	—	464/28%
Presente	—	—	—	10/3%	—	19/6%	66/13%	93/18%	—	188/11%
Total	—	—	—	302	—	296	518	528	—	1.644
Silva (2010)										
Futuro simples	—	—	—	—	—	39/93%	616/70%	453/28%	—	1108/44%
Haver de + infinitivo	—	—	—	—	—	3/7%	105/12%	55/3%	—	163/6%
Ir + infinitivo	—	—	—	—	—	0/0%	83/9%	871/54%	—	954/38%
Presente	—	—	—	—	—	0/0%	70/8%	239/15%	—	309/12%
Total	—	—	—	—	—	42	874	1.618	—	2.534

Strogenski (2010)										
Futuro do presente	—	—	—	—	—	—	572/55%	679/45%	4/6%	1255/48%
Haver de + infinitivo	—	—	—	—	—	—	181/18%	65/4%	1/1%	247/9%
Ir + infinitivo	—	—	—	—	—	—	131/13%	617/41%	63/89%	811/31%
Presente	—	—	—	—	—	—	147/14%	153/10%	3/4%	303/12%
Total	—	—	—	—	—	—	1.031	1.514	71	2.616
Gibbon (s/d)										
Futuro simples	—	—	8/53%	248/73%	196/65%	140/46%	146/56%	88/48%	13/15%	839/56%
Haver de + infinitivo	—	—	2/13%	66/20%	91/30%	94/31%	47/18%	27/15%	3/3%	330/22%
Ir + infinitivo	—	—	1/7%	11/3%	2/1%	28/9%	37/14%	39/21%	53/61%	171/11%
Presente	—	—	4/27%	13/4%	12/4%	44/14%	33/13%	29/16%	18/21%	153/10%
Total	—	—	15	338	301	306	263	183	87	1.493
Nossa Amostra										
Futuro do presente	—	—	—	—	—	—	139/52%	106/42%	5/15%	250/45%
Haver de + infinitivo	—	—	—	—	—	—	61/23%	9/4%	1/3%	71/13%
Ir + infinitivo	—	—	—	—	—	—	45/17%	113/45%	22/65%	180/33%
Presente	—	—	—	—	—	—	23/9%	23/9%	6/18%	52/9%
Total	—	—	—	—	—	—	268	251	34	553

A tabela 15 mostra que a perífrase IR (presente) + infinitivo aumenta sua frequência de uso ao longo do tempo, enquanto o futuro do presente decresce, mesmo na amostra mais formal (OLIVEIRA, 2006).

Observando o século XX, último século em comum a todas as amostras, nota-se que a perífrase aparece com maior frequência em: Malvar e Poplack (2008) 73% > Silva (2010) 54% > Nossa amostra 45% > Strogenski (2010) 41% > Gibbon (s/d) 21% > Oliveira (2006) 16%. Nossa amostra, composta por teatro gaúcho, apresenta-se entre as três primeiras amostras, sinalizando que nossa hipótese, de que na amostra gaúcha encontraríamos maior frequência de uso da perífrase IR (presente) + infinitivo fica, em parte, atestada.

A forma haver de + infinitivo, como constatam a maioria das pesquisas comparadas nesta seção, de fato mostrou-se, inicialmente, como a concorrente do futuro do presente, mas foi perdendo seu espaço ao longo dos anos para a perífrase. Conforme a tabela 15, o grande divisor da frequência de Haver de + (infinitivo) foi a passagem do século XIX para o século XX, no qual a perífrase aumenta consideravelmente sua porcentagem.

A forma presente do indicativo apresenta um comportamento levemente diferenciado. Observando apenas os séculos XIX e XX, a amostra de Strogenski (2010) é a única que apresenta um decréscimo da forma (14% - 10%). As demais amostras indicam um aumento: Malvar e Poplack (2008) (13% - 18%), Silva (2010) (8% - 15%), Gibbon (s/d) (13% - 16%), Oliveira (2006) (1% - 7%) e nossa amostra mantém a porcentagem (9% - 9%). Esse comportamento do presente do indicativo pode estar relacionado com um dos contextos de restrição da perífrase, detalhado em vários dos trabalhos aqui comparados, ou seja, apesar de IR estar gramaticalizado como o principal expoente de referência temporal futura, a perífrase IR (presente) + infinitivo sofre a restrição quando com o verbo principal é IR. (cf. MALVAR e POPLACK, 2008, p. 202)

Para as autoras esse é um dos contextos de presença da “rara, mas tenaz, variante P⁹⁶: os contextos contingentes, os com especificação adverbial e o verbo principal ir” (MALVAR; POPLACK, 2008, p. 201 – grifo nosso). Esse fato explicaria não só o crescimento do presente do indicativo justo no maior período de crescimento da perífrase (a passagem do século XIX para o XX), mas também a “estabilidade” do presente do indicativo na amostra gaúcha, na qual a presença de *VOU IR* é comum, especialmente na fala, mas aparecendo também em textos escritos – como

⁹⁶ O código P refere-se a presente do indicativo (cf. MALVAR e POPLACK, 2008).

as ocorrências apresentadas no capítulo 2 e a ocorrência 107, abaixo, ilustram:

(107)

Ele tirou o roupão e vestiu uma cueca. Cris colocou a revista ao lado do abajur e se acomodou debaixo do lençol. O quarto estava na penumbra. Joel foi até o seu lado da cama e acertou o horário do despertador no rádio relógio. Depois se deitou.

–Estou moído – disse ele. – Mas pelo menos eu já acertei tudo. Agora a reforma está nas mãos do Senhor Luiz Carlos.

–Ficou tudo certinho mesmo?

–Oh, sim. Vou ir até Canoas umas duas vezes por semana para ver como estão as coisas, mas agora é tudo com eles. O Luiz é de confiança; já sabe como eu quero que fique.

–Até que foi rápido, não é mesmo?

–É. Por sorte guardamos um bom dinheiro para poder acelerar a obra.

FONTE: SILVA, Amaury. **O Reencontro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. p. 36

No entanto, precisamos observar que o presente do indicativo apresenta aumento em sua frequência no século XXI em nossa amostra (18%), o que nos impede fortemente de confirmar essa hipótese. Ainda assim, é possível acreditar na ideia de que o aumento do presente do indicativo nas amostras se deve ao fato de que a perífrase apresenta um contexto de restrição: *VOU IR*.

Observando a porcentagem total de cada forma em cada amostra, concluímos que das seis amostras apresentadas, apenas Oliveira (2006) e Gibbon (s/d) apresentam outra forma para concorrer com o futuro do presente, a forma Haver de. Nas demais amostras, a forma mais expressiva para concorrer com a forma tradicional do futuro do presente na codificação do domínio funcional do futuro é a perífrase. O gráfico 8, abaixo, apresenta o crescimento da perífrase, em comparação com o futuro do presente, ao longo do tempo, nas seis amostras:

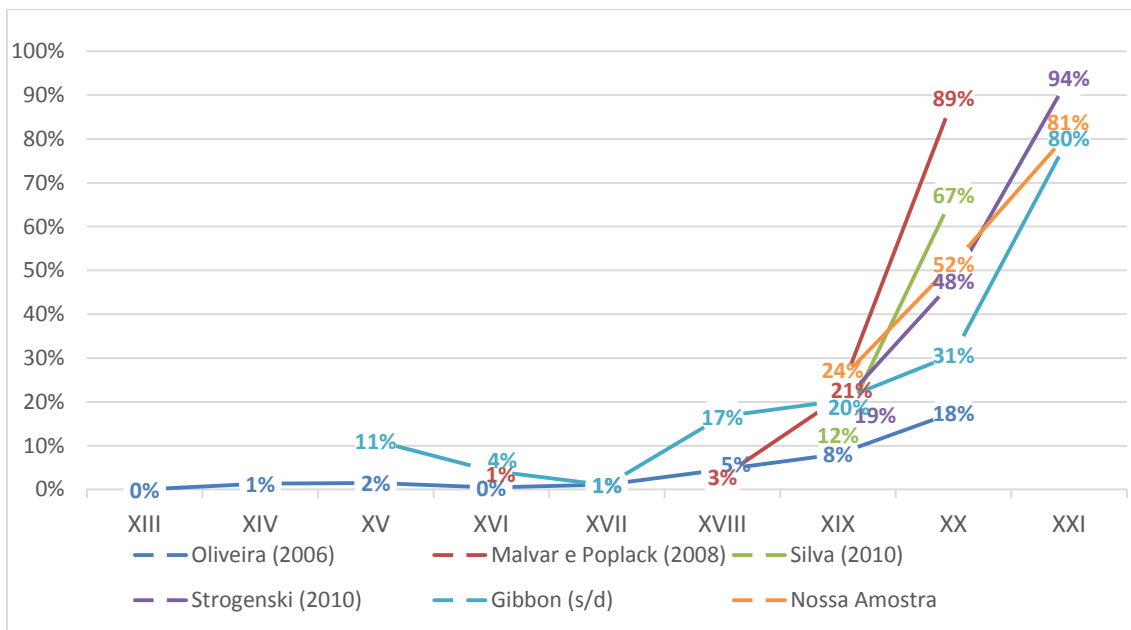


Gráfico 8: A perífrase nas amostras diacrônicas

O gráfico 8 apresenta o aparecimento da perífrase IR (presente) + infinitivo e também sua expansão a partir do século XIX. Sua inclinação acentuada em todas as amostras, e os resultados encontrados nos *corpora* da modalidade oral, nos permitem lançar a hipótese de que a perífrase tende a tornar-se a forma *default* (termo usado por alguns dos trabalhos resenhados nas amostras da modalidade falada) também para a modalidade escrita.

Outro aspecto que a comparação diacrônica nos coloca é quanto à natureza das amostras consideradas. O gráfico 9 apresenta um recorte nos quatro últimos séculos da tabela 15, mostrando a perífrase em comparação ao futuro do presente, entre todas as amostras:

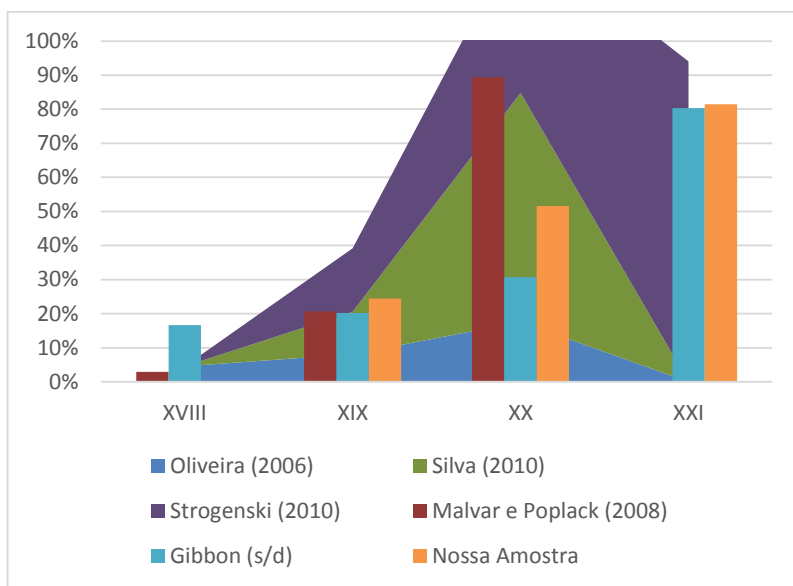


Gráfico 9: A perífrase nos quatro últimos séculos nas amostras da diacronia

No gráfico 9, observamos as imagens de montanhas – amostras de Silva (2010) e Strogenski (2010) – ao fundo, representando os romances brasileiros, e na superfície – amostras de Malvar e Poplack (2008), Gibbon (s/d) e nossa amostra – as colunas, representando as peças de teatro. O *corpus* de Oliveira (2006), documentos medievais, cartas e documentos oficiais, mostra-se como um lago, no entremeio das demais. Nessa representação visual, nota-se a preferência da perífrase pelo gênero romance, em detrimento das peças e documentos oficiais.

Quanto aos documentos oficiais, amostra mais formal da comparação, esperava-se, de fato, que o futuro do presente, forma tradicional, apresentasse maior frequência. Além disso, acredita-se que as peças de teatro constituiriam um gênero mais informal que os romances, por sua natureza de recepção – em grupo – e também textos destinados à fala, à interpretação. Ademais, parece-nos que, de fato, mais do que o gênero, é necessário atrelar a composição do *corpus* a autores e temas populares. Essa reflexão justifica a alta frequência da perífrase na amostra de Malvar e Poplack (2008), que apresenta, por exemplo, para o século XIX, dois dos mais populares teatrólogos do período – Martins Pena e França Júnior. Apenas uma das peças desse período (ver quadro 4, acima) é de Artur de Azevedo, que também é considerado popular⁹⁷.

Ainda considerando o gráfico 9, nota-se que nossa amostra gaúcha, composta de forma mais assemelhada à de Gibbon (s/d), por apresentar variados autores – ver quadro 7, acima, e quadro 1, no capítulo 4, Encaminhamento metodológico –, apresenta maior frequência da perífrase em comparação com esta última amostra, corroborando para sustentar nossa hipótese de que a presença de *VOU IR* nas amostras de fala gaúcha decorre da alta frequência da perífrase no estado do Rio Grande do Sul.

Para finalizar, tecemos alguns comentários a respeito das amostras diacrônicas que foram excluídas da comparação, por não atenderem aos critérios mínimos previamente estipulados por nós.

A amostra de Silva (2010), referente à Revista *Pato Donald*, apresentou um total de 3.860 ocorrências, distribuídas entre futuro do presente (1.652/43%), IR (presente) + infinitivo (2.112/55%), presente do indicativo (92/2%) e haver de + infinitivo (4/0%). É notadamente a amostra mais informal dos trabalhos resenhados e, por esse motivo, a frequência de uso da perífrase dispara na frente do futuro do presente, diferentemente de todas as pesquisas comparadas (ver tabela 15). A revista de quadrinhos trata-se de um gênero bastante informal que, até pouco tempo, não só era escrita apenas para crianças como também não era bem recebida por professores da educação formal. Com o advento da *internet*, que popularizou a imagem, e o ENEM, que abriu espaço para outros textos além dos clássicos da literatura e do jornal, esse gênero ganhou um pouco mais de visibilidade e passou a ser considerado veículo

⁹⁷ Para maiores informações, consultar os volumes de “História do teatro brasileiro”, de João Roberto Faria, editora Perspectiva.

de leitura recomendável⁹⁸. Silva (2010, p. 90) comenta que o futuro do presente teve maior frequência que a perífrase apenas nas duas primeiras décadas da amostra. A partir da década de 1970, a perífrase disparou alcançando a porcentagem de 85% na década de 2000.

As pesquisas de Bragança (2008) e Tesch (2011) utilizaram o *Jornal A Gazeta*, de Vitória-ES. Bragança (2008) analisou os editoriais do referido jornal no ano de 2006. A autora encontrou os seguintes resultados: futuro do presente (622/75%), IR (presente) + infinitivo (81/10%) e IR (futuro) + infinitivo (*irei fazer*) (124/15%).

Tesch (2011) organizou uma amostra diacrônica, coletando dados de diversas partes do *Jornal A Gazeta* (carta do leitor, artigo de opinião, propagandas, editorial, entre outras) dos anos de 1930, 1970 e 2008. Os resultados encontram-se na tabela 6, do capítulo 2, reproduzida abaixo – Tabela 16:

Tabela 16: Distribuição das variantes na língua escrita

	Jornal A gazeta 1930	Jornal A gazeta 1970	Jornal A gazeta 2008	Total
VARIANTES	N/%	N/%	N/%	
Futuro do presente	178/88%	324/82%	368/54%	870
IR (futuro) + infinitivo	2/1%	3/1%	16/3%	21
Presente do indicativo	8/4%	27/7%	158/23%	193
IR (presente) + infinitivo	14/7%	42/10%	136/20%	192
TOTAL	202	396	678	

FONTE: Elaborada a partir do capítulo 5 – Análise dos *corpora*: variação, de Tesch (2011)

Os resultados das duas pesquisas aproximam-se dos obtidos por Oliveira (2006), que observou uma amostra mais formal. De fato, embora a perífrase esteja ganhando espaço nesse gênero, a presença do futuro do presente ainda permanece forte.

Três aspectos interessantes, no entanto, merecem um comentário: i) a presença de IR (futuro) + infinitivo (*irei fazer*), especialmente na pesquisa de Bragança (2008), sugere que esta forma pode se configurar como uma alternativa entre a forma mais tradicional (*farei*) e a forma mais

⁹⁸ Consultar: GONÇALO JUNIOR. *A Guerra dos Gibis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. *Almanaque dos Quadrinhos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

nova (*vou fazer*); ii) o decréscimo na frequência de uso do futuro do presente e iii) o crescimento da forma presente do indicativo no estudo diacrônico de Tesch (2011), que parece coadunar com nossa hipótese levantada acima, ou seja, de que o aumento da frequência do presente do indicativo está diretamente relacionado com o contexto de restrição da perífrase IR (presente) + infinitivo: *VOU IR*.

Neste capítulo apresentamos as formas verbais que codificam o amplo domínio da futuridade encontradas nas amostras sincrônica e diacrônica selecionadas para este estudo. Descrevemos um conjunto de formas com IR – *perífrase IR* (presente) + infinitivo (*vou estudar*), *perífrase IR + gerúndio* (*vou estudando*), *verbo IR no presente do indicativo* (*vou na padaria*), *construções discursivas* (*vamos supor, vamos dizer, vamos ver*) –, mostrando que algumas delas transitam pelos domínios da habitualidade e imperativo/comando, os quais compartilham traços de tempo, aspecto e modalidade com o domínio da futuridade.

Focalizando mais estreitamente o que estamos nomeando como domínio funcional do futuro, descrevemos formas que se apresentam como variantes da *perífrase IR (presente) + infinitivo – futuro do presente* (*farei*), *locuções modais/aspectuais* (*poderei fazer; começo a fazer*), *perífrase haver de + infinitivo* (*hei de fazer*) e ainda o *presente do indicativo em contexto de futuridade* (*faço o trabalho amanhã*). Refinando o detalhamento das formas no domínio funcional do futuro, especialmente da *perífrase IR (presente) + infinitivo*, descrevemos construções como a *perífrase com material interveniente* (*vou te contar, vou lá fazer*) e *perífrase em expressões* (*vou começar a estudar; vou estar estudando*), que, acrescidas de *IR no presente com valor de futuro*, compõem um leque de camadas de gramaticalização do item IR e da perífrase.

Com o objetivo de discutir resultados de maneira mais ampla para o PB, comparamos amostras provenientes de diferentes regiões, sincrônicas e diacrônicas, com nossas amostras do Rio Grande do Sul, apontando a expansão e a consolidação da *perífrase IR (presente) + infinitivo* como forma codificadora do domínio funcional do futuro, especialmente nas amostras da modalidade falada.

O capítulo, então, versou sobre as questões 1 e 2 propostas na metodologia e contemplou as hipóteses formuladas a partir de cada questão.

De acordo com a questão 1, *Quais são e como se distribuem as formas verbais com IR na expressão da futuridade? E que outras formas coexistem no domínio funcional do futuro?*, apresentamos as formas encontradas no domínio da futuridade e também do domínio funcional do futuro, observando particularidades referentes às nossas amostras sincrônica (modalidade oral e escrita) e diacrônica (modalidade escrita).

A questão 2, *Como se comporta diacronicamente e sincronicamente a perífrase IR (presente) + infinitivo nas amostras do Rio Grande do Sul, em relação a outras amostras brasileiras?*, permitiu a discussão a partir da comparação entre as amostras dos trabalhos resenhados no capítulo 2, no âmbito sincrônico e diacrônico.

Os resultados discutidos para ambas as questões apontam para aspectos instigantes quanto à perífrase IR (presente) + infinitivo e a *VOU IR*, sugerindo que um estudo mais minucioso dos contextos de ocorrência da perífrase em nossas amostras pode lançar luz para questionamentos propostos no capítulo 4, bem como para outras questões que foram surgindo a partir do detalhamento exposto neste capítulo.

6 AS FORMAS COM IR NO DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO: o funcionamento da perífrase IR (presente) + infinitivo

Neste capítulo, nos propomos a responder as questões 3, 4 e 5 formuladas na metodologia. Tais questões, reapresentadas abaixo, requerem uma análise mais refinada da *perífrase* em suas múltiplas ocorrências – *com material interveniente, perífrase em expressões* e *VOU IR* – no domínio funcional do futuro.

3- *Como se configuram diacrônica e sincronicamente os contextos linguísticos e extralinguísticos de manifestação das formas com IR no domínio funcional do futuro?*

4- *Como se configuram os contextos de ocorrência da construção VOU IR?*

5- *O que a análise dos dados desta tese permite dizer acerca do processo de gramaticalização envolvido no fenômeno em estudo?*

Para dar conta da questão 3, foram levantados fatores distribuídos em três grandes grupos – *aspecto, modalidade* e *tempo* – que constituem o núcleo de maior importância na análise, pois permitem, também, responder a questão 5. Além desses, foram propostos grupos de fatores extralinguísticos, de acordo com a característica de cada amostra, como descrito no capítulo metodológico. Com o controle articulado desse conjunto de fatores, buscamos delinear a configuração dos contextos de ocorrência das formas com IR no domínio funcional do futuro.

A questão 4 é contemplada na amostra informal, organizada a partir de situações de fala do cotidiano, vividas por esta pesquisadora em contato com amigos e familiares, basicamente na cidade de Rio Grande/RS. Tal coleta, que começou em 2000 e estende-se até o presente ano, surgiu da curiosidade em observar as construções *VOU IR* e da necessidade em obter um número maior de dados, de modo a possibilitar a análise proposta, uma vez que o Varsul apresenta apenas 7 dados de *VOU IR*.

O exame das demais amostras – Varsul e peças de teatro escritas por gaúchos – junto à amostra informal, permite responder as questões 3 e 5. As amostras oral (sincronia/Varsul) e escrita (diacronia/teatro), já detalhadas no capítulo metodológico, possuem como principal característica a representação da fala e escrita do Rio Grande do Sul. Esse é um aspecto importante, já que, como vimos no capítulo anterior, a ausência de construções *VOU IR* nos *corpora* das pesquisas resenhadas

dificulta o avanço da análise em termos de um passo a mais no caminho de gramaticalização da forma perifrástica e do item IR. Nosso objetivo, levando em conta essa constatação, é contribuir com a descrição e análise da *perífrase IR (presente) + infinitivo* e do item IR, a partir de *corpora* que envolvam a fala e a escrita gaúcha, nas quais se observam as construções *VOU IR*.

Para levar a cabo a análise pretendida, este capítulo se organiza em quatro grandes seções. A primeira seção descreve e analisa os contextos encontrados na coleta de dados das amostras sincrônica (Varsul) e diacrônica (peças de teatro gaúcho). Esses contextos são caracterizados a partir dos três grandes grupos de fatores que contemplam o domínio TAM, de modo a se responder a questão 3, como já apontado. Optamos por apresentar tais grupos de acordo com a proposta de Fleischman (1982, p. 109), segundo a qual o caminho a ser percorrido pela forma surge a partir de pressões e usos que envolvem aspecto e/ou modalidade e que adquire um traço mais temporal, à medida que a forma se consolida no domínio funcional do futuro. Assim, na seção 5.1.1, a análise começa com a discussão do grupo *aspecto*, seguido de *modalidade* e, finalmente, de *tempo*. Fechando essa seção, são apresentados resultados para os fatores extralinguísticos.

A segunda seção trata de refinamentos estatísticos efetuados a partir da análise realizada na primeira seção. A proposta é de observar a *perífrase* em seus movimentos no complexo TAM no âmbito do domínio funcional do futuro. Para tanto, são realizados cruzamentos entre os grupos de fatores que se mostrarem mais relevantes, de modo a lançar luz sobre o processo de gramaticalização da *perífrase* e do item IR. O objetivo principal da seção 5.2 é de verificar as hipóteses levantadas para as questões 3 e 5.

A terceira seção constitui-se em torno da amostra informal e das construções *VOU IR*. Nessa seção, descrevemos os resultados associados aos grupos de fatores TAM propostos e também aos grupos de fatores específicos dessa amostra, conforme detalhados na metodologia: *escopo do locativo* e *estatuto semântico do locativo*.

A quarta e última seção retoma resultados significativos apresentados nas seções anteriores, bem como aspectos importantes do capítulo precedente que sustentem nossas hipóteses e contribuam para a discussão sobre a gramaticalização da *perífrase* e do item IR como morfema-vocábulo de futuridade.

Uma vez apresentada a organização deste capítulo, voltemo-nos para a descrição e análise dos resultados concernentes às amostras sincrônica (Varsul) e diacrônica (peças de teatro gaúchas).

6.1 CONFIGURAÇÃO DOS CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA DAS FORMAS COM IR NO DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO NAS AMOSTRAS ORAL (SINCRONIA – VARSUL) E ESCRITA (DIACRONIA – TEATRO)

Nesta seção vamos apresentar e discutir os resultados da análise estatística realizada com a utilização do programa GOLDVARB 2001 (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), a partir de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, para as amostras sincrônica e diacrônica, com vistas a verificar como a perífrase se comporta em cada grupo de fatores propostos. Lembramos que, uma vez que não estamos tratando de variação entre as formas, nossos resultados são apresentados em porcentagens (e não em pesos relativos).

Conforme apontado anteriormente, os resultados são apresentados de acordo com a hipótese de Fleischman (1982), começando pelo grande grupo *aspecto*, seguido da *modalidade* e do *tempo*. Manteremos a mesma disposição do capítulo precedente, apresentando os resultados da amostra sincrônica seguidos da amostra diacrônica. São expostos os resultados obtidos para cada um dos grupos de fatores testados, seguidos de uma análise descritiva, justificando e ilustrando, quando necessário, comportamentos expressivos da perífrase.

Antes de começarmos a descrição dos grupos de fatores, no entanto, apresentamos a tabela 1 com a distribuição geral das formas verbais com IR encontradas nas amostras, codificando o domínio funcional do futuro⁹⁹.

⁹⁹ Salientamos que incluímos na perífrase todos os dados que apresentam clítico como material interveniente (cf. discutido na subseção 5.1.2.2), uma vez que a interpolação do clítico não afeta o *status* morfossintático da perífrase, pois é um tipo de material interveniente que assim se realiza por pressões estruturais. Nesse sentido, estamos considerando o clítico como perífrase IR (presente) + infinitivo, nos moldes também adotados por Oliveira (2006) e Silva (2010), entre outras pesquisadoras cujos trabalhos foram resenhados no capítulo anterior.

Tabela 1: Distribuição das formas com IR nas amostras oral (sincronia/Varsul) e escrita (diacronia/teatro)

	Vou	Vou (loc.+para) Inf.	Vou (loc.) Inf.	Vou Inf.	Vou (int.) Inf.	VOU IR	Vou (modal) Inf.	Vou (asp.) Inf.	Vou (outros) Inf.	Vou Estar Ger.	Total
Sincronia (Varsul)	99 10%	6 1%	22 2%	677 72%	18 2%	7 1%	72 8%	24 2%	5 1%	9 1%	939 100%
Diacronia (teatro)	23 11%	–	3 1%	158 78%	5 3%	–	11 6%	3 1%	–	–	203 100%

A distribuição das formas na tabela 1 reflete nossa hipótese de que estamos lidando com diferentes camadas de gramaticalização da *perífrase IR (presente) + infinitivo* e também do item IR como marca de futuramente. A primeira forma, por exemplo, é o verbo IR pleno, *Vou*, no presente do indicativo com valor de futuro. As construções *Vou (loc.+para) Inf.* e *Vou (loc.) Inf.* apontam para a formação da perífrase na qual ainda se observa os traços de movimento/deslocamento do verbo IR e também traços de finalidade. Na sequência, vem a perífrase, *Vou Inf.*, seguida de *Vou (int.) Inf.*, que se constitui de todo tipo de material interveniente – advérbios (*sempre, hoje*) e operadores discursivos (*nem, mais*), por exemplo – que podem, ainda, separar o verbo auxiliar do verbo principal, na perífrase.

As construções *VOU IR* aparecem logo em seguida por se constituírem um passo a mais na gramaticalização da perífrase, no qual o auxiliar IR combina-se com o verbo pleno IR. Essas construções, de acordo com comentários de boa parte das pesquisas resenhadas no capítulo 2, sofrem restrição de avaliação social, segundo a qual o falante ainda percebe os traços de movimento/deslocamento do IR auxiliar e, por isso, evita seu uso. No entanto, o item IR, aparentemente, segue seu curso de gramaticalização, unindo-se a expressões com verbos modais, *Vou (modal) Inf. (vou poder comprar)*, verbos aspectuais, *Vou (asp.) Inf. (vou começar a fazer)*, outros verbos, *Vou (outros) Inf. (vou ouvir cantar)* e com a perífrase estar + gerúndio, *Vou estar Ger. (vou estar comprando)*.

Como a tabela 1 evidencia, a perífrase é a forma que detém o maior número de dados das duas amostras: 72% ($677/939 = 72\%$), amostra sincrônica e 78% ($158/203 = 78\%$), amostra diacrônica. A tabela 1 também revela que as formas *Vou (loc.+para) Inf.*, *VOU IR*, *Vou (outros) Inf.* e *Vou estar Ger.* não aparecem na amostra diacrônica. A segunda forma mais produtiva nas amostras é *Vou no presente com valor de futuro*: 10% ($99/939 = 10\%$), na amostra sincrônica e 11% ($23/203 = 11\%$), na amostra diacrônica, o que sugere que a perífrase pode estar sofrendo a restrição comentada no parágrafo anterior, ou seja, o uso de *Vou no presente com valor de futuro* ocorre em contextos nos quais é possível aparecer *VOU IR*.

Nas próximas subseções vamos descrever e comentar resultados obtidos para os grupos de fatores que contemplam o complexo TAM, nas amostras oral e de escrita. Como o foco principal de nossa análise é a perífrase, os resultados mais enfatizados serão aqueles associados à construção *Vou Inf.*, que é, como já salientado, a mais recorrente nas amostras oral e escrita.

6.1.1 Aspecto

A categoria *aspecto* é abordada a partir de três grupos de fatores: *habitualidade da situação no futuro*, *duração da situação no futuro* e *traços de movimento/deslocamento do verbo principal*. Nosso objetivo com esses grupos é mapear o comportamento da perífrase, com vistas a identificar valores aspectuais que a caracterizem sincronicamente, na fala, para posterior cotejamento com a caracterização diacrônica da perífrase, na escrita, em busca de evidências que apontem para estabilidade e/ou mudança no funcionamento da perífrase no domínio do futuro, em relação a valores aspectuais.

A tabela 2, abaixo, apresenta os resultados para a amostra sincrônica (Varsul):

Tabela 2: Distribuição das formas com IR em relação a *aspecto* na amostra oral (sincronia/Varsul)

	Vou	Vou (loc.+para) Inf.	Vou (loc.) Inf.	Vou Inf.	Vou (int.) Inf.	VOU IR	Vou (modal) Inf.	Vou (asp.) Inf.	Vou (outros) Inf.	Vou estar Ger.	Total
Habitualidade da situação no futuro											
Mais habitual	13/13%	5/83%	13/59%	190/28%	10/56%	2/29%	33/46%	17/71%	4/80%	4/44%	291
Menos habitual	86/87%	1/17%	9/41%	487/72%	8/44%	5/71%	39/54%	7/29%	1/20%	5/56%	648
Duração da situação no futuro											
Situação mais durativa	97/98%	6/100%	20/91%	502/74%	16/89%	7/100%	66/92%	24/100%	5/100%	7/78%	750
Situação menos durativa	2/2%	0/0%	2/9%	175/26%	2/11%	0/0%	6/8%	0/0%	0/0%	2/22%	189
Traços de mov./desl. do verbo pleno											
Movimento 1	99/100%	0/0%	5/23%	68/10%	2/11%	7/100%	10/14%	0/0%	2/40%	1/11%	194
Movimento 2	0/0%	3/50%	13/60%	98/14%	2/11%	0/0%	14/20%	6/25%	2/40%	0/0%	138
Movimento 3	0/0%	1/17%	1/4%	72/11%	3/17%	0/0%	10/14%	1/4%	0/0%	2/22%	90
Movimento 4	0/0%	2/33%	1/4%	25/4%	0/0%	0/0%	5/7%	1/4%	0/0%	0/0%	34
Movimento 5	0/0%	0/0%	1/4%	67/10%	1/5%	0/0%	6/8%	0/0%	1/20%	2/22%	78
Movimento 6	0/0%	0/0%	0/0%	103/15%	4/22%	0/0%	15/21%	5/21%	0/0%	1/11%	128
Movimento 7	0/0%	0/0%	1/4%	127/19%	0/0%	0/0%	6/8%	5/21%	0/0%	3/33%	142
Movimento 8	0/0%	0/0%	0/0%	117/17%	6/33%	0/0%	6/8%	6/25%	0/0%	0/0%	135
Total	99	6	22	677	18	7	72	24	5	9	939

De acordo com o primeiro grupo de fatores da tabela 2, *habitualidade da situação no futuro*, a perífrase encontra-se em maior número na situação *menos habitual* ($487/677 = 72\%$), ou seja, expressando situações particulares, específicas, sendo acompanhada em termos de frequência pelas formas *Vou no presente com valor de futuro* ($86/99 = 87\%$) e *VOU IR* ($5/7 = 71\%$). É importante ressaltar que o contexto *menos habitual* ($648/939 = 69\%$) é o preferido, nessa amostra, para a futuridade, em detrimento do contexto *mais habitual* ($291/939 = 31\%$), que remete a situações que se repetem no futuro. As ocorrências abaixo ilustram esses fatores.

Situação mais habitual

(1) E: Como é o retiro?

F: O retiro? Daí é um programa, começa, geralmente começa sexta de noite, daí sexta de noite já tem um programa, né? daí, onde diz os programas, né? o que que tem, daí sobre que **vão falar**, né? E daí, continua no outro dia e até domingo de noite, daí termina. Aí o pessoal pode ficar ali né? tem a... como é que eu vou dizer... tem pouso e tudo pro pessoal, se vem de fora, né? e comida também fazem, janta e tudo, né? (PA 04:08)

Situação menos habitual

(2) E: O que mais assim que o senhor vê de diferença de antes de Panambi, e agora?

F: Ora, o que que eu **vou te dizer**?

E: Tem mais alguma coisa assim que o senhor note? (PA 13:01)

Em relação à *duração da situação no futuro*, nota-se que todas as formas ocorrem preferencialmente em contexto de *situação mais durativa*, que, de fato, mantém a porcentagem mais alta no total ($750/939 = 80\%$). No entanto, ressaltamos que a perífrase, embora em frequência relativamente baixa, é a forma que mais se destaca no contexto de *situação menos durativa* ($175/677 = 26\%$), o que indica seu “espraiamento” para outros contextos. Os dados (3) e (4) ilustram esses contextos:

Situação mais durativa

(3) E: Tem idade mínima?

F: Tem idade mínima sim. Tem que ser dezoito anos a idade mínima e eu já comecei a ser atirador com dezoito anos. Então, já participo há alguns anos, né?

Além disso, também eu comecei a cantar em coral aos dezessete anos de idade, inclusive eu tenho uma medalha de prata, quando eu fui condecorado, faz mais de vinte e cinco anos que eu canto em coral. A minha esposa também logo **vai ter** essa medalha de prata também. Ela só parou de cantar alguns anos, que quando nasceram nossos filhos, eram pequenos e o ensaio sempre é de noite, então, ela parou alguns anos. (PA 03:09)

Situação menos durativa

(4) E: Como é que era?

F: O pai disse: "Olha, minha filha, que tu **vais ganhar** o teu dote, mas vocês têm que ver o que que vocês querem começar, o que que vai ser, porque uma vez saiu de casa, tem que saber se sustentar, eu **vou dar** o começo." E ele era bem arrumado o meu pai, né? mas não tinha, né? quando saiu do militar, tinha pouca poupança, ele era já sargento, então para começar uma lojinha como da eletrônica precisava os aparelhos para conserto, tudo isso pra começar uma pequena loja, aí nós tivemos que poupar uns dois anos para podermos, e eu trabalhava em Ijuí nas Casas Americanas, eu entrei lá como a caixeira, saí como gerente, como se diz, caixa gerente, né? (PA 05:05)

O grupo *traços de movimento/deslocamento do verbo principal* apresenta as formas razoavelmente distribuídas entre seus fatores, com exceção das formas *vou no presente com valor de futuro* (99/99 = 100%) e *VOU IR* (7/7 = 100%) que se firmam no *movimento 1*. Um breve olhar para os totais à direita da tabela mostra como os 939 dados se distribuem pelos fatores de forma quase homogênea, excluindo-se o *movimento 4*, que possui um número de ocorrências baixo (34/939 = 4%). Esse último resultado se justifica pelo fato de que é difícil encontrarmos movimentos sem deslocamento, como *fumar, cantar* – que caracterizam o *movimento 4*. Cabe destacar que a construção *Vou Inf.* tende a se situar predominantemente entre os movimentos mais abstratos do gradiente, totalizando 347 (347/677 = 51%) dados nos movimentos 6, 7 e 8, o que corresponde a mais da metade das ocorrências dessa forma. Apresentamos ocorrências nos movimentos 1 e 7 para evidenciar o contraste semântico envolvido nesse grupo de fatores.

Movimento 1

(5) F: [...] Alguém prega assim: "E Jesus **vai vir** com alarido de trombeta, **vai levar** um povo," aquela coisa toda. Não. Quando o pai do céu, que ele **vai voltar**, isto é, sem alarido, sem nada. **Vai vir** e vai, como um ímã, puxar um povo da face da terra. Sem nome. (SB 21:08)

Movimento 7

(6) F: [...] Aí chegamos lá, o Protásio ficou no Rancho Grande, que é uma fazenda sede dele, perto da Santa Luísa, eu fiquei em Santa Luísa, ele diz: "Olha, coronel, arruma um esquemazinho aí, um troço pra... Eu acho que não tem nada, não devo nada, não tem porque ser perseguido, mas pelas dúvidas, eu vou me embora, mas eu **vou ficar**, não sei se um dia, ou dois dias, três dias por aqui. Tu garantes a mão pra mim." Tá! eu não tinha recurso, armamento zero. (...) (SB 02:05)

Resumindo, tem-se que, na fala (amostra sincrônica Varsul), a perífrase encontra-se, em referência ao *aspecto*, predominantemente em situações *menos habitual*, *mais durativa* e distribuída quanto à seleção do verbo principal, pulverizada entre verbos de mais movimento e deslocamento, bem como de movimentos cognitivos e de estado, com maior frequência atrelada a esses últimos.

A ocorrência abaixo ilustra esse comportamento prototípico da perífrase na amostra oral:

(7) F: Mas eu gosto de ir e voltar. Uma vez, quando nós compramos (riso f) eu fiquei um mês trancada lá dentro, parecia o fim do mundo. Eu via todo mundo vindo embora, eu dizia pro meu velho: "Vamos embora, vamos embora, eu não aguento mais isso aqui." Até eu dei Graças a Deus quando passou aquele mês. Eu gosto de estar na minha casa, é impressionante. E tu sabes? Eu fico perdida com os netos. Hoje eu estou sem eles. Eles foram pra praia, **vão ficar** até o dia dezesete que tem casamento aqui. A guriazinha **vai ser** aia, né? e eu quero ver, né? Então eu também vou. Eu acho que dia primeiro eu vou. Mas dia dezesete eu volto. Eu quero ver o casamento. **Vai ser** aqui na Igreja São Pedro. E é isso. Terminou a fita (riso f)? (POA 05:04)

Vejamos, a seguir, como se comportam as formas verbais com IR na amostra diacrônica (peças de teatro gaúcho). A tabela 3 apresenta esses resultados:

Tabela 3: Distribuição das formas com IR em relação a *aspecto* na amostra escrita (diacronia/teatro)

	Vou	Vou (loc.) Inf.	Vou Inf.	Vou (int.) Inf.	Vou (modal) Inf.	Vou (asp.) Inf.	Total
Habitualidade da situação no futuro							
Mais habitual	1/4%	0/0%	29/18%	0/0%	0/0%	1/33%	172
Menos habitual	22/96%	3/100%	129/82%	5/100%	11/100%	2/67%	31
Duração da situação no futuro							
Situação mais durativa	23/100%	2/67%	128/81%	3/60%	8/73%	2/67%	166
Situação menos durativa	0/0%	1/33%	30/19%	2/40%	3/27%	1/33%	37
Traços de mov./desl. do verbo pleno							
Movimento 1	23/100%	0/0%	18/11%	0/0%	2/18%	0/0%	43
Movimento 2	0/0%	1/33%	34/22%	1/20%	3/27%	1/33%	40
Movimento 3	0/0%	0/0%	13/8%	2/40%	2/18%	0/0%	17
Movimento 4	0/0%	1/33%	9/5%	0/0%	0/0%	1/33%	11
Movimento 5	0/0%	1/33%	24/15%	2/40%	2/18%	0/0%	29
Movimento 6	0/0%	0/0%	14/9%	0/0%	1/9%	1/33%	16
Movimento 7	0/0%	0/0%	23/15%	0/0%	1/9%	0/0%	24
Movimento 8	0/0%	0/0%	23/15%	0/0%	0/0%	0/0%	23
Total	23	3	158	5	11	3	203

De acordo com a tabela 3, observa-se que a perífrase comporta-se na amostra diacrônica de forma parecida com a amostra sincrônica, ou seja, a perífrase é mais frequente nos contextos *menos habitual* (129/158 = 82%) e de *situação mais durativa* (128/158 = 81%) e, novamente, pulveriza-se entre os fatores do grupo *traços de movimento/deslocamento do verbo principal*, com exceção do *movimento 2*, movimento e deslocamento restrito a um espaço concreto e interno, no qual dispara levemente (34/158 = 22%). Abaixo, apresentamos um dado com o *movimento 2*, retirado da amostra diacrônica:

(8) LEO: [...] Você vem e me diz: agora nós vamos viver juntos e ser felizes para sempre. Vamos ter girassóis no terraço, passarinhos na varanda, almofadas macias, vinhos e queijos todas as noites. Eu vou te amar muito, você vai me amar muito. Tudo bem, meu anjo. Mas eu pergunto: e quem é que vai lavar os pratos, quem **vai varrer** o chão, quem vai limpar a privada? Quem vai batalhar a maldita grana? (LF 1974:23)

Outro ponto a ser salientado é o movimento da perífrase na amostra diacrônica, no que tange aos fatores nos quais ela apresenta pouca frequência na amostra sincrônica. Observando a tabela 3, nota-se que os fatores *mais habitual* (29/158 = 18%) e *situação menos durativa* (30/158 = 19%) encontram-se com porcentagens menores do que os apresentados na amostra sincrônica, tabela 2: *mais habitual* (190/677 = 28%) e *situação menos durativa* (175/677 = 26%). Essa diferença, embora pequena, sugere que a perífrase vem conquistando espaço, ao longo do tempo, em contextos mais diversificados no que tange ao *aspecto* no domínio funcional do futuro. Para observarmos melhor esse movimento, foi elaborada a tabela 4, que apresenta os resultados desses dois grupos de fatores ao longo do tempo, distribuídos em seis períodos, na amostra diacrônica.

Tabela 4: Distribuição da perífrase em relação a *habitualidade da situação* e a *duração da situação* na amostra escrita (diacronia/teatro) ao longo do tempo

Períodos	1850-1870		1880-1900		1910-1930		1940-1960		1970-1990		2000-2010		Total
Habitualidade	+ h.	- h.	+ h.	- h.	+ h.	- h.	+ h.	- h.	+ h.	- h.	+ h.	- h.	
Vou Inf.	2	17	0	23	4	18	5	17	13	41	5	13	
	11%	89%	0%	100%	18%	82%	23%	77%	32%	68%	38%	62%	
Duração da situação	+ d.	- d.	+ d.	- d.	+ d.	- d.	+ d.	- d.	+ d.	- d.	+ d.	- d.	
Vou Inf.	18	1	20	3	22	0	15	7	36	18	17	1	
	95%	5%	87%	13%	100%	0%	68%	32%	67%	33%	94%	6%	
Total	19		23		22		22		54		18		158

A tabela 4 mostra que a perífrase, no contexto *mais habitual* (+ h.), vai aumentando sua frequência ao longo do tempo, saindo de 11% no primeiro período e chegando, no período 2000-2010, a 38%. Em contrapartida, no contexto *menos habitual* (- h.), a perífrase diminui sua frequência ao longo do tempo, caindo de 89% no primeiro período para 62% no último período, quando obtém a menor frequência.

Com relação à duração da situação, o contexto *mais durativa* começa com uma frequência alta (95%) e, embora haja uma queda ao longo do tempo, especialmente nos períodos 1940-1960 (68%) e 1970-1990 (67%), mantém sua frequência inicial no último período da amostra (94%). Complementarmente, a perífrase aumenta sua frequência na situação *menos durativa* nos períodos 1940-1960 (32%) e 1970-1990 (33%), mas reduz radicalmente sua presença nesse contexto no último período (6%). Observamos, no entanto, que, na amostra sincrônica (Varsul), a frequência volta a subir (26%).

Em termos gerais, constata-se que a perífrase ocorre com maior frequência, tanto na amostra sincrônica, quanto na amostra diacrônica em contextos de *menos habitual*, ou seja, em situações únicas, e em *situações mais durativas*. Um olhar ao longo do tempo mostra, no entanto, que a perífrase se move para contextos de situações *mais habitual* e *menos durativa*, especialmente se contrastarmos os resultados da amostra diacrônica com os da amostra sincrônica.

O verbo IR na perífrase IR (presente) + infinitivo mostra-se, como as pesquisas anteriormente resenhadas apontam, como o item que vem para promover o aspecto, mais especificamente a *visão prospectiva* (cf. ANDERSON, 1973, p. 765). A visão prospectiva é um tipo de aspecto no qual o falante projeta a situação para o futuro, a partir do momento presente. O traço aspectual “movimento para” de IR parece ser decisivo para promover a futuridade, já que alguém ou algo que se move em direção a algum lugar no espaço, também se move no tempo. Daí pode-se pensar que a ação tenderia a ser *menos habitual* e *mais durativa*. A mudança que ocorre com os itens selecionados para expressar a futuridade, dos quais IR é um exemplo, é que, num determinado momento, acontece a perda de sentido espacial (cf. BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 268).

Os resultados obtidos para os grupos de fatores relacionados a *aspecto* mostram que é nesse contexto acima descrito que a perífrase parece se consolidar no século XIX (nossa amostra não permite falar em “surgimento” da perífrase); e a comparação entre nossas amostras sincrônica e diacrônica, bem como o olhar para a amostra escrita ao longo do tempo, apontam para um movimento da perífrase, e do item IR como

marca de futuridade, no sentido de se expandir para novos contextos, como *mais habitual* e *menos durativo*.

A perda do sentido espacial, no entanto, é acrescida de modalidade, já que, quando o falante anuncia que está indo para algum lugar para fazer algo, ele está, na verdade, anunciando sua *intenção* de fazer isso (cf. BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 269). A modalidade é, mais do que um traço a ser adquirido pela forma no domínio funcional do futuro, uma categoria que se sobrepõe ao aspecto e ao tempo, quando se trata de futuridade. Passemos, então, à descrição e análise da modalidade nas amostras sincrônica (Varsul) e diacrônica (teatro).

6.1.2 Modalidade

A *modalidade* recobre três grupos de fatores: *modalidade* (cf. BYBEE *et al.*, 1994), *modo da oração vinculada ao dado e pessoa do discurso*. Conforme descrito no capítulo metodológico, o objetivo é avaliar o grau de certeza e a intenção do falante ao selecionar a perífrase como forma para codificar o domínio funcional do futuro. A tabela 5 apresenta os resultados desses grupos para a amostra oral sincrônica.

Tabela 5: Distribuição das formas com IR em relação a *modalidade* na amostra oral (sincronia/Varsul)

	Vou	Vou (loc.+para) Inf.	Vou (loc.) Inf.	Vou Inf.	Vou (int.) Inf.	VOU IR	Vou (modal) Inf.	Vou (asp.) Inf.	Vou (outros) Inf.	Vou estar Ger.	Total
Modalidade											
Orientada para o agente	20/20%	2/33%	4/18%	88/13%	3/17%	1/14%	18/25%	5/21%	0/0%	3/33%	144
Epistêmica mais certeza	68/69%	3/50%	17/77%	402/59%	12/66%	4/57%	42/58%	16/67%	3/60%	6/67%	573
Epistêmica menos certeza	11/11%	1/17%	1/5%	187/28%	3/17%	2/29%	12/17%	3/12%	2/40%	0/0%	222
Modo da oração vinculada ao dado											
Indicativo	27/27%	3/50%	12/55%	295/43%	7/39%	3/43%	28/39%	11/46%	1/20%	2/22%	389
Subjuntivo	2/2%	0/0%	0/0%	22/3%	2/11%	1/14%	4/5%	0/0%	0/0%	1/11%	32
Imperativo	0/0%	0/0%	0/0%	1/1%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1
Ausência	70/71%	3/50%	10/45%	359/53%	9/50%	3/43%	40/56%	13/54%	4/80%	6/67%	517
Pessoa do discurso											
P1	31/32%	3/50%	8/36%	197/29%	3/17%	3/43%	23/32%	9/38%	0/0%	5/56%	282
P2	24/24%	2/33%	4/18%	45/7%	3/17%	2/28%	10/14%	1/4%	0/0%	1/11%	92
P3 + animado	24/24%	1/17%	6/27%	200/29%	10/56%	2/28%	30/42%	5/21%	2/40%	1/11%	281
P3 – animado	6/6%	0/0%	1/5%	153/23%	1/5%	0/0%	1/1%	6/25%	0/0%	1/11%	169
P4	14/14%	0/0%	3/14%	82/12%	1/5%	0/0%	8/11%	3/12%	3/60%	1/11%	115
Total	99	6	22	677	18	7	72	24	5	9	939

A tabela 5 aponta que a perífrase mostra-se fortemente ligada à modalidade epistêmica, particularmente a de *mais certeza* (402/677 = 59%). A modalidade deontica, que inclui as ideias de desejo e intenção, apresenta-se mais distante (88/677 = 13%) na perífrase. É possível acreditar que essa modalidade, associada de modo mais proeminente ao traço aspectual “visão prospectiva”, conforme comentado anteriormente, tenha sido fortemente expressa pela perífrase em seus primeiros estágios de gramaticalização, mas que tenha perdido a força, à medida que os traços de “movimento para/deslocamento” do item IR venham adquirindo contornos mais abstratos.

Ainda é importante mencionar que a construção *VOU IR* segue o mesmo trajeto da perífrase, apresentando a maior porcentagem no fator *mais certeza* (4/7 = 57%) e a menor porcentagem no fator *orientada para o agente* (1/7 = 14%), enquanto as outras formas – à exceção de *vou (outros) Inf.* e *vou (int.) Inf.* – invertem essa tendência, apresentando porcentagem superior à da perífrase para esse fator. Uma possível hipótese para explicar essa inversão, bem como a aproximação da perífrase com as construções *VOU IR*, é a abstração do traço de “movimento para” do item IR, o que pode sugerir que, de fato, IR caminha para tornar-se um morfema-vocábulo de futuridade.

Essa hipótese interpretativa se justifica se atentarmos para o fato de que nas construções *VOU IR* estamos lidando com o verbo pleno IR como verbo principal, que carrega fortemente o traço de “movimento para/deslocamento”. As formas que chamamos de *perífrase em expressões* trazem agregadas outros verbos – como aspectuais (*vou começar a fazer*), modais (*vou poder fazer*) e estar + gerúndio (*vou estar fazendo*). Por outro lado, as formas *vou (loc. + para) Inf.* e *vou (loc.) Inf.* são camadas iniciais da formação da perífrase, nas quais se observa ainda o locativo e a finalidade expressa, geralmente atribuída à ação de IR.

O grupo de caráter mais formal proposto para a *modalidade, modo da oração vinculada ao dado*, apresenta a perífrase imersa no modo *indicativo* (295/677 = 43%) em detrimento ao *subjuntivo* (22/677 = 3%). Essa configuração reforça a ideia de que a perífrase encontra-se predominantemente num contexto menos *irrealis*, no qual atitudes de maior certeza, ou sentido de iminência da realização do fato, estão mais presentes.

O contexto *ausência de orações vinculadas*, no entanto, apresenta-se robusto (517/939 = 55%) frente aos outros fatores, sugerindo que a perífrase (359/677 = 53%) se manifesta mais frequentemente em contextos de orações absolutas que expressam futuridade, podendo estar, assim, reafirmando-se como forma para codificar o domínio funcional do

futuro. Uma checagem em nossos dados mostra que a maioria dessas ocorrências ($203/359 = 56\%$) encontram-se no discurso reportado, como o trecho (9), abaixo, ilustra:

(9) F: A gente tá notando que é difícil ensinar ela. Pra manter mesmo, pra ela falar correto, só no colégio mesmo, que ensina, né?

E: Mas, ela provavelmente vai falar alemão e português...

F: É, vai mais a falar o português. Ela vai sentir a mesma dificuldade que eu também, né? tanto pra... Às vezes vem os alemães aqui. As cooperativas que vem lá da Alemanha, né? então, às vezes a gente, né? “Essa alemoa, eu **vou falar** com ela”. Que nada, alemão lá é bem...é dialeto que a gente fala aqui, né? O alemão, alemão mesmo, não é. (PA 02:02)

Esse tipo de ocorrência aproxima-se daquelas associadas ao modo indicativo da oração vinculada, expressando uma modalidade menos *irrealis*, mais próxima de certeza.

Quanto à *pessoa do discurso*, observa-se que a perífrase se encontra predominantemente entre *P1* ($197/677 = 29\%$) e *P3 + animado* ($200/677 = 29\%$). Se amalgamarmos *P1* com *P4* – afinal, *P4* também inclui o falante (*nós vamos estudar, a gente vai estudar*) – e *P3 + animado* com *P3 - animado*, por se tratarem da mesma pessoa com matizes diferenciados, temos *P1 + P4* ($279/677 = 41\%$) e *P3 + animado + P3 - animado* ($353/677 = 52\%$). Observa-se a leve tendência da perífrase para *P3* (52%) em detrimento de *P1* (41%).

Estudos como o de Heine (1995) sinalizam para a forte correlação entre *P1* e *P2* e modalidade *orientada para o agente*, e entre *P3* e modalidade *epistêmica*. Diante do resultado acima descrito, cabe questionar: Se *P1* e *P4* refletem mais fortemente a modalidade *orientada para o agente*, por que a porcentagem do fator *orientada para o agente*, no grupo *modalidade*, é tão baixa ($88/677 = 13\%$)? Buscando resposta para essa indagação, realizamos um cruzamento entre modalidade e pessoa do discurso, focalizando apenas a construção *Vou Inf.*, cujos resultados se encontram na tabela 6.

Tabela 6: Distribuição da perífrase em relação a *modalidade* e a *pessoa do discurso* na amostra oral (sincronia/Varsul)

Modalidade	Orientada para o agente					Epistêmica mais certeza					Epistêmica menos certeza					Total
	P1	P2	P3 +	P3 -	P4	P1	P2	P3 +	P3 -	P4	P1	P2	P3 +	P3 -	P4	
Vou Inf.	82 12%	0 0%	1 0%	1 0%	4 1%	72 11%	37 5%	137 20%	96 14%	60 9%	43 6%	8 1%	62 9%	56 8%	18 3%	677

A tabela 6 reflete, de forma mais acentuada, a correlação entre P3 e modalidade *epistêmica de mais certeza* ($137/677 = 20\%$; $96/677 = 14\%$) e entre P1/P4 e modalidade *orientada para o agente* ($82/677 = 12\%$; $4/677 = 1\%$). Diante da tabela 6, no entanto, observamos a presença de dados com P1 ($72/677 = 11\%$) e P4 ($60/677 = 9\%$), e também com P2 ($37/677 = 5\%$), que ocorrem na modalidade *epistêmica de mais certeza*. As ocorrências (10), (11) e (12) ilustram esse fato:

(10) E: O que que tu fazias lá?

F: Escritório também, auxiliar de escritório, serviços gerais.

E: Quanto tempo tu trabalhou lá?

F: Quatro anos e agora aqui **vou fazer** oito.

E: Mesmo? Quando?

F: Daqui a 2 meses. (PA 02:07)

(11) E: E a sua filha mais moça estuda aqui ainda?

F: Estuda aqui. Ela está, vai pro segundo ano do segundo grau agora.

E: E ela quer fazer vestibular pra quê? Já se definiu?

F: Não. Não se definiu ainda.

E: Mas vai pra Santa Maria também?

F: Bom, aí eu não sei, depende. Isso é com ela, se ela quiser, ela vai. Agora, tem o seguinte: se essa crise econômica, esses problemas, essa recessão continuar avançando como ela está nos últimos tempos, a gente não **vai ter** condições mais... Eu até já, infelizmente, a gente tem que estar preparado, mas se continuar assim até nós vamos ter que parar, cancelar as matrículas e aguardar melhorar a situação. O comércio hoje, o pequeno comerciante está muito sacrificado. (PA 17:04)

(12) E: O senhor frequenta algum parque, o senhor gosta de passear em parque, coisa assim?

F: Ah! eu agora não. Eu não tenho porque olha, eu tenho um quintal aqui, eu passo o dia dentro do quintal aqui, né? Quando eu não estou trabalhando, sábado, domingo eu estou aqui, virando a terra. (risos f)

E: Aqui nos fundos da casa?

F: Hein? É. Não quer ver? Depois eu vou lhe mostrar, eu abro ali, daí o senhor **vai ver**.

E: O senhor tem horta aqui?

F: Tenho, tem horta, tem tudo aí. (POA 07:08)

Em (10) nota-se que a falante expressa um fato, marcado pela data do evento no futuro (daqui a 2 meses). Em (11), diante da recessão, da crise econômica, o falante expressa uma certeza inferida de que não terá condições de manter a filha na faculdade. Em (12), observa-se que o

falante, a partir da pergunta do entrevistador, sugere mostrar a horta que ele cuida nos fundos da casa. A certeza do falante é inferida do fato de que, ao abrir a porta, o entrevistador logo vai enxergar a horta do quintal.

Voltemos, agora, nosso olhar para o grupo *modalidade* na amostra diacrônica. A tabela 7, abaixo, mostra esses resultados.

Tabela 7: Distribuição das formas com IR em relação a *modalidade* na amostra escrita (diacronia/teatro)

	Vou	Vou (loc.) Inf.	Vou Inf.	Vou (int.) Inf.	Vou (modal) Inf.	Vou (asp.) Inf.	Total
Modalidade							
Orientada para o agente	6 26%	1 33%	27 17%	3 60%	3 27%	0 0%	40
Epistêmica mais certeza	13 57%	2 67%	98 62%	1 20%	3 27%	2 67%	116
Epistêmica menos certeza	4 17%	0 0%	33 21%	1 20%	5 46%	1 33%	47
Modo da oração vinculada ao dado							
Indicativo	5 22%	1 33%	45 29%	0 0%	3 27%	1 33%	55
Subjuntivo	0 0%	0 0%	8 5%	0 0%	1 9%	0 0%	9
Ausência	18 78%	2 67%	105 66%	5 100%	7 64%	2 67%	139
Pessoa do discurso							
P1	10 43%	3 100%	59 37%	4 80%	5 45%	0 0%	81
P2	9 40%	0 0%	23 15%	1 20%	3 27%	2 67%	38
P3 + animado	2 9%	0 0%	35 22%	0 0%	1 9%	0 0%	38
P3 – animado	1 4%	0 0%	25 16%	0 0%	0 0%	1 33%	27
P4	1 4%	0 0%	16 10%	0 0%	2 18%	0 0%	19
Total	23	3	158	5	11	3	203

A tabela 7 aponta resultados parecidos para a diacronia em relação à sincronia. Observa-se que a perífrase afina-se mais com o fator *mais certeza* (98/158 = 62%) e tem sua frequência diminuída no fator *orientada para o agente* (27/158 = 17%).

Em relação ao grupo *modo da oração vinculada ao dado*, o contexto mais *realis*, indicativo, é aquele no qual a porcentagem da perífrase se sobressai (45/158 = 29%). O fator *ausência de oração vinculada* é aquele que apresenta maior número de dados (139/203 =

68%) e, no caso das peças de teatro, ocorre em torno do diálogo entre os personagens, conforme as ocorrências (13) e (14) ilustram:

(13) ALZIRA: Não te compreendo... Paulo?

PAULO: Eu te o **vou explicar**. Acabo de receber ordem de Sua Majestade para equipar um brigue, tomar o seu comando e partir para os mares das Antilhas, dentro de vinte e quatro horas.

ALZIRA: Paulo... Paulo... Tu vais partir? (CO 1849:137)

(14) PEDRO: Uma cobra.

GABRIELA: O que tu vai fazer?

PEDRO: Pega esse martelinho e bate na cabeça dela. É a anestesia! **Vou operar!** Tu é a enfermeira e eu sou o médico! (BA 1982:27)

A perífrase, nesse contexto ($105/158 = 66\%$), parece operar com modalidades menos *irrealis*, expressando iminência da ação e mais certeza, nuances de intenção podem também ser percebidas, embora o traço de *mais certeza* seja forte.

No que tange a *pessoa do discurso*, deparamo-nos com resultados um pouco diferenciados daqueles da amostra sincrônica. A preferência da perífrase recai sobre *P1/P4* ($59/158 = 37\%$; $16/158 = 10\%$), seguida de *P3* ($35/158 = 22\%$; $25/158 = 16\%$), contextos que, via de regra, se correlacionam com as modalidades *orientada para o agente* e *epistêmica*, respectivamente. Efetuando um cruzamento entre *modalidade* e *pessoa do discurso*, obtivemos os resultados expostos na tabela 8:

Tabela 8: Distribuição da perífrase em relação a *modalidade* e a *pessoa do discurso* na amostra escrita (diacronia/teatro)

Modalidade	Orientada para o agente					Epistêmica mais certeza					Epistêmica menos certeza					Total
	P1	P2	P3	P3	P4	P1	P2	P3	P3	P4	P1	P2	P3	P3	P4	
			+	-				+	-				+	-		
Pessoa do discurso																
Vou Inf.	27 17%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	28 17%	13 8%	24 15%	20 13%	10 6%	4 2%	10 6%	11 7%	5 3%	6 4%	158

Os resultados da tabela 8 se assemelham aos apresentados na tabela 6, em relação à acentuada recorrência da perífrase por contextos de modalidade epistêmica *de mais certeza*. No entanto, ressalta-se que as frequências da modalidade epistêmica *de menos certeza* se apresentam um pouco mais altas na amostra sincrônica (Varsul), o que sugere que essa modalidade pode ser a instância mais nova de expansão da perífrase.

Novamente nos deparamos com índices elevados de *PI* em contextos de modalidade epistêmica *de mais certeza*. As ocorrências (15), (16) e (17) ilustram essa correlação:

(15) JOÃO: Ficou bonito. Já está quase parecendo uma casa.

MONA: Está maravilhoso! Tem até flores.

LEO: De plástico.

MONA: Baixo-astral. Tenho a certeza que **vou encontrar** coisas ainda mais maravilhosas. (LF 1974:20)

(16) HEITOR: (*disfarçando certo desapontamento*) Ah! Estevão é íntimo amigo do senhor Sérgio.

CLAUDIO: Que tem o senhor a ver com isso?

HEITOR: Nada. Só que... é certo que **vou encher** o cheque! (*sai rindo e deixa Heitor contrariado*). (OT 1902:26)

(17) MAURO: Mas, então, essa carta?...

CARMEM: É de uma amiga de infância, que se oferece gentilmente para o que for necessário, visto que me **vou casar**...

MAURO: (*levantando o envelope que caíra no chão*) Esta letra, porém, é letra de homem! (VC 1942:23)

Os dados (15), (16) e (17) apresentam a avaliação do personagem sobre sua proposição (*tenho certeza que/é certo que*) de forma a minimizar qualquer dúvida acerca da realização de suas ações. No entanto, é possível, ainda assim, observar algum traço menos saliente de *intenção*, embora a avaliação do falante/personagem frente ao que enuncia seja um traço mais forte.

Com o propósito de detalharmos a relação da modalidade e a pessoa do discurso ao longo do tempo, propomos a tabela 9, que apresenta os resultados para esses grupos de fatores na amostra escrita:

Tabela 9: Distribuição da perífrase em relação a *modalidade* e a *pessoa do discurso* na amostra escrita (diacronia/teatro) ao longo do tempo

Períodos	1850-1870			1880-1900			1910-1930		
Modalidade	o.	+c.	-c.	o.	+c.	-c.	o.	+c.	-c.
Vou Inf.	7 36%	11 58%	1 5%	9 39%	13 56%	1 4%	4 18%	15 68%	3 14%
Total	19			23			22		
Pessoa	P1		P3	P1		P3	P1		P3
Vou Inf.	7 58%		5 42%	12 92%		1 8%	11 61%		7 39%
Total	12			13			18		

Períodos	1940-1960			1970-1990			2000-2010			Total
Modalidade	o.	+c.	-c.	o.	+c.	-c.	o.	+c.	-c.	
Vou Inf.	4 18%	15 68%	3 14%	3 6%	33 61%	18 33%	0 0%	11 61%	7 39%	
Total	22			54			18			158
Pessoa	P1		P3	P1		P3	P1		P3	
Vou Inf.	10 71%		4 29%	14 54%		12 46%	5 45%		6 55%	
Total	14			26			11			158

A tabela 9 mostra que a modalidade orientada para o agente (o.) vai diminuindo sua porcentagem ao longo do tempo, chegando a se extinguir no último período da amostra escrita: sai de 36% e chega a 0%. Esse resultado final, no entanto é um pouco destoante em comparação com a amostra oral, que apresenta atualmente ocorrências de contexto de modalidade orientada para o agente ($88/677 = 28\%$). O comportamento da modalidade orientada para o agente na amostra escrita parece estar ligado à P1, que apresenta apenas 5 dados no último período. Além disso, é interessante notar que os dados de P1 do último período estão relacionados com a modalidade epistêmica. Abaixo, apresentamos algumas ocorrências que ilustram essa relação:

(18) ALUNOS: E se não se crê?...

PROFESSOR: Sempre se escolhe e, quando não, se escolhe não escolher e fica no ar. Mais fácil, menos humano. Ponham na cabeça a questão: o que **vou fazer** da minha vida? E tratem de seguir o que tiverem deliberado. (BC 2002:12)

(19) JÚLIO: E a porta?

LUISA: É só fechar, Júlio.

JÚLIO: (*indo até a geladeira*) Porta de geladeira aberta gasta muita energia. (*fecha a porta da geladeira*)

LUISA: (*levantando e dirigindo-se ao armário*) Eu **vou passar** um café. (TC 2012:198)

As ocorrências acima encontram-se na modalidade epistêmica de menos certeza (18) e de mais certeza (19), ainda que sejam P1. Essa correlação entre P1 e modalidade orientada para o agente, que se estende para modalidade epistêmica, bem como a expansão da perífrase em geral para contextos mais epistêmicos ao longo do tempo na amostra escrita será contemplada mais minuciosamente na seção 6.2, a seguir.

Resumidamente, a perífrase, em nossas amostras oral (sincronia/Varsul) e escrita (diacronia/teatro), envolve-se com contextos de *mais certeza* e *menos irrealis*, valendo-se das pessoas P1 e P3, preferencialmente. Os contextos de P1 estão, em princípio, correlacionados com a modalidade orientada para o agente, mas observamos que, em nossas amostras, eles permitem o aparecimento da modalidade epistêmica – de mais certeza. Essa relação sugere que a perífrase vem expandindo seus contextos de uso no campo da modalidade, da mesma maneira que constatamos, na subseção precedente, uma expansão de contextos no campo do aspecto. Voltaremos

a essa discussão adiante. Passemos, então, para a descrição dos resultados relativos a *tempo*.

6.1.3 Tempo

Conforme discutido anteriormente, a categoria tempo é bastante complexa no domínio da futuridade. Os teóricos estudados¹⁰⁰ acreditam que futuridade é muito mais modalidade e algum aspecto que esteja comprometido com essa modalidade – como a visão prospectiva ou relevância do presente – do que tempo. Nosso maior objetivo com a proposta dos grupos de fatores concernentes a *tempo* – que abarcam *determinação temporal*, *especificação temporal* e *ponto de referência* – é identificar contextos mais temporais nos quais a perífrase esteja atuando.

A tabela 10 apresenta os resultados para a amostra oral (sincronia/Varsul).

¹⁰⁰ Essa discussão está posta no capítulo 2, *Objeto de estudo*.

Tabela 10: Distribuição das formas com IR em relação a *tempo* na amostra oral (sincronia/Varsul)

	Vou	Vou (loc.+para) Inf.	Vou (loc.) Inf.	Vou Inf.	Vou (int.) Inf.	VOU IR	Vou (modal) Inf.	Vou (asp.) Inf.	Vou (outros) Inf.	Vou estar Ger.	T
Determinação temporal											
Tempo determinado	80	2	11	448	7	4	32	17	2	2	605
	81%	33%	50%	66%	39%	57%	44%	71%	40%	22%	
Tempo não determinado	19	4	11	229	11	3	40	7	3	7	334
	19%	66%	50%	34%	61%	43%	55%	29%	60%	78%	
Especificação temporal											
Com especificação	15	1	2	171	6	1	7	4	0	0	207
	15%	17%	9%	25%	33%	14%	10%	17%	0%	0%	
Contextual (p. temático)	22	0	0	72	0	1	5	9	1	2	112
	22%	0%	0%	11%	0%	14%	7%	37%	20%	22%	
Sem especificação	62	5	20	434	12	5	60	11	4	7	620
	63%	83%	91%	64%	67%	72%	83%	46%	80%	78%	
Ponto de Referência											
MR, MF–MS	87	4	21	599	17	6	65	23	5	9	836
	88%	67%	95%	88%	94%	86%	90%	96%	100%	100%	
MF–MR–MS	8	2	1	45	1	0	5	0	0	0	62
	8%	33%	5%	7%	6%	0%	7%	0%	0%	0%	
MF, MR–MS ₁ , MS ₂	4	0	0	33	0	1	2	1	0	0	41
	4%	0%	0%	5%	0%	14%	3%	4%	0%	0%	
Total	99	6	22	677	18	7	72	24	5	9	939

De acordo com a tabela 10, a perífrase encontra-se preferencialmente em contexto de *tempo determinado* ($448/677 = 66\%$), e, em relação ao grupo *especificação temporal*, a perífrase encontra-se mais frequentemente em contextos *sem especificação temporal* ($434/677 = 64\%$). Olhando comparativamente para esses dois grupos de fatores, causa certa estranheza a alta incidência de *tempo determinado* e de contextos *sem especificação temporal*, com porcentagens tão próximas, uma vez que se imagina ser a determinação temporal depreendida com base em algum tipo de especificação temporal no contexto da ocorrência em análise. Para esclarecermos esse estranhamento, realizamos um cruzamento entre esses dois grupos de fatores. A tabela 11 apresenta esses resultados:

Tabela 11: Distribuição da perífrase em relação a *determinação temporal* e a *especificação temporal* na amostra oral (sincronia/Varsul)

Det. temporal	Determinado					Não determinado					Total
	Com esp.			Contextual	Sem esp.	Com esp.			Contextual	Sem esp.	
Esp. temporal	Adv.	Loc.	Or.			Adv.	Loc.	Or.			
Vou Inf.	63 9%	89 13%	14 2%	71 10%	211 31%	3 1%	2 0%	0 0%	1 0%	223 33%	677

A tabela 11, na qual apresentamos o fator *com especificação* mais detalhadamente em suas diferentes formas de expressão, mostra que o fator *sem especificação* apresenta-se dividido entre *determinado* ($211/677 = 31\%$) e *não determinado* ($223/677 = 33\%$). Nesse caso, destacamos algumas ocorrências do nosso *corpus* nas quais se observa a presença de *tempo determinado sem especificação temporal*:

(20) E: E essa festa, como é que vai ser?

F: Bom, nós **vamos ter** uma recepção, **vai ser** com fogos, e foguetes, e os sinos **vão tocar**. **Vai ter** uma missa, celebrada pelos padres que são da família, né? e inclusive o bispo diocesano, a mãe dele é Soldatelli. E religiosas, também; então elas **vão fazer** esta parte religiosa. (FC 18:12)

(21) F: Agora nossa especialidade é ferragens, tintas automotivas. Temos uma, é, uma seção de cópia de chave, conserto de fechaduras, essas coisas que hoje em dia com a insegurança, todo mundo tem que se precaver, né? Volta e meia a pessoa: "Não, perdi uma chave, **vou trocar** de segredo." A gente troca o miolo da fechadura. (SB 04:05)

(22) F: Ah! bom, mas teria que lavar todas paredes mas eu não me meto. Até vai vir hoje, eu acho, pra me lavar uns tapetes, uma moça, mas não me meto a lavar parede. Vão, filhinhas, vão brincar, vão, vão. Olha que o Papai Noel não **vai trazer** bicicleta nenhuma, minha negra. Socorro! (FC 05:06)

No dado (20) sabemos, por ter sido um assunto recorrente em muitas das entrevistas do Varsul – Flores da Cunha, que a festa mencionada é uma reunião típica dos italianos que congrega todos os descendentes de uma família, nesse caso os Soldatelli, que seria realizada no ano seguinte ao momento da entrevista. A ocorrência (21) apresenta um futuro imediato, dêitico, já que é uma fala dos clientes que chegam na seção de cópia de chaves e solicitam uma troca de segredo, por terem perdido uma das chaves. O dado (22) é curioso. Observa-se que a informante está conversando com a entrevistadora sobre a limpeza da casa, quando interrompe sua fala para dirigir-se às netas, dando uma ordem (*vão brincar*) e ameaçando a mais velha com o presente de Natal. A referência temporal da construção *vai trazer* é o Natal. Assim como nas ocorrências (20), (21) e (22), o tempo se mostra determinado, sendo inferido pela situação, mas a ocorrência não apresenta especificação temporal explícita.

Para fecharmos a descrição dos resultados da tabela 10, tratemos do grupo *ponto de referência*, no qual encontramos a perífrase destacada ($599/677 = 88\%$) no *futuro simples* (MR, MF – MS), ainda que se observe

seu envolvimento com o *futuro cotemporal* (MF, MR – MS₁, MS₂) e com o *futuro do futuro* (MF – MR – MS). O número de dados do *futuro simples* (836/939 = 89%), no entanto, é bem superior aos encontrados para o *futuro cotemporal* (33/939 = 4%) e *futuro do futuro* (62/939 = 7%), o que dificulta uma análise mais precisa. Lembramos que, de acordo com os teóricos que discutem a futuridade (especialmente CAMARA JR., 1985) a presença de *futuro cotemporal* e *futuro do futuro* é rara, particularmente na fala cotidiana.

Resumindo os resultados obtidos para *tempo* nos dados de fala, reforçamos a preferência de uso da perífrase em contextos de *tempo determinado, sem especificação temporal* e cujo ponto de referência é descrito como MR, MF – MS, o que corresponde à ideia de *futuro simples*.

Vamos, agora, observar como se comporta o grupo *tempo* na amostra diacrônica. A tabela 12 apresenta esses resultados:

Tabela 12: Distribuição das formas com IR em relação a *tempo* na amostra escrita (diacronia/teatro)

	Vou	Vou (loc.) Inf.	Vou Inf.	Vou (int.) Inf.	Vou (modal) Inf.	Vou (asp.) Inf.	Total
Determinação temporal							
Tempo determinado	20/87%	2/67%	115/73%	4/80%	8/73%	2/67%	151
Tempo não determinado	3/13%	1/33%	43/27%	1/20%	3/27%	1/33%	52
Especificação temporal							
Com especificação	9/39%	0/0%	19/12%	2/40%	3/27%	1/33%	34
Contextual (p. temático)	4/17%	0/0%	24/15%	0/0%	0/0%	0/0%	28
Sem especificação	10/43%	3/100%	115/73%	3/60%	8/73%	2/67%	141
Ponto de Referência							
MR, MF–MS	22/96%	3/100%	149/94%	5/100%	11/100%	3/100%	193
MF–MR–MS	0/0%	0/0%	2/1%	0/0%	0/0%	0/0%	2
MF, MR–MS ₁ , MS ₂	1/4%	0/0%	7/5%	0/0%	0/0%	0/0%	8
Total	23	3	158	5	11	3	203

A tabela 12 mostra com destaque a perífrase em contexto *tempo determinado* ($115/158 = 73\%$), apresentando uma porcentagem um pouco maior que a amostra sincrônica ($448/677 = 66\%$). Esses resultados sugerem que, na escrita diacrônica, a forma está se manifestando em contexto mais temporal no domínio funcional do futuro. É possível supor, no entanto, que sua presença nesse tipo de contexto temporal venha decaindo, uma vez que a porcentagem da amostra sincrônica (Varsul) é levemente inferior à da amostra diacrônica (teatro). Buscando suporte para essa suposição, averiguamos a distribuição desse grupo de fatores por período, e também do grupo especificação temporal, e os resultados são expostos na tabela 13.

Tabela 13: Distribuição da perífrase em relação a *determinação temporal* e a *especificação temporal* na amostra escrita (diacronia/teatro) ao longo do tempo

Períodos	1850-1870		1880-1900			1910-1930			
Determinação temporal	+ det.	- det.	+ det.	- det.	+ det.	- det.			
Vou Inf.	15 79%	4 21%	21 91%	2 9%	13 59%	9 41%			
Especificação temporal	com esp.	Cont.	sem esp.	com esp.	Cont.	sem esp.	com esp.	Cont.	sem esp.
Vou Inf.	0 0%	0 0%	19 100%	7 30%	0 0%	16 70%	1 5%	1 5%	20 90%
Total	19		23			22			

Períodos	1940-1960			1970-1990			2000-2010			T.
Determinação temporal	+ det.	- det.		+ det.	- det.		+ det.	- det.		
Vou Inf.	16 73%	6 27%		41 76%	13 24%		9 50%	9 50%		
Especificação temporal	com esp.	Cont.	sem esp.	com esp.	Cont.	sem esp.	com esp.	Cont.	sem esp.	
Vou Inf.	2 9%	0 0%	20 91%	8 14%	23 43%	23 43%	1 6%	0 0%	17 94%	
T.	22			54			18			158

A tabela 13 mostra o forte envolvimento da perífrase IR (presente) + infinitivo com o fator *tempo determinado* já no início dos períodos da amostra diacrônica ($15/19 = 79\%$). Essa relação oscila ao longo dos períodos até chegar a uma posição balanceada com o fator *tempo não determinado* ($9/18 = 50\%$). Esse movimento sugere uma mudança de comportamento da perífrase transitando entre os contextos *tempo determinado* e *tempo não determinado* ao longo dos anos. Alertamos, entretanto, que o número de dados do último período é pouco

expressivo (18/158 = 11%) para sustentar uma afirmação categórica. Por outro lado, os resultados da tabela 10, amostra sincrônica, para o fator *tempo não determinado* (229/677 = 34%), reforçam a hipótese de que a perífrase estaria “migrando” para um contexto de tempo *menos determinado*.

No que se refere ao grupo *especificação temporal*, a tabela 12 aponta o forte envolvimento da perífrase no contexto *sem especificação temporal* (115/158 = 73%), seguida de *contextual* (24/158 = 15%), isto é, interpretação temporal depreendida do contexto temático. Esse último fator apresenta-se levemente superior ao da amostra sincrônica (72/677 = 11%).

Já tabela 13 mostra características peculiares do período 1970-1990. Nota-se que é nesse período que os três tipos de *especificação temporal* estão presentes de forma mais equilibrada; entretanto, a interpretação da referência temporal depreendida do contexto temático concentra praticamente a totalidade dos dados dessa natureza nesse período (23/54 = 43%), o que se reflete no contexto *sem especificação*, predominante em todos os períodos e decaindo de forma acentuada justamente nessa época (23/54 = 43%). Não há uma característica particular que justifique esse resultado, apenas gostaríamos de salientar que esse período apresenta as peças com maior número de páginas, mais diálogos longos e intervenções do autor, e todas versam, de uma forma ou outra, sobre a repressão instituída pelo Golpe Militar de 1964, tendendo a mascarar a crítica social através de um texto com passagens *nonsense* para burlar a censura.

Quanto ao *ponto de referência*, a perífrase encontra-se fortemente relacionada com o *futuro simples* (149/158 = 94%) na diacronia. Em comparação com a mostra sincrônica, tabela 10, nota-se que a forma expandiu levemente sua atuação – de (2/158 = 1%) para (45/677 = 7%) – nos contextos em que expressa *futuro do futuro*.

Em resumo, a análise dos números das tabelas 12 e 13 mostra a perífrase predominantemente relacionada com contextos de *tempo determinado*, *sem especificação temporal* e *futuro simples* para a amostra diacrônica (teatro). Na grande maioria desses contextos, em comparação com a amostra sincrônica, a perífrase mostra-se expandindo sua atuação no domínio funcional do futuro.

Vamos observar, agora, os grupos de fatores extralinguísticos propostos.

6.1.4 Grupos de fatores extralinguísticos

Nesta subseção vamos tratar dos grupos de fatores extralinguísticos – *sexo, escolaridade, idade e cidade* – para a amostra oral (sincronia/Varsul). Lembramos que a amostra diacrônica apresenta apenas o grupo *períodos ao longo do tempo*, já contemplado nas subseções precedentes na discussão em torno de TAM e brevemente trazido aqui; e que a amostra informal não apresenta grupos de fatores extralinguísticos, dada a dificuldade em se obter tais informações numa coleta aleatória. Não obstante, na amostra informal é fornecida alguma informação extralinguística (geralmente *sexo, idade e escolaridade*) junto aos dados selecionados para ilustrar fatores e discussões.

A amostra oral (sincronia/Varsul) estratifica seus informantes em *sexo, idade, escolaridade e cidade*. A tabela 14 mostra os resultados para as diferentes formas verbais com IR, de acordo com esses grupos de fatores, com vistas a verificar se há alguma particularidade em relação aos contextos extralinguísticos ou se há uma certa uniformidade na distribuição das formas.

Tabela 14: Distribuição das formas com IR em relação aos grupos extralinguísticos na amostra oral (sincronia/Varsul)

	Vou	Vou (loc.+para) Inf.	Vou (loc.) Inf.	Vou Inf.	Vou (int.) Inf.	VOU IR	Vou (modal) Inf.	Vou (asp.) Inf.	Vou (outros) Inf.	Vou estar Ger.	Total
Sexo											
Masculino	38/38%	2/33%	9/41%	334/49%	6/33%	3/43%	43/60%	11/46%	3/60%	5/56%	454
Feminino	61/62%	4/67%	13/59%	343/51%	12/67%	4/57%	29/40%	13/54%	2/40%	4/44%	485
Idade											
25-49 anos	49/49%	3/50%	6/27%	358/53%	12/67%	4/57%	30/42%	14/58%	1/20%	7/78%	484
+ de 50 anos	50/51%	3/50%	16/73%	319/47%	6/33%	3/43%	42/58%	10/42%	4/80%	2/22%	455
Escolaridade											
4 a 5 anos	33/33%	3/50%	9/41%	243/36%	6/33%	1/14%	16/22%	12/50%	0/0%	3/33%	326
8 a 9 anos	30/30%	1/17%	5/23%	207/31%	3/17%	6/86%	25/35%	4/17%	2/40%	6/67%	289
11 a 12 anos	36/36%	2/33%	8/36%	227/34%	9/50%	0/0%	31/43%	8/33%	3/60%	0/0%	324
Cidade											
Porto Alegre	25/25%	0/0%	11/50%	212/31%	9/50%	4/57%	26/36%	12/50%	1/20%	4/44%	304
Flores da Cunha	19/19%	4/67%	6/27%	140/21%	3/17%	0/0%	16/22%	0/0%	1/20%	1/11%	190
Panambi	15/15%	2/33%	1/5%	154/23%	4/22%	0/0%	15/21%	3/13%	3/60%	0/0%	197
São Borja	40/41%	0/0%	4/18%	171/25%	2/11%	3/43%	15/21%	9/38%	0/0%	4/44%	248
Total	99	6	22	677	18	7	72	24	5	9	939

De acordo com a tabela 14, a perífrase IR (presente) + infinitivo distribui-se de forma quase igualitária entre os sexos *feminino* ($343/677 = 51\%$) e *masculino* ($334/677 = 49\%$).

Quanto à *idade*, a perífrase tende ligeiramente a ser mais usada pelos *mais jovens* ($358/677 = 53\%$), embora essa diferença não alcance 10%. E esse também é o comportamento das construções *VOU IR* ($4/7 = 57\%$). Para essa última forma, entretanto, a diferença entre os *mais jovens* e os *mais idosos* ($3/7 = 43\%$) é maior, sugerindo certa restrição entre os informantes *mais idosos*. A pouca expressividade dos dados de *VOU IR* ($7/939 = 1\%$), no entanto, não permite uma análise mais apurada.

A distribuição das ocorrências da perífrase no grupo *escolaridade* também não apresenta grandes diferenças porcentuais, ainda que os *menos escolarizados* ($243/677 = 36\%$) utilizem ligeiramente mais a perífrase para codificar o domínio funcional do futuro. Ressaltamos os resultados para as construções *VOU IR*, que não apresentam ocorrências entre os *mais escolarizados*. No entanto, a faixa da escolaridade que mais utiliza *VOU IR* ($6/7 = 86\%$) é a intermediária, 8 a 9 anos. Salientamos mais uma vez a pouca expressividade do total de ocorrências para essas construções na amostra.

Quanto à *cidade*, observamos novamente uma certa homogeneidade na distribuição de dados para a perífrase, com um leve aumento da porcentagem em *Porto Alegre* ($212/677 = 31\%$). A cidade de São Borja merece destaque pela presença da perífrase ($171/677 = 25\%$), das construções *VOU IR* ($3/7 = 43\%$) e pelo número expressivo de *Vou no presente* com valor de futuro ($40/99 = 41\%$). Uma possível explicação para essa configuração é justamente a presença de *Vou no presente* com valor de futuro, que poderia estar impulsionando a perífrase e as construções *VOU IR*. Outra provável explicação é a localização da cidade, no quadrante mais ocidental do estado, fazendo divisa com a cidade de Santo Tomé, localizada na província de Corrientes, na Argentina. A aproximação da cidade com o falar espanhol alimenta a hipótese de que o uso de *VOU IR* possa ser influenciado pelo contato com essa língua.

Resumidamente, pode-se observar que a perífrase movimenta-se com relativa liberdade entre os fatores extralinguísticos – sexo, idade, escolaridade e cidade –, sugerindo que essa forma encontra-se em franca expansão no falar gaúcho.

Passemos agora à observação do grupo *períodos ao longo do tempo*, para a amostra diacrônica (teatro). A tabela 15 apresenta os resultados das formas por períodos¹⁰¹.

Tabela 15: Distribuição das formas com IR na amostra escrita (diacronia/teatro) ao longo do tempo

Períodos	Vou	Vou (loc.) Inf.	Vou Inf.	Vou (int.) Inf.	Vou (modal) Inf.	Vou (asp.) Inf.	Total
1850-1870	4 17%	0 0%	19 12%	0 0%	2 18%	0 0%	25
1880-1900	5 22%	0 0%	23 15%	4 80%	0 0%	0 0%	32
1910-1930	3 13%	0 0%	22 14%	0 0%	1 9%	0 0%	26
1940-1960	3 13%	0 0%	22 14%	0 0%	0 0%	0 0%	25
1970-1990	5 22%	2 67%	54 34%	0 0%	6 55%	3 100%	70
2000-2010	3 13%	1 33%	18 11%	1 20%	2 18%	0 0%	25
Total	23	3	158	5	11	3	203

A tabela 15 mostra uma distribuição bastante equilibrada da perífrase *Vou Inf.*, assim como da forma *Vou*, ao longo do tempo. O resultado destoante para a perífrase situa-se no período 1970-1990, em que essa forma atinge uma frequência mais alta ($54/158 = 34\%$), provavelmente devido ao fato de termos mais material escrito nas peças desse período, conforme relatado anteriormente. É também nesse período (e no último) que encontramos a construção *vou (loc.) Inf.*, sugerindo que a perífrase já se consolidou há tempo, dispensando a expressão do locativo, e que a presença do locativo pode ocorrer por opção do falante. Ainda no período 1970-1990 é que vamos encontrar perífrases em expressões aspectuais, embora em número reduzido ($3/3 = 100\%$), ao passo que perífrases em expressões modais já aparecem no primeiro período ($2/11 = 18\%$). Uma possível explicação para esse movimento em relação a expressões como *vou começar a fazer* é o fato de que, nos primeiros períodos, o auxiliar IR mantém mais fortemente sua carga

¹⁰¹ Ressaltamos que nas seções anteriores – *aspecto, modalidade e tempo* – apresentamos cruzamentos de grupos de fatores com os períodos da diacronia. Por essa razão, nesta subseção vamos nos concentrar apenas nas formas. Outros cruzamentos entre os grupos de fatores e os períodos serão contemplados nas seções a seguir.

aspectual de origem e, por isso, inibe a presença de outros verbos aspectuais junto à perífrase.

Nesta seção, descrevemos e comentamos o resultado da análise dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos em torno da perífrase IR (presente) + infinitivo e suas camadas no domínio funcional do futuro.

Focalizando a perífrase na amostra oral (sincronia/Varsul), observamos seu comportamento no complexo TAM, depreendendo o seguinte padrão de uso, em termos de contextos mais recorrentes: (i) quanto a *aspecto* – predomínio de situação *menos habitual, mais durativa* e de verbos abstratos e de estado (*movimentos 7 e 8*); (ii) quanto a *modalidade* – predomínio de modalidade epistêmica (em detrimento da orientada para o agente), configurando-se predominantemente num contexto *menos irrealis* entre a primeira e a terceira pessoa do discurso; (iii) quanto a *tempo* – a perífrase encontra-se preferencialmente em contexto de *tempo determinado, sem especificação temporal* e com ponto de referência *ancorado no momento de fala*.

A análise da amostra escrita (diacronia/teatro), em geral, reafirma os resultados obtidos na análise da amostra oral e a observação de alguns grupos de fatores ao longo do tempo aponta movimentos de expansão da perífrase: de uma situação *menos habitual, mais durativa*, com modalidade *orientada para o agente* e *tempo determinado* para um contexto *mais habitual, menos durativo*, com modalidade *epistêmica* e tempo *menos determinado*.

Também observamos a presença, na amostra oral, de ocorrências de construções VOU IR, bem como camadas da perífrase que sinalizam momentos anteriores à sua formação – *vou (loc. + para) Inf., vou (loc.) Inf.* – e posteriores – *vou (modal) Inf., vou (asp.) Inf., vou (outros) Inf.* e *vou estar + Ger.*

Os grupos de fatores extralinguísticos, na amostra oral, apontam a liberdade e expansão da perífrase na fala gaúcha e os resultados associados aos períodos ao longo do tempo, na amostra escrita, apontam para a presença consolidada da forma, ainda que também se observe camadas anteriores e posteriores à sua formação.

Resumidamente, a análise das amostras sugere que a perífrase IR (presente) + infinitivo apresenta particularidades no que tange a TAM e o domínio funcional do futuro, bem como indica a expansão e generalização de seu uso na fala e escrita gaúcha.

Passemos para a próxima seção, na qual discutiremos particularidades dos movimentos da perífrase IR (presente) + infinitivo no complexo TAM dentro do domínio funcional do futuro.

6.2 A PERÍFRASE IR (PRESENTE) + INFINITIVO E SEU MOVIMENTO NO COMPLEXO TAM: EXPANDINDO CONTEXTOS

Nesta seção vamos discutir os resultados mais salientes encontrados na análise das amostras escrita (diacronia/teatro) e oral (sincronia/Varsul), buscando apontar o movimento da perífrase IR (presente) + infinitivo nessas amostras e possíveis interpretações que se pode atribuir a esse movimento.

Conforme discutido no capítulo teórico, o “tempo futuro” – que passamos a chamar de *domínio funcional do futuro*, pela sua complexidade – envolve modalidade e algum aspecto mais do que tempo. O movimento de uma forma requisitada para codificar o domínio funcional do futuro é de aspecto para tempo, enquanto a modalidade se sobrepõe a esses dois, mostrando-se atuante ao longo do processo (cf. FLEISCHMAN, 1982).

As formas de futuridade que se originam de verbos de movimento, como a perífrase, por se tratarem de “movimento para”, em que o agente está num caminho que se orienta a um lugar/objetivo, compartilham um aspecto progressivo, presente, inceptivo (cf. BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994). Esse traço aspectual – chamado por Fleischman (1982) de “relevância do presente” e por Anderson (1973) de “futuro imediato” ou “visão prospectiva” – permite o surgimento da modalidade orientada para o agente (basicamente desejo, intenção, num primeiro momento) e, depois, predição, assim que o “movimento para” – concreto no início, por expressar movimento/deslocamento no espaço físico, noção inerente ao significado básico do verbo pleno – adquire traços mais abstratos, de movimento/deslocamento no tempo. Vejam-se as ocorrências retiradas da amostra oral que ilustram essa “mudança”:

(23) E: O senhor faz o que nas férias?

F: Ah! nas férias eu vou passear, **vou** no Paraguai, vou comprar umas coisas ou senão **vou** pro Rio. **Vou** com um amigo meu visitar a irmã dele, que ele é casado, né?

E: Me conta então das viagens para o Rio e para o Paraguai.

F: Ah! Pro Paraguai é uma maravilha. Ah! lá a gente passeia, fica dois, três dias.

E: Que cidade?

F: Ah?

E: Que cidade?

F: Paraguai mesmo. Lá no centro do Paraguai comprar. Volta, compra relógio, compra isso, compra aquilo...

E: Depois vende aqui?

F: Vende aqui. Eu fui em oitenta e sete, agora eu quero ver se esse ano eu **vou** de novo nas minhas férias agora.

(POA 10: 04)

(24) F: Mas a gente tem medo. Eu tenho. Eu **vou lhe ser** franca. Eu tenho medo de andar na rua à noite. E mesmo até de dia, sabe? As vezes quando é assim que a gente tem que receber o dinheirinho da gente, eu não vou só. Uma das minhas filhas me leva. Porque é distante. O governo é bonzinho, botou eu morando aqui no bairro Santana tenho que receber o meu dinheiro lá na Tristeza. Pois é, né? E eu não vou ir pra lá solita. (POA 16: 09)

(25) E: Não é de festa, é?

F: Estou cantando ele agora pra fazer a festa das bodas de prata do irmão dele dia vinte e nove agora, festa a maneira de dizer, pra gente da família, né? aqui em casa porque eles moram num apartamento muito pequeno, e eu sei não **vão fazer** nada e eu me dou muito bem com essa minha concunhada e com meu cunhado, então eu disse pra ele: "Vamos fazer uma surpresa pra eles, vamos reunir o pessoal e vamos botar todo mundo aqui em casa, enfeitar bem a casa", porque eu sempre gostei de casa cheia, sabe? Por isso que eu digo o tempo da minha turma, eu tinha liberdade do pai e da mãe de sair, mas eu trazia todo mundo pra casa porque eu gostava, sabe? Então eu enfeitava a casa e fazia brincadeiras e coisa, eu gosto dessas coisas, sabe? Então eu quero ver se agora do meu cunhado eu faço aqui. Ah! da minha eu **vou fazer** também, nem que eu dance sozinha. (risos geral) (POA 13:09)

A ocorrência (23) mostra o verbo IR em duas instâncias. Na primeira, dentro de um contexto mais habitual, observamos o verbo pleno indicando movimento concreto de ir para o Paraguai ou para o Rio. Já a oração **Vou com um amigo meu visitar a irmã dele** apresenta uma finalidade (*visitar a irmã dele*) e, nesse caso, traços de futuridade já podem ser percebidos e a situação habitual parece ganhar uma leve nuance de singularidade. Observe-se que a ida ao Paraguai também tem uma finalidade, embora não tão claramente colocada como tal (*passar e comprar objetos para revender*). Ao final do diálogo, há uma projeção futura explícita (*esse ano, nas minhas férias*), agora particularizando, de fato, a viagem a ser realizada. O traço aspectual, visão prospectiva, se instaura contextualmente na descrição de como é viajar para o Paraguai, como é bom. Por inferência do contexto, sabemos que se trata de deslocamento espacial, ou seja, do movimento concreto de ir para o

Paraguai. Adicionalmente, percebe-se também traços de modalidade *orientada para o agente* (*desejo? intenção?*), expressa pela locução verbal “quero ver”.

Em (24) observa-se com mais clareza o traço aspectual de iminência da situação: a entrevistada tem a intenção de ser franca com o entrevistador e lhe contar seu medo de andar sozinha na rua, especialmente à noite. O traço de “movimento para” do verbo IR em *vou lhe ser franca* é abstrato, é um movimento no tempo.

Já em (25) nota-se o traço aspectual mais enfraquecido, ainda assim, sabe-se que são as condições materiais do casal de cunhados naquele momento, notadamente o apartamento pequeno, que permitem à entrevistada projetar a primeira situação destacada – *não vão fazer*. Trata-se, nesse caso, de uma situação caracterizada pela modalidade epistêmica de *mais certeza*, reforçada pela presença do verbo factivo na oração principal (*eu sei*), já que o locutor se compromete com a verdade da proposição expressa na oração complemento, no caso, uma asserção negada. Na segunda situação destacada – *vou fazer* –, o aspecto visão prospectiva também se origina das condições expostas no contexto: a entrevistada tem uma casa cujo espaço permite fazer festas e, além disso, sempre gostou de reunir as pessoas em sua casa. Tais condições acentuam a percepção da *intenção* da informante em fazer a festa de suas bodas.

Nesse sentido, observa-se que a futuridade expressa por verbos de movimento envolve inicialmente traços aspectuais dos itens selecionados, moldando-os no contexto, de maneira que a forma passa a avançar no domínio incorporando outros traços que compõem um contexto harmônico para a futuridade. A ideia de um contexto harmônico, comentada rapidamente por Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 293), parece coadunar com os resultados encontrados para a perífrase nas amostras sincrônica e diacrônica. De acordo com os autores, em termos gerais, num contexto harmônico uma forma é usada de modo que sua significação/função concorda (ou harmoniza) com a força de significação/função do contexto em que ela está inserida.

De acordo com nossa análise, o contexto harmônico da perífrase, envolvendo o complexo TAM, é manifestado em suas primeiras aparições na amostra diacrônica (teatro), expresso por situação *menos habitual*, ou seja, uma situação “única” (129/158 = 82%), modalidade deontica (*orientada para o agente*) (27/158 = 17%) /epistêmica (*mais certeza*) (95/158 = 60%) e *tempo determinado* (115/158 = 73%). A tabela 16, abaixo, recupera resultados apresentados para os grupos de fatores considerados mais relevantes na amostra escrita (diacronia/teatro), um grupo para cada categoria – aspecto, tempo e modalidade.

Tabela 16: Distribuição da perífrase em relação a *habitualidade da situação*, *determinação temporal* e *modalidade* (TAM) na amostra escrita (teatro) ao longo do tempo

Períodos	1850-1870		1880-1900		1910-1930				
Habitualidade	+ h.	- h.	+ h.	- h.	+ h.	- h.			
Vou Inf.	2 11%	17 89%	0 0%	23 100%	4 18%	18 82%			
Determinação temporal	+ det.	- det.	+ det.	- det.	+ det.	- det.			
Vou Inf.	15 79%	4 21%	21 91%	2 9%	13 59%	9 41%			
Modalidade	o.	+c.	-c.	o.	+c.	-c.			
Vou Inf.	7 36%	11 58%	1 5%	9 39%	13 56%	1 4%	4 18%	15 68%	3 14%
Total	19		23		22				

Períodos	1940-1960			1970-1990			2000-2010			T
Habitualidade	+ h.	- h.		+ h.	- h.		+ h.	- h.		
Vou Inf.	5 23%	17 77%		13 32%	41 68%		5 38%	13 62%		
Determinação temporal	+ det.	- det.		+ det.	- det.		+ det.	- det.		
Vou Inf.	16 73%	6 27%		41 76%	13 24%		9 50%	9 50%		
Modalidade	o.	+c.	-c.	o.	+c.	-c.	o.	+c.	-c.	
Vou Inf.	4 18%	15 68%	3 14%	3 6%	33 61%	18 33%	0 0%	11 61%	7 39%	
T	22			54			18			158

Apresentamos, abaixo, ocorrências que ilustram o contexto que estamos considerando como harmônico:

(26) ALZIRA: Não te compreendo... Paulo?

PAULO: Eu te o **vou explicar**. Acabo de receber ordem de Sua Majestade para equipar um brigue, tomar o seu comando e partir para os mares das Antilhas, dentro de vinte e quatro horas.

ALZIRA: Paulo... Paulo... Tu **vais partir**? (CO 1849:137)

(27) CONDESSA: Agradeço a vossa delicada atenção, e vos pediria para por de parte os injustificáveis escrúpulos, com que privais da vossa amável companhia, se me não surpreendesse a notícia que me acabais de dar. Apenas de regresso ao

seio de vossa pátria, depois de tão longa ausência, vossa partida parece realmente singular. E vos perguntaria o motivo se não temesse ser indiscreta.
EUGÊNIO: Os médicos costumam mandar viajar os doentes que não têm cura. Sem consultá-los **vou seguir** o conselho. (VR 1875:177)

As ocorrências (26) e (27), as primeiras encontradas em nossa amostra escrita (diacronia/teatro), apresentam situação *menos habitual*, modalidade *orientada para o agente e tempo mais determinado*. O caráter harmônico da configuração contextual encontrada nos períodos iniciais recobertos pela amostra analisada pode ser assim descrito: o falante projeta, a partir de seu desejo/intenção (modalidade), ou da visão prospectiva da situação (aspecto), uma situação particular, ancorada no momento de fala (tempo). Esse contexto harmônico pode ser descrito como um contexto de *futuro imediato* (cf. BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 245).

Esse tipo de contexto, atravessado por TAM, vai se reconfigurando ao longo dos períodos, com mudanças mais ou menos acentuadas nas três categorias: o *aspecto mais habitual* vai aumentando, assim como o *tempo menos determinado* e a *modalidade epistêmica*.

Antes de prosseguirmos com nossa análise, vale pontuar que, ao enfatizar o contexto, Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) tendem a uma abordagem mais pragmática, salientando que a relação entre estrutura e função é mediada pela diacronia. A mudança é vista como ocorrendo no próprio uso linguístico impulsionado pela necessidade de se (re)interpretar itens no contexto. Daí a proposta dos autores de que o método para estudar a gramaticalização deve ser orientado pelo contexto. Também enfatizando o contexto, Hopper e Traugott (2003) dão relevo ao papel do falante e do ouvinte na situação comunicativa e destacam a importância da inferência pragmática na convencionalização de implicaturas, lançando mão da seguinte ideia de Dahl (1985, p. 11): “se alguma condição passa a ser preenchida frequentemente quando uma certa categoria é usada, pode se desenvolver uma forte associação entre a condição e a categoria, de modo que a condição começa a ser entendida como parte integral do significado da categoria” (HOPPER; TRAUGOTT 2003, p. 82). Essa última passagem, notadamente, coloca em relevo o papel da frequência, no sentido de que implicaturas conversacionais tornam-se convencionalizadas pelo uso rotinizado num mesmo tipo de contexto. Esse tipo de mudança parece estar em jogo nos movimentos funcionais da perífrase a partir de um contexto harmônico inicial.

Voltemos à discussão acerca do complexo TAM onde se move a perífrase. Vamos focar a atenção inicialmente na *modalidade*, categoria que parece pairar sobre aspecto-tempo no âmbito do domínio funcional do futuro. A modalidade, como visto na seção 6.1.2, apresenta-se fortemente relacionada à pessoa do discurso, especialmente a modalidade *orientada para o agente*, via de regra associada a P1 e também a P2, mas não a P3. Os resultados obtidos em relação à amostra diacrônica levam ao questionamento de por que estaria essa modalidade – especialmente a ideia de *intenção*, tão comentada por teóricos, inclusive por gramáticos tradicionais, como principal função/significado da perífrase na expressão da futuridade – com índices mais baixos na amostra e com queda acentuada ao longo do tempo, chegando a 0% no último período. Tal questionamento fica intensificado pelo fato de que os dados de P1 e P4 somados perfazem quase a metade das ocorrências de perífrase na escrita e apenas parte desses dados (aproximadamente um terço) se apresentam com modalidade orientada para o agente (cf. tabela 6, na seção precedente).

De fato, a *intenção* implica projeção futura e futuro é, por definição, *irrealis* em alguma medida. Então, pode-se pensar que todo enunciado que expressa *intenção* apresenta também um componente de modalidade epistêmica de *incerteza*, ou menos certeza. Conforme Givón (2001, p. 308): "se intenção, então incerteza, mas não vice-versa". Nossos dados apontam para o fato de que se há *intenção*, então traços fortes de modalidade *orientada para o agente* estão presentes. Por outro lado, especialmente quando estamos lidando com casos em que a primeira pessoa cede lugar para a terceira pessoa, encontramos diante de ocorrências que marcam mais fortemente a modalidade epistêmica. As ocorrências abaixo ilustram essa afirmação, relacionando uma certa expansão de contextos da perífrase de uma modalidade *orientada para o agente* para epistêmica de *menos certeza*:

(28) EULÂMPIA: Deixa estar: tua mãe chegando, **vou dizer**-lhe, para ela te dar umas palmadas!...

TONICO: (Pouco caso) Ah! Ah! O seu Pitorra já morreu. (VP 1896: 42)

(29) E: Agora a gente já falou bastante dos problemas sérios, no caso, agora vamos falar dos aspectos positivos aqui do bairro.

F: Está! positivo. Ah! Positivo. O que que tem aqui? Tem um clube, né? Tem o pessoal que é muito bacana, né? é muito unido. Que mais que eu **vou dizer**... (POA 03:13)

(30) E: Que maravilha!

F: É. E quanto a minha esposa também ela se adaptou fácil, que a gente tem muitos conhecidos na cidade. E ela já começou a participar logo num grupo de senhoras da OASE, das senhoras evangélicas. Ela foi convidada. Então, duas vezes por mês, as senhoras se reúnem E a vizinhança é muito boa. A gente se adapta. Não foi muito difícil assim pra gente se adaptar. E a gente veio morar na cidade com a intenção de um dia voltar, porque o meu cargo aqui na COTRIPAL, tenho mais dois anos de mandato. Penso em concorrer de novo, mas... Eu não sei se eu **vou concorrer**, ou se eu **vou ser** reeleito. Isso não se discute hoje ainda. (PA 03:05)

(31) TUCANO: Upa! Tucano já trabalha como cacique! Mais um pouco e poderá enfiar na cabeleira as plumas de morobixaba. Papai Tiltango me mandou arrumar esse lugar para... para... – não me lembra como ele disse... coisa de grande conselho, si não me engano. Eu por mim acho que **vão tratar** dos Pais Brancos. Eu já vi um; não usava penas na cabeça nem arco e nem siquer uma tanga como essa. Mas tinha um vestido preto, preto como a plumagem do chopim. (RG 1934:11)

A ocorrência (28) ilustra a afirmação de Givón. A presença da intenção, modalidade orientada para o agente, carrega também traços de menos certeza, pois se trata de uma ameaça feita por Eulâmpia (em P1) a Tónico, que estava a importunar o namoro dela. O dado (29), ainda em P1, mostra claramente a modalidade epistêmica de *menos certeza*, expressa pela expressão *que mais que*, no entanto, observa-se ainda a intenção de o entrevistado dizer algo mais sobre os aspectos positivos do bairro. Em (30), observa-se a intenção expressa na oração anterior, em P1 (*penso em concorrer de novo*), mas a situação *vou concorrer*, *vou ser reeleito* encontra-se claramente em contexto de menos certeza (*eu não sei se eu*). A ocorrência (31), que se apresenta em P3, é claramente epistêmica de *menos certeza* (*eu por mim acho que*) e não há traços de modalidade *orientada para o agente*, como há nas três ocorrências precedentes.

Pode-se, nesses casos, sugerir a seguinte hipótese interpretativa: a partir de traços de modalidade *orientada para o agente*, especialmente *intenção*, a perífrase amplia seu contexto de atuação no domínio funcional do futuro, passando a codificar contextos nos quais se observa a modalidade epistêmica de *menos certeza*. Tal interpretação é corroborada pelos resultados da tabela 16, uma vez que a modalidade *orientada para o agente* começa com uma frequência relativamente significativa no primeiro período (7/19 = 36%) e vai gradativamente diminuindo seu percentual até desaparecer na amostra escrita (diacronia/teatro). Ressaltamos, no entanto, que na amostra oral (sincronia/Varsul) essa

modalidade ainda persiste ($88/677 = 13\%$), embora com porcentagem bem menos expressiva.

Mas, e o que dizer sobre a modalidade epistêmica de *mais certeza*? Observa-se que sua presença é forte já no primeiro período da amostra escrita ($11/19 = 58\%$), e vai crescendo ao longo do tempo, diminuindo um pouco nos últimos períodos, mas ainda assim apresentando-se consistente ($11/18 = 61\%$).

Retomemos, novamente, os postulados de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994). Segundo esses autores, há um possível caminho a ser percorrido pela forma, no que tange às modalidades “de futuro”. A modalidade deontica, *orientada para o agente*, no futuro, começa com *desejo*. Entre *desejo* e *vontade* há uma correlação, pois é difícil observar o uso distinto entre elas em dados de futuridade. Assim, é possível supor que no processo de gramaticalização de itens de futuro, encontremos nuances de *vontade* que, numa fase posterior, permitem o uso da forma para a declaração de *intenção*, inicialmente na primeira pessoa (P1) e depois estendida a outras pessoas. A ocorrência (32), abaixo, ilustra esse contexto:

(32) TONICO: A mamãe foi na modista. A titia já vem. Ela mudou as botinas e tomou café com pão, depressa, depressa!

CIDREIRA: E estava quente?

TONICO: Estava pelando, eu vi! E até se engasgou com um pedaço de pão, que até chorou!... Eu **vou dizer** que você está aí... e que o homem barbado não quer ir embora! (*Deita a língua e sai.*) (VP 1896: 35)

Na ocorrência (32), o segmento *vou dizer que você está aí* apresenta uma *intenção* que se infere do desejo modal. Observa-se que a iminência da situação, o aspecto “visão prospectiva”, reforça a certeza de Tônico ao projetar a situação no futuro imediato. Como já apontado anteriormente, a frequência participa desse processo, pois uma frequência alta de uso pode tornar a *intenção* parte do uso modal. Uma vez que a *intenção* fica atribuída no contexto de P1, a mudança de pessoa leva à conclusão da *predição* do falante sobre determinada situação e a consequente atitude frente ao que está enunciando. Vejam-se os dados abaixo:

(33) PAULO: A causa de meu ódio é bem saliente para que a não percebais. Sabeis perfeitamente que amo a filha do senhor Henrique, vós a pedistes em casamento, eu o sei, e mylord aceitou a proposta. Porém, o que ainda não sabeis é, que é preciso que eu morra para que ela vos pertença.

CONDE: Estais delirando, capitão, e se dera crédito a essas ameaças, em breve uma ordem do Governo vos mandaria para a mais remota de nossas colônias; porém, para mostrar-vos toda a força de meu desprezo, deixo-vos ficar aqui, junto de mim, para presenciardes, uma por uma, todas as minhas glórias e triunfos, para, com o vulcão do ciúme dentro da alma, desejar vender a vida por um dos instantes que eu passar junto dela. Incrédulo mancebo! Ver-me-ás conduzir tua própria amada aos altares, e depois minha escrava. Tanto para mylord como para mim é este um casamento de conveniência; e sem procurar vingar-me, é o céu quem me **vai entregar** o refém para a vingança, o cordeiro para ser imolado. Porém, não... Vos, capitão, aspirais a mão da formosa Alzira?! Vós, que tudo deveis a seu pai, quereis roubar-lhe a filha, só porque tivestes a fortuna de ganhar um posto, que talvez mais bem merecido fora por outrem?... (CO 1849:140)

(34) LEO: Que música mais doida, Baby. Do onde foi que você tirou esse negócio?

BABY: Da minha cuca, eu. Acabei de compor. Ladies and gentlemen, my last song: *Se eu me chamasse Raimundo*. Ei, como é que se diz isso em inglês?

LEO: Eu não entendo nada de inglês.

BABY: Pois devia. Sem saber inglês você nunca **vai subir** na vida. Deixe ver... If I called myself Raimundo... Thing like that... RRRaimundo... Que sarro esta pronúncia... (LF 1974:15)

Nas duas ocorrências, observa-se a *predição* atribuída pelo falante para um terceiro: P3 – animado (*o céu*), em (23), e P3 + animado (*Leo*), em (24). Segundo Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 265), esse tipo de ocorrência possui nuances de modalidade epistêmica de *mais certeza* e, por consequência, a forma que se apresenta para codificar esse tipo de contexto vai adquirindo esses traços. Observe-se que na ocorrência (33) o tempo é *não determinado*, ou seja, não há um marco referencial para a situação, mas há uma projeção futura. Em (34) tem-se a marca do tempo, *nunca*, que, embora o determine, projeta-o para uma situação quase atemporal, pois é o “não tempo” que está em jogo.

Nossa hipótese é de que a modalidade epistêmica de *mais certeza* se origina da iminência da situação, ou seja, a presença de um aspecto inceptivo, que marca uma situação de futuro imediato, reforça a modalidade epistêmica de *mais certeza*, que, aos poucos, vai rompendo com o futuro imediato e passa a coocorrer com um tempo menos determinado. Vejam-se os contrastes entre a modalidade de *mais certeza* em um tempo determinado, de futuro imediato, e em projeções temporais *mais distantes*:

(35) E: Como é que sobrevivem?

F: Pois é. Como é que sobrevivem? **Vou contar** um pequeno episódio agora, que faz pouco mais de meio ano. Meu filho tinha um agregado lá, casa, geladeira, fogão a gás, chuveiro elétrico, água encanada, tudo dentro de casa [...]. (PA 07:05)

(36) F: [...] hoje ela trata com nós como fosse irmãos mesmo, né? então ela vem às vezes pra cá, nós vamos pra lá e mudou a vida dela, né? lá ela, lá em cima está bem, né? tem os padraços dela lá em cima, não tinham criança, não tinham filhos nada, né? daí o velho morreu deixou tudo de herança pra ela, né? tem um fortuna lá que não sabe nem o que tem, até vereadora ela é (risos) é ela está com vinte e dois anos é vereadora que o pai dela era prefeito, né? e ela **vai concorrer** de novo na próxima, **vai ganhar** de novo. (PA 16:08)

(37) E: Que interessante! nunca ouvi falar de alguém que criasse orquídeas.
F: Quer dizer, por enquanto eu estou apenas sendo um orquidófilo, mas eu vou criar, vou instalar um laboratório, através de método assimiótico vou tentar criar orquídeas, não é? **Vai ser** a minha aposentadoria, o meu lazer, quando mais velhinho, porque eu acho que vou ter o mesmo problema da minha mãe, que é artrose, e aí eu não vou poder pescar, não vou poder sair, a artrose vai me criar problemas de juntas, então, **vou ficar** mais em casa... (PA 22:19)

Os dados destacados nas ocorrências (35), (36) e (37) são analisadas por nós como expressão de modalidade epistêmica de *mais certeza*, pois o falante está convicto daquilo que enuncia. Em (35) e (36) observa-se um *tempo determinado*. Na primeira ocorrência, a determinação ocorre por conta do valor aspectual de iminência da situação, já em (26) a determinação do tempo é reconhecida por inferência do contexto, ou seja, a meia-irmã do falante vai concorrer nas próximas eleições, assunto que já havia sido comentado quanto o entrevistador faz perguntas sobre a política. É um tempo marcado para até o fim daquele ano. Em (37) o tempo é *não determinado*. Sabe-se pelo contexto maior da entrevista que o falante não faz planos de aposentadoria, mas já projeta o que pode fazer ao se aposentar, *vai ser a minha aposentadoria*. Mais adiante, após explicar sobre artrose e suas consequências, o falante anuncia: *vou ficar mais em casa*. Observe-se que, apesar de estar falando na primeira pessoa, os traços de intenção são enfraquecidos, sendo suplantados pela condição externamente imposta pela circunstância, no caso a possível artrose.

Voltemo-nos, agora, para a expressão do *tempo*. Segundo a tabela 16, o *tempo determinado* apresenta-se, já no primeiro período, bastante recorrente ($15/19 = 79\%$). Ele vai oscilando ao longo das etapas até chegar a 50% ($9/18 = 50\%$) no último período, rumando à não

determinação. Na amostra oral (sincronia/Varsul), ele aumenta um pouco sua porcentagem ($448/677 = 66\%$), mas percebe-se, em contrapartida, que a perífrase apresenta uma frequência significativa também em contexto com tempo não determinado ($229/677 = 34\%$). Novamente, vemos a perífrase recobrando outros contextos ao longo do tempo e as frequências da amostra oral (sincronia/Varsul) apontam para a expansão de sua atuação no domínio funcional do futuro.

Esses resultados continuam, a nosso ver, a dar sustentação à nossa hipótese interpretativa: a perífrase IR (presente) + infinitivo apresenta-se inicialmente em um contexto harmônico que espelha o contexto de futuro imediato: situação menos habitual, modalidade epistêmica de mais certeza e tempo determinado. A partir desse contexto harmônico, que reflete o traço aspectual de origem do auxiliar IR de “movimento para”, a perífrase vai se estendendo para outros contextos envolvidos no complexo TAM, num processo de generalização de uso que vai perdendo em harmonia e adquirindo outros traços contextuais.

No que tange ao *aspecto*, particularmente quanto à habitualidade, observa-se que o uso da perífrase passa a se intensificar em contextos de situação mais habitual, casos que as ocorrências (38) e (39) ilustram:

(38) E: E o que o senhor mais gosta de fazer?

F: Olha, eu gosto de trabalhar, né?

E: Trabalhou em quê?

F: Porque o trabalhar eu considero pra quem gosta de trabalhar, o trabalho é um lazer também. E olha, eu trabalho no artesanato quando tenho tempo, assim, folga. Dia de chuva eu trabalho em casa aqui, fiz as minhas máquinas tudo mesmo, várias máquinas, tenho a oficina do lado aqui, que é uma casa que era do tio, né? transformei ela numa oficina e aqui eu trabalho fora de hora, assim, e tempo bom eu fico na chácara trabalhando. De noite, agora daqui a pouco eu **vou jogar** xadrez.

E: O senhor joga xadrez? (PA 08:03)

(39) F: [...] Durante o dia, a empresa está com todos os funcionários, mas fora de hora eu estou muitas vezes de plantão; então sempre aparecem os pepinos: problema de doença, problema de carro na rua. Eu não deixo saber, eu **vou buscar**, eu **vou trazer** pra dentro da firma ou **vou lá consertar**, nunca fui de dizer que "não", mas esse cliente sempre me voltou pra mim depois e foi cliente fiel meu. Então são segredos assim que tu vais fazendo, né? (PA 12:06)

A ocorrência (38) reflete uma situação futura particular que se destaca num contexto de situações habituais: a descrição do que o falante gosta de fazer. Em (39), no entanto, observa-se que a perífrase expressa

situações rotineiras, é o que o falante faz costumeiramente quando está de plantão. Esse é um dado que não foi quantificado na análise feita neste capítulo, pois se trata de uma situação habitual sem projeção futura. Já o dado (40), abaixo, mostra a perífrase também em uma situação mais habitual, porém no domínio funcional do futuro:

(40) E: Tem que fazer.

F: Tem que fazer. Não é... E isso aí não foi decisão nossa, né? Isso aí foi fruto de oração. Não é uma coisa assim que humanamente a gente decidiu. Humanamente a gente nem gostaria porque é uma obra muito grande, e pode ser uma coisa muito pesada também, porque depois da casa pronta tem todo um trabalho, né? Essa casa não **vai ser** pra ficar fechada, **vai ser** uma casa de retiro, pra funcionar.

E: É uma responsabilidade. (POA 02:10)

Retomando nossas reflexões acerca do funcionamento da perífrase ao longo do tempo, percebemos que a modalidade parece ser a categoria que atua como fio condutor principal das mudanças no âmbito de TAM. Na descrição do contexto mais harmônico, captado nos primeiros períodos em nossa amostra diacrônica, observa-se o predomínio da modalidade epistêmica de *mais certeza* e da modalidade *orientada para o agente*. Lançamos, então, a hipótese de que (i) a modalidade epistêmica de *mais certeza* desenvolve-se a partir do aspecto inceptivo do verbo IR pleno, associado ao sentido de “movimento para”, que vai originar um tempo determinado iminente, o futuro imediato. Esse contexto propicia, inicialmente, uma atitude do falante de *mais certeza* acerca do que ele próprio vai realizar, expandindo-se para uma atitude que o falante imprime acerca da situação que será realizada por outrem; e de que (ii) a modalidade epistêmica de *menos certeza* emerge da modalidade orientada para o agente, já que toda a intenção expressa, de fato, uma incerteza sobre a situação a ser realizada no futuro. Assim, na base da perífrase encontram-se valores de natureza distinta: o *aspecto inceptivo*, que vai levar à modalidade epistêmica de *mais certeza*; e o valor modal de *intenção*, que vai levar à modalidade epistêmica de *menos certeza*.

A perífrase também avança no âmbito do *tempo*, já que, inicialmente, no contexto harmônico, ela se encontra num tempo determinado e, aos poucos, vai conquistando outros contextos nos quais se observa um tempo não determinado. A indeterminação temporal vai se acentuando no uso da perífrase, juntamente com situações mais habituais e mais epistêmicas.

A variedade de formas encontradas nas amostras, descritas no capítulo anterior – perífrase IR (presente) + infinitivo em contexto habitual (*vou ver sempre*), perífrase IR (presente) + infinitivo em contexto imperativo/comando (*vão brincar*), marcadores discursivos (*vamos supor, vamos dizer, vamos ver*), perífrase IR (presente) + infinitivo em expressões (*vou começar a fazer, vou poder fazer*) – são, a nosso ver, evidências que funcionam como mais um argumento para fortalecer nossa hipótese interpretativa.

Todo esse movimento de expansão da perífrase nas amostras oral e escrita analisadas pode ser a razão da presença das construções *VOU IR* percebidas cotidianamente na fala dos gaúchos. Na amostra oral encontramos sete dados dessas construções. Nossa amostra informal apresentou 67 ocorrências. A sessão a seguir trata da descrição e análise das ocorrências encontradas na amostra informal.

6.3 CONFIGURAÇÃO DOS CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA DAS CONSTRUÇÕES *VOU IR* NO DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO NA AMOSTRA INFORMAL

Esta seção trata das construções *VOU IR* na amostra informal, de acordo com o exposto na metodologia. As construções *VOU IR* encontradas na amostra informal são de dois tipos: perífrase *VOU IR* (*vou ir no mercado*) e perífrase *VOU IR* em expressões¹⁰² (*vou ir fazer*).

A perífrase *VOU IR*, que apresentou 59 ocorrências, é analisada a partir dos mesmos grupos de fatores linguísticos a que foram submetidas as formas encontradas nas amostras oral (sincronia/Varsul) e escrita (diacronia/teatro), porém recebendo um tratamento diferenciado em dois grupos de fatores, conforme descrito a seguir. A perífrase *VOU IR* em expressões, no entanto, é analisada qualitativamente, devido ao número reduzido de dados, somente 9 ocorrências. Nossa proposta é aprofundar a análise do uso das construções *VOU IR*, buscando evidenciar um passo a mais na gramaticalização da perífrase.

A recorrência frequente de locativo nos dados encontrados na amostra informal, provavelmente por conta da presença do verbo principal IR, nos levou a propor dois novos grupos de fatores – *escopo do locativo* e *estatuto semântico do locativo*. Acreditamos que também o

¹⁰² Mantemos a denominação “perífrase *VOU IR* em expressões” por paralelismo a “perífrase em expressões” para identificar construções como *vou ir fazer* e *vou começar a fazer*, respectivamente, de modo a distingui-las das perífrases propriamente ditas como *vou estudar*.

verbo principal IR encontra-se em processo de abstratização do seu traço aspectual de “movimento para” – já que encontramos construções nas quais *VOU IR* agrega-se a outros verbos, como *vou ir comprar*, *vou ir fazer* e *vou ir ver* – e optamos, em razão disso, por analisar a natureza do locativo nessas construções, com vistas a captar o processo de abstratização do traço aspectual de movimento/deslocamento do verbo IR como principal.

Os grupos de fatores *escopo do locativo* e *estatuto semântico do locativo* versam sobre a presença e a natureza do locativo nas ocorrências encontradas na amostra informal. O primeiro contempla a presença do locativo no *escopo da oração*, no *contexto* mais amplo ou *inferido pela situação*. O segundo diz respeito à natureza semântica desse locativo: *mais concreto*, referindo-se a um espaço físico e definido; *menos concreto*, remetendo à ideia de um evento que se realiza num lugar específico e concreto; e *abstrato*, referindo-se a uma situação tomada numa dimensão locativa abstrata.

Salientamos, ainda, que, devido à natureza dessa amostra (coleta de fala informal espontânea), não foram controlados sistematicamente grupos de fatores extralinguísticos. No entanto, sempre que possível, apresentamos informações complementares – como sexo, idade e escolaridade – acerca do indivíduo que produziu os dados analisados.

Esta seção se divide em duas subseções. A primeira destina-se à descrição e análise da perífrase *VOU IR* (*vou ir no mercado*) sob o enfoque quantitativo proposto para as amostras oral e escrita, observando como se comporta a perífrase *VOU IR* no complexo TAM. Para efeitos comparativos e a fim de enriquecer a análise, vamos reapresentar, nas tabelas de *aspecto*, *modalidade* e *tempo* da perífrase *VOU IR*, os resultados encontrados para a perífrase IR (presente) + infinitivo na amostra oral (sincronia/Varsul). A segunda subseção volta-se à análise qualitativamente da perífrase *VOU IR* em expressões (*vou ir fazer*).

6.3.1 Perífrase *VOU IR*

Seguindo a mesma proposta de apresentação formulada para as amostras oral (sincronia/Varsul) e escrita (diacronia/teatro), vamos descrever e analisar as 59 ocorrências da perífrase *VOU IR* encontradas na amostra informal seguindo o movimento postulado por Fleischman (1982, p. 109) para o caminho das formas requisitadas a codificar o domínio funcional do futuro: aspecto, modalidade e tempo.

A categoria *aspecto* foi contemplada com os grupos de fatores *habitualidade da situação no futuro*, *duração da situação no futuro* e

traços de movimento/deslocamento do verbo principal. Com esse terceiro particularmente pretendemos captar um possível processo de abstratização do traço de “movimento para” dessas construções. A proposta principal é observar o comportamento das construções *VOU IR* em busca de indícios aspectuais que indiquem estabilidade/ou mudança no funcionamento dessas construções no domínio funcional do futuro. A tabela 17 apresenta os resultados para *VOU IR* comparados aos de *VOU Inf.*

Tabela 17: Distribuição das perífrases *VOU IR* (amostra informal) e *Vou Inf.* (amostra oral/Varsul) em relação a *aspecto*

	VOU IR	VOU Inf.
Habitualidade da situação no futuro		
Mais habitual	0/0%	190/28%
Menos habitual	59/100%	487/72%
Duração da situação no futuro		
Situação mais durativa	48/81%	502/74%
Situação menos durativa	11/19%	175/26%
Traços de mov./desl. do verbo principal		
Movimento 1	39/66%	68/10%
Movimento 2	7/12%	98/14%
Movimento 3	13/22%	72/11%
Movimento 4	–	25/4%
Movimento 5	–	67/10%
Movimento 6	–	103/15%
Movimento 7	–	127/19%
Movimento 8	–	117/17%
Total	59	677

A tabela 17 mostra que perífrase *VOU IR* está categoricamente relacionada com o contexto *menos habitual* (100%), isto é, uma situação única no futuro, na mesma direção dos resultados encontrados para a perífrase *IR* (presente) + infinitivo na amostra oral (72%), mas,

principalmente, convergindo com os primeiros períodos da amostra escrita (89%; 100%, cf. tabela 4). O dado (41) ilustra esse contexto:

- (41) –Tu já conversou com Rodrigo sobre o aniversário da Júlia?
 – O que tu queres que eu faça?
 – Se eles disserem que não vão, “Ah, nós não **vamos ir**, não!” Tu leva a blusinha e dá pra ela. Faz de conta que foi tu.
 – Tá. (Coleta informal: feminino, 61 anos, graduada)

Com relação a *duração da situação no futuro*, a perífrase *VOU IR* mostra-se mais presente em contexto de *situação mais durativa* (81%) o que nos parece compatível com o traço de “movimento para” mais concreto do verbo pleno *IR*, já que o movimento de um ponto ao outro no espaço pressupõe maior duração. Esse comportamento aproxima-se ao da perífrase *IR* (presente) + infinitivo na amostra oral (74%) e, novamente, converge de forma mais acentuada com os resultados dos primeiros períodos da amostra escrita (95%; 87%, cf. tabela 4). Os dados abaixo ilustram esses dois tipos de contexto:

Mais durativa

- (42) “Aí eu tava andando no bairro de Ipanema, que tem a garota de Ipanema, daí eu vi a plaquinha “Rua Nascimento Silva” e eu “Só um pouquinho, rua Nascimento Silva, 107”, digo “não, eu **vou ir** no 107”. Eu fui indo lá, fui indo lá, cheguei na 107, um prediozinho bem modesto: “Aqui morou Tom Jobim”. (Coleta informal: masculino, 37 anos, graduado)

Menos durativa

- (43) –Nós vamos na escolha da Miss Gay.
 –Hum, hum, e tu **vais ir** com eles...
 –Não, vão só as mulheres. Os homens tã com uma dor de cotovelo! (risos geral) (masculino, 36 anos, graduando)

No caso das construções *VOU IR*, a duração da situação é depreendida num contexto mais amplo. A ocorrência (42), *eu vou ir no 107*, está associada a ideia de “caminhar”, pressupondo deslocamento espacial, o que é reforçado na sequência do contexto: “Eu fui indo lá, fui indo lá”. Já em (43), “tu vais ir com eles” corresponde a ideia de “sair”, é a predição de participação num evento futuro, com certo esvaziamento do traço de deslocamento espacial.

Quanto a *traços de movimento/deslocamento do verbo principal*, no que diz respeito à perífrase *VOU IR*, observa-se um certo espraiamento nos três primeiros movimentos, embora o *movimento 1* – movimento espacial e deslocamento concretos, atribuídos a um locativo expresso – seja o que detém a maior porcentagem (66%). Esse resultado era esperado, pois a construção em foco resulta da combinação de *IR + IR* e a análise está voltada aqui para o verbo principal *IR*, que mantém fortemente, ainda, suas características de verbo pleno. A presença de dados nos outros movimentos: o *movimento 2* – um movimento e deslocamento circunscrito a um espaço delimitado concreto/interno – que apresentou (12%) e, especialmente, o movimento 3 – um movimento e deslocamento com traços mais abstratos (22%), mostra que a perífrase *VOU IR* já está rumando a maior abstratização do traço aspectual do verbo *IR* principal.

As ocorrências (44), (45) e (46) exemplificam esses movimentos:

Movimento 1

(44) – Ah, ele não atende. Eu **vou ir** e deu! Já liguei 4 vezes...

– É longe?

– É no centro, mas o ônibus me deixa quase na porta.

– Que médico é? Do coração?

– Não! Deus me livre! É o psicólogo do meu filho... Chique, né, professora? Pobre indo no psicólogo...

– Não fala isso, Soraia, pobre também tem problema.

– Vixe, Nossa Senhora, e como! (risos geral) (Coleta informal: feminino, 45 anos, ensino fundamental)

Movimento 2

(45) – Mas se o veterinário deixar alguém entrar...

– Não deixa, a sala é muito pequena.

– De repente, na recuperação. Se ele deixar, sou eu que **vou ir**, se não te deixo sozinha lá...

(Coleta informal: masculino, 34 anos, graduando – sobre a cirurgia da cadela Trufa)

Movimento 3

(46) “Assim que eu parar de menstruar, eu **vou ir** no médico para saber o que foi isso.” (Coleta informal: feminino, 37 anos, pós-graduada)

Comparativamente, a perífrase IR (presente) + infinitivo mostra-se bem mais espalhada entre os movimentos do grupo *traços de movimento/deslocamento do verbo principal*, alcançando, inclusive, os movimentos mais abstratos e estáticos, como movimento 6 (15%) e movimento 7 (19%), de maneira semelhante ao que se verificou na amostra escrita (cf. tabela 3).

Resumindo *aspecto* na amostra informal, tem-se que a perífrase *VOU IR* tende a se manifestar em contexto de situação *menos habitual, mais durativa* e com *movimento 1*. Esse tipo de contexto aproxima-se do contexto harmônico descrito para a perífrase IR (presente) + infinitivo na seção anterior, presente nos primeiros períodos da amostra diacrônica, o que sugere que a perífrase *VOU IR*, ao retilhar os passos iniciais da perífrase IR (presente), encontra-se agora no início de seu processo de gramaticalização. No entanto, ressaltamos que a presença de ocorrências nos demais contextos, *situação menos durativa* (19%) e, especialmente, *movimento 3* (22%), embora em número menos expressivo, já aponta para uma possível expansão dessas formas para outros contextos.

Quanto à *modalidade*, nossa expectativa é de que as ocorrências da perífrase *VOU IR* apresentem um comportamento similar ao da perífrase IR (presente) + infinitivo, especialmente nos primeiros períodos da amostra escrita. A tabela 18 apresenta os resultados para a perífrase *VOU IR* na amostra informal, comparados aos de *VOU Inf.*

Tabela 18: Distribuição das perífrases *VOU IR* (amostra informal) e *Vou Inf.* (amostra oral/Varsul) em relação a *modalidade*

	VOU IR	VOU Inf.
Modalidade		
Orientada para o agente	24/41%	88/13%
Epistêmica mais certeza	24/41%	402/59%
Epistêmica menos certeza	11/18%	187/28%
Modo da oração vinculada ao dado		
Indicativo	17/29%	295/43%
Subjuntivo	1/2%	22/3%
Imperativo	—	1/1%
Ausência	41/69%	359/53%
Pessoa do discurso		
P1	27/46%	197/29%
P2	8/14%	45/7%
P3 + animado	9/15%	200/29%
P3 – animado	2/3%	153/23%
P4	13/22%	82/12%
Total	59	677

A tabela 18 mostra a significativa presença da perífrase *VOU IR* nos contextos de modalidade orientada para o agente (41%) e epistêmica de mais certeza (41%). Esse, conforme já comentado, é o contexto harmônico da perífrase *IR* (presente) + infinitivo nos primeiros períodos da amostra escrita (respectivamente, 36% e 58%; 39% e 56%, cf. tabela 9). Dessa forma, observa-se que a perífrase *VOU IR* trilha o mesmo caminho inicial da perífrase *IR* (presente) + infinitivo também em relação à modalidade. Note-se que a perífrase *IR* (presente) + infinitivo na amostra oral/Varsul já se concentra mais nas modalidades epistêmicas (59% e 28%), sendo pouca frequente na modalidade orientada para ao agente (13%). Na sequência, apresentamos ocorrências da perífrase *VOU IR* nesses contextos:

Modalidade orientada para o agente

(47) “Mas o senhor prometeu. Não posso ficar com a janela sem o vidro. Eu vou levar o vidro aí pro senhor cortar. Meu marido coloca o vidro na janela depois... Bom, então eu **vou ir** aí amanhã...” (Coleta informal: feminino, 25 anos, mestre)

Modalidade epistêmica de mais certeza

(48) –Melhorou?

–Melhorou. Tinha que melhorar, não? Fiquei em casa ontem à noite. Falei “Não **vou ir**”, né?

– Ah, não fostes a aula?

– Não, fiquei em casa. (Coleta informal: feminino, 32 anos, ensino médio)

Modalidade epistêmica de menos certeza

(49) – Ele tá se virando...

–É...tá. Ele abriu uma casa de Pocker aqui em Rio Grande.

– Ah, é?

– É, ele me convidou pra ir. Acho que eu **vou ir** lá na semana que vem. (Coleta informal: masculino, 36 anos, graduando)

(50) –Vamos almoçar na Cantina?

–Vamos. Mas aí temos que dirigir...

–Então a gente **vai ir** de carro? Vamos no meu, então. Daí vocês dois podem beber uma cervejinha... (Coleta informal: feminino, 42 anos, mestre)

A ocorrência (47) foi produzida apenas para argumentar com o vidraceiro, que estava demorando para finalizar a colocação do vidro quebrado em uma janela. A falante ameaça o vidraceiro, sugerindo a intenção de levar o vidro, já comprado, para ser cortado e, portanto, dispensar a tarefa de colocar o vidro na janela. Já em (48) observa-se a decisão da falante em faltar a aula para não se expor ao tempo frio, piorando seu resfriado. Trata-se de um monólogo no qual a falante expressa sua decisão.

Note-se que as ocorrências (49) e (50) ilustram o mesmo caminho sugerido para a perífrase IR (presente) + infinitivo, ou seja, da modalidade *orientada para o agente* (particularmente *intenção*) se desenvolve a modalidade epistêmica de *menos certeza*, a partir da ideia de que “se intenção, menos certeza”. Os contextos de primeira pessoa do discurso passam a expressar *menos certeza* e depois esse valor modal expande-se para as demais pessoas. As ocorrências de modalidade epistêmica de *mais certeza*, como (48), provavelmente se desenvolvem a partir da iminência da situação, o aspecto “visão prospectiva” já comentado.

Quanto a *modo da oração vinculada ao dado*, a perífrase *VOU IR* concentra-se fortemente em contexto de *ausência de oração vinculada* (69%), seguido de *indicativo* (29%). Esses resultados assemelham-se aos encontrados para a perífrase IR (presente) + infinitivo na amostra oral, mas nesta os contextos encontram-se mais equilibrados em sua distribuição (53% e 43%, respectivamente). Comparando-se com os resultados para a perífrase IR (presente) + infinitivo na amostra escrita, percebe-se mais uma vez que *VOU IR* se aproxima mais do comportamento da perífrase na escrita (66% e 29%, respectivamente, cf. tabela 7) do que na fala atual. Ambas as formas apresentam índices baixos para o contexto *subjuntivo* nas três amostras examinadas.

É provável que os diálogos espontâneos, característicos da amostra informal, justifiquem a frequência mais alta do contexto *ausência de oração vinculada* nessa amostra. Vejam-se alguns dados ilustrativos:

Indicativo

(51) – Ele perguntou se eu podia ficar com as gurias, mas eu disse que tinha a operação do pé...

– Mas tu vai? É feriado?

– É, mas eu **vou ir**, né? vai que eles fazem a cirurgia... (Coleta informal: feminino, 56 anos, ensino fundamental)

Subjuntivo

(52) – Mas se o veterinário deixar alguém entrar...

– Não deixa, a sala é muito pequena.

– De repente, na recuperação. Se ele deixar, sou eu que **vou ir**, se não te deixo sozinha lá....

(Coleta informal: masculino, graduando, 34 anos – sobre a cirurgia da cadela Trufa)

Ausência de oração vinculada

(53) –Tu tinha que ir com a gente!

– Onde?

– Na Acerva em Porto Alegre.

– Ah, não sei... cerveja demais pra mim...

–**Vamos ir** todos nós, a turma toda. Tu tens que ir! (Coleta informal: masculino, 41 anos, ensino médio)

Observando a *pessoa do discurso*, nota-se a expressiva presença de *P1* (46%) e *P4* (22%) junto da perífrase *VOU IR* – contextos que, somados, chegam a 68% das ocorrências envolvendo o falante. Em comparação com a perífrase *VOU IR*, a perífrase *IR* (presente) + infinitivo apresenta maior espriamento para os contextos de *P3* + *animado* (29%) e – *animado* (23%). Em compensação, sua frequência no contexto *P2* (7%) é a metade dos contextos de *P2* para a perífrase *VOU IR*. A natureza das amostras pode ser um fator indicativo dessa diferença, já que as entrevistas do Varsul oferecem menos diálogos entre *P1* e *P2*. Comparando-se com a amostra escrita, *P1* (37%) somado com *P4* (10%) chega a quase metade das ocorrências que têm o falante em foco (cf. tabela 7), o que aproxima esse resultado do comportamento de *VOU IR*.

No que tange à perífrase *VOU IR*, os contextos de *P1* vão se acomodando nas modalidades *orientada para o agente*, epistêmica de *mais certeza e menos certeza*, como as ocorrências de (47) a (50), acima, ilustram. O contexto *P3* – *animado* aparece timidamente (3%), sugerindo que essa é a última instância a ser tomada pela forma, o que nos parece o esperado, já que o traço aspectual do verbo *IR* principal pressupõe um “movimento para”, dificilmente atribuível a objetos sem vida. Essa correlação entre perífrase *VOU IR* e *P3* – *animado* só parece possível à medida que o traço aspectual do verbo principal torna-se mais abstrato. Abaixo, apresentamos dados que ilustram esses contextos:

P1

(54) – Hoje me deitei no vovô, né? “Eu **vou ir** e vou levar uma galera, né?”
 (Coleta Informal: masculino, 68 anos, graduação – sobre aniversário de 80 anos do vizinho, que tem o apelido de vovô)

P2

(55) – A Dani tá estressada... Aliás, tu tá querendo Ir na festa?
 – Tu **vai ir**?
 – Acho que não vou ir. Ou se for, vou bem mais tarde. (Coleta informal: masculino, 36 anos, graduando)

P3 + animado

(56) “Vocês tão acreditando que ele vai? Ele tá fazendo jogo. Ele não **vai ir!** Não **vai ir!**” (Coleta informal: masculino, 39 anos, ensino médio)

P3 – animado

(57) –Rodrigo, docinho, tu tens que entrar num acordo. Como tu acha que esse sofá vai passar da porta?
 – Mas eu não tô discutindo. Eu sei como ele passa. Ele não **vai ir** assim, ele **vai ir** assim. (fazendo gestos com as mãos) (Coleta informal: masculino, 34 anos, graduando)

P4

(58) “E se vocês acharem uma farmácia, avisem!!! Ah, agora **vamos ir** por aqui, chuleando... Eu sei uma...” (Coleta informal: masculino, 50 anos, ensino médio)

Fechando a *modalidade* para a perífrase *VOU IR* na amostra informal, tem-se que os contextos preferidos são de modalidade *orientada para o agente* e epistêmica de *mais certeza*, *ausência de oração vinculada* e *P1*. A escolha pelas modalidades *orientada para o agente* e epistêmica de *mais certeza* parece coadunar com o contexto harmônico sugerido para a perífrase *IR* (presente) + infinitivo nos primeiros períodos da amostra escrita. No contraste com a perífrase *IR* (presente) + infinitivo, nota-se que a perífrase *VOU IR* parece seguir o mesmo caminho de gramaticalização, expandindo-se para os demais contextos.

Passemos para a descrição e análise do *tempo* na amostra informal. A tabela 19 apresenta os resultados comparativamente:

Tabela 19: Distribuição das perífrases *VOU IR* (amostra informal) e *Vou Inf.* (amostra oral/Varsul) em relação a *tempo*

	VOU IR	VOU Inf.
Determinação temporal		
Tempo determinado	55/93%	448/66%
Tempo não determinado	4/7%	229/34%
Especificação temporal		
Com especificação	15/25%	171/25%
Contextual (p. temático)	9/15%	72/11%
Sem especificação	35/60%	434/64%
Ponto de Referência		
MR, MF–MS	59/100%	599/88%
MF–MR–MS	0/0%	45/7%
MF, MR–MS ₁ , MS ₂	0/0%	33/5%
Total	59	677

A tabela 19 aponta a expressiva diferença entre os contextos *tempo determinado* (93%) e *não determinado* (7%) para a perífrase *VOU IR*. As ocorrências abaixo ilustram os contextos relativos à determinação temporal:

Tempo não determinado

(59) – O que tu queres saber?

– Tu tens que dizer quando tu vai. Tu não **vai ir** especialmente pra buscar café.

– Ok. Ainda não decidi isso, tenho que falar com Luiza primeiro. Mas tem café ainda, não? (Coleta informal: feminino, 62 anos, graduada)

Tempo determinado

(60) –Nós fomos na Taqui, Tumelero e Total.

–Mas tem mais lojas, né, mãe?

–Tem. Nós vamos ir na Quero-quero, na Zanetti, e vamos ir naquela que é na Buarque...

–Acho que é Juliano...

–É, agora de tarde nós **vamos ir** nessas outras... (Coleta informal: feminino, 62 anos, graduada)

Voltando aos resultados da tabela, notamos que a perífrase IR (presente) + infinitivo também apresenta expressiva presença no contexto *tempo determinado* (66%), embora se observe maior espraçamento dessa forma no contexto *não determinado* (34%) em relação a perífrase *VOU IR*. Já na amostra diacrônica, nos dois primeiros períodos a perífrase IR (presente) + infinitivo concentra-se bem mais no tempo determinado (79%; 91%), do mesmo modo que a perífrase *VOU IR* na fala gaúcha da atualidade.

Quanto a *especificação temporal*, a perífrase *VOU IR* ocorre preferencialmente no contexto *sem especificação* (60%), seguido de *com especificação* (25%) e *contexto* – parágrafo temático (15%). Esse é também o estágio atual da perífrase IR (presente) + infinitivo, que se mostra apenas um pouco mais frequente no contexto *sem especificação* (64%), em detrimento do *contexto* – parágrafo temático (11%). Em relação à amostra diacrônica, na escrita predomina largamente o contexto *sem especificação temporal* na maioria dos períodos (cf. tabela 13).

Os dados (61), (62) e (63) ilustram a realização da perífrase *VOU IR* nesses contextos:

Com especificação

(61) – Puxa, tinha esquecido, tem a reunião do conselho, tu vais né, Zé?

– Vou.

– Mas a reunião não era às 14h? Tu tá atrasado! (risos)

– Sem Rosaura não tem reunião, Adriana. Agora que eu **vou ir**. (Coleta informal: masculino, + ou – 50 anos, doutorado)

Contextual (p. temático)

(62) – Tem a festa do César nesse sábado. Tá todo mundo convidado...

– Tu vais de carro?

– Não sei... mãe, tu **vais ir** com o pai? Eu ia pedir uma carona. (Coleta informal: feminino, 42 anos, mestre)

Sem especificação

(63) – Mas ele pegou pesado? Não é o estilo dele...

– Não. Ele foi muito claro e coerente sobre o que pediu pra avaliar. Mas a Emma parece rebelde, fica resistindo, dizendo que não vai fazer, que ele não sabe o que tá pedindo...

– Ah, isso tá me cheirando a atrito entre os dois logo, logo...

– Não vai demorar. Ela **vai ir à loucura** quando ele entregar as notas! (risos geral)(Coleta informal: feminino, 27 anos, graduada)

Salienta-se que a maioria dos contextos de *tempo determinado* (34/59 = 58%) aparecem no futuro imediato, evidenciando uma forte correlação entre esses dois contextos. A ocorrência abaixo ilustra essa relação, na qual se observa *tempo determinado sem especificação temporal*, tratando-se de futuro imediato:

(64) –Vamos almoçar na Cantina?

–Vamos. Mas aí temos que dirigir...

–Então a gente **vai ir** de carro? Vamos no meu, então. Daí vocês dois podem beber uma cervejinha... (Coleta informal: feminino, 42 anos, pós-graduada)

Ainda de acordo com a tabela 19, a perífrase *VOU IR* encontra-se categoricamente no contexto identificado como *futuro simples* – definido como aquele que se apresenta com a seguinte configuração, considerando-se o ponto de referência: MR, MF–MS –, ao contrário da perífrase IR (presente) + infinitivo que se expande, ainda que timidamente, para os contextos conhecidos como *futuro do futuro*: MF–MR–MS (7%); e *futuro cotemporal*: MF, MR–MS₁, MS₂ (5%). Esses resultados se aproximam dos obtidos em relação à amostra escrita (94% de *futuro simples*, cf. tabela 12).

Quanto ao *tempo*, observa-se, pois, que a perífrase *VOU IR* aparece intensivamente em contextos de *tempo determinado*, *sem especificação temporal* e *futuro simples*, alinhando-se à perífrase IR (presente) + infinitivo em seus primeiros períodos na escrita. Por esses resultados, associados aos concernentes a aspecto e modalidade, é possível apontar que a perífrase *VOU IR* está em começo de seu movimento no domínio funcional do futuro na fala gaúcha, enquanto a perífrase IR (presente) + infinitivo, bem mais consolidada, expande seus contextos.

Vamos, a seguir, nos voltar para os grupos de fatores propostos apenas para a amostra informal, que tratam do escopo e natureza do locativo. Com esses grupos, pretendemos investigar mais detidamente o traço aspectual do verbo IR principal no que se refere a “movimento

para”, a fim de averiguarmos se há alguma mudança no sentido de abstração desse traço, de um movimento no espaço físico para uma projeção no tempo. A tabela 20 apresenta esses resultados:

Tabela 20: Distribuição da perífrase *VOU IR* (amostra informal) em relação a *escopo do locativo* e *estatuto semântico do locativo*

VOU IR	
Escopo do locativo	
Oracional	17/29%
Contextual (p. temático)	12/20%
Inferido pela situação	30/51%
Estatuto semântico do locativo	
+ concreto	34/58%
- concreto (evento)	23/39%
abstrato	2/3%
Total	59

Conforme a tabela 20, a perífrase *VOU IR* é mais usada em contexto cujo escopo do locativo é *inferido pela situação* (51%), distribuindo-se mais uniformemente entre escopo *oracional* (29%) e *contextual* (20%). Observem-se as ocorrências:

Escopo oracional

(65) – Tens certeza que já vais? Tão cedo! Algo te chateou?

– Porque eu tô com dor de cabeça e eu **vou ir pra casa** dormir. (Coleta informal: feminino, 37 anos, pós-graduada)

Escopo contextual (p. temático)

(66) – Tu tinha que ir com a gente!

– Onde?

– Na Acerva em Porto Alegre.

– Ah, não sei... cerveja demais pra mim...

– **Vamos irtodos** nós, a turma toda. Tu tens que ir! (Coleta informal: masculino, 41 anos, ensino médio)

Escopo inferido pela situação

(67) – Tem a festa do César nesse sábado. Tá todo mundo convidado...

– Tu vais de carro?

– Não sei... mãe, tu **vais ir** com o pai? Eu ia pedir uma carona. (Coleta informal: feminino, 42 anos, pós-graduada)

No que tange ao *estatuto semântico do locativo*, a preferência da perífrase *VOU IR* recai no locativo *mais concreto* (58%), ainda que se possa observar uma frequência considerável no locativo *menos concreto* (evento) (39%) e um tímido movimento para locativos mais *abstratos* (3%). As ocorrências abaixo ilustram esses contextos:

Mais concreto

(68) – Tu vais estacionar?

– Eu **vou ir** no Dog da Portugal. Tita, tu qué bauru de filé ou cachorrão?” (Coleta informal: masculino, 2 anos e 3 meses)

Menos concreto (evento)

(69) – Tu vai no níver da Júlia?

– Eu não sei que horas é...

– Eu não sei. Mas deve ser lá pelas 8 horas. Prometi pra mãe, então eu vou.

– Então a gente **vai ir** contigo.” (Coleta informal: masculino, 34 anos, graduando)

Abstrato

(70) – Tu tá preocupada? Tu acha que o Pablo pode perder a vaga por causa do mestrado?

– Se ele não apresentar o título, ele perde. É certo! E ele não termina essa dissertação!

– Mas não tem um tempo pra essas coisas acontecerem?

– Tá aí e **vai ir**! Tem o prazo pra passar no Consun! (Coleta informal: feminino, 37 anos, pós-graduada)

Os resultados apresentados na tabela 20 mostram um sutil movimento de abstração no traço aspectual “movimento para” do verbo *IR* principal, que já aceita locativos *inferidos pela situação* e, ainda que numa frequência baixa, locativos mais *abstratos*. Esse sutil movimento combina-se com a presença de perífrase *VOU IR* em expressões (*vou ir fazer*) na amostra informal. A presença de outro verbo que se agrega à perífrase *VOU IR* só é possível porque o traço aspectual de *IR* principal torna-se mais abstrato, enfraquecendo a ideia de

movimento/deslocamento concreto para um lugar. Vamos tratar dessas construções na seção a seguir.

6.3.2 Perífrase *VOU IR* em expressões

Nesta subseção vamos tratar da perífrase *VOU IR* em expressões, ou seja, construções nas quais a perífrase *VOU IR* une-se a outro verbo, tornando-se uma construção verbal tripla. A amostra informal apresentou duas dessas construções logo no início da coleta, em 2000. Não tínhamos expectativa de coletar mais dados como esses, mas nos surpreendemos, ao organizarmos a amostra para a análise, com a presença de mais sete ocorrências, perfazendo um total de nove dados.

Como já mencionado na apresentação da seção 6.3, a natureza inovadora dessas construções e o número reduzido dos dados levou-nos a optar por dar um tratamento qualitativo à perífrase *VOU IR* em expressões, mostrando suas características iniciais; todavia, quando julgarmos pertinente, apresentaremos algum resultado estatístico nessa descrição.

Primeiramente, gostaríamos de apresentar dois dados que evidenciam contextos que provavelmente antecedem a formação da perífrase *VOU IR* em expressões:

(71) – Tens certeza que já vais? Tão cedo! Algo te chateou?

– Porque eu tô com dor de cabeça e eu **vou ir pra casa dormir**. (Coleta informal: feminino, 37 anos, pós-graduada)

(72) – Mano, o moço do piso de cascalho ligou.

– Que moço?

– Do piso, da tua casa. Acho que é sobre valores...

– Eu resolverei isso não nesta, mas na semana que vem, eu **vou ir lá conversar**. (Coleta informal: masculino, 36 anos, graduando)

Nas ocorrências (71) e (72), ainda se observa o locativo (*pra casa/lá*) como material interveniente entre a perífrase *VOU IR* e o verbo ao qual vem a agregar-se. Nota-se, ainda, a finalidade expressa pelo infinitivo do terceiro verbo (*dormir/conversar*). A ausência da preposição *para*, que geralmente marca a finalidade, justifica-se no dado (71) pela eliminação da redundância (*vou ir pra casa pra dormir*), já a ocorrência (72) parece-nos que se apresenta num momento de maior integração, no qual se subtrai a preposição. Ressalte-se que tal tipo de contexto é análogo

àquele que propiciou a formação da perífrase IR (presente) + infinitivo, já amplamente comentado nesta tese.

Em relação a TAM, os dois dados possuem semelhanças quanto a habitualidade da situação, ou seja, estão num contexto *menos habitual* e *mais durativo*, pois é possível captar o movimento/deslocamento para um lugar concreto (*a casa/a loja que vende cascalho para pisos*), bem como refletem o *movimento 1* – movimento espacial e deslocamento concretos, atribuídos a um locativo expresso – do verbo IR principal. Quanto à modalidade, nota-se a forte presença da modalidade *orientada para o agente*, atribuídas à combinação com a primeira pessoa, mas é possível captar nuances de *mais certeza*, especialmente no dado (71), devido à iminência da situação. O tempo também é determinado em ambas as ocorrências. No dado (71) ele é inferido pelo futuro imediato e no dado (72) aparece na marca explícita da locução adverbial (*semana que vem*). Assim tem-se que essas construções parecem seguir o mesmo rastro do contexto harmônico proposto para a perífrase IR (presente) + infinitivo.

De acordo com essas características apontadas, vamos observar cada ocorrência da perífrase *VOU IR* em expressões de acordo com seus traços mais salientes em aspecto, modalidade e tempo.

Em termos de *aspecto*, observa-se a forte presença do contexto *menos habitual* (100%), *mais durativo* (6/9 = 67%) e *movimento 1* (4/9 = 45%). As ocorrências (73) e (74) ilustram a combinação desses traços no contexto:

(73) – Não, eu vou lá [no caixa do bar] pagar!

– Calma. Eu **vou ir perguntar** quanto deu! (Coleta informal: feminino, mestre, 35 anos)

(74) – E a Kau já viu a roupa pra elas?

– A Cláudia **vai ir ver** lá em Pelotas, primeiro.

– Mas tu não disse que a roupa que tu viu lá no shopping era lindinha?

– Ah! A roupa é uma fofura, mas é só pra uma, tu sabe que a Cláudia não gosta de vestir elas igual. Essa tem uma bolsinha...

– Então tu vais comprar a roupa do shopping?

– **Vou ir comprar** amanhã. E ainda tem que ver os sapatinhos...

– Pra qual das duas? Só imagino elas...

– Acho que essa é pra Gabi, que é um pouquinho mais gordinha. (Coleta informal: feminino, graduada, 54 anos)

No que tange à *modalidade*, nota-se a forte presença de epistêmica *mais certeza* (5/9 = 56%), seguida de *orientada para o agente* (3/9 = 33%) e a forte presença de *P1* (7/9 = 78%). Observem-se as ocorrências que ilustram esse contexto:

(75) – Já foram ver “O tempo e o vento”? Bah, cara, eu **vou ir ver**.

– Ah, Ale, já li os livros, vi algumas versões... Não tô afim de ver a mesma coisa.... (masculino, 41 anos, ensino médio)

(76) – Olha, eu nunca vi pneumonia pegar no contágio...

– Mas a Fê disse...

– Agora, eu **vou ir ver** o Mauro, vou perguntar pra ele... (Coleta informal: masculino, 36 anos, graduando)

O dado (75) ilustra a modalidade *orientada para o agente*, expressando uma intenção de *P1*, enquanto o dado (76) apresenta fortes traços de *mais certeza*. Trata-se de uma visita ao médico da família (*Mauro*), que vinha tratando de dois casos de pneumonia no grupo familiar. A consulta estava marcada para a tarde daquele mesmo dia e a família discutia sobre a doença na hora do almoço. A presença de uma situação iminente reforça a certeza. A presença de *P3* pode ser observada na ocorrência (74), acima, (*A Cláudia vai ir ver lá em Pelotas, primeiro.*). Quanto a presença de *P2*, nota-se o único caso da segunda pessoa e também o único caso identificado como de contexto epistêmico de *menos certeza*:

(77) – Agora, se eu morrer e vocês deixarem aquele sino tocar, eu venho puxar os pés de vocês, de todos!

– Ah, isso é muito pesado...Quem te escuta acha que tu **vai ir buscar** a gente, só pra depois ter que voltar na próxima a conviver comigo, com a mãe e o pai!

– Não importa. Eu pago esse preço, mas sino tocando enquanto eu tô partindo é demais. Tu sabe que odeio barulho...

– Nós vamos levar o galo do seu Waldir, então... (risos geral) (Coleta informal: masculino, 36 anos, graduando)

Esse é um dado curioso, pois se percebe uma projeção feita pelo falante a partir do suposto lugar onde estaria seu interlocutor ao morrer. O valor epistêmico do verbo na oração principal (*acha*) sugere a incerteza. Se assim for, estamos diante de um dado com perífrase *VOU IR* em expressões que marca a modalidade epistêmica de *menos certeza*. Salientamos, ainda, que não encontramos ocorrências com *P4* e com *P3* – *animado*.

Quanto ao *tempo*, encontra-se a perífrase *VOU IR* em expressões com *tempo determinado* (5/9 = 56%), ocorrência (73), *sem especificação temporal* (7/9 = 78%), ocorrências (71), (73) e (75), e categoricamente no *futuro simples* – MR, MF – MS.

Nos grupos *escopo do locativo* e *estatuto semântico do locativo*, a preferência da perífrase *VOU IR* em expressões ocorre da seguinte maneira: *inferido pela situação* (6/9 = 67%) é o contexto mais expressivo para o grupo *escopo do locativo*; e *mais concreto* (7/9 = 78%), para o grupo *estatuto semântico do locativo*.

A ocorrência (78), abaixo, mostra-se bastante complexa quanto a sua natureza, qualificando-se como a única na qual se observa um locativo abstrato, se é que se pode pensar na existência/inferência de um locativo nesse dado:

(78) – Então, o que tu vais fazer?

– Eu? Eu **vou ir fazer** a prova de espanhol!

– Mas, Pablo, isso é judiação. E tua viagem? E teu carro?

– Que fazer? Ele é o chefe, não? E a Dani também é minha chefe nesse caso. Eu é que não **vou ir ligar** para saber se eles me dispensam! (Coleta informal: masculino, mestre, 37 anos)

O dado acima apresenta-se num contexto *menos habitual*, já que *vou ir fazer* (elaborar a prova de espanhol, nesse caso) e *vou ir ligar* são situações únicas no futuro; possuem um *tempo definido* – no caso de *vou ir fazer* é definido para mais ou menos duas semanas, pois esse era o prazo para entregar a prova elaborada para a coordenadora; enquanto *vou ir ligar*, que remete a uma situação sob o escopo da negação, pressupõe o futuro imediato.

Quanto ao locativo, percebe-se a dificuldade em defini-lo e a tendência é aceitar que, de fato, não há um locativo. Essas duas expressões parecem significar *vou fazer* e *não vou ligar*, ou seja, duas situações nas quais o foco é a ação futura. Se isso é possível, então tanto o auxiliar (*vou*) quanto o verbo pleno IR estão enfraquecidos quanto ao seu traço aspectual de “movimento/deslocamento para”.

A ocorrência (78) mostra-se complexa também quanto à modalidade. Traços fortes de *orientada para o agente* estão presentes, pois especialmente a situação *vou ir fazer* apresenta traços modais que se aproximam da obrigação, no sentido de *ter que*.

Resumindo a análise para a perífrase *VOU IR* em expressões, tem-se a forte presença de um contexto *menos habitual*, modalidade *orientada para o agente* e epistêmica de *mais certeza e tempo*

determinado. Esses traços sugerem que essas construções encontram-se no contexto harmônico sugerido para a perífrase IR (presente) + infinitivo e também para a perífrase *VOU IR*. Percebe-se, entretanto, a presença de dados que mostram que a perífrase *VOU IR* em expressões pode estar, como as outras duas formas, expandindo seus contextos dentro do domínio funcional do futuro.

6.4 AS PERÍFRASES IR (PRESENTE) + INFINITIVO E *VOU IR*: CAMINHOS

Nesta seção vamos retomar resultados significativos apresentados nas três seções anteriores, retomando também nossas hipóteses e discutindo aspectos da gramaticalização da perífrase e do item IR como morfema-vocábulo de futuridade. Para tanto, vamos seguir as perguntas 3, 4 e 5, propostas na metodologia, que nortearam a escrita deste capítulo.

De acordo com nossa metodologia, a pergunta 3 – *Como se configuram diacrônica e sincronicamente os contextos linguísticos e extralinguísticos de manifestação das formas com IR no domínio funcional do futuro?* – trata da descrição das formas encontradas nas amostras gaúchas oral (sincronia/Varsul) e escrita (diacronia/teatro) e da dinâmica dessas formas em termos de TAM, dentro do domínio funcional do futuro.

Nossa expectativa era encontrar particularidades nos contextos linguísticos examinados que apontassem para o das formas, em especial da perífrase IR (presente) + infinitivo, no complexo TAM. Também acreditávamos que a amostra escrita (diacronia/teatro) apresentaria um número diferenciado de contextos linguísticos de expressão da futuridade, por se tratar de amostra escrita que espelha a diacronia, na qual encontraríamos a perífrase em estágios mais iniciais de gramaticalização. No contraste da amostra escrita com a amostra oral, sugerimos que seria possível captar e mesmo prever a expansão dos contextos de ocorrência, apontando para a generalização do uso da perífrase IR (presente) + infinitivo. Além disso, a alta frequência da perífrase nas duas amostras permitiria a presença das construções *VOU IR*.

Nossas hipóteses foram atestadas. A tabela 1, na seção 6.1, mostra uma diversidade de formas verbais codificando o domínio funcional do futuro, nas amostras, especialmente na amostra oral. Essa diversidade, a nosso ver, reflete diferentes camadas de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo e do item IR como marca de futuridade. Observa-se a presença desde Vou no presente do indicativo

com valor de futuro até construções mais complexas em que a perífrase se manifesta em expressões mais ou menos definidas na língua, como combinada a auxiliares modal e aspectual, *vou poder fazer* e *vou começar a fazer*. Entre essas diversas formas, a perífrase mostrou-se, de longe, como a mais recorrente nas amostras, o que conduziu a análise à verificação de seus contextos preferenciais de uso, com foco em TAM, cujas categorias foram operacionalizadas através do controle de três conjuntos de grupos de fatores distribuídos entre aspecto, modalidade e tempo. Tal análise permitiu observarmos comportamentos distintos que mostram que a perífrase vem conquistando espaços no domínio funcional do futuro, intensificando sua caminhada de gramaticalização.

Levando-se em consideração o *aspecto*, na amostra falada (Varsul), a perífrase IR (presente) + infinitivo apresentou forte correlação com situações *menos habituais* e *mais durativas* (acima de 70% das ocorrências) e envolvimento com verbos principais que se distribuem desde movimentos mais concretos até movimentos mais cognitivos e de estado, concentrando-se mais entre esses últimos. Essa mesma tendência foi observada na amostra escrita (com índices acima de 80% para situações *menos habituais* e *mais durativas*), percentuais que sobem ainda mais nos primeiros períodos. Percebe-se, no entanto, que os resultados dos últimos períodos da amostra escrita e os da amostra oral apontam para o espriamento da perífrase, especialmente para contextos *mais habituais*.

No que se refere à *modalidade*, na amostra falada (Varsul), o contexto preferencial da perífrase IR (presente) + infinitivo é o da modalidade epistêmica de *mais certeza*, seguido de *menos certeza* (totalizando 87% das ocorrências em contexto epistêmico), distribuído predominantemente na terceira pessoa (com distribuição mais ou e menos equilibrada entre + animada e – animada), seguido da primeira pessoa (P1 + P4). Vimos, ainda, na amostra oral, que a maioria dos dados de P1/P4 ocorrem com modalidade epistêmica e não com modalidade orientada para o agente, como seria esperado.

Já os resultados da amostra escrita, notadamente os dos primeiros períodos, evidenciam contrastivamente que o contexto preferencial da perífrase é o da modalidade epistêmica de *mais certeza* (acima de 50%), seguido de modalidade *orientada para o agente* (aproximadamente 40%), distribuído privilegiadamente em primeira pessoa. Nos últimos períodos, entretanto, esse resultado se altera significativamente: a modalidade *orientada para o agente* praticamente desaparece, dando lugar à epistêmica de *menos certeza*; e as pessoas do discurso se distribuem equilibradamente entre P3 e P1. Novamente percebe-se a expansão da perífrase ao longo do tempo, desta vez em contextos de modalidade.

Quanto ao *tempo*, os contextos mais recorrentes nas duas amostras foram *tempo determinado* e *sem especificação temporal* (acima de 60% na fala e acima de 70% na escrita) e *futuro simples*, cujo ponto de referência é o momento de fala (em torno de 90% nas duas amostras). Vimos que a presença de um *tempo determinado* não rivaliza com a falta de especificação temporal, já que o futuro imediato, que raramente apresenta uma especificação, congrega boa parte das ocorrências do *tempo determinado*. Em relação à determinação temporal, um olhar comparativo entre os primeiros períodos e o último da amostra escrita indica que o percentual de ocorrências de perífrase nesse contexto cai significativamente (de 79% e 91% nos dois primeiros períodos, respectivamente, para 50% no último período), aproximando-se do comportamento dessa forma na fala atual, o que evidencia a movimentação da perífrase para outros contextos temporais dentro do domínio funcional do futuro.

Os resultados para TAM observados nos primeiros períodos da amostra escrita (diacronia/teatro) nos levaram a interpretá-los em termos de contexto harmônico, noção que foi discutida e ilustrada na seção 6.2. Esse contexto harmônico – basicamente composto pelos traços: *situação menos habitual*, modalidade *orientada para o agente* e epistêmica de *maior certeza*, centrada em *primeira pessoa*, e *tempo determinado* e *sem especificação temporal* (de futuro imediato) – foi postulado a partir da discussão teórica iniciada nos capítulos 2 e 3, e tem como referência a dinâmica da escolha de verbos de movimento para codificar a futuridade. O traço aspectual de “movimento para” é compatível com uma situação futura e o processo de mudança que se inicia quando a forma é requisitada para essa função é o de abstração gradual desse traço: de um movimento concreto no espaço para um movimento abstrato, no tempo.

Essa dinâmica mexe também com a modalidade envolvida no domínio funcional do futuro: a modalidade *orientada para o agente* – segundo a premissa de Givón (2001) “se intenção, então incerteza” – propicia que a perífrase adquira traços de modalidade epistêmica de *menos certeza*, à medida que avança no domínio; por outro lado, a modalidade epistêmica de *mais certeza* se firma a partir do traço aspectual “visão prospectiva”, que, ao projetar a situação futura do ponto de vista do momento de fala/presente, cria condições para a expressão da certeza do falante acerca da “concretização” dessa situação. Em outras palavras, em nossas amostras, o tempo determinado pode estar “dando vida” à modalidade epistêmica de mais certeza.

Assim, nossa hipótese interpretativa é de que a perífrase IR (presente) + infinitivo apresenta-se, inicialmente, em um contexto

harmônico que espelha o futuro imediato – situação *menos habitual*, modalidade epistêmica de *mais certeza* e/ou *orientada para o agente e tempo determinado*. E, aos poucos, pela pressão do uso em contextos mais ou menos próximos a esse, vai expandindo sua atuação dentro do domínio funcional do futuro.

Acreditamos que a alta frequência da perífrase IR (presente) + infinitivo nas amostras oral e escrita pode, de fato, ter contribuído para o surgimento das construções *VOU IR*. No entanto, essa não pode ser uma afirmação categórica, pois, como vimos, outras pesquisas também apresentam bons índices de frequência da perífrase em suas amostras e não encontram as construções *VOU IR*. Uma hipótese interpretativa para essa questão seria a realização da perífrase em outros contextos que se distanciam gradativamente do contexto harmônico, o que enfraquece o traço aspectual de “movimento para” no espaço do verbo IR auxiliar. Paralelamente a esse enfraquecimento, a forma passa a adquirir outras funções/significados e então uma nova forma precisa ser recrutada para a função de futuro imediato e tudo que ela envolve. Nesse sentido, a presença de *VOU IR* parece plausível, pois “renova” o traço aspectual, agora no verbo IR principal, e então o domínio ganha “fôlego” e a nova forma começa seu próprio caminho.

A seção 6.3 versou sobre as construções *VOU IR*. Em nossa amostra informal de fala espontânea, encontramos ocorrências da perífrase *VOU IR* e de perífrase *VOU IR* em expressões. Essa seção permitiu que respondêssemos a pergunta 4 - *Como se configuram os contextos de ocorrência da construção VOU IR?*. Nossa hipótese principal estava relacionada ao traço aspectual “movimento para”, pois acreditávamos que o verbo IR principal manteria fortemente sua significação de verbo pleno.

A análise dos resultados mostrou que a perífrase *VOU IR* tende, no que concerne ao *aspecto*, a relacionar-se com contextos de situação *menos habitual*, *mais durativa* e que o verbo IR principal manifesta-se predominantemente no *movimento I* – movimento espacial e deslocamento concretos, atribuídos a um locativo expresso. Para a *modalidade*, os contextos de preferência de *VOU IR* são a modalidade *orientada para o agente* e a epistêmica de *mais certeza*, e a primeira pessoa do discurso. A perífrase *VOU IR* afina-se, para o *tempo*, com os contextos de *tempo determinado*, *sem especificação temporal* e *futuro simples*. Vimos que o contexto preferencial de TAM para a perífrase *VOU IR* na fala gaúcha atual corresponde àquele identificado nos primeiros períodos (a partir de meados do século XIX) para a perífrase IR (presente) + infinitivo.

Ainda em relação à amostra informal, dois novos grupos de fatores propostos acerca da natureza do locativo indicam o uso preferencial da perífrase *VOU IR* com *locativo mais concreto* e *inferido pela situação*. No entanto, o resultado mais interessante é, a nosso ver, além da presença mais recorrente de locativo *inferido pela situação* (em vez de locativo com escopo oracional ou temático), também a ocorrência significativa de *locativo menos concreto* (evento) e também *abstrato*, o primeiro com 39% e o segundo com 3% das ocorrências. Ainda que esses dois contextos não tenham sido a preferência da perífrase *VOU IR*, eles apontam para um real movimento de abstratização do traço aspectual “movimento para”.

Quanto à perífrase *VOU IR* em expressões, vimos que a análise das nove ocorrências indica a forte presença de um contexto *menos habitual*, com *movimento 1*, modalidade *orientada para o agente* e *epistêmica de mais certeza*, basicamente em *primeira pessoa*, e *tempo determinado*. Esses resultados apontam para a presença dessas formas dentro do contexto harmônico descrito para a perífrase IR (presente) + infinitivo.

A questão 5, *O que a análise dos dados desta tese permite dizer acerca do processo de gramaticalização envolvido no fenômeno em estudo?*, proposta em nossa metodologia, versa sobre a gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo e do item verbal IR.

Nossa hipótese era de que encontraríamos a perífrase IR (presente) + infinitivo em processo de expansão, e também a presença de uma etapa mais gramaticalizada, na qual encontraríamos *VOU IR*. Para o item verbal IR, acreditávamos que estaríamos diante de um forte processo de esvaziamento do traço aspectual de “movimento para” e o item estaria assumindo o estatuto gramatical de morfema-vocábulo.

A presença de ocorrências da perífrase IR (presente) + infinitivo em contextos como situação *mais habitual*, modalidade epistêmica de *menos certeza*, *PI* deslocado da modalidade orientada para o agente, para a epistêmica e *tempo indeterminado* apontam para uma etapa mais gramaticalizada da perífrase. Os 7 dados de *VOU IR* na amostra oral (sincronia/Varsul), 59 na amostra informal e 9 de perífrase *VOU IR* em expressões sustentam essa hipótese.

Quanto ao item IR, observamos que a diversidade de formas nas quais a perífrase se configura e a presença de *VOU IR* e perífrase *VOU IR* em expressões permitem sugerir que o item é, de fato, marca de futuridade da língua, podendo, sim, se configurar como um morfema-vocábulo de futuridade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese versou sobre o uso da perífrase IR (presente) + infinitivo em amostras oral e escrita gaúchas, buscando descrever e analisar seu comportamento relativamente a amostras de outras regiões e épocas, com especial atenção à sua camada mais gramaticalizada, *VOU IR*, na codificação do domínio funcional do futuro.

Para tanto, propomos um capítulo no qual tratamos do objeto de estudo, primeiramente definindo o que passamos a chamar de domínio funcional do futuro – correspondendo aproximadamente ao “tempo futuro” das gramáticas tradicionais –, visto como um domínio complexo no qual as categorias aspecto, modalidade e tempo articulam-se em torno da projeção futura de uma situação a partir do momento de fala. Ainda discorremos sobre pesquisas realizadas tomando como objeto a perífrase IR (presente) + infinitivo e suas “concorrentes” nesse domínio e também sobre o que falam as gramáticas do PB acerca do assunto, especialmente em relação à perífrase e ao verbo IR. Na sequência, buscamos um embasamento teórico que sustentasse nosso olhar sobre a perífrase: funcionalismo linguístico, gramaticalização (com especial atenção à frequência de uso), o complexo TAM e a auxiliaridade.

O capítulo seguinte tratou do encaminhamento metodológico. Expusemos nossas questões e hipóteses sobre as formas verbais de codificação da futuridade, comparativamente a outras amostras, o funcionamento da perífrase em termos de TAM, a gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo e sobre o papel do item IR nessa construção. Descrevemos as amostras examinadas, a coleta dos dados e os procedimentos de análise das ocorrências, descrevendo os grupos de fatores que sintetizam os contextos de aspecto, modalidade e tempo.

Cinco questões foram propostas, a fim de encaminhar a análise do objeto de estudo.

A primeira questão, *Quais são e como se distribuem as formas verbais com IR na expressão da futuridade? E que outras formas coexistem no domínio funcional do futuro?*, versava sobre a riqueza das formas encontradas nas amostras tanto sob o escopo da futuridade quanto do domínio funcional do futuro. A primeira parte do capítulo 5, As formas de futuridade e as amostras: detalhes, descreveu essas formas.

Na amostra sincrônica (Varsul/RS) encontramos as seguintes formas de futuridade que apresentam o verbo IR: perífrase IR (presente) + infinitivo, perífrase IR (presente) material interveniente, perífrase IR (presente) em expressões, verbo IR no presente do indicativo, perífrase

vamos supor&dizer. Sobre essas formas, é importante comentar que a perífrase IR (presente) + infinitivo e o verbo IR no presente do indicativo apresentam-se, ainda, em contextos de habitualidade e que o contexto discursivo identificado como perífrase *vamos supor&dizer* apresentou também itens como *vamos fazer*, *vamos ver* e *vou explicar*.

De acordo com a segunda parte da questão 1, “E que outras formas coexistem no domínio funcional do futuro?”, observamos quatro formas que estão concorrendo com a perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: presente do indicativo, futuro do presente, locução modal e haver de + infinitivo. A análise da porcentagem de ocorrência dessas formas nos permite admitir que elas estão cedendo seu espaço para a perífrase IR (presente) + infinitivo, diminuindo seus contextos de codificação no domínio funcional do futuro.

No que tange à amostra diacrônica (teatro/RS), observamos praticamente as mesmas formas encontradas na amostra oral, tanto no contexto amplo de futuridade quanto no domínio funcional do futuro. Três particularidades, entretanto, devem ser ressaltadas: a perífrase IR + gerúndio, embora em número reduzido, aparece codificando futuro na amostra diacrônica (teatro/RS), o que não ocorre na amostra sincrônica (Varsul/RS), na qual essa perífrase é usada apenas para expressar habitualidade; a perífrase *vamos supor&dizer* só aparece na amostra sincrônica (Varsul/RS); e o crescente uso da perífrase IR (presente) + infinitivo na amostra diacrônica (teatro/RS), que começa ocupando um espaço menor e vai ganhando frequência ao longo dos períodos. Reproduzimos a distribuição em ordem de frequência, proposta no capítulo 5, na qual se considera o total de dados de forma comparativa, entre as amostras diacrônica (D) e sincrônica (S):

D: Fut. do pres. > Perífrase IR (pres.) > Haver de (inf.) > V IR (pres.) > Loc. Modal > Pres. Ind.
(36%) (35%) (12%) (7%) (6%) (3%)

S: Perífrase IR (pres.) > V IR (pres.) > Pres. Ind. > Fut. do pres. > Loc. Modal > Haver de (inf.)
(69%) (7,5) (7%) (6%) (4%) (0,5%)

Nota-se que, na codificação do contexto de futuridade e do domínio funcional do futuro, as formas encontradas na amostra diacrônica praticamente não diferem daquelas da amostra sincrônica. A perífrase IR (presente) + infinitivo é uma forma produtiva ao longo do tempo, afirmando seu espaço na codificação do domínio e superando de maneira gradual e crescente o uso da forma tradicional sintética, o futuro do presente.

A segunda questão, *Como se comporta diacronicamente e sincronicamente a perífrase IR (presente) + infinitivo nas amostras do Rio Grande do Sul, em relação a outras amostras brasileiras?*, propôs uma comparação entre os resultados obtidos nas pesquisas descritas no capítulo 2 – Santos (2000), Gibbon (2000), Nunes (2003), Oliveira (2006), Bragança (2008), Fonseca (2010) e Tesch (2011) – que utilizam *corpus* sincrônico (fala) e a nossa amostra oral (sincronia/Varsul), bem como aquelas que utilizaram *corpus* diacrônico – Oliveira (2006), Malvar e Poplack (2008), Silva (2010), Strogenski (2010) e Gibbon (s/d) – com a nossa amostra escrita (diacronia/teatro).

Apesar das diferenças entre as pesquisas, que nos levaram a criar critérios mínimos e, naturalmente, balizar os resultados, encontramos resultados instigantes no que se refere às quatro formas analisadas.

Na amostra sincrônica (modalidade falada), observamos as formas do futuro do presente, perífrase IR (presente) + infinitivo e presente do indicativo. Ressalta-se a supremacia da perífrase IR (presente) + infinitivo na fala informal para codificar o domínio funcional do futuro. Primeiro porque a forma de futuro do presente mostra-se em decréscimo e ainda porque o presente do indicativo – forma que assume a concorrência com a perífrase na maioria dos trabalhos comentados – requer a presença de um *ambiente favorecedor* (um contexto de projeção futura, expresso por um adjunto adverbial de tempo, uma oração condicional ou verbo anterior no futuro, por exemplo) para codificar o domínio funcional do futuro.

Na amostra diacrônica (modalidade escrita), foram comparadas as formas do futuro do presente, haver de + infinitivo, perífrase IR (presente) + infinitivo e presente do indicativo. A forma haver de + infinitivo, como constatam a maioria das pesquisas comparadas, de fato mostrou-se, inicialmente, como a concorrente do futuro do presente, mas foi perdendo seu espaço ao longo dos anos para a perífrase. A forma presente do indicativo apresenta um crescimento ao longo do tempo e “estabilidade” na amostra gaúcha (na qual a presença de VOU IR é comum, especialmente na fala informal), sugerindo que esse comportamento do presente do indicativo pode estar relacionado com um dos contextos de restrição da perífrase, detalhado em vários dos trabalhos, ou seja, apesar de IR estar gramaticalizado como o principal expoente de referência temporal futura, a perífrase IR (presente) + infinitivo sofre restrição quando o verbo principal é IR.

A inclinação acentuada da perífrase IR (presente) + infinitivo em todas as amostras, aliada aos resultados encontrados nos *corpora* da modalidade oral, nos permite lançar a hipótese de que a perífrase tende a

tornar-se a forma *default* (termo usado em alguns dos trabalhos resenhados com amostras da modalidade falada) também na modalidade escrita, com a ressalva de que deve haver usos diferenciados em função da configuração dos gêneros textuais.

Esses resultados, somados, permitem legitimar a perífrase IR (presente) + infinitivo como forma codificadora do domínio funcional do futuro. Além disso, eles fornecem evidências robustas que comprovam o que os gramáticos resenhados no capítulo 2 dizem (alguns mais timidamente, outros de forma mais assertiva), acerca da perífrase e do verbo IR como auxiliar, e proporcionam avançar em termos de hipótese, sugerindo que também na escrita essa forma vem alcançando *status* de codificadora do domínio funcional do futuro.

A terceira questão, *Como se configuram diacrônica e sincronicamente os contextos linguísticos e extralinguísticos de manifestação das formas com IR no domínio funcional do futuro?*, dispôs da perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro. Parte do capítulo 6 destina-se a essa questão. Para respondê-la, propusemos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos em torno da perífrase e de suas camadas, que chamamos de *com material interveniente, perífrase em expressões* e *VOU IR*.

Observamos o comportamento da perífrase IR (presente) + infinitivo no complexo TAM depreendendo padrões de uso, em termos de contextos mais recorrentes. Na amostra sincrônica (Varsul/RS), a perífrase apresentou: (i) quanto a *aspecto* – um predomínio de situação *menos habitual, mais durativa* e de verbos abstratos e de estado; (ii) quanto a *modalidade* – um predomínio de modalidade epistêmica (em detrimento da orientada para o agente), configurando-se notadamente num contexto menos *irrealis* entre a primeira e a terceira pessoa do discurso; (iii) quanto a *tempo* – um predomínio de contextos de *tempo determinado, sem especificação temporal* e com ponto de referência *ancorado no momento de fala*. Os resultados obtidos para a amostra diacrônica (teatro/RS) reafirmaram os obtidos para a amostra sincrônica. Ao observarmos alguns grupos de fatores ao longo do tempo, notamos movimentos de expansão da perífrase: de uma situação *menos habitual, mais durativa*, com modalidade *orientada para o agente* e *tempo determinado*, para um contexto *mais habitual, menos durativo*, com modalidade *epistêmica* e tempo *menos determinado*.

Esses resultados nos permitiram lançar uma hipótese interpretativa, que responde a quinta questão proposta, *O que a análise dos dados desta tese permite dizer acerca do processo de gramaticalização envolvido no fenômeno em estudo?*: A perífrase IR

(presente) + infinitivo apresenta-se inicialmente no que denominamos como contexto harmônico, o qual espelha o contexto de futuro imediato: situação menos habitual, modalidade epistêmica de mais certeza e tempo determinado. A partir desse contexto harmônico, que reflete o traço aspectual de origem do auxiliar IR de “movimento para”, a perífrase vai se estendendo para outros contextos envolvidos no complexo TAM, num processo de generalização de uso que vai perdendo em harmonia e adquirindo outros traços contextuais.

A análise acerca do funcionamento da perífrase ao longo do tempo aponta a modalidade atuando como fio condutor principal das mudanças no âmbito de TAM. Na descrição do contexto considerado mais harmônico, captado nos primeiros períodos em nossa amostra diacrônica, observa-se o predomínio da modalidade epistêmica de *mais certeza* e da modalidade *orientada para o agente*. Nossa hipótese para explicar esse caminho é de que a modalidade epistêmica de *mais certeza* se desenvolve a partir do aspecto inceptivo do verbo IR pleno, associado ao sentido de “movimento para”, que vai originar um tempo determinado iminente, o futuro imediato. Esse contexto propicia, inicialmente, uma atitude do falante de mais certeza acerca do que ele próprio vai realizar, expandindo-se para uma atitude que o falante imprime acerca da situação que será realizada por outrem. A modalidade epistêmica de *menos certeza* emerge da modalidade orientada para o agente, já que toda a intenção expressa, de fato, constitui-se em incerteza sobre a situação a ser realizada no futuro. Assim, na base da perífrase encontram-se valores de natureza distinta: o *aspecto inceptivo*, que vai levar à modalidade epistêmica de *mais certeza*; e o valor modal de *intenção*, que vai levar à modalidade epistêmica de *menos certeza*.

Também com relação a *tempo*, nota-se certo avanço da perífrase. Inicialmente, no contexto harmônico, ela se encontra num tempo determinado e, aos poucos, vai conquistando outros contextos nos quais se observa um tempo não determinado. A indeterminação temporal vai se acentuando no uso da perífrase, juntamente com situações mais habituais e mais epistêmicas.

Finalmente lançamos a questão quatro, *Como se configuram os contextos de ocorrência da construção VOU IR?*, por reconhecer que essas construções surgem desse movimento de expansão da perífrase IR (presente) + infinitivo, e são facilmente percebidas na fala cotidiana dos gaúchos. Recorremos a uma amostra informal para viabilizar a discussão dessa questão.

Os resultados mostram que a perífrase *VOU IR* tende, no que concerne a *aspecto*, a relacionar-se com contextos de situação *menos*

habitual, mais durativa, e que o verbo IR principal manifesta-se predominantemente no movimento espacial e deslocamento concretos, atribuídos a um locativo expresso. Para *modalidade*, os contextos de preferência de *VOU IR* são a modalidade *orientada para o agente* e a epistêmica de *mais certeza*, bem como a primeira pessoa do discurso. A perífrase *VOU IR* afina-se, para *tempo*, com os contextos de *tempo determinado, sem especificação temporal e futuro simples*. O contexto preferencial de TAM para a perífrase *VOU IR* na fala gaúcha atual corresponde àquele identificado nos primeiros períodos (a partir de meados do século XIX) para a perífrase IR (presente) + infinitivo.

Propusemos, para a amostra informal, dois novos grupos de fatores acerca da natureza do locativo. Os resultados indicam o uso preferencial da perífrase *VOU IR* com *locativo mais concreto e inferido pela situação*. No entanto, o resultado mais interessante é a ocorrência significativa de *locativo menos concreto* (evento) e também *abstrato*. Ainda que esses dois contextos não tenham sido os preferenciais da perífrase *VOU IR*, eles apontam para um real movimento de abstratização do traço aspectual “movimento para”. Quanto à perífrase *VOU IR* em expressões, embora os dados tenham sido relativamente escassos, vimos que a análise das nove ocorrências encontradas indica a forte presença de um contexto *menos habitual*, com movimento espacial e deslocamento concretos, modalidade *orientada para o agente* e epistêmica de *mais certeza*, basicamente em *primeira pessoa*, e *tempo determinado*. Esses resultados apontam para a presença dessas formas dentro do contexto harmônico descrito para a perífrase IR (presente) + infinitivo.

De forma geral, podemos atestar que nossos objetivos foram alcançados, pois foi permitido não apenas observar a perífrase IR (presente) + infinitivo em amostras gaúchas sob novo enfoque, mas também descrever e analisar ocorrências com a perífrase *VOU IR* e a perífrase *VOU IR* em expressões que apresentam particularidades, as quais sugerem a dinâmica do domínio funcional do futuro.

A diversidade de formas encontradas indica a dimensão do processo de expansão que a perífrase IR (presente) + infinitivo vem atravessando. Num primeiro momento, encontramos formas que compartilham traços de aspecto, modalidade e tempo, mas que se estendem para além do domínio funcional do futuro. Em decorrência disso, sugerimos que a futuridade fosse vista como um domínio maior, perpassando outros domínios que também se utilizam de traços de projeção futura, mas que lidam com outras marcas, mais salientes, como Habitualidade e Imperativo/comando: perífrase IR (presente) + infinitivo no contexto habitual (*sempre vou ver*), perífrase IR (presente) + infinitivo

no contexto Imperativo/comando (*vão brincar*), marcador discursivo (*vamos supor/vamos dizer*).

Essas formas, que partilham mais ou menos o traço de futuridade, apresentam-se como camadas de gramaticalização da perífrase em contextos distintos do domínio funcional do futuro. Outras, como *vou poder fazer*, *vou ouvir cantar* e *vou começar a fazer*, parecem atestar uma maior integração da perífrase, sugerindo maior abstração do traço aspectual do auxiliar IR.

Assim, observamos o comportamento e a expansão da perífrase IR (presente) + infinitivo referente a TAM no domínio funcional do futuro, especialmente quando encontramos ocorrências de *VOU IR* nas amostras oral (sincronia/Varsul) e informal.

Como já apontado, um contexto harmônico foi sugerido, levando-se em conta os resultados da amostra escrita (diacronia/teatro) nos períodos iniciais, e nota-se que a perífrase vem não apenas se consolidando, mas também expandindo suas funções no domínio funcional do futuro a partir desse contexto. A análise das perífrases *VOU IR* e *VOU IR* em expressões, considerando esse contexto harmônico, mostrou que também essas construções apresentam um movimento de expansão, embora bem mais sutil.

O contexto harmônico estabelecido para a perífrase IR (presente) + infinitivo, e sua relação direta com o aspecto “visão prospectiva”, nos permite sugerir uma grande hipótese interpretativa para a dinâmica do domínio funcional do futuro: acreditamos que o domínio busca por constante renovação aspectual, já que uma situação futura envolve, predominantemente, um feixe de modalidades.

Assim, na busca pelo aspecto, o domínio seleciona itens que tragam essa contribuição, de preferência aqueles itens que possuam um “movimento para”, projetando a ação para um futuro iminente e asseverando a modalidade orientada para o agente que possibilita o surgimento de outras modalidades geralmente atribuídas ao domínio – desejo, predição, mais e menos certeza.

Quando o item selecionado perde esses traços, na pressão do uso, é necessária uma renovação. Por esse motivo, encontramos perífrase IR (presente) + infinitivo em expressões (*vou poder fazer*, *vou começar a fazer*), perífrase *VOU IR*, perífrase *VOU IR* em expressões e até o famoso “gerundismo” (*vou estar fazendo*).

Por outro lado, uma vez que a forma “desacomoda-se”, seu processo de gramaticalização é rico e diverso. A perífrase IR (presente) + infinitivo compartilha funções, em nossas amostras, com o presente do indicativo, não apenas na codificação do domínio funcional do futuro,

mas também no domínio da habitualidade. Ela expande-se para o imperativo/comando e apresenta-se também como marcador discursivo. Esses movimentos atestam não só a robustez da forma, como a força do processo de gramaticalização.

Em todas essas camadas da perífrase há um traço, por vezes sutil, da futuridade, o que permite afirmar que, de fato, o item IR pode ser considerado um morfema-vocábulo de futuro.

Acreditamos que nossa pesquisa contribuiu para apresentar um passo a mais no processo de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro, além de ter, ao mesmo tempo, aberto novas possibilidades de estudo, dentre as quais destacamos especialmente as seguintes. (i) As perífrases *VOU IR* e perífrase *VOU IR* em expressões necessitam de maior refinamento de análise, com maior número de dados, a fim de se levantar com maior precisão seu caminho no domínio funcional. (ii) As formas que apresentam IR auxiliar – gerúndio (*vou indo/vou saindo*), perífrase IR (presente) + infinitivo em contexto de imperativo/comando (*vão brincar*) e perífrase IR (presente) + infinitivo em contextos de habitualidade (*sempre vou ver*), marcadores discursivos (*vamos supor/vamos dizer*), bem como o próprio verbo IR no presente do indicativo expressando futuridade – também merecem estudo à parte. (iii) Nossa hipótese de um domínio maior – futuridade – no qual podemos observar outros domínios interagindo merece refinamento através de análise de diferentes formas que codifiquem futuridade nessa interface.

Por fim, destacamos como um resultado importante desta pesquisa a possibilidade de diálogo estreito com as gramáticas resenhadas. Esse diálogo permite a “popularização” de resultados que não apenas mostram as mudanças pontuais – como o movimento da perífrase no domínio funcional do futuro –, mas também reforçam um preceito caríssimo no que tange às aulas de língua materna na escola e também o senso comum sobre as questões da linguagem: a língua muda e essa mudança é apenas aparentemente caótica, pois é possível estabelecer parâmetros para sua trajetória. Reforçamos, pois, o comentário feito anteriormente no sentido de que nossos resultados confirmam o que gramáticos apontam: a perífrase IR (presente) + infinitivo é codificadora da expressão da futuridade no domínio funcional do futuro e o verbo IR vem, de fato, se configurando como morfema-vocábulo de futuro. Além disso, avançamos rumo à confirmação de que essa mudança de formas no domínio funcional do futuro também se estende à escrita e, por isso, encontra-se ainda mais difundida na língua.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. **Pode ser que seja só o leiteiro lá fora**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1974.
- ALMEIDA, J. **Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- AMARAL, L. **A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais**. Tese de doutorado. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- ANDERSON, J. An Essay Concerning Aspect. **Language** 49: 765-93, 1973.
- ARTAGÃO, M. **Janina**. Porto Alegre: [Clássica], 1907.
- AYALA, W. **Chico Rei**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- AZEREDO, J. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BACK, A. **A multifuncionalidade da forma verbal – sse no domínio tempo-aspecto-modalidade: uma abordagem sincrônica**. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2011.
- BASTOS JÚNIOR, M. **A condessa d’Azola**. Rio Grande: Tipografia Soares, 1853.
- BASTOS, M. **O castelo de Oppenheim**. Rio Grande: Tipografia Carvalho, 1858.
- BASTOS, M. **Os homens de honra**. Rio Grande: Tipografia Carvalho, 1862.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. [1961, 1. ed.]

- BENDER, I. **Entrenós**. Porto Alegre: instituto Estadual do Livro, 1977.
- BENDER, I. **O boi dos chifres de ouro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1991.
- _____. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.
- BITTENCOURT, D. **O domínio funcional do futuro do subjuntivo: entre a modalidade e a temporalidade**. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.
- BORGES, P. **História anedótica de Pery e Estellita**. Porto Alegre: Thurmman, 1942.
- BORGES, P. **A gramaticalização de *a gente* no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas**. Tese de doutorado. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- BRAGANÇA, M. **A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba**. Dissertação de Mestrado. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.
- BRUM, I. **O coração**. Porto Alegre: Independente, 1918.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. **Discourse Studies**, 2005, v.7. Disponível em: < <http://dis.sagepub.com/cgi/content/abstract/7/4-5/585>>. Acesso em: 30/set./2012.
- BYBEE, J. **Morphology: a study of the relation between meaning and form**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- BYBEE, J.; PAGLIUCA W. The evolution of future meaning. *In*: RAMAT, A.; CARRUBA O.; BERNINI, G. (eds.) **Papers from the**

VIIth International Conference on Historical Linguistics. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 109-122.

BYBEE, J., PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world.** Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J.; HOPPER, P. **Frequency and the emergence of linguistic structure.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

_____. Mechanisms of change in Grammaticization: The Role of Frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (eds.) **Handbook of historical linguistics.** Oxford: Blackell, 2003. p. 602-623.

CAMARA JÚNIOR, J. M. Sobre o futuro romance. **Revista Brasileira de Filologia**, Rio de Janeiro, v. 3, Tomos I-II, p. 221-225, dez. 1957.

_____. **A forma verbal portuguesa em -ria.** Washington D. C., 1967.

_____. **Dicionário de lingüística e gramática.** Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

_____. **Introdução às línguas indígenas brasileiras.** Rio de Janeiro, Ao livro Técnico, 1977.

_____. **Problemas de lingüística descritiva.** Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CARVALHO, C. **Que se passa, Che?.** Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1988.

CASTILHO, A. A gramaticalização. **Cadernos de Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, UFBA, 1997.

_____. **Gramática do Português Brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.

CÁVACO, C. **O veneno do ciúmes.** Rio Grande: [Tipografia Souza], 1947.

CEGALLA, D. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1998. [1964, 1. ed.]

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1999. [1998, 1. ed.]

COAN, M. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que) perfeito**. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

_____. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito**: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

COMRIE, B. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CONTE, J. *et al.* **Bailei na curva**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

CORÔA, M. **O tempo nos verbos do português**: uma introdução à sua interpretação semântica. São Paulo: Parábola, 2005.

COSTA, S. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. [1985, 1. ed.]

CUNHA, C. **Gramática do Português Contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S. A., 1978.

CUNHA, F. V. **Rio Grande**: [Tipografia Carvalho], 1875.

DAL MAGO, D. **Quer dizer**: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

FARACO, C. A. **The imperative sentence in portuguese: a semantic and historical discussion**, Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Modern Languages University of Salford: Salford, USA, 1982.

FARACO, C. A. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. **D.E.L.T.A.**, vol. 2, n 1, 1986 (01-16).

FARACO, C. A. **Linguística Histórica**. São Paulo: Ática, 1998.

FARACO, C.; MOURA, F. **Gramática**. São Paulo: Ática, 1999. [1989, 1. ed.]

FISCHER, A. **A literatura dramática do Rio Grande do Sul, do século XIX**. Porto Alegre: PUCRS, 2003. (Dissertação de Mestrado)

FISCHER, L. **Gauderiadas: a Sabedoria Gaúcha em Frases Definitivas**. Porto Alegre: Artes e Ofícios 2004.

FLEISCHMAN, S. **The future in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. Temporal Distance: a basic linguistic metaphor. In: **Studies in Language**. Philadelphia, v. 13, f. 1, 1-50, 1989.

_____. **Tense and narrativity**. Austin: University of Texas Press, 1990.

FONSECA, A. **A perífrase verbal IR + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização**. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto: UNESP, 2010.

FORNARI, E. **Iaiá Boneca**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1938.

FREITAG, R. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. **ReVEL**, vol. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br].

GIBBON, A. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 2000.

GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: An archaeologist's field trip. In: **Papers from the Chicago Linguistic Society** 7, 1971, pp. 394-415.

_____. **On Understanding Grammar.** New York: Academic Press, 1979.

_____. **A functional-typological introduction.** v. I, Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1984.

_____. **Syntax: A functional-typological introduction.** v. II, Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins, 1990.

_____. **English Grammar: A function-based introduction.** v. I e II, Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1993.

_____. **Functionalism and Grammar.** Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

_____. **Syntax: An Introduction.** v.I, Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

_____. **Context as other minds.** Amsterdam: John Benjamins, 2005.

GÖRSKI, E. *at al.* Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

GÖRSKI, E.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE.** Vol.15 - Números 1/2 – 2013. p. 75-97.

GRICE, H. Logic and conversation. In: COLE, P. e MORGAN, J. (orgs.) **Syntax and Semantics.** v. 8, New York: Academic Press, 1975. p.41-48.

GRYNER, H. A sequência argumentativa: estrutura e funções. **Revista Veredas.** Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo86.pdf>>. Acesso em: out/2014.

HALLIDAY, M. **System and Function in Language.** London: Oxford University Press, 1976.

HALLIDAY, M.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HANSEN, A. **Roque González**. Porto Alegre: Livraria Globo, 1934.

HECKER FILHO, P. **Beleza complicada**. Porto Alegre: Alcance, 2002.

HEINE, B. On the nature of semantic change in grammaticalization. In: **La semantica in prospettiva diacronica e sincronica**. Atti del Convegno della Società Italiana di Glottologia, 1992.

_____. **Auxiliaries: Cognitive forces and Grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 1993.

HEINE, B. Agent-oriented vs. epistemic modality: some observations on German modals. In: BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (eds.) **Modality in grammar in discourse**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995, p. 17-53.

_____. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds.) **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam, Philadelphia: Benjamins, 2002. p. 83-101.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991a.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. From cognition to grammar: Evidence from African languages. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991b. v. 1: Focus on Theoretical and Methodological Issues. p. 149-188.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The Genesis of Grammar: a reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P. Emergent grammar and the a priori grammar postulate. In: TANNEN, D. (ed.). **Linguistics in Context: Connecting, Observation and Understanding**. Norwood: Ablex, 1988. p. 117-134.

_____. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) **Approaches to Grammaticalization**.

Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. v.2, p. 17-58.

_____. Some recent trends in grammaticalization. **Annual Review of Anthropology**. v. 25, 1996. p. 217-236.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

IBIAS, A. **Fogo Cruzado**. Porto Alegre: L&PM, 1994.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto: EDUC, 1997.

KARAM, V. **Dona Otília lamenta muito**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1994.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística – aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, UFMG, 2011.

LISBOA, A. **A culpa dos Paes**. Porto Alegre: Livraria Americana, 1902.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. Some principles of linguistic methodology. **Language in Society**. v.1, 1971. p. 97-120.

_____. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. **Language in the inner city: studies in the black English vernacular**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972b.

_____. Where does the Linguistic Variable Stop? A Response to Beatriz Lavandera. In: **Working Papers in Sociolinguistics**, nº 44, 1978.

_____. On the use of the present to explain the past. In: HEILMANN L. (org.), **Proceedings of the 11th International Congress of Linguistics**. Bologna: Il Mulino, 1975.

_____. **Principles of linguistic change: Internal factors**. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: Social factors**. Cambridge: Blackwell, 2001.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C.; TUCKER, G. (eds.) **Sociolinguistics: The essential readings**. Oxford: Blackell, 2003. p. 235-250.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre, Caroline Cardoso. São Paulo, Parábola, 2008.

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization**. Unterschleissheim: LINCOM Europa (LINCOM Studies in Theoretical Linguistics, 1), 1995 [1982].

LOBATO, L. Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo: Critérios de Auxiliaridade. In: LOBATO, L. **Análises Linguísticas**. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 27-91.

LONGO, B. O.; CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A.C. S. (orgs.). **Gramática do Português Falado**, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-497.

LOPES NETO, S. **A viúva Pitorra**. Pelotas: Tipografia da Fábrica Guarani, 1896.

LUFT, C. **Moderna Gramática Brasileira**. São Paulo: Globo, 2002.

LYONS, J. **Semantic**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACEDO, A.; SILVA, G. **Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

MALVAR, E.; POPLACK, S. O presente e o passado do futuro no português do Brasil. IN: VOTRE, S.; RONCARATI, C. **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7 Letras, 2008.

MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. (org.) **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MATEUS, M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1989.

MENON, O. **O imperativo no português do Brasil**, 1984. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica do Paraná, Curitiba.

MENON, O. Perífrases com o verbo ir: variação e gramaticalização. In: PUSH, C. *et al.* (eds.) **Verbalperiphrasen in den (ibero-)romanischen Sprachen**. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 2003. p. 77-88.

MELO, G. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978. [1968, 1. ed.]

MESQUITA, R. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1997. [1994, 1. ed.]

MOREIRA, A. **Adão, Eva e outros membros da família**. Porto Alegre: Livraria Globo, 1923.

NEVES, M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NUNES, R. **Evolução cíclica do Futuro do Presente do latim ao português**. Dissertação de mestrado. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2003.

OLIVEIRA, J. **O futuro na língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

PEREIRA, I. **Mesmo**: a multifuncionalidade de um item linguístico camaleônico. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

PERINI, M. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

PIMPÃO, T. **Uso variável do presente no modo subjuntivo**: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

PINTO, C. **Paulo e o bandido**. (manuscrito), 1879.

PONTES, E. **Estrutura do verbo no português coloquial**. Petrópolis: Vozes, 1973.

POPLACK, S.; TURPIN, D. Does the futur have a future in (Canadian) french? *Probus 11*, 1999, pp 133-164.

POPLACK, S.; TAGLIAMONTE, S. The grammaticization of going to in (African American) English. **Language Variation and Change**. Cambridge University Press, 2000. v. 11, p. 315-342.

PORTO ALEGRE, A. **Os filhos da desgraça**. Porto Alegre: [Clássica], 1869.

QORPO SANTO. **As relações naturais**. Porto Alegre. Faculdade Federal de Filosofia da UFRGS, 1969.

RAND, D.; SANKOFF, D. **GoldVarb**: A variable rule application for the Macintosh. Montreal, Canada: Centre de recherches mathématiques, Université de Montréal, 1990.

REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947.

REIS, M. **Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo**: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

RIBEIRO, C. **A rajada**. Porto Alegre: Tipografia Gutenberg, 1911.

RIBEIRO, H. **Lucinda**. Rio Grande: Tipografia Soares, 1874.

RILLO, A. **Domingo no bolicho**.(manuscrito), 1956.

RISSO, M.; SILVA, G.; URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C.; KOCH, I. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: ed. da Unicamp, 2006. v.1. p.427-496. (Construção do texto falado).

RISSO, M.; SILVA, G.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. (org.). **Gramática do português falado**. Campinas: ed. da Unicamp, 1996. v.4. p.21-94.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **GOLDVARB 2001**: a multivariate analysis application for Windows. Heslington: University of York, 2001.

ROCHA, A. **Os filhos da viúva**. Rio Grande: [Tipografia Athayde], 1889.

ROCHA LIMA, C. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olimpyo, 2006. [1957, 1. ed.]

ROMERO, I. **Rosas Malditas**. Porto Alegre: Livraria Globo, 1923.

RONCARATI, C. **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SACCONI, L. **Nossa Gramática**: teoria e prática. São Paulo: Atual, 1994. [1985, 1. ed.]

SANTOS, A. **O futuro verbal no português do Brasil em variação**. Brasília: UnB, 1997. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, J. **A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. (Dissertação de Mestrado).

SAID ALI, M. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. Brasília: Universidade de Brasília, 1964. [1921, 1. ed.]

SCHERRE, M. *et al.* Phonic parallelism: evidence from the imperative form in Brazilian Portuguese. **Papers insociolinguistics**. Nwave-26. Éditions Nota bene: Québec, Canada, 1997.

SCHERRE, M. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. **ABRALIN**. Editora da UFSC: Florianópolis, 1999.

SCHERRE, M. A norma do imperativo e o imperativo da norma. **Linguística da norma**. BAGNO, M. (org.). São Paulo, Loyola, 2002.

SCHERRE, M. **Doa-se lindos filhotes de *poodle***: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHERRE, M. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **Alfa**, São Paulo, v. 51. n. 1, p. 189-222, 2007. Disponível em: <seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/1432/1133>. Acesso em: 20/07/2014.

SILVA, C. **Comédias do coração**: A intrusa. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1952.

SILVA, R. **A representação do tempo futuro em textos escritos**: análise em tempo real e em tempo real de curta duração. Tese de doutorado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.

SWEETSER, E. Grammaticalization and Semantic Bleaching. **Berkeley Linguistics Society** 14, 1988, pp. 389-405.

STROGENSKI, M. **O uso da expressão do futuro em textos literários**: uma análise em tempo real de curta duração. Dissertação de mestrado em Linguística. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.

TACQUES, R. **A rajada**. Rio Grande: [Tipografia Carvalho], 1911.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

TAVARES, A. **A gramaticalização de *e*, *aí*, *daí* e *então*: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista.** Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

TESCH, L. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

TORRES, J. **O trabalho.** Rio Grande: [Tipografia Carvalho], 1902.

TRAVAGLIA, L. **O aspecto verbal no português.** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1994.

TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meaning: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds.). **Perspectives on Historical Linguistics.** Amsterdam/Philadelphia; J. Benjamins, 1982. p. 245-271.

_____. Revisiting subjectification and intersubjectification In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (eds.). **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010.

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) **Approaches to Grammaticalization.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1: Focus on Theoretical and Methodological Issue.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C.; KOCH, I. (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** Campinas: Ed. da Unicamp, 2006. v.1. p.497-528. (Construção do texto falado).

VECCHIO, R. **A utopia em ação.** Porto Alegre: Terreira da tribo, 2007.

VENDLER, Z. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy.** New York: University Press, 1967. p.97-121.

VIANNA, J. **Os jesuítas ou O bastardo D’El-Rey**. Rio Grande: Tipografia Carvalho, 1848.

VIEIRA, D. **Adelina**. Rio Grande: [Tipografia Vieira], 1880.

VIEIRA, D. **Os gaúchos**. Rio Grande: [Tipografia Carvalho], 1891.

VIEIRA, D. **Arnaldo**. Rio Grande: [Tipografia Carvalho], 1886.

WEKKER, H. **The expression of future time in contemporary British English**: an investigation into the syntax and semantics of five verbal constructions expressing future time. Amsterdam: North-Holland, 1976.

YACOVENCO, L. *et al.* Projeto PortVix: a fala de vitória/es em cena. **Alfa**, São Paulo, 56 (3): 771-806, 2012.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. (coords.) **A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro**: materiais para seu estudo. Impresso, 1995.

ZANOTTA, J. **As cinzas do general**. Porto Alegre: [Livraria Globo], 1969.